SARAH HENNING



A BRUXA do MAR

Antes de roubar
a voz de uma sereia,
ela entregou seu coração

Harper Collins

SARAH HENNING

A BRUXA do MAR

Tradução
PAULA DI CARVALHO
ANA RODRIGUES

Harper Collins
Rio de Janeiro, 2019

Copyright © 2018 por HarperCollins Publishers
Título original: *Sea Witch*
All rights reserved.

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*
Gerente editorial: *Alice Mello*
Editor: *Ulisses Teixeira*
Copidesque: *Thaís Carvas*
Preparação de original: *Marcela Ramos*
Revisão: *Juarez Matias*
Arte de capa: *Anna Dittmann*
Design de capa original: *Heather Daugherty*
Adaptação de capa: *Guilherme Peres*
Diagramação: *Abreu's System*
Produção do eBook: *Ranna Studio*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H445b
Henning, Sarah
A bruxa do mar / Sarah Henning ; tradução Paula Di Carvalho , Ana Rodrigues. – 1. ed. - Rio de Janeiro : Harper Collins, 2019.
288 p.

Tradução de: Sea witch

ISBN 9788595086449

1. Ficção americana. I. Carvalho, Paula Di. II. Rodrigues, Ana. III. Título.

19-57065

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.
Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.
Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro
Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.harpercollins.com.br



Para Nate e Amalia —
os únicos barcos no meu mar.

E para Justin —
da próxima vez vai ter
mais perseguições de carro.



Tenho espuma marinha nas veias, entendo a língua das ondas.
— Jean Cocteau, *O testamento de Orfeu*

SUMÁRIO

Prólogo

1

2

3

4

Quatro anos antes

5

6

7

Quatro anos antes

8

9

10

11

12

13

14

Quatro anos antes

15

16

Quatro anos antes

17

18

Quatro anos antes

19

20

Quatro anos antes

21

22

Quatro anos antes

23

Quatro anos antes

24

25

Três anos e meio antes

26

Sete dias antes

27

Seis dias antes

28

Quatro dias antes

29

Quatro dias antes

30

Na superfície
31
Embaixo da superfície
Epílogo — cinquenta anos depois
Agradecimentos
Sobre a autora

PRÓLOGO

Dois pequenos pares de botas ecoavam nos paralelepípedos à tarde — um apressado, o outro tropeçando e escorregando. Uma menina loira de no máximo 5 anos arrastava outra de cabelos negros, alguns centímetros mais alta e um ano mais velha, pela rua da praia em direção a um pequeno chalé.

Os pulmões da menina de cabelos escuros espasmavam, fracassando a cada inalação.

Estava se afogando em terra seca.

Quando avistaram a casa, a loira fez menção de gritar por ajuda, mas, antes que emitisse qualquer som, a mãe da outra menina escancarou a porta e foi correndo até elas. Era como se soubesse o que tinha acontecido; parecia sempre saber o que as duas tinham feito.

— Evie! — gritou a mulher, apertando a filha junto ao peito e voltando depressa para o chalé.

Então se dirigiu à menininha loira, que arfava depois de carregar a amiga por tanto tempo.

— Anna, vá buscar o médico da realeza...

— Mas...

— Vá!

A menina não contestou de novo, e as pequenas botas estalaram mais uma vez no paralelepípedo ao recobrar a velocidade.

Quando a mãe bateu a porta do chalé ao entrar, a menina de cabelos negros soube que o remédio do médico não adiantaria.

Apenas uma coisa seria capaz de curá-la.

— Gianni! — chamou a mãe.

O pai da menina colocou a cabeça para fora do quarto, seu rosto abatido pelo sono que lhe foi negado na última expedição de caça às baleias.

— Evie... O quê?

— Uma costela quebrada. Talvez um pulmão fraturado.

A mãe deitou a menina na cama e rasgou o corpete dela até o umbigo. Um coágulo de sangue manchava toda a extensão das costelas, fissuras como teias de aranha atravessadas da coluna até o esterno. A mulher tentou ler os olhos escuros da filha.

— O que aconteceu?

A menina umedeceu os lábios antes de inalar um pouco de ar, o suficiente para responder:

— Eu salvei Nik.

Era verdade. E a garota estava orgulhosa. Ousou sorrir apesar da dor.

Eles haviam passado a manhã juntos — a menina loira, a de cabelos negros e o menino —, correndo pelas ondas, escalando pedras, dançando na areia. Então chegou a tarde, e era hora de se separarem. O menino de volta ao seu castelo, e as menininhas para casa; a mais nova para sua mansão dez vezes maior do que o minúsculo chalé da mais velha.

Arteiros e queimados de sol, em protesto, os três fugiram, o menino guiando o caminho, segurando a mão das meninas enquanto corria pela trilha que levava à enseada. Deram risadinhas e gritinhos ao pular de pedra em pedra, a guardiã do menino os repreendendo da praia.

No entanto, uma das pedras estava lisa, cheia de musgo. O menino escorregou e caiu com a nuca na direção em uma pedra pontuda.

Em um piscar de olhos, a menininha fez sua escolha.

Ela se jogou embaixo dele. Suas costas se chocaram com a ponta irregular da pedra com um estalo alto. Sua cabeça foi para trás, escapando por um fio de bater também. Bem no momento em que ela caiu, a cabeça do menino atingiu o algodão embolotado do seu corpete no lugar da pedra.

Foi por um toque de mágica que ela chegou a tempo.

Então eles foram pegos. A guardiã do menino os arrastou de volta à praia e disse, num tom severo, que nunca mais fizessem aquilo. Depois a senhora o levou embora sem dar tchau, deixando as meninas na areia.

No caminho de casa, a menininha de cabelos negros cambaleou; a adrenalina estava passando, e a dor, começando. Irradiava pelas costas, ao redor da caixa torácica, até a frente do vestido. A menina perdeu o fôlego, suas inalações ficaram curtas. A garotinha loira disse que acompanharia a amiga até a casa dela, mas, ao chegarem à rua da praia, a de cabelos negros não aguentava mais ficar de pé, depositando todo o peso nos ombros da outra.

— Ah, Evie... — disse a mãe, como se tivesse visto a cena.

Na mesma hora, mandou que o marido buscasse suas garrafas. Suas tintas. Não aquela. Essa. Acendeu a lareira com um estalar de dedos.

Então tentou todos os feitiços de cura que conhecia.

Em questão de segundos soube que nenhum funcionaria. A respiração da menina enfraquecera até se reduzir a quase nada.

A mãe chorou, desejando a presença da irmã, a bruxa mais forte. Curandeira dos Reis, ressuscitando os poderosos que faziam vista grossa para a magia quando suas vidas dependiam disso para depois expulsá-la quando não precisavam mais dela. Era por causa da irmã que o médico talvez atendesse ao chamado; embora fosse chegar tarde demais. Assim como ela mesma, Hansa, que estava a um dia de distância, curando outro nobre.

O pai da menina apertou o ombro da esposa e limpou suas lágrimas. Então segurou a mão da filha, já fria pela falta de circulação.

— Vou buscar o padre...

— Ainda não — disse a mãe, a voz ecoando determinação.

À beira da cama, ela empertigou os ombros, a voz calma e direta.

— Tem mais um feitiço que posso tentar.

Com delicadeza nos dedos, passou tinta de polvo nas bochechas da menininha, descendo pelo pescoço e pelo peito. Então descansou as mãos com leveza no tórax da filha.

— Não se preocupe, Evie.

As palavras ditas a seguir eram antigas e sombrias. Embora a menininha não tivesse entendido o que ouviu, seu sangue estalou como o fogo que queimava do outro lado do cômodo. Aquelas palavras roubaram o ar do chalé. Fizeram a mulher tremer violentamente em contato com a pele da filha.

A menininha não podia fazer nada além de observar, as veias zumbindo. Em pouco tempo, as palmas da mão de sua mãe ficaram mais do que úmidas. E começaram a queimar.

Então a dor parou. Os pulmões da menininha se encheram de ar, e o peito inflou. Ela exalou, um movimento longo e profundo.

Ao ver isso, a mãe sorriu... Por apenas um momento antes do seu corpo começar a convulsionar, e seus olhos revirarem para trás.

Foi muito forte. O peito da mãe se comprimiu, expelindo um longo golpe de ar... mas em seguida não voltou a respirar.

— Greta! Greta!

O homem tocou o rosto da esposa. Porém, suas mãos voaram para longe, queimando, subitamente vermelhas.

O formigamento no sangue da menininha se intensificou de medo. Ela tentou, com muito esforço, se sentar, mas as mãos da mãe deslizavam, levadas para longe pelo corpo que caía, o rosto pálido desabando no lençol. Sem hesitar, a menininha tentou pegar as poções da mãe. Virou o rosto dela para cima antes de espalhar tinta nas bochechas pálidas, os dedinhos formigando ao toque. Sua própria pele estava rosada e cálida, cheia de vida enquanto a da mãe se tornava branca como neve e quente como brasa.

No entanto, a menina era esperta. Já assistira à mãe muitas vezes. Sabia como esses feitiços funcionavam. Magia era troca; as palavras, ações e poções certas trariam o resultado certo.

Ela tocou o rosto da mãe e começou a repetir aquelas palavras estranhas.

Palavras de vida.

— Evelyn, não!

Seu pai não se mexeu, apenas gritou, paralisado de medo ao pé da cama.

Só que a menininha já havia tropeçado pelas palavras com tamanha precisão que sentiu a pele esquentar. A dor retornou. A respiração ficou entrecortada. Então os olhos da mãe se abriram de repente, revelando o belo castanho no lugar do branco.

Estava funcionando.

O pai olhava para a esposa e, em seguida, para a filha. Aquelas palavras eram sombrias. Antigas. Poderosas. Ele sabia disso tanto quanto sabia sua língua nativa.

Os lábios da mãe começaram a se mexer. Ela respirou fundo.

— Gefa!

Com esse único comando, roubou as palavras da boca da filha. Palavras negras e magia negra, e todos os sons foram extintos da poderosa língua da menina.

Ainda assim, a criança continuou, ofegante; gritava, mas ninguém a escutava. Lágrimas escuras como a noite escorreram por suas bochechinhas. Com a visão enegrecida, a menina começou a soltar um gemido silencioso, o corpo inteiro tremendo.

E, com o último fio de energia, a mãe olhou para o pai e falou:

— Traga Hansa para casa. Conte para ela. Prometa.

Enquanto ele assentia, a mãe sussurrou um último feitiço, e o grito da menininha encheu o ar, lágrimas pretas pingando no vestido arruinado.

— Não, mamãe, não!

Ela segurou as mãos da mãe, ainda queimando, e viu a luz deixar seus olhos castanhos.



1

O mar é uma bruxa caprichosa.

É tão capaz de presentear com um beijo quanto de roubar o ar dos lábios. Linda e cruel, e todas as rugas cintilantes entre um e outro. Enche nossa barriga e nosso cofre quando generosa. Observa friamente vestirmos preto e despejarmos lágrimas às suas águas quando perversa.

Apenas a maré segue seu humor; dando e tomando na mesma medida salgada.

Ainda assim, é mais do que nossa bruxa; é nossa rainha.

Em todos os seus feitiços e acessos de raiva, ela é uma de nós. A joia da coroa de Havnestad, aninhada no nosso litoral; para o que der e vier.

Nesta noite, vestida em seu melhor traje de festa, ela parece calma, com a raiva escondida sob a superfície brilhante. Ainda assim, há uma energia no ar enquanto as estrelas piscam com a chegada do solstício de verão e a iminência do 16º aniversário de Nik.

Formalmente, o príncipe herdeiro Asger Niklas Bryniulf Øldenburg III, primeiro na linha de sucessão ao trono do reino soberano de Havnestad.

Informalmente, Nik.

Mas "Nik" não está lá muito certo também. Ele não é só uma coisa para mim. Ele é meu melhor amigo. Meu único amigo, na verdade.

E no momento está dançando com Malvina no convés do grande navio a vapor do seu pai. Se é que podemos chamar de dança os empurrões e os

giros violentos da garota. Sinto o estômago revirar quando Nik fica a centímetros de cair pela balaustrada depois que ela se entusiasma demais em uma voltinha. Queria que ela simplesmente desistisse.

Malvina, formalmente conhecida como *komtesse* Malvina Christensen, é uma pretendente real perpétua. Ela e o pai vêm tentando atrair atenção do rei Asger há anos, torcendo que ele arranje o matrimônio. No entanto, apesar da paciência bondosa de Nik com sua dança, tenho minhas dúvidas de que haja um casamento real no futuro dos dois.

Quero desviar o olhar do borrão de seda rosa que é Malvina, mas os olhos de Nik me imploram para salvá-lo. Clamam. Chamam silenciosamente meu nome à distância: *Evvvvvvieee*.

Sou a única capaz disso. Toda a juventude da cidade está presente, só que mais ninguém pode interromper a dança de uma garota como Malvina. Para os outros, haveria consequências: convites perdidos para festas de gala, o cavalo mais velho na caçada do fim de semana, um lugar na mesa de um bisavô e não na de uma *komtesse*. Para mim, não há nenhum desses riscos. É impossível perder prestígio na sociedade quando não se faz parte dela.

Depois de outro giro agressivo, finalmente adentro a pista de dança improvisada, ignorando uma onda de caras feias; todo mundo já viu essa cena antes. Malvina vai ser a vítima, eu vou ser a vilã, e Nik vai deixar tudo acontecer. Pode ser uma tarefa complicada a de confidente do príncipe herdeiro; aguentar pequenas humilhações é apenas uma fração do custo. Mas não vou me desculpar por ajudá-lo. Todos fazemos concessões em amizades, e ter a lealdade de Nik quando mais ninguém me olha nos olhos compensa por todo o julgamento que recebo.

Eu cutuco um dos ombros fortes da garota, faço uma cara exagerada de pânico e aponto para a monstruosidade de oito camadas com cobertura massuda de açúcar azul que ela insiste em fazer.

— Ah, céus, Evie! O que foi? — grita Malvina.

— A cobertura do bolo...

— *Fondant* — corrige, como se eu tivesse cuspido na lápide da *oma* dela.

— O *fondant*... está estufando.

Pânico real colore o rosto dela enquanto seus pés se recusam a se mover. Dividida entre dançar com Nik e resgatar sua obra de arte de um destino bulboso, seu olhar salta para o meu rosto por um momento,

incrédulo. Ela teme que eu tenha roubado sua vez de propósito. É o tipo de coisa que as garotas de Havnestad pensam que eu faria; o tipo de coisa que estão sussurrando nas sombras sobre nós neste exato momento. Só que desta vez elas estão certas.

— Vá cumprir seu dever, Malvina. Foi adorável dançar com você.

Nik se curva em uma leve mesura, exibindo seus modos nobres sem qualquer sinal de desagrado nas feições.

Quando ele desvia o olhar, Malvina furtivamente me olha de cara feia, seu desdém tão claro quanto o medo de que eu esteja de fato falando a verdade. Ela não precisa dizer o que está pensando, nem vai; não se quiser voltar a dançar com Nik. Então, quando ele termina a mesura, ela apenas abre um sorriso treinado e executa a mais perfeita reverência antes de sair correndo em um borrão de cabelos dourados e propósito.

Nik se curva ainda mais para mim como se eu fosse sua nova pretendente, a juba negra brevemente obscurecendo seus olhos pretos como carvão.

— Poderia me conceder o restante da dança, minha dama?

Meus lábios se curvam em um sorriso ao mesmo tempo em que minhas pernas se dobram automaticamente em uma reverência educada. *Minha dama*. Por melhor que seja ouvir essas palavras, é só o que basta para que eu receba a ira de todos no barco. Para eles, eu não passo da filha do pescador da realeza abusando da bondade do príncipe, tirando proveito de sua posição social. Ninguém acredita que somos apenas amigos, como sempre fomos, desde que usávamos fralda. Antes de eu saber quem eu era e de ele saber quem deveria ser.

— Mas é claro, príncipe herdeiro Niklas.

Nossos olhares se encontram, e ambos caímos na gargalhada. A formalidade nunca combinou conosco, apesar do treinamento de Nik.

Nós nos posicionamos e começamos a valsar pelo convés. Ele se mantém a uns trinta centímetros de mim, mas é experiente em se aproximar; sussurros são, volta e meia, nosso meio de comunicação mais conveniente.

— Você demorou — diz, me girando ao som das últimas notas da música.

— Queria ver por quanto tempo você continuaria seco.

Ele dá um suspiro em meu ouvido, fingindo-se horrorizado, com um ligeiro sorriso.

— Você teria mandado seu melhor amigo nadar com as sereias no dia do aniversário dele?

— Ouvi dizer que são lindas; nada mau como presente para um jovem.

— Além de lindas, elas preferem que seus convidados não respirem.

Eu o encaro. Sinto um leve tremor na mandíbula. Hoje também seria o aniversário da nossa amiga Anna. Ainda é, mesmo que ela não esteja mais para celebrá-lo. Ela era exatamente um ano mais nova que Nik. Nós três levamos um bom susto naqueles tempos, como se a grande e poderosa deusa Urda nos quisesse só para si. Mas perdemos Anna. Olho para baixo, sentindo lágrimas quentes mesmo quatro anos depois. Nik suspira e afasta um cacho de cabelo do meu rosto. Espera até eu finalmente erguer o olhar. Um sorriso suave brinca nos seus lábios, e sei que ele se arrepende de nos tirar de um clima alegre para outro tão pesado.

— Bem, obrigado por me salvar, Evie. Como sempre.

É uma boa tentativa de mudar de assunto, mas não basta; e ambos sabemos disso. Respiro fundo e olho para trás de Nik, não confiando em mim mesma para falar. Engulo em seco e tento me concentrar na festa. Tudo foi emprestado para a celebração de Nik — o barco, o hvidtøl liberado, a banda, os dois empregados e o homem do carvão —, e está lindo. Observo os lampiões em miniatura pendurados ao redor do convés, a luz refletindo na costura dourada no meu único vestido de festa.

De repente, Malvina se joga em cima da mesa de sobremesa, ainda tentando freneticamente controlar a bolha crescente no bolo. Espero que Nik gargalhe, ou ao menos abafe uma risadinha bem nobre, mas ele está olhando por cima do meu ombro, a bombordo, para o mar. Olho para o mesmo ponto, e meu coração dá um pulo quando distingo uma escuna em movimento e a silhueta familiar de um garoto — um homem — ajustando a vela.

— Iker...

O nome escapa dos meus lábios em um suspiro antes que eu consiga evitar. Encaro Nik, sentindo as bochechas corando.

— Eu não sabia que ele viria — digo.

— Nem eu. — Nik dá de ombros e ergue a sobrancelha antes de completar: — Mas Iker não é exatamente do tipo que confirma presença.

Ele faltou a essa aula na escola de príncipes. E também a que ensinava a chegar na hora.

— Acredito que chamam isso de "atraso elegante".

— É, bem, suponho que eu não teria como saber — responde Nik com uma risada.

A pequena escuna se aproxima, e vejo que Iker está sozinho; não trouxe uma tripulação da baía de Rigeby. Não que eu esperasse isso. Ele é um pescador castigado pelo sol preso em uma vida feita para seda e caviar. Iker direciona a vela principal com perfeição, seus músculos se contraindo quando ele aponta para a silhueta do primo.

Nik se aproxima do meu ouvido.

— Lá se vai minha parceira de dança.

Eu soco seu braço.

— Quem disse?

— Ninguém, mas eu sei como você olha para ele desde que meu bolo tinha dez velas a menos.

Reviro os olhos, mas não consigo impedir um sorriso nos lábios. Ele tem razão em certo nível, apesar de agora não ser o melhor momento para argumentar que meu olhar para Iker passou de fraternal para outra coisa há uns quatro anos, e não dez.

Eu pigarreio e digo:

— Tenho certeza de que Malvina não vai se incomodar... Ela está terminando de ajeitar o bolo.

Aceno para a monstruosidade azul, mas sem desviar nem uma vez os olhos de Iker conforme ele se prepara para jogar uma corda para o navio.

Nik me abraça com mais força e sussurra outra vez:

— Você é uma amiga tão encantadoramente leal.

— Sempre fui. Sempre serei.

— Uma bela verdade. — Nik sorri antes de acenar com o longo braço e exclamar: — Ora, se não é o príncipe herdeiro da baía de Rigeby!

— E eu torcendo para pegar você de surpresa — disse Iker, rindo. — Suponho que não seja possível surpreender um marinheiro atento em seu próprio barco.

Nik gargalha, com a postura ainda mais ereta.

— Não se eu estiver virado para o lado certo.

Iker ri ainda mais. Ele tem sal no cabelo e alguns dias de barba por fazer no maxilar forte, mas atravessa o convés da escuna a passos largos com a elegância de um príncipe. Ao olhar para mim, deixa transparecer um toque de dúvida em relação à robustez da minha silhueta, mas joga a corda mesmo assim. Eu a pego e amarro com um nó que aprendi com meu pai.

Iker se iça para o navio com ajuda da corda, aterrissando no pequeno pedaço de convés entre Nik e eu. Atrás de nós, uma multidão se juntou.

— Feliz aniversário, primo.

Com olhos risonhos, Iker dá um tapinha nas costas de Nik e o puxa para um abraço, envolvendo totalmente a forma esbelta-porém-forte de Nik com os braços bronzeados.

Quando se soltam, o olhar de Iker vêm imediatamente na minha direção. São de um azul cristalino; como gelo antigo nos fiordes do norte.

— Evelyn — diz, ainda mantendo um ar de formalidade de sua criação, mas então rompe todas as expectativas ao me puxar para um abraço.

Fico paralisada, olhando para Nik, que, assim como todos no navio, me encara. Iker não parece notar ou se importar e me puxa com mais força, me abraçando pela cintura. Seu corpo quente do trabalho naval cheira a sal e limão. A camisa está respigada de gotinhas de água, como ônix no tecido cinza engomado; a marca deixada pelo mar.

O momento acaba, e ele me solta, mas deixa um dos braços por alguns instantes a mais nos meus ombros. Tento ignorar a pergunta que me perturba, a mesma que com certeza todos estão fazendo. *Por que eu?* Nós nos conhecemos desde crianças, mas ele nunca demonstrou esse tipo de afeto antes. Não sou o tipo dele. Não sou o tipo de *ninguém*. Mesmo assim, Iker continua agindo como se fosse tudo completamente normal. Ele se vira para Nik, para a multidão, e abre aquele sorriso perfeito.

— Caro povo de Havnestad — diz, a voz autoritária porém sincera.

Seu sorriso cresce ainda mais.

— Vamos proporcionar ao príncipe uma celebração tão calorosa que ele nunca vai esquecer.



2

Sinto como se estivesse vivendo um sonho.

Ainda quente do abraço forte de Iker, giro pela pista de dança nos braços dele.

Tentei dizer que não deveríamos, mas ele não quis me ouvir.

— Deixe que falem — disse.

Se ao menos soubesse o que já falavam...

Vejo os olhos de Malvina me seguindo. *Sim, Malvina, é assim que as pessoas ficam quando dançam sem temer pela própria vida.* Mas tento não pensar nela. Quero me lembrar desse momento, até os mínimos detalhes. Tudo nele cai bem como couro amaciado e musselina bem-cuidada. Suas mãos são ásperas e maltratadas pelo mar, mas têm suavidade, seu polegar delicadamente acaricia o meu.

Minhas fantasias de 12 anos nunca tiveram tantos requintes: eram basicamente eu em um belo vestido roxo, e Iker, em seu traje real, de mãos dadas em um passeio pelos jardins do palácio. A realidade é tão diferente, tão intensa, que não tenho certeza de que estou lidando bem com ela. Sei que não estou. Será que ele sente a palma da minha mão suando? Meu coração batendo forte contra o peito dele?

— Eu vi você do meu convés, sabe — sussurra Iker no meu ouvido. — Antes de subir a bordo. Nunca esteve tão bonita, Evie. E eu nunca tinha implorado aos deuses para empurrarem meu barco tão rápido.

Eu não sei o que dizer, minha voz está presa na garganta. Então só olho ao redor, tentando organizar os pensamentos. O sol já se pôs, seus

últimos feixes de luz partindo com nossos pratos, com pressa e tinindo minúsculos ossos de codorna, rabos de bacalhau, ervilhas e folhas de morango. E, por mais que todo o convés do navio ainda esteja iluminado por um círculo de lampiões em miniatura, a sombra basta para quase nos sentirmos sozinhos.

Apenas um garoto, uma garota e o mar.

A música acaba, e ele me abraça forte. Quando me afasta, passa os dedos pelo meu queixo.

— Eu não deveria ter ficado tanto tempo longe de Havnestad — diz, segurando um dos meus cachos. — Você tem o mesmo cabelo desde pequena.

Ele me encara.

— Os mesmos olhos de noite estrelada.

Eu me esforço para não olhar para minha mecha de cabelo levemente enrolada em seus dedos. Mordo o lábio para silenciar um suspiro. Seus dedos enrolam mais meu cacho. Ele parece quase não saber o que está fazendo; esse garoto feito de sorrisos e gestos tão grandes traduzidos por gestos tão singelos que lhe escapam.

Iker volta sua atenção para os integrantes da banda, que formaram um círculo ao redor de um banco onde alguém começou a tocar uma guitaren. Mesmo não vendo o músico, os dedilhados claros e precisos entregam que se trata de Nik. Ele sempre foi do tipo que pega qualquer instrumento e, na mesma hora, aprende a tocá-lo perfeitamente, desde que éramos crianças. Está tocando a música que eu cantava bem pequenininha no cais, para desejar uma boa pesca ao meu pai. Nik dizia que sempre ficava grudada na cabeça dele.

Iker solta o cacho.

Pigarreia.

Ajusta o corpo afastando-se de mim.

Acabou. Eu sei. Talvez fantasias sejam destinadas a se tornar realidade apenas por um momento. Com certeza um truque dos deuses.

Olha para a banda por um instante longo demais e quando volta a falar seu tom é diferente.

— Evie, eu adoro visitar Havnestad, mas não gosto de pisar no calo do meu primo.

É a vez da minha voz ficar estranha. *Por que Nik tinha que tocar* essa *música?* Engulo em seco.

— Mas você não está pisando em nada — digo, torcendo para que ele não perceba a súplica em minha voz. — Além disso, não acho que Nik se incomodaria em ver você mais vezes, e *vai* ter o festival Lithasblot em poucos dias.

— Ah, sim, quando vocês todos ficam doidos por Urda, jogam pão em qualquer um que não tenha queixo duplo e correm em círculos até desmaiarem.

— *Vocês* todos? — repito, lhe dando um soquinho.

Iker pode até ser do outro lado do estreito, mas é um Øldenburg tanto quanto Nik. A família deles governou a Dinamarca e a Suécia por quatrocentos anos. Eles sabem melhor do que ninguém que não se deve fazer pouco caso da colheita que a deusa nos concedeu.

— Não faça piada com os jogos. Nós os levamos muito a sério.

— Ah, sim, um jogo de vida ou morte no qual se carrega a pedra mais pesada por aí.

— Ou corre pela extensão de um tronco. Só habilidades úteis — digo, rindo, feliz por ter aliviado o clima de novo.

— Se eu ficar para esse espetáculo extravagante do Lithasblot, precisa me prometer que vai cambalear em cima de uma árvore recém-assassinada para meu entretenimento.

— Se for essa a condição, eu prometo — respondo, me abaixando em uma falsa reverência.

Uma risada escapa dos meus lábios, mas a atenção de Iker está congelado no meu rosto. Quase como se não conseguisse se controlar, ele volta a roçar o polegar na minha bochecha, descendo pelo meu maxilar até a boca. Seu toque faz meu rosto corar enquanto encaro aqueles olhos azuis glaciais.

— Iker, eu...

— Caaaaaaaaro povo de Havnestad!

Viramos de repente quando a voz de Nik ressoa por todo o navio. Ele ainda segura a guitaren, mas agora usa uma coroa enfeitada com fatias de limão enfiada sobre sua cabeleira ondulada. Um grande sorriso repuxa suas bochechas, e seus braços estão erguidos bem no alto. Na verdade, está

fazendo uma bela imitação não intencional de Iker, mesmo que apenas depois de algumas canecas da cerveja especial do rei Asger.

— Como seu príncipe herdeiro, estou expedindo um decreto real para que cantemos *para mim* nesse evento, o 16º ano da minha vida.

— Salve, SALVE — grita Iker, seguido pelo resto da multidão, que de repente voltou à minha visão periférica.

— Excelente. Ruyven já mandou o sinal para os fogos de artifício. Mas antes, uma can...

Nik para subitamente quando uma das mãos fortes de Malvina o puxa para baixo, deixando os lábios dele na altura de seus lábios. A outra mão gesticula para trás, apontando para o bolo. Nik volta a se erguer devagar e ajeita a guitaren.

— A adorável dama Malvina me informou de que estamos com falta de velas.

Nik aponta o braço do instrumento para mim, ainda com a voz grossa de formalidade forçada.

— Evelyn? — diz, erguendo a sobrancelha.

Eu faço o mesmo.

— Vamos lá, sei que sabe onde elas estão.

E sei mesmo. Exatamente no lugar onde Nik as deixou quando pegou o barco do rei "emprestado" para o primeiro dia quente depois de um longo inverno repleto de gelo.

— Sim, eu sei, caro príncipe.

Por mais que não queira sair de perto de Iker, eu me afasto, seu calor se detendo à minha pele por uma fração de segundo ao nos separarmos. Puxo um lampião pendurado mais baixo na linha do convés e me afasto da multidão.

Com as botas ressoando nos degraus, entro nas instalações do capitão, abaixo do convés. O espaço é muito mais amplo do que qualquer coisa que deveria pertencer a um capitão; quase maior do que a casa que divido com meu pai e *tante* Hansa. O pequeno lampião se esforça para acompanhar a vastidão, criando um círculo de luz que ultrapassa por pouco a barra do meu vestido de festa. É um tanto irritante.

Olho a escada e confirmo que estou sozinha; ninguém veio atrás de mim. De costas para a porta, enfio uma das mãos no lampião. Palavras

antigas suavemente murmuradas escapam dos meus lábios enquanto meus dedos pinçam a ponta da vela.

— *Brenna bjartr aldrnari. Brenna bjartr aldrari. Pakka Glöð.*

A vela começa a brilhar com a força de um fogo três vezes maior.

É um pequeno ato; tão sutil que eu provavelmente poderia ter realizado diante de todos lá em cima. Mas mesmo algo tão banal quanto um feitiço de fortalecimento é perigoso por aqui.

Mulheres queimaram por muito menos sob o comando dos Øldenburg no passado.

Meus parentes queimaram por muito menos.

O que significa que há coisas sobre mim que Nik e Iker nunca poderão saber.

Além disso, já corri um risco esta noite quando silenciosamente instiguei o bolo de Malvina a inchar sua cobertura açucarada. Não tentava algo do tipo desde que era criança, mas funcionou bem. Fortalecer a vela em público já seria contar demais com a sorte, que nunca esteve muito ao meu lado para início de conversa.

Agora a luz está mais do que suficiente. Avanço com suavidade pelo espaço vasto até um par de cadeiras sob uma das escotilhas do estibordo, um tabuleiro de xadrez pintado no tampo da mesa de carvalho entre elas.

Eu tinha visto Nik entulhar o estoque extra de velas do navio na gaveta daquela mesa quando o ajudava a limpar as evidências de sua social-do-tempo-quente. Não que seu pai não soubesse da nossa pequena celebração — desonestidade nunca caiu bem na mente nobre de Nik —, ele só não quis dar mais trabalho para a equipe do porto do castelo.

Com velas resgatas e fósforos em mãos, pego o lampião e me viro para a porta. De repente, pelo canto do olho, distingo dois clarões, uma explosão de surpresa azul e branca. Eu volto para o ponto onde há um pequeno halo de luz do lado de fora da escotilha.

Meu coração dá um salto e paralisa quando me dou conta de que não conheço nenhum peixe com marcas como aquelas.

Como olhos humanos.

Sentindo os pulmões me implorarem por ar, ergo o lampião para a escotilha, com a mente revirando em uma contagem de todos a bordo do navio. Sim, todos estavam lá quando desci a escada.

No entanto, quando o círculo de luz se aproxima do vidro grosso, eu me deparo com olhos amigáveis de um azul profundo emoldurados por pele luminosa, ondas loiras escurecidas pela água e lábios semiabertos em uma expressão choque.

— Anna?

Porém, no instante em que digo seu nome na cabine úmida, o rosto desaparece, me deixando apenas o índigo profundo para encarar.

Meus pulmões relaxam e inspiram uma enorme lufada de ar enquanto corro para a escotilha seguinte, repetindo o nome dela, ofegante. Mas não há qualquer sinal de seu belo rosto naquela janela ou nas duas outras.

Fico parada no meio da grande cabine do rei, o coração disparado e os pulmões queimando enquanto um forte soluço escapa dos meus lábios. Lágrimas brotam dos meus olhos no momento em que percebo que, mesmo com a amizade fraterna de Nik e a recente afeição de Iker, continuo sendo apenas a filha solitária de um pescador.

A filha solitária de um pescador desejando poder ter minha querida amiga de volta. Desejando tanto a ponto de ver fantasmas.

Desejando tanto a ponto de enlouquecer.



3

Enxugo as lágrimas, ainda segurando as velas e os fósforos com firmeza. Respiro fundo algumas vezes e me obrigo a passar pela porta e a subir a escada com as pernas pesadas feito chumbo.

— A cara dama voltou com as velas! — grita Nik quando me vê, cantarolando no ritmo da guitaren.

— E os fósforos, meu príncipe — digo, minha voz muito mais estável do que eu julgaria possível.

— Minha querida Evie, sempre salvando o príncipe de sua falta de organização.

— Alguém precisa fazer isso, primo — diz Iker, rindo e se levantando enquanto Malvina tira os itens de minhas mãos.

De imediato, ela começa a se mexer energicamente atrás de Nik, perfurando as belas camadas de fondant com as extremidades grossas das velas. Nenhum agradecimento, mesmo que, se eu fosse qualquer outra pessoa, suas boas maneiras exigissem que ela expressasse certa gratidão.

Nik começa a música antes que todas as velas estejam acesas. Sua voz se sobrepões a de todos, inclusive a de barítono de Iker. Como sempre, só mexo a boca, acompanhando a letra — minha voz para cantar foi destruída no dia em que perdi Anna. *Tante* Hansa alega que tenho sorte por só ter perdido isso para o mar. Nik mantém os olhos fechados, nem sequer se vira para o bolo enquanto as chamas tremeluzem e bruxuleiam atrás dele, manipuladas por um forte vento vindo das profundezas do estreito de Øresund.

Meu olhar segue o vento até a escuridão distante. Logo além das ondulações deixadas pelo barco, o céu índigo se torna negro, com as bordas irregulares de uma linha raivosa de nuvens se aproximando em um ritmo furioso.

— Iker — digo.

— ... *Hun skal leve højt hurra*…

Nik canta a última frase da tradicional música de aniversário e se vira para soprar as velas, abrindo os olhos no mesmo momento em que os primeiros fogos de artifício são disparados na praia. Clarões brancos e vermelhos atravessam o céu em uma sucessão veloz, iluminando Havnestad e o arco de montanhas que circunda os limites da cidade.

— Iker — repito, ainda olhando para as nuvens ameaçadoras.

Ele se vira, a mão firme ao redor da minha cintura, e eu aponto para a tempestade bem no momento em que um raio atinge a água logo além dos limites do porto.

Um brilho de reconhecimento se acende nos seus olhos quando o rapaz lê a distância entre a chuva e o navio.

— Tempestade! — grita ele, uma trovoada cortando o final da palavra. — Todo mundo para baixo do convés! Agora!

Mas, é claro, nossos convidados se viram para a tempestade, e não para o lado oposto, a curiosidade humana derrotando a segurança. Iker, Nik e eu nos apressamos quando as primeiras gotas grossas de chuva caem no convés.

Nik começa a conduzir a multidão para o subsolo. Iker está no timão, tentando virar o navio para o porto depois de mandar o antigo piloto — o homem do carvão — para o porão a fim de alimentar o motor a vapor.

A chuva já está caindo aos borbotões, e o navio oscila quando subo a escada para a popa. Agarro-me à balaustrada. Não posso fazer nenhuma mágica em público para interromper a tempestade, então fico grata por ser o sal do mar e a filha de um pescador. Aqui, sou extremamente útil.

Trovões ressoam, graves e intensos, bem acima das nossas cabeças. As velas dos bolos e os lampiões foram apagados pelo vento tempestuoso, e fico agradecida quando um relâmpago explode no céu por tempo suficiente para me mostrar a cena.

Iker guiando o barco na direção certa, com o pé travado no chão e os músculos retesados.

Nik marchando escada acima depois de trancar a porta do porão, sua coroa de limões oferecida como alimento ao mar pelo vento fustigante.

O bolo tombado e afundado para o lado graças a uma guinada do barco para estibordo.

Outro trovão ressoa quando alcanço Iker e o ajudo a segurar o timão. Ele é forte o bastante para girá-lo sozinho, mas a rota do barco fica notavelmente mais reta com minha ajuda.

— Que belo cruzeiro de aniversário! — grita Iker sob os céus retumbantes enquanto sorrio para ele com os dentes trincados.

Seus olhos dançam mesmo que todos os tendões do seu pescoço estejam tensionados para manter nossa rota.

— Nada além de céu limpo e bebidas sofisticadas. Não foi o que Nik prometeu? — diz ele.

Com os músculos já gritando, focamos no farol à beira do porto, ainda a minutos de distância. Uma grande onda quebra sobre o convés, levando os restos do bolo. Nik se segura com força no corrimão da escada, a camisa branca colada à pele.

— Estamos indo devagar demais — berra Iker no meu ouvido entre estrondos de trovão.

Assinto e contraio a mandíbula quando uma rajada de vento empurra o navio para bombordo, dando um puxão no timão.

— Deixa comigo — digo. — Mas não iremos mais rápido a não ser que...

Balanço a cabeça na direção de seu prezado barco, um presente do pai dele.

Iker assente, acatando minha sugestão.

— Nik! — grita ele por cima do vento violento e das ondas raivosas. — Minha escuna! Me ajude a cortar a corda!

De algum modo, Nik o escuta e imediatamente se dirige para bombordo, onde o barquinho de Iker está amarrado, fazendo peso demais.

Outra onda balança o navio, nos jogando para estibordo. Com as botas deslizando, consigo nos manter estáveis, cravando o salto no chão com todo o meu peso. No convés principal, Nik avança até a balaustrada a bombordo, engancha um dos braços longos no corrimão para se estabilizar e, com a outra mão, trabalha furiosamente no meu nó. Iker se aproxima.

Fecho os olhos quando o barco dá outro solavanco, desejando que a terra se aproxime. Quando volto a abri-los, talvez estejamos mais perto das docas de Havnestad, mas apenas alguns metros. Viro para o lado e vejo que Nik está quase conseguindo soltar o nó.

Uma pequena onda arrebenta na lateral do barco, encharcando Nik. Ele sacode a cabeça, jogando o cabelo para o lado. Depois se endireita, mas a balaustrada lisa e as tábuas novas do piso não lhe dão a tração e a alavancagem necessárias. Com um último puxão, a corda se solta por completo, deslizando pela lateral do navio. Nik, bem mais forte do que parece, se segura enquanto o ponto de equilíbrio do navio a vapor muda ao se livrar da escuna de Iker.

— Quase trezentos metros até o porto real! — grita Iker, se aproximando do timão.

O farol de fato está enfim se aproximando, o brilho no topo da torre assomando logo abaixo da cobertura cor de aço das nuvens.

Mas não somos tão rápido quanto a maior onda que já vimos na vida.

Negra como o céu acima, a parede de água desaba com força sobre bombordo, derrubando Nik de joelhos. Eu grito que ele fique abaixado — um centro da gravidade mais baixo é mais seguro —, mas minha vozinha é engolida pela tempestade.

Ele se levanta.

Um raio corta o céu.

O barco se inclina, puxado para baixo pela força da onda, e joga Nik de cabeça nas profundezas.



— Nik!

Grito o mais alto que consigo. O barco volta à posição normal, mas não há sinal dele ao longo de bombordo. No lugar onde o príncipe estava só restou madeira molhada e espuma marinha.

— NIK! — berro de novo, largando o timão, passando por Iker em direção a escada que leva ao convés principal.

Minha mente se move mais depressa do que meu corpo açoitado pelo vento, uma linha de pensamentos correndo pelas trevas enquanto avanço, sem dar a mínima atenção ao vento, à chuva, à rota ou mesmo a Iker.

Não.

Você NÃO PODE tê-lo, mar perverso.

Suas sereias vão ter que pegar outra pessoa.

Nik é meu.

— Evie! — grita Iker. — Não! Volte aqui! Não é...

— NIK!

Disparo pela escada. Minhas botas escorregam nas tábuas do convés, mas corro até o ponto onde Nik caiu. O vento faz meus cachos açoitarem meu rosto como um chicote, e semicerro os olhos para o mar revolto em meio à chuva e à escuridão da noite.

— NIK!

Chamo por ele sem parar, ficando rouca e fraca até minha voz mal passar de um sussurro. Finalmente, chegamos ao porto real. Eu pulo para o cais antes que Iker e o homem do carvão sequer tenham tempo de ancorar.

Olho o horizonte procurando qualquer sinal de um braço longo, uma cabeleira ou uma bota.

Iker pula pela balaustrada e aterrissa no cais ao meu lado, deixando para o homem do carvão a tarefa de libertar o restante dos passageiros das instalações do capitão.

— Evie — diz ele, a voz muito mais calma do que deveria; o capitão do mar dentro de si se impondo sobre sua linhagem. — Olhe ali.

Ele aponta para um lado do horizonte, onde as estrelas já retornaram, descobertas pelas nuvens.

— A tempestade está quase passando. Nik é um bom nadador.

Assinto, depositando minhas esperanças na sensatez de seus olhos.

— Mas ainda precisamos encontrá-lo — digo.

Tudo que meu pai me ensinou sobre o mar me vem à mente, e aponto para um trecho de águas revoltas.

— Nós estávamos ali.

Movo meu dedo na diagonal, seguindo o vento, até apontar para a lateral da enseada de Havnestad.

— O que significa que ele muito provavelmente está... ali — falo.

Não olho para Iker em busca de confirmação, apenas sigo pelo cais, até chegar na areia, e corro pela água naquela direção.

— Nik!

Engasgo, com a voz ainda rouca e impotente contra o vento. Iker se mantém alguns passos atrás de mim, depois me ultrapassa.

A enseada de Havnestad é formada em parte por pedras protuberantes e em parte por areia macia. Tem o formato de um W arredondado, e algumas rochas grandes formam uma trilha de ilhas em direção ao centro, até que as águas se tornem profundas demais. Em dias de tempo bom, é um belo refúgio do restante do porto. Em tempo ruim, é um furacão em uma bacia de água.

Iker aponta para a ilha maior: Pedra do Piquenique.

— Vou até lá para ver melhor.

O vento já está se acalmando, a chuva, enfraquecendo. Até os relâmpagos parecem ter ficado para trás, desaparecendo com a tempestade montanhas adentro. A volatilidade de uma tempestade tão poderosa me impressiona. Sinto a magia no meu sangue formigar diante de tal estranheza, mas não tenho tempo de pensar em coisas além desse mundo.

Ergo o rosto na direção de um amontoado de pedras paralelo à costa, o ponto onde o W se forma ao se projetar profundamente para o centro da enseada. Tão alto que bloqueia a vista do resto da praia.

— Vou subir ali e dar uma olhada no outro lado.

— Espere! — exclama Iker, o rosto cansado.

Pela primeira vez, parece não saber o que dizer. Entrelaça as mãos nos meus cabelos e me puxa para perto. Meu coração está disparado.

— Iker, nós não po...

As palavras são sussurros na minha língua — quero dizer que não podemos demorar, que ele não pode me atrasar —, quando ele ergue meu queixo e encosta os lábios nos meus.

Dou um suspiro, longo e profundo, e por um momento não estamos em uma praia cheia de pedras, encharcados até os ossos, procurando por Nik. Estamos em algum lugar longe dali. Um lugar onde título, nome... nada disso importa. Um lugar que com certeza não existe fora deste instante. Outro truque dos deuses.

Ele se afasta, e eu continuo atordoada, encarando seus olhos tranquilos.

— Tome cuidado — diz.

Jogada de volta à realidade, ergo a saia encharcada e corro pela costa até a parede de pedra. As nuvens cambiantes estão quase indo embora, sua cauda logo acima da entrada da enseada. A noite estrelada reina sobre o imenso mar abaixo, acompanhada de águas calmas. Meus olhos esquadrinham a água, incansáveis, à procura de qualquer sinal de Nik.

Mas não há nada.

Olho de relance para Iker. Ele já chegou à Pedra do Piquenique e está subindo. Suspiro de alívio ao ver que o turbilhão da tempestade não o levou embora e volto a encarar a grande pedra apenas alguns passos à frente.

Já escalei essa rocha gigantesca centenas de vezes desde criança, assim como a maioria dos jovens de Havnestad. Sei onde colocar as mãos de olhos fechados; minhas botas automaticamente se encaixam nos lugares perfeitos para o próximo passo. A chuva praticamente já passou, e a maior parte da superfície rochosa está úmida, mas não escorregadia.

Subo em uma pedra e volto a observar o mar, semicerrando os olhos para enxergar qualquer irregularidade, me esforçando para usar a luminosidade limitada da lua para distinguir outra pedra costeira de algo que possa ser Nik. Fecho os olhos, sentindo o pavor pesar nos pés enquanto

me viro para a parte oculta da enseada. Quando volto a abrir, preciso piscar para ter certeza de que minha mente não está me pregando peças. Um clarão de tecido branquíssimo nada distante da areia.

Meu coração infla de esperança. Desço da pedra às pressas e sigo para o outro lado da praia. Meus pés fazem o dobro do esforço enquanto a areia molhada engole minhas botas a cada passo.

Um relâmpago se acende nas montanhas, iluminando o céu por um segundo; tempo o suficiente para meu cérebro registrar a silhueta de Nik na areia.

E uma garota debruçada nele.

— NIK! — grito, sentindo a voz voltar.

Em resposta, ouço o barítono de Iker às minhas costas.

— Evie!

Mas não espero por ele. Nem mesmo me viro, apenas mantenho os olhos focados em Nik e na garota, que ainda tem a maior parte do corpo submersa. Sem outro relâmpago, não consigo distinguir muito mais do que seu longuíssimo cabelo; tão longo que se espalha sobre o branco da camisa de Nik.

Ela ergue o rosto sob o luar como se tivesse acabado de notar que estou correndo até eles. Outro relâmpago acende o céu, e, por mais que minhas pernas continuem a se mover, a sensação é de que meu coração parou de repente.

Grandes olhos azuis. Cachos loiros como manteiga. Pele branca e corada.

É a garota. Da escotilha.

Anna?

Não, não pode ser.

Os olhos dela parecem me reconhecer, e sua expressão, antes tranquila e satisfeita, se torna de puro pânico. Pânico que a coloca imediatamente em movimento. Uma lufada de vento sopra seu cabelo para trás dos ombros ao mesmo tempo em que ela lança um último olhar apressado para o rosto de Nik antes de voltar para a água.

— Espere! — grito o mais alto possível, mas é inútil com seus ouvidos embaixo das ondas.

Em apenas um fôlego, alcanço Nik e me jogo na areia ao lado dele, puxando seu peito para mim e sua boca ao meu ouvido. Uma lufada de ar

sai dos lábios e roça minha bochecha quando Iker grita por nós, se aproximando.

Ainda que com muita dificuldade, os pulmões de Nik estão funcionando. Ele está de olhos fechados, mas parece consciente.

— Evie...

— Estou aqui, Nik. Estou aqui.

Uma sombra de sorriso curva seus lábios.

— Evie... Continue cantando, Evie.

Confusa, começo a corrigi-lo.

— Nik, eu não estou... Eu não...

Minha boca fica seca. Observo o mar em busca de qualquer sinal da garota. A garota que parece uma versão mais velha de Anna. A garota que deve cantar como minha amiga cantava quando criança.

A princípio, nada. Apenas ondas calmas e noite estrelada, iluminada pela lua do solstício de verão.

Mas, então, bem na beira da enseada, eu vejo.

Um cabelo loiro que se torna prateado sob o luar claro, emergindo por um breve instante antes de mergulhar de volta. Quando submerge, ela joga para cima borrifos de maresia. E algo mais.

O contorno perfeito de uma barbatana.

QUATRO ANOS ANTES

O sol nasceu, tão vigoroso e quente quanto era possível em Havnestad. Não como em outros lugares, mas memorável aos moradores dos brandos reinos de Øresund, muito mais acostumados ao olhar frio da Mãe Natureza do que ao seu sorriso caloroso, ainda que no auge do verão.

Duas meninas, uma com ondas loiras e outra com cachos pretos, saltitavam pela praia. Suas vozes eram carregadas para longe, em direção ao sol forte de junho, por um vento intenso das profundezas do estreito.

Um garoto, já da altura de um homem, as seguia com um flautim nos lábios, compondo uma melodia para a letra alegre que elas cantavam.

Apesar do sol, a praia principal estava vazia, a maioria da população de Havnestad pescando ou caçando baleias no mar, o alvoroço de uma economia moderna sobrevivendo a um boom. *Eles encheriam as praias com peixes e histórias muito em breve, voltando naquela noite para o festival Lithasblot, que durava dias, e para a lua cheia do meio do verão. Por enquanto, toda a faixa de areia pertencia às duas meninas e ao seu menino.*

As ondas, densas e exuberantes, quebravam ao forte vento, se jogando nos tornozelos das meninas, descobertos, já que não havia ninguém para repreendê-las. O menino usava botas; seus pés começaram a crescer e a ganhar pelos no verão passado, e ele não queria que as meninas vissem aquilo. Ele permanecia na areia seca, logo além do alcance das ondas, com os olhos negros como carvão grudados nos dedos delicados das meninas, que também pareciam ter mudado no último ano, só que talvez de uma maneira que não o deixava desviar o olhar da pele que a barra da saia delas revelava.

Eles continuaram assim até as meninas pararem bruscamente — de cantar, de saltitar, tudo —, tão de repente que o menino deu um encontrão na de cachos negros. Ela riu, mas ambas continuaram olhando o mar. Observando a crista das ondas com admiração, os olhos brilhando com ousadia.

A menina de ondas loiras e olhos azuis como o oceano falou primeiro:

— O mar está bravo... espumando pela boca.

— Você está chamando o mar de cão raivoso? — perguntou a de cabelos negros. — Ele não ia gostar nada disso.

— Imagino que não.

Sobrancelhas pretas se ergueram sobre olhos azuis como a meia-noite.

— Vamos tocar o banco de areia e voltar para a costa?

Ela sorriu, contorcendo os lábios de leve.

— Aposto que chego primeiro.

A menina loira considerou a aposta, mordendo o lábio, avaliando as ondas. Finalmente, como resposta, começou a desamarrar o corpete do vestido.

O menino sentou-se na areia atrás, tocando o flautim para passar a impressão de estar distraído, como se não prestasse um pingo de atenção às duas tirarem a roupa até ficarem só de combinação. Mesmo dando apenas espiadas furtivas, pôde notar que os ombros e braços das meninas eram belíssimos, lisos como as estátuas de mármore que sua mãe havia encomendado para o jardim de tulipas. Tão belos que fizeram suas bochechas esquentarem. Ele sabia que não deveria espiar — não era certo, não naquela idade —, mas, ainda assim, espiou.

A menina loira olhou de volta, nos olhos dele, suas bochechas corando conforme as roupas caíam na areia. A garota de cabelos negros deu um tapa no ombro da amiga, seus olhos escuros grandes e sábios. Nada de segredos entre amigos, exceto aqueles a plena vista.

Quando estavam prontas, os vestidos caprichosamente dobrados, elas se posicionaram e apontaram com os dedos finos para o mar.

No três, elas partiram.



5

Eu não acredito em sereias. Não mesmo. Elas não passam de abominações que os anciãos como *tante* Hansa inventam para impedir crianças de fazer coisas especialmente estúpidas. *Se você tocar nessa panela quente... Se comer esse bolo inteiro... Se pegar esse doce... As sereias vão levar você embora*. Nós, crianças do mar, somos supersticiosas, mas não trouxas.

Sereias não existem.

Mas eu sei o que vi. Sei *quem* vi.

Nik, por sua vez, parece não se lembrar de muita coisa. Ele acha que eu o salvei. Acha que cantei para ele.

Já se passou mais de um dia, e ainda não contei que ele está muito enganado se pensa que foi isso o que aconteceu. Sobretudo porque não tenho como explicar o que se passou de fato. Nada faz sentido.

Não, eu não acredito em sereias.

Mas tenho, sim, uma forte crença na amizade; mais do que em qualquer coisa nesse mundo.

Eu acreditava na amizade de Anna.

E acredito na amizade de Nik.

Iker... Não sei o que pensar sobre Iker, apesar de ele estar parado bem na minha frente no porto real, enquanto uma tripulação emprestada abastece um barco emprestado atrás dele.

— Venha... O mar chama.

Iker afasta alguns dos meus cachos e coloca a mão em concha ao redor da minha orelha como se quisesse ampliar a antiga voz marinha. Ele se inclina para a frente, roçando a bochecha na minha, aproximando a boca quente da minha pele ao sussurrar:

— Evelynnnnn.

Seu entusiasmo faz meu coração saltar, e eu desejo poder ir, mas meu pai também está partindo nessa manhã, e detestaria que nós dois estivéssemos no mar ao mesmo tempo, em barcos diferentes. É supersticioso até demais, mesmo que seja só para uma viagem rápida até Jutland a tempo de voltar para o Sankt Hans Aften e a abertura do festival Lithasblot. Iker está encantado por ter avistado uma grande baleia; uma baleia que alimentaria a baía de Rigeby por semanas em ambas as refeições e ainda serviria como moeda. Eu odeio vê-lo partir, mas sei que é necessário; a temporada de navegação não espera por ninguém, nem mesmo por um príncipe.

— Sinto muitíssimo desapontá-lo — respondo.

E sinto mesmo. Esse período passado com ele foi estranhamente mágico, mesmo que não tenhamos feito nada além de nos sentar ao lado de Nik, contar histórias para fazê-lo sorrir durante sua recuperação.

— Tarde demais, o mar já está desapontado; suas habilidades durante a tempestade foram de primeira linha. Você é o tipo de marinheira que ele precisa em suas ondas.

Seus olhos brilham e sua boca se curva em uma expressão séria. Até mesmo vulnerável, por mais estranho que pareça. Mas eu não vou — não posso — me permitir pensar que é ele quem precisa de mim, e não o mar. A realidade não funciona assim.

— O mar vai ter que esperar — digo.

— E eu também.

Ele se abaixa para me beijar, e por mais que seja a segunda vez, ainda é uma surpresa; um mergulho profundo em águas congelantes.

— Você não precisa ir — argumento quando nos separamos, com a voz baixa e enrolada.

— Como é? — pergunta ele, fingindo que não ouviu. — Você não precisa ficar?

Com as duas mãos, ele segura a minha e começa a me puxar para o barco, onde a tripulação aguarda suas ordens.

— Esplêndido, vamos! Você dirige; eu bebo portvin e fico de olho na baleia.

Dou uma risada e deixo que me puxe um pouco mais além da prancha de embarque do que deveria. No meu coração, não acredito nas superstições do meu pai. No entanto, tenho minhas próprias. Nik ainda está se recuperando. Eu não posso partir. E se seu estado de saúde piorar enquanto eu estiver longe?

Não, devo ficar.

Iker vai voltar. Ele diz que vai.

Eu sei que vai.

Alguma coisa mudou naquela noite no navio a vapor. Mais durante a tempestade do que nos momentos anteriores, que passamos juntinhos; vimos um ao outro em nosso habitat. O sal do mar, nós dois. E, por mais que eu esteja escolhendo ficar, essa é a última coisa que quero que Nik saiba. Especialmente sobre o beijo. Não deve ser muito difícil guardar um segredo do meu melhor amigo; afinal, venho escondendo minha magia por toda a vida.

Desço da prancha para o cais. Com um aceno e um grito à tripulação, Iker zarpa, levando nossa ligação secreta enquanto eu a enterro em minhas profundezas. Ele se afasta do porto, e, pronta para acenar, espero que ele se vire. Então sigo para mais um adeus e minhas tarefas diárias, sentindo a ametista de *tante* Hansa pesada no bolso.

Não, não acredito em sereias. Mas estou disposta a acreditar no que quer que acontece sempre que passo a ametista na proa do barco do meu pai antes de uma expedição. No que acontece quando lanço o feitiço que criei usando sabedoria mágica de centenas de anos.

Só faz algumas semanas, mas já funcionou, gerando uma pesca bem mais produtiva do que no ano passado, nessa mesma época. Sorrio ao ver os pescadores comemorando no cais. Depois de quatro anos sofrendo com a Tørhed, uma escassez tão severa que a frota pesqueira da cidade foi reduzida pela metade, essas comemorações calorosas são bem-vindas. Desde a morte de Anna, tudo que enchia nossos ouvidos eram os resmungos dos pescadores cansados chegando à terra para renovar o estoque de carne salgada e limões.

Depois de três anos de Tørhed, o rei Asger sabia que rezar para os deuses já não era mais suficiente. Havnestad precisava encontrar uma nova

maneira de se sustentar. O navio a vapor real foi encomendado, e todos os homens que não estivessem no mar foram postos para trabalhar na construção do barco, desde o fim do verão até a primeira geada, talhando madeira e moldando lâminas de metal para a chaminé.

Contudo, mesmo o navio, erguido pela força desta bela cidade, não bastou para alimentar todas as barrigas de Havnestad. Foi uma solução paliativa. Nem a realeza pode bancar um navio novo por ano.

Eu precisava fazer alguma coisa.

Então, como faço desde o verão em que Anna morreu, entrei escondida no quarto de *tante* Hansa enquanto ela estava fora jogando sua partida semanal de whist na cabana de *fru* Agnata. O quarto dela é abafado, com a lareira acesa toda noite, mesmo no verão. Rosas secas formam um círculo ao longo das paredes até a altura máxima que ela consegue alcançar; as centenas de flores declaram sua predileção ao aroma e à beleza das rosas em relação aos das tulipas, tão populares pelos reinos de Øresund.

Sob a faixa de rosas, em um canto oposto ao da chaminé, há uma arca marítima envolta em sombras e uma antiga pele de alce. No interior fica tudo o que os Øldenburg temem, tudo que foi banido por lei: pedras preciosas, livros manchados pelo tempo, garrafas de cobalto seladas com tampas de rolha e cera. Os exatos mesmos itens que *tante* Hansa usou em mim quando reemergi nos braços de Nik quatro anos antes e Anna desapareceu. Enquanto fiquei na cama, quase morta, velada por Hansa e tomando na boca colheres de elixires com gosto de perfume e velhice. E velhos eles certamente eram, passados por séculos de gerações obscuras. Algum dia vão pertencer a mim, imagino.

Naquele dia eu peguei uma pedra roxa; tão pequena que eu esperava passar despercebida por Hansa, mas grande o bastante para criar um impacto. Também surrupiei um dos livros velhos com lombadas despedaçadas, fisgando-o de onde estava guardado, sob um bloco de cera de abelha e um pilão e socador de mármore.

Horas depois do pôr do sol, eu me esgueirei para a praia, mas segui até bem além da enseada de Havnestad. Quando a faixa de areia se estreita, juntando-se à montanha rochosa, pedregulhos afiados despontam do mar. A água é mais profunda nessa área, e as ondas, fortes, mas, à sombra entre duas grandes pedras, há um trecho de areia. No alto, a rocha da fronteira de

Havnestad forma um arco perfeito, resultado da insistência de Urda que o mar formasse tal fissura ao longo de milhares de anos.

Esse lugar não tem nome, até onde sei. Nunca vi ninguém ali. Fica fora do campo de visão de quem está na praia e escondido pelos rochedos de quem olha do mar. Passei a chamá-lo de lagoa de Greta, em homenagem à minha mãe. Ela teria gostado de um lugar assim. Na profundeza das sombras da lagoa há uma pequena caverna onde mal cabem duas pessoas, mas com espaço de sobra para guardar as poucas infusões e tintas que *tante* Hansa confiou a mim.

Afastei os pedregulhos que uso para esconder a entrada e acendi uma vela. Com a ametista aninhada em uma das mãos, posicionei o livro sob a luz escassa. As palavras são antigas mas familiares, relembrando nossa grande deusa, Urda, e o poder que ela concedeu à terra e ao mar. Conforme as ondas batiam nas rochas do lado de fora, li os rabiscos repetidas vezes, deixando os feitiços correrem pela minha língua. Precisei ficar ali até quase amanhecer, mas finalmente senti a mágica formigar no meu sangue.

Depois de quase três meses praticando, enfeiticei o barco do meu pai pela primeira vez.

Três dias depois, ele voltou para casa com sua primeira baleia em mais de dois anos. Era magra, mas tinha gordura o suficiente para trazer muita felicidade.

Agora o feitiço é essencial.

Todo dia quando acordo, sinto minhas veias carregadas da necessidade de manter meu pai seguro e próspero, essa sensação martela meu coração com ansiedade até que eu faça esse trabalho. Minha função.

Mesmo quando já cumpri meu dever e ele fica fora por dias, vou até o porto e enfeitiço todos os navios ancorados e inertes. Os pescadores já se acostumaram à minha rotina. Não parecem achar estranho que eu sempre esteja lá, passando a mão fechada ao longo dos cascos desgastados pelo sal, velhos e confiáveis.

E hoje é o dia em que começo a fazer mais. Junto ao que *não posso* reivindicar, venho trabalhando em algo que *posso*. Algo que todo o povo de Havnestad vai enxergar como útil, e não como uma decisão de Urda.

— Evie, minha menina!

Meu pai está erguendo um caixote para o convés do seu barco baleeiro: *Pequena Greta*, também batizado em homenagem à minha mãe. Não há

mais nenhum caixote de suprimentos no cais ao lado do barco. Eu o alcancei por pouco.

— Estava na dúvida se você viria — disse ele.

Dei uma risadinha, segurando a pedra com força.

— Não é porque quero que você fique que vou perder a sua partida — respondo.

Meu pai faz uma expressão amarga, as manchas de sol que maculam sua testa se enrugando até a linha do cabelo preto; ele é italiano de nascença, apesar de dinamarquês até os ossos.

Subimos a prancha de embarque juntos. Ele baixa a caixa a sessenta centímetros da inovação que sei que facilitará a pesca nesses mares desolados: uma cura permanente que minha mágica não pode oferecer. Instalada orgulhosamente no mastro principal, meio arpão e meio espingarda, minha arma está tão reluzente e perfeita quanto eu esperava.

Meu pai me abraça.

— Minha Evelyn, a inventora.

— Não foi nada — digo, embora nós dois saibamos que não é verdade.

Precisei do inverno inteiro para criá-la a partir de uma espingarda velha e um arpão modificado, mas, se meus cálculos estiverem corretos, a engenhoca vai lançar tanto um arpão de ponta explosiva quanto um arpão com corda, diminuindo as chances da baleia escapar. Se tudo der certo na expedição de estreia do meu pai, podemos transformar a caça de baleias em Havnestad.

— Foi, sim. Isso vai ser uma revolução.

Levanto o rosto para ele com as sobrancelhas erguidas.

— Não vai deixar de ser uma revolução se você esperar uma semana.

Meu pai se ofende quando toco no assunto delicado. Não é o único pescador a partir durante o festival, apesar de haver mais deles ficando do que indo, tranquilizados pela sorte de ultimamente; minha ajuda. Mas ele é o único com quem me importo. E, sendo o único pescador da realeza, também é o único com quem o rei Asger se importa.

— Haverá outros festivais de Lithasblot, Evelyn. Já fui atacado por pães o suficiente para uma vida.

— Mas...

Ele me interrompe, encostando os dedos ásperos na ponta do meu queixo.

— Mas nada. Preciso aproveitar a sorte enquanto posso.

Meu pai passa o polegar velho e enrugado no meu lábio inferior.

— Estarei de volta para o fim do festival: o baile.

Apesar da minha decepção diante de outro adeus, abro um pequeno sorriso.

— Se já me viu uma vez com meu único vestido de festa, já viu bastante para a vida toda.

Ele se inclina e me dá um beijo rápido na bochecha, sua barba tão macia quanto áspera na minha pele.

— Cuide de Hansa, minha querida.

Eu o abraço, sentindo o cheiro enjoativo de fumo de cachimbo encher meus pulmões.

— Se ela ao menos deixasse, eu cuidaria.

Ele me solta depois de um único aperto no antebraço. Volto para a prancha, dando uma última olhada nele e na minha primeira tentativa de inovar a caça de baleias. Quando retorno para a madeira desgastada pelo sol do cais, meu pai grita para seus homens recolherem a prancha e a âncora.

Antes de ele partir, quando os marinheiros estão distraídos com os preparativos, aproveito para pressionar minha pequena pedra contra a embarcação, logo abaixo do nome da minha mãe, pintado em letras bastão na popa. Fecho os olhos levemente e sussurro meu feitiço para a brisa que sopra do estreito de Øresund.



6

É uma noite perfeita para queimar bruxas.

Afinal, o Sankt Hans Aften não passa disso. Uma celebração da abolição de pessoas como eu dessa terra através das chamas, do afogamento, do desterro... qualquer coisa que parecesse certa na época.

Hoje, ainda bem, bruxas são queimadas apenas em forma de efígie. É a abertura oficial da versão de Havnestad do Lithasblot. Nosso festival é o primeiro do estreito de Øresund, mas também o mais longo, com duração de cinco dias, atraindo pessoas de todo canto para assistir a jogos, cantar em celebração à Urda e provar pratos de tvøst og spik: carne de baleia negra, banha rosa, como chamamos a camada de tecido adiposo dos mamíferos marinhos, e batatas assadas. Mesmo durante a Tørhed, o povo de Havnestad sempre se dispôs a sacrificar o suprimento limitado de comida para honrar a deusa.

Quando a fogueira esquenta, lançando faíscas para o céu cor de salmão, o festival está pronto para começar. Primeiro escutamos o discurso do rei Asger sobre amor e espírito de competição.

Agora, o discurso de Nik sobre amor e espírito de competição.

Porque naquela noite da tempestade traiçoeira, Nik, felizmente, chegou à maioridade. E, como manda a tradição, ele deve tomar as rédeas do festival; um quase afogamento não é desculpa.

Então, desde que recuperou boa parte da força, ele esteve isolado, vagando pelos corredores do palácio e repetindo as palavras do pai. Já ouvi seu discurso duas vezes; antes do aniversário e depois, e em ambas as

ocasiões ele foi excelente, apesar de talvez um pouco apressado demais. Mas sei que isso tudo é só porque se trata de sua primeira vez. Sei que vai se sair incrivelmente bem.

Mas o príncipe herdeiro Asger Niklas Bryniulf Øldenburg III, primeiro na linha de sucessão do trono do reino soberano de Havnestad, não compartilha da minha opinião.

Nik está quase surtando de nervosismo. Seus longos dedos tremem enquanto ele alisa o próprio cabelo, tentando discipliná-lo. Esse dia já é difícil para nós dois — o quarto aniversário do afogamento de Anna —, somado à pressão do discurso, parece que Nik vai cair duro a qualquer momento.

Sem hesitar, pego sua mão e envolvo seus dedos. De alguma forma, vê-lo tão nervoso acalma minhas próprias inquietações; pelo primeiro teste da minha invenção com meu pai, por Iker ainda não ter chegado. Aperto os dedos de Nik.

— Tudo o que você fez na última semana foi ensaiar. Vai dar tudo certo.

— Mas eu não sou a pessoa certa para isso, Evie.

— Claro que é! Você é da linhagem dos Øldenburg. Reis há milhares de anos.

Eu me aproximo, cobrindo a visão dele com meu rosto.

— Esse discurso está no seu sangue.

Nik fica vermelho e desvia o olhar.

— Acho que perdi essa parcela de sangue quando bati a perna naquela pedra aos 10 anos.

Quase rio ao me lembrar de Nik desmaiando ao ver o próprio sangue. Bem no meio de uma trilha para Lille Bjerg Pass. Anna e eu tiramos nossas meias e amarramos com força sobre o corte na canela, depois passamos os braços dele por nossos ombros e cambaleamos montanha abaixo.

— Pense no seu aniversário. Você não parecia nem um pouco nervoso quando cantou em um banco com limões no cabelo.

— Aquilo não foi para o reino inteiro. Isso vai ser.

— E daí? Qual é o problema com alguns rostos a mais?

Ele tentou abafar uma risada debochada de um jeito bem nobre.

— Desde quando "alguns" significa centenas a mais? E talvez meu aniversário desastroso não seja a melhor lembrança para acalmar meus

nervos.

— Ah, não seja dramático.

Nik ergueu a sobrancelha.

— Ah, como se você não fosse bastante dramática quando fica com olhos apaixonados no porto, procurando por um certo marinheiro da baía de Rigeby?

Não respondo, minha perspicácia está amarrada a uma pedra no fundo do meu estômago. Sem querer, semicerro os olhos para o mar, desejando de coração que o barco de Iker apareça. Mas as águas além do porto estão desertas, com todos os navios visitantes e baleeiros de folga já ancorados.

Nik suspira, e sei que está se martirizando pela piada; novamente, agradeço por ele não saber nada sobre os beijos que dei em Iker. Ele me abraça de novo, demonstrando menos nervosismo.

— Ele vai chegar. Iker faz as próprias regras, mas nunca deixa de cumprir com a palavra.

Essa foi a última frase que ele me disse antes de ser levado embora pela rainha Charlotte para seus últimos preparativos antes do discurso. Desabo na areia, com uma bonequinha vestida de preto e branco no colo. Pronta para as chamas. Mal consigo me forçar a entrar no clima. E, sem Nik ao meu lado, dessa vez vou entrar no clima sozinha.

Imagino que eu *possa* me juntar aos funcionários do castelo; eu os conheço desde pequena. Mas no fundo não sou um deles. E as outras garotas da minha idade? Bem, elas nunca foram uma opção de verdade; deixaram isso bem claro ao longo dos anos.

Talvez o desterro não seja tão ruim; eu poderia simplesmente libertar minha magia enquanto queimamos nossas bonequinhas e deixar esse lugar para sempre. Mas então eu também deixaria Nik para sempre. E comprometeria minha família.

Então fico sozinha; a bruxa secreta, a amiga do príncipe que não sabe seu lugar.

Eu me posicionei bem na linha de visão de Nik enquanto ele se prepara para falar — para o caso de sua coragem fugir para Lille Bjerg Pass —, mas um pouco virada para o lado, de modo que consiga espiar o mar pelo canto do olho.

Ele virá.

Ele disse que viria.

Você nem deveria se importar com isso.

Volto a atenção para a família real. E para as chamas que devo encarar antes do grande momento de Nik.

Há um discurso tradicional honrando essa "celebração" também. E por mais que o rei tenha cedido seus deveres para Nik, a rainha Charlotte nunca perderia uma oportunidade de maldizer os horrores da bruxaria em público.

A rainha tem uma beleza incontestável, com estrutura óssea delicada e a graça de um cisne. O cabelo cacheado foi preso num coque no topo da cabeça, uma auréola loiro-escura ao redor de uma coroa de safiras e diamantes. Quando caminha pela areia, parece uma perfeita pintura à luz do fogo.

Traz nas mãos sua primeira boneca cerimonial, vestida de vermelho-sangue.

Como se a morte de todos os dinamarqueses dos últimos seiscentos anos fosse culpa de uma bruxa.

Como se os Øldenburg não tivessem queimado centenas de mulheres com provas inconsistentes.

Como se "o rei da caça às bruxas", o rei Christian IV, não sentisse orgulho do título que ganhou e das vidas que arruinou.

— Boa noite, queridos.

A rainha Charlotte sorri para a multidão, como gelo quebrando sob pressão.

— Nessa noite, não apenas celebramos o começo do Lithasblot de Havnestad, mas relembramos as dificuldades enfrentadas por nossos ancestrais.

Às sombras, eu aperto a boneca no meu colo com tanta força que os nós dos meus dedos ficam brancos. Essa parte é quase pior do que jogar uma réplica de mim mesma no fogo.

— Vivemos em segurança e harmonia nos reinos de Øresund graças à coragem do rei Christian IV. Vivemos em segurança e harmonia graças às leis que ele estabeleceu. O único lugar da bruxaria é nas profundezas do inferno.

A rainha ergue a boneca vermelha com tanta força que seu chapeuzinho de bruxa cai e é sugado pelas chamas.

— Se houver qualquer demônio em nossas terras, saiba que você não pertence a esse lugar ou a esse mundo.

Juro que seus olhos me encontram nesse momento.

— A luz vencerá, e você será engolido para as profundezas do fogo e voltará ao seu criador chifrudo.

A plateia se exalta, e a rainha Charlotte se vira e lança a bruxa na fogueira, aristocraticamente nos expulsando, porque nosso poder representa uma ameaça ao poder dela.

Devemos formar uma fila organizada ao redor da fogueira, mas eu não consigo. Não o faço. Em vez disso, me levanto e jogo minha boneca por cima daqueles que avançam à minha frente, ansiosos para assassinar versões minhas em miniatura de madeira. Da minha mãe. Da minha tia. Da família do meu pai.

Então procuro por Nik, que segue o fluxo com um sorriso no rosto. Em algum lugar, *tante* Hansa está rindo, sua gargalhada característica chegando aos meus ouvidos. Sei que é um truque para nos proteger, mas não entendo como ela consegue fingir que está aproveitando tanto. Chega ao ponto de ter a boneca mais colorida, usando pastas e tintas até garantir que a roupinha de sua miniatura vai ser a mais chamativa da praia. Nesse ano, a boneca dela está usando um tom de laranja esplêndido graças a um cliente que, sem saber, colaborou para a diversão dela pagando por seus trabalhos com cúrcuma.

É irônico: os mesmos moradores que vão até ela quando se queimam, gratos por seus tratamentos medicinais antigos, transformam pequenas réplicas de madeira dos nossos ancestrais em cinzas todo ano nesta data. E ela apenas ri na cara deles como se nada fosse. Enquanto centenas de pessoas alimentam o fogo, eu volto a me sentar na areia e limpo minhas mãos na saia. É só suor, mas poderia ser sangue.

Quando todas as bruxas já foram jogadas, a multidão recua. Nik dá um passo à frente dos pais para ocupar o lugar de mais destaque na areia, com a fogueira às costas. Mesmo à luz ocre, sua pele está estranhamente pálida. Mantenho o olhar tão intenso e focado quanto possível, nem mesmo piscando até ele fazer contato visual. Então sorrio e o encorajo.

Vai ser magnífico.

Ele curva os lábios em um sorriso e limpa a garganta com uma respiração profunda.

— Caro povo de Havnestad, sejam bem-vindos à noite de abertura do Lithasblot, quando honramos Urda e agradecemos sua bênção e generosidade, seja pelo mar ou pela terra.

O fogo estala alegremente às suas costas, as chamas mais altas lambendo as estrelas. Apesar da multidão ali presente, os únicos sons que enchem o ambiente durante a pausa ensaiada no discurso tradicional são o crepitar das chamas e o quebrar das ondas. Todos sabemos o texto de cor, e poderíamos recitá-lo com Nik se fosse apropriado. Na maior parte dos dias, ele é um de nós. Só Nik. Mas, nessa noite, é nosso príncipe herdeiro, e nosso dever enquanto súditos prevalece sobre a familiaridade.

Por isso estamos quietos.

Nik ergue a cabeça durante a pausa e encontra meu olhar outra vez. Assinto para que ele continue, mesmo que a cor do seu rosto tenha voltado de repente.

— Os próximos quatro dias são uma celebração. Jogos, corridas, músicas e banquetes em nome de nossa deusa. Não nos esqueçamos de que é tudo para ela. É divertido. É alegre. Mas tem uma utilidade... Uma razão. Urda.

Um arquejo audível vem da multidão; Nik saiu do roteiro. Suas palavras vêm do coração, e eu não poderia sentir mais orgulho.

— Ano passado, fizemos o mesmo que faremos essa semana — diz Nik, com a voz mais forte. — Jogamos pão nos mais magros. Cantamos para Urda. Assistimos enquanto eu carregava a pedra mais pesada pela praia.

Nesse momento, ele flexiona um bíceps e sorri; todo o nervosismo substituído por bravata. Algumas risadinhas vêm da plateia, mas só se ouve uma única gargalhada: de *tante* Hansa, sentada à mesa reservada aos mais velhos.

Nik responde com um sorriso pronunciado, então franze a testa. Seu tom volta a ficar sério.

— Sim, tenho noção de que minhas demonstrações de força são um tanto hilárias. Mas isso vocês podem ver diariamente — Ele sorri de novo —, não são o motivo desta celebração que fazemos ano após ano. Nós fazemos isso por Urda. E, em alguns anos, ela nos ensina uma lição e nos lembra de seu poder.

Nik faz uma pausa, e o ar fica pesado e silencioso. Nem mesmo a fogueira se atreve a estalar.

— Meu pai ocupou esse exato lugar há um ano e recitou o mesmíssimo discurso dos últimos trinta anos. Que foi recitado pelo pai dele por trinta anos antes disso. No entanto, nós estávamos no auge da Tørhed, que já durava três anos. E essa situação melhorou quando nos juntamos para cantar canções sobre Urda até que nossas vozes ficassem roucas e nossos dedos sangrassem em nossas guitarens? Não. Ela melhorou quando eu venci todos vocês, fracotes, no carregamento de pedras? Não.

Só *tante* Hansa é corajosa o bastante para rir dessa vez. Mas ninguém olha para ela. Todos encaram o príncipe herdeiro. Até mesmo o rei e a rainha estão atentos a cada palavra.

— Devemos nos lembrar de que, por mais que a celebremos, Urda não nos deve um pedaço de pão. Assim como a maré que cobre nossas praias, sua maré, suas praias, ela pode tomar tão rápido quanto pode dar.

Nik faz outra pausa, seus olhos cor de carvão focados no porto acima de nós. Percebo que ele também está se referindo a Anna. Honrando nossa amiga como algo que Urda reivindicou como seu, o mar seguindo as ordens da deusa.

— Portanto, honremos Urda esta semana, não apenas celebrando seu nome, mas verdadeiramente honrando-a. Ela é nossa rainha; me desculpe, mãe. A terra que nos fornece com generosidade. O mar que nos alimenta e enche nossos bolsos de moeda. Ela é mais do que uma deusa... Ela é todos nós. É Havnestad. E todas as pessoas que aqui habitam. Sem ela, nada somos. Nenhuma magia pode enganá-la. Nenhuma palavra pode pressioná-la. Nenhum desejo pode influenciá-la. Ela é a rainha, e nós não passamos de súditos.

Ele fica imóvel, com os olhos nas ondas além da multidão, a postura firme e ereta; régio.

Talvez estupefatos por sua originalidade e honestidade, o povo de Havnestad leva alguns momentos para perceber que o discurso terminou. Eu me levanto e começo a gritar vivas e aplaudir. O olhar de Nik me encontra, e uma faísca de alívio passa por sua expressão antes que eu não consiga mais vê-lo. Todos os presentes dão um pulo, gritando e aplaudindo feito loucos. E, de alguma forma, parece que ele está a léguas de distância.



É impossível vê-lo depois disso.

Todos querem apertar sua mão. Dizer o quanto ficaram maravilhados com a reflexão do príncipe. E como ele estava confiante. Como soava majestoso. Como tinham ficado, e ainda estavam, impressionados.

Nik é engolido pelo afeto do povo.

E, por mais que eu fique na praia esperando, ele não ressurge. O príncipe foi levado embora para a noite em uma multidão de súditos. Todas as criaturas em certo momento também se vão, cansados, para a noite. Primeiro uma debandada se retira, depois alguns grupos menores, até que só sobra eu, uma pilha quente de gravetos e algumas almas que perderam a batalha da consciência para o hvidtøl liberado e um trecho de areia macia.

Eu me levanto, com as pernas rígidas nas botas e os olhos voltados para o porto, inspirando o ar frio e salgado. Minha garganta se aperta e lágrimas ameaçam se derramar dos meus olhos.

Ele vai ser rei, Evie.

Tenho vontade de rir da minha tolice em pensar que eu sempre o teria. É claro que tudo vai mudar.

A lua está tão clara que vejo a extensão da praia sem qualquer outra ajuda. Clara demais para meu estado de espírito sombrio, mas talvez uma caminhada me faça bem. Esfriar a cabeça. Eu deveria ficar feliz por ele, afinal.

Sigo primeiro pelo cais, avançando pelas pranchas com passos cautelosos enquanto barcos grandes e pequenos batem e sacodem ao bel-

prazer do mar.

Naturalmente, o cais real é o maior do porto; com espaço para o enorme navio a vapor do rei, o barco do meu pai e uma dezena de outras embarcações, navios, escunas e esquifes. Tem um poste ao final que está vazio, no entanto; o lugar onde o navio a vapor do rei deveria estar.

Eu encaro a água por um momento, desejando pela segunda vez esta noite que o barco dele se materializasse por entre as ondas suaves. Que ele apenas apareça de repente com Iker a bordo, de olhos brilhantes e lábios sorridentes. Que pule da proa antes de ancorar, incapaz de esperar mais. Que me puxe para seus braços e me beije outra vez.

Eu pisco, e o pensamento desaparece.

O poste continua livre.

Não há sinal de qualquer barco no horizonte.

Desço do píer, de costas para as ondas que levaram Anna, com a cabeça e o coração latejando de desejo pelo seu retorno também. Por ter minha amiga de volta. Por não sentir a necessidade de depositar minhas esperanças em garotos que eu deveria saber desde o princípio que só se importariam comigo até conquistarem aquela linha invisível na areia — sangue —, então me decepcionariam. Embora, talvez, tendo nascido em berço de ouro, Anna não fosse se sentir como eu.

Estou inquieta demais para ir para casa dormir. Para assentir e sorrir enquanto ouço a história bêbada de Hansa sobre sua grande noite com seus grandes amigos; como se tais amigos não tivessem queimado milhares de pessoas como *nós*. Então, caminho pelo mar na direção da enseada, o luar guiando meus passos, se refletindo nos grãos de areia e criando um caminho brilhante pela praia.

Não tenho plano, e nem preciso. Basta uma oportunidade de me cansar até conseguir adormecer livre do fardo da tristeza que arrasta meu coração para os tornozelos.

Eu tenho, sim, amigos fora da realeza. Tenho.

Tenho os garotos da escola que me toleram por causa do Nik, mas só mesmo quando o príncipe está por perto. No resto do tempo, quando os cumprimento, vejo apenas desaprovação em seus olhos.

Aquela garota... não pôde salvar a mãe.

Aquela garota... sobreviveu enquanto a melhor amiga dela se afogou.

Aquela garota... acha que o trabalho do pai lhe dá acesso livre ao castelo.

Aquela garota... acha que é mais do que uma paixonite passageira para o príncipe mauricinho.

Chego às primeiras pedras da enseada e paro, deixando o ar salgado jogar meus cachos ao redor do rosto. O vento aqui sempre parece tão purificante; como se levasse embora qualquer sujeira física ou mental com apenas um suspiro do estreito de Øresund.

A enseada está calma esta noite. As ondas avançam suaves sobre a praia, beijando tanto a areia quanto as formações rochosas com a mesma precisão delicada. Não há ninguém à vista, e esse vestido não é nada especial — nada do que tenho é especial —, por isso tiro minhas botas e meias e os coloco em um trecho de areia que provavelmente não será tocado pela maré. Sentindo a areia aderindo aos meus dedos, pulo na primeira ilha de pedra e vou assim até chegar à Pedra do Piquenique.

Por mais que esteja úmida da maré alta recente, a superfície da rocha não está molhada a ponto de ficar desconfortável. Puxo a saia, dobro o joelho até o peito e me sento com os olhos fechados, deixando a energia do mar fluir pelo meu corpo.

Finalmente, meu coração desacelera, e sinto a exaustão chegar devagar. Mas não posso dormir aqui. Forço minhas pernas cansadas a se levantarem e recolho minhas coisas. O vento não passa de uma brisa, mas sinto um arrepio na coluna. Cruzo os braços, mas não consigo me livrar do frio. Estreito os olhos para a noite, para a sombra onde o mar se encontra com a formação rochosa que divide a enseada, e então posso jurar que vislumbro alguém de pele clara.

— Olá? — chamo, tremendo.

Apenas o vento responde, aos poucos ganhando força desde o porto e das profundezas do oceano.

Sinto-me subitamente desperta e olho para a parede rochosa. Não há nada para se ver além de sombras e ondas.

Talvez seja o polvo que fez da enseada seu lar, me provocando da mesma maneira que faz com *tante* Hansa, que gostaria mais do que tudo de engarrafar cada gota de sua tinta.

Mas provavelmente não. Meus olhos estão pregando peças em mim de novo.

Assim como fizeram no aniversário de Nik.

— Talvez você devesse evitar a enseada quando a lua está forte, Evelyn — murmuro.

A lua pode fazer coisas engraçadas com uma bruxa.

Ouço outro verso do coro piedoso dos meninos da escola:

Aquela garota... vendo aparições ao luar.

QUATRO ANOS ANTES

O menino ouviu os espirros na água, um logo depois do outro, e se levantou, esquecendo-se do flautim e olhando apenas para o mar. Prendeu o fôlego, esperando a primeira cabeça emergir. Ambas eram boas nadadoras, mas a garota de cachos negros costumava vencer.

Eram quase cem metros até o banco de areia. Uma respeitável distância em um dia comum, mas, ao observar o mar outra vez, o garoto soube que aquele não era um mar comum. Não eram ondas comuns.

O mar estava bravo.

O garoto prendeu a respiração e deu um passo na direção da água, tomando cuidado para não chegar perto demais; sua mãe lhe dava sermões frequentes sobre o estrago que a água salgada podia fazer em suas belas botas de couro.

A garota loira emergiu primeiro. Ela inspirou profundamente e voltou a afundar, com o banco de areia à vista, ainda a uns setenta metros de distância.

O garoto observou a água em busca de cabelos escuros. Respirou. Semicerrou os olhos e analisou bem o ponto onde ela deveria aparecer. Nada ainda.

A loira colocou a cabeça para fora de novo. Estava quase dez metros mais perto do banco de areia, sem olhar para trás.

Nenhum cabelo escuro à vista.

Ele deu outro passo à frente. Uma onda se aproveitou da oportunidade e marcou seu pé. Por reflexo, olhou para baixo. Sim, o couro estava completamente encharcado. Mas ele não se importava. Seu olhar voltou na mesma hora para o mar. Coração martelando. A bota molhada já saindo do pé.

Ali. Longe, a quase trinta metros. Não o topo de uma cabeça com cabelos negros.

Uma única mão esticada, tentando se agarrar a alguma coisa.

O garoto mergulhou com os pulmões cheios e abriu os olhos. Nada além das profundezas escuras e o ardor do sal.

Pensando nas meninas, na mão estendida, ele emergiu logo. Manteria as braçadas acima d'água, a cabeça próxima à superfície. Era um bom nadador, e

sua nova altura não diminuíra sua força natural, mas ele sentira uma correnteza tão forte, puxando as pernas de suas calças sem parar. Uma força das profundezas o atraía para o harém de sereias, que, conforme todas as crianças de Havnestad ouviam dizer, moravam no fundo do mar.

Na superfície, ele não via nada. Nem uma mecha de cabelo, nem um vislumbre de mão. Mas ele sabia onde elas estavam. Sabia onde deveria ir.

Vinte metros depois, abriu os olhos embaixo da água de novo. Olhou para baixo. Para onde a correnteza o puxara.

Cabelos negros espiralavam para cima como uma nuvem de tinta, dedos pálidos esticados na sua direção. O rosto oculto. Ele mergulhou, torcendo para não ser tarde demais.

Com os pulmões queimando pela falta de ar, ele emergiu, com um dos braços enlaçado embaixo dos dela. A força da água empurrara os cachos para longe do rosto. Suas feições estavam quase azuis, e ele não sabia se ela estava respirando.

Só sabia que a resgatara.

— Vamos, Evie. Vamos.

Ele rezou para todos os deuses, até para o luterano, quando recuperou o fôlego, lutando contra a correnteza pelos dois, a praia distante, porém à vista.

Ao avançar, tentava virar o rosto, tanto quanto o peso e o esforço lhe permitiam, torcendo por um vislumbre do cabelo loiro em segurança no banco de areia.

Não viu nada.

Em terra firme, chamou por ajuda o mais alto que conseguiu. Deitou Evie na areia, afastando seus cachos para trás e aproximando o ouvido da sua boca.

Ela não respirava.

Ele a virou para o lado e bateu em suas costas. Água salgada escorreu dos seus lábios e do nariz, se derramando na praia.

Então as pessoas chegaram. Homens das docas, mulheres da rua da praia. Elas se aglomeraram ao redor, sussurrando sobre a garota. Nunca tinham coisas boas a dizer sobre ela, mesmo nesse estado.

O garoto disse aos homens que havia mais uma. Apontou para o banco de areia e para as ondas desertas. Gritou ordens de resgate. Eles obedeceram. Por causa do nome do garoto.

O garoto soprou ar para dentro dos pulmões da garota e bateu em suas costas de novo, tirando o cabelo do caminho para criar mais impacto. Mais água foi expelida, dessa vez em um jorro forte, junto com um arquejo gutural.

Os olhos dela piscaram e se abriram, escuros e cansados.

— Nik?

— Sim! Evie, sim!

Sorrindo brevemente, ele a abraçou com força, mesmo que fosse inapropriado, afinal, ela estava só de combinação, e ele era um príncipe. Mas ele não se importava, porque ela estava viva. Evie estava viva.

— Anna? — perguntou ela.

Eles olharam para o mar.



8

Havnestad vibra de energia.

A combinação da clareza do verão e a emoção do festival de Urda criaram o tipo de força que normalmente é presenciada na iminência de uma tempestade. Ela me tirou da cama cedo, me trazendo uma sensação de leveza e liberdade depois de uma noite tão escura.

Conforme vou até o porto, com a ametista no bolso, vejo a carruagem de Nik passando. Aceno, mas não sei se ele me viu. Com certeza está a caminho do vale para visitar os fazendeiros no lugar do pai, uma tradição do Lithasblot. Nós agradecemos a Urda, mas também àqueles que trabalham em nossos campos.

Os barcos no porto estão vazios, mas passo a mão fechada por um dos seus cascos, enfeitiçando-os mesmo sabendo que não vão a lugar nenhum hoje ou amanhã. Em uma manhã tão gloriosa quanto essa, não é difícil conjurar as palavras para Urda, por mais que eu não consiga evitar me lembrar do discurso de Nik. *Nenhuma magia pode enganá-la. Nenhuma palavra pode pressioná-la. Nenhum desejo pode influenciá-la.* Será que meu feitiço é uma enganação? Sou subitamente tomada pelo pânico. Meu coração acelera e meus pés ficam pesados como chumbo. O cais começa a rodar diante dos meus olhos. Será essa a minha punição? Fecho os olhos para recuperar o equilíbrio. Estou sendo boba. Minha magia não é feita para enganar. Minhas palavras são feitas para honrar Urda, honrar seu mar.

Trazer vida. Ela com certeza sabe disso. Meu batimento começa a desacelerar, e eu saio do cais. Preciso me distrair.

Nik não deve voltar das fazendas até o meio da tarde, e por mais que eu saiba que as ruas em breve estarão vivas com visitantes do festival, a festa de verdade não vai começar até a hora do jantar, quando Nik julgará os gados. Por isso, desço pelo Centro do Comércio e arranjo um café da manhã tardio, penduro na conta do meu pai — morangos gordos, meia fatia de um samsø fedido, uma jarra de arenque em conserva que chamamos de slid e um pão de centeio com uma casca tão dura que poderia se passar por uma pedra marítima —, e volto à enseada de Havnestad.

Está silencioso ali, com apenas alguns casais passeando ao longo das rochas, sem me notar. Tiro os sapatos e as meias, deixo-os no mesmo lugar do dia anterior e pulo pelas pedras menores até chegar à maior, que faz jus ao nome, Pedra do Piquenique. O sol forte e a maré calma deixaram a rocha quase totalmente seca, então deito de costas, com o rosto para o céu, e fecho os olhos.

Por mais que eu não queira, minha mente vaga para Iker. Ele ainda não voltou. Já estou ansiosa, e o mesmo pânico retorna depressa.

E se algo deu errado?

E se a chaminé de vapor explodiu?

E se a baleia se chocou contra o casco do navio no momento da captura?

A culpa é minha?

Sei que estou sendo ridícula, mas o pior é que nunca saberíamos. Mas uma vez, estamos todos aqui, com os olhos voltados para dentro, e não para o mar.

O pensamento faz minha mente entrar em uma espiral que leva ao meu pai, então, de repente, uma sombra surge por trás dos meus olhos, uma nuvem de passagem escondendo o sol. Como se o clima também se preocupasse...

— Com licença, senhorita?

Aquela voz.

Abro os olhos de repente, procurando pelo rosto de uma amiga que sei, no fundo do coração, que já partiu há muito tempo.

Mas ali, perto de mim, está a garota.

A garota da escotilha.

A que salvou Nik.

No entanto, isso também não pode estar certo. Estou realmente perdendo a cabeça hoje.

Sento-me e pisco depressa sob o sol, mas a garota continua ali. Ela se afasta, balançando o longo cabelo loiro.

Seu rosto é como a melodia em sua voz, também lembra muito Anna, porém é mais maduro. As sardas espalhadas pelo nariz são familiares. Ela usa um vestido de festa melhor do que todos os meus juntos, e seus sapatos de couro novo brilham.

Sapatos. Pés. Nada de barbatana; ela não pode ser o que eu vi. Sinto o estômago afundar, mas não sei por quê.

— Isso é um tanto constrangedor, mas...

Os olhos da garota vão parar no morango na minha mão.

— Eu não como há mais de um dia — diz.

Estou tão atordoada que simplesmente lhe entrego o morango. Ela é pega de surpresa, e quase o deixa cair antes de dar uma mordida. Empurro toda a minha refeição para ela.

Anna amava queijo e fruta.

— Ah, não, não precisa, eu...

— Eu insisto — digo, e fico surpresa ao ouvir a frase, porque há tantas outras palavras na minha língua.

Tantas perguntas. Mas sinto quase pavor ao pensar em fazê-las, porque sei qual palavra vai escapar: *Anna*.

A garota come, e penso no que dizer em seguida.

Você salvou Nik?

Você era uma sereia?

Você é Anna?

Não se lembra de mim?

Todas as perguntas me fariam fugir no lugar dela. Então, enquanto ela mastiga um pedaço de pão de centeio, abro uma jarra de slid.

— Está se sentindo melhor? — pergunto.

— Sim, muito. Obrigada. Me desculpe mesmo. Já acabei.

Balanço a cabeça e estendo o pote aberto, com o pequeno arenque boiando na salmoura.

— Coma, por favor.

Ela vê o peixe e se encolhe, balançando as mãos na frente do rosto. Tiro um arenque e como, arrancando a espinha pela cauda antes de

descartá-la na enseada. Ela me olha como se eu tivesse acabado de arrancar sua orelha com uma mordida.

Eu fazia a mesma coisa com Anna. Ela também não gostava de slid. Sorrio, mas, por dentro, a tristeza me sufoca. Preciso parar de procurar pelos mortos entre os vivos.

— Tem certeza de que ainda não está com fome? Tem mais queijo.

— Tenho. Vou ficar bem.

Um soluço abafa a palavra *bem*. Sua testa se franze, e a pele ao redor dos olhos fica vermelha; não há lágrimas, mas ela está com cara de choro.

Coloco a mão no ombro dela depressa para consolá-la. Quando recupera o fôlego, volta a falar, quase sussurrando. Não parece se importar com o meu toque.

— Eu fugi de casa.

— Ah, Anna...

Ela me encara na mesma hora.

— Annemette. Como você...

— Eu não sabia... Eu só... Você me lembra de uma antiga conhecida.

Ela tosse uma risada misturada com soluço.

— Bem que eu queria ser essa garota.

— Não queria, não — respondo depressa enquanto ela... Annemette... enxuga o nariz.

— O pai dela era um mentiroso? Contava histórias sobre onde esteve e o que fez, vendendo nosso gado e não trazendo uma moeda para casa?

Balanço a cabeça por não saber o que dizer.

— Tive que vender metade dos nossos pertences de valor para pagar sua dívida e colocar comida na mesa. Não aguentava mais. Vim correndo por Lille Bjerg há um dia.

Havia algo estranho em suas palavras. Pareciam forçadas. Não consigo evitar; fico olhando para ela. Já vi milhares de rostos desde que Anna não conseguiu emergir da água, mas nunca nenhum tão parecido. Nunca ouvi uma voz com o mesmo timbre. Se não a tivesse tocado, se essa garota não fosse claramente feita de carne e osso, eu pensaria estar vendo um fantasma.

Ela esfrega o rosto, as unhas limpas e cortadas. Abre os olhos e pega minhas mãos.

— Sou uma idiota. Aqui estou eu, invadindo seu café da manhã, roubando sua comida, jogando meus problemas no seu colo, e sequer

perguntei seu nome.

— É Evie.

— Evie — repete ela, experimentando a pronúncia do nome. — Britânico?

— Evelyn, sim. Minha mãe se apaixonou pelo nome em Brighton.

— Dá para ver por quê.

Annemette sorri, seus dentes limpos e alinhados como os de uma princesa ou uma leiteira.

Volto a dizer para mim mesma que ela não é Anna. Não é nem mesmo a garota da escotilha, ou da praia, ou de qualquer lugar. Ela é uma fazendeira do outro lado do desfiladeiro. Sinto as bochechas esquentarem. Annemette aperta minhas mãos.

— Obrigada pela sua generosidade, Evie... É um dom. De verdade.

Seus olhos voltam a ficar vermelhos, e seus lábios tremem.

— Duvido que voltarei a ter essa sorte — diz ela.

Não sei o que fazer diante dessa franqueza. Um sentimento estranho cresce no meu estômago.

— Você realmente não tem nada e nenhum lugar para ir?

Annemette gesticula para o próprio corpo.

— Só minhas roupas e meu orgulho.

Não consigo explicar essa garota, ou meus sentimentos, ou por que preciso acreditar nela, mas acredito. E quero ajudar.

— Venha comigo.



9

A casinha que o meu pai construiu não fica tão longe da enseada de Havnestad; o chalé encontra-se praticamente à beira-mar, ao final da rua da praia, à sombra do castelo Øldenburg. De costas para uma faixa de árvores que o protege de um penhasco rochoso que se estende sobre o mar.

— É tão exótico — comenta Annemette.

— É o meu lar — respondo, abrindo a porta da frente.

Faz muito tempo que não apresento ninguém ao nosso minúsculo chalé. Quando eu era pequena, abrigávamos crianças com frequência enquanto seus pais estavam no mar. Mas isso acabou logo depois que minha mãe morreu.

Tante Hansa está mexendo alguma coisa no fogo; pelo cheiro, provavelmente o ensopado de presunto com ervilha que ela leva todos os anos para o Lithasblot e coloca ao lado do porco assado que é servido no segundo dia do festival. Porque "porco nunca é demais nessa cidade lotada de peixe". Hansa está de costas, e sinto necessidade de anunciar que temos companhia; nunca é seguro para uma bruxa ser pega de surpresa.

— *Tante* Hansa, gostaria que conhecesse minha nova amiga.

Hansa limpa as mãos, e sei, pela posição dos seus ombros, que estava mexendo a sopa sem colher. Feitiços domésticos não são espetaculares, mas são seus favoritos, porque ela nunca tinha planejado ter uma família, e eu e meu pai damos mais trabalho do que ela gostaria de admitir.

Quando se vira, está sorrindo, com os olhos azul-claros brilhando de prazer por me pegar fazendo algo remotamente incomum. Hansa é quase

duas décadas mais velha do que minha mãe; entre as duas houve irmãos que perderam a vida para os humores do mar cedo demais. Ela é tão velha quanto sugere o luto de enterrar todos os seus irmãos. Mas nunca soube de nada que ela não pudesse fazer.

O que significa que sua reação ao ver Annemette é a mesma que a minha. Só que ela de fato fala o que está pensando.

— Ora, Anna, voltou das profundezas, é?

Annemette abre a boca como se tivesse perdido a língua, e também toda a atitude jovial.

— *Annemette*, *tante* — digo. — Ela é do vale. Uma fazendeira.

Hansa dá um passo à frente e ergue a sobrancelha; o que é um feito se levarmos em consideração seu penteado tão repuxado que parece prender a circulação.

— É mesmo? — retruca Hansa, olhando-a de cima a baixo. — Essas mãos nunca viram um dia de trabalho pesado. Esse rosto claro nunca viu o sol. E esse vestido vale mais do que a melhor vaca do vale.

Ela avança e segura a mão macia de Annemette.

— Quem é você de verdade?

— *Tante*, por favor, deixa-a em paz, ela teve uma viagem difícil...

— Shh. Você só vê o que quer.

Tante se volta para Annemette, encarando a garota como se pudesse fazê-la ceder com tanta facilidade quanto controlava a sopa.

— Então, pergunto mais uma vez... Quem é você de verdade?

Os olhos de Annemette voltam a ficar com as bordas vermelhas, mas ela não chora. Na verdade, eles parecem carregar certa provocação. Como se aceitassem o desafio de Hansa. Mas, quando ela abre a boca, é para falar a última coisa que eu esperava escutar.

— Sua sopa está fervendo.

Mas a sopa está mais do que fervendo. O líquido verde feito ervilha chia, se revirando em ondas violentas e sobrenaturais acima da borda da panela de ferro.

— Rá! — exclama Hansa. — Conheço seu tipo.

Fico embasbacada. *Seu tipo?* Annemette é uma bruxa?

Eu a encaro.

Outra bruxa. Da minha idade. Ao meu lado.

Entre todas as coisas que não consigo acredito sobre Annemette, essa é a mais imensurável.

Algo parece se abrir no meu peito enquanto o segredo de família que viemos guardando com tanto cuidado voa e se mistura ao cheiro da sopa. Encaro esse rosto tão familiar e ao mesmo tempo tão estranho e sinto a mente girar. Anna não era uma bruxa, mas Annemette com certeza é.

A garota assente, e o líquido volta a ferver suavemente.

Minha tia segura as mãos de Annemette com os dedos manchados pela idade, mas, dessa vez, seus olhos exibem um brilho divertido, sem um pingo de desconfiança.

— Evie, minha criança, você realmente fez uma amiga muito interessante.

Leva um longo tempo até que *tante* Hansa nos deixe escapar, depois de questionar Annemette minuciosamente sobre sua família. Por incrível que pareça, ambas alegamos vir da linhagem da cidade de Ribe e da bruxa mais famosa da Dinamarca, Maren Spliid. Amarrada a uma escada e jogada em uma fogueira pelo rei Christian IV há 220 anos, ela se tornou tanto uma lenda quanto uma lição. Seu talento era inspirador, mas, no fim das contas, sua audácia foi sua ruína. A morte dela e de tantas outras sob a ordem do rei caçador de bruxas espalhou as bruxas da Dinamarca feito cinzas ao vento. E nunca mais nos recuperamos; nossos covens foram fragmentados, e nossa magia, restrita à família e nunca compartilhada.

Levando em conta a época e a distância, era de se imaginar que existisse mais de uma família mágica em Havnestad descendente de Ribe e Maren, mas não consigo acreditar mesmo assim. Estivemos sozinhas por tanto tempo.

Quando Hansa finalmente se contenta com a árvore genealógica de Annemette, eu e minha mais nova amiga saímos de casa. Adentramos a floresta atrás do chalé, onde ficamos escondidas por todos os ângulos, inclusive do castelo Øldenburg e suas amplas vistas, e começamos a seguir na direção do mar.

O solo é coberto de raízes retorcidas e galhos, um perigo para qualquer um que não olhe por onde anda. Mas conheço esse caminho íngreme melhor do que ninguém, e aproveito o momento para olhar de relance para

Annemette mais uma vez. Sua família pode ser de outro lugar, mas seu rosto ainda pertence a este local.

Anna não tinha nenhuma magia no sangue, pelo menos até onde eu sei. Seu pai, sua mãe e seus avós eram "comuns", e a amavam mais do que ao sol. Os pais partiram logo depois do funeral de Anna. Juntaram tudo a que tinham direito e se mudaram para Jutland; a milhas e milhas deste lugar e da filha perdida. A avó continua aqui, mas o luto a tornou senil, sua mente não aguentou o peso da perda da família. Eu a vejo na confeitaria às vezes, onde ela chama todo mundo de Anna. Até a mim.

— O que foi? — pergunta Annemette ao me flagrar espiando enquanto passamos por entre árvores gêmeas cobertas de seiva.

Não posso dizer o que estou pensando, mas tenho perguntas.

— É só que... Como você sabia que éramos bruxas? Se estivesse enganada, poderíamos denunciá-la. Você poderia ser banida.

Ela se abaixa para desviar de um galho.

— Eu só senti.

Assim como *tante* Hansa.

— Eu não devo ser uma bruxa muito boa — afirmo. — Não soube dizer. Agora meu sangue não para de cantar, mas há uma hora? Nada.

Existe muito que meus instintos desconhecem sobre a magia.

— Tenho certeza de que você é uma ótima bruxa, Evie.

É gentil da parte dela, acho, mas não necessariamente verdadeiro. *Tante* Hansa só me ensina os feitiços mais mundanos. Eu leio seus livros e os livros da minha mãe, e sei que existe muito além. Com poucas palavras e força de vontade, Annemette trouxe todas as possibilidades à tona.

— Como você fez aquilo? Digo, a sopa.

Annemette apenas dá de ombros e segura o tronco de uma árvore, se balançando ao redor como uma fita presa em um poste.

— Foi só um feitiço de animação — responde ela, como se impressionar *tante* Hansa não significasse nada.

Sua tranquilidade, seu conforto e sua compreensão sobre a própria magia faz meu sangue pinicar de inveja. Aquilo representa tanto do que eu quero. Precisei de meses de estudo e prática para criar o feitiço que combate a Tørhed, e, mesmo assim, não tenho certeza de que realmente funciona. Minha evidência é apenas baseada em anedotas, e *fru* Seraphine já me

ensinou que não se deve usar anedotas como uma verdadeira medida de sucesso.

Em poucos passos, chegamos à faixa de praia rochosa escondida da enseada de Havnestad, meu atalho particular para a lagoa de Greta. Tento acalmar o coração, que bate muito alto, mas nunca fui à lagoa de dia e estou nervosa. Dou uma espiada na praia. Está deserta até onde posso ver, com todo mundo se preparando para as festividades da noite.

— Cuidado — alerto quando chegamos ao fim da praia e às duas grandes rochas. — A água é funda aqui.

Tiro as meias e os sapatos e atravesso o trecho submerso. Quando chego à areia, me viro, mas ela continua parada ao lado das rochas.

— Aqui — digo, caminhando de volta pela água e estendendo a mão. — Segure a minha mão. Eu te ajudo.

Ela avança com passos inseguros e agarra minha mão com força. Dou um sorriso.

— Vamos. Está tudo bem — insisto.

Quando chegamos ao local certo, empurro os pedregulhos que cobrem a entrada e guio Annemette para dentro. Mesmo que seja dia, a caverna está mergulhada na escuridão. Acendo uma vela. Diversas ferramentas mundanas estão penduradas na parede, e, no chão, ostras suam em um balde; meu último fracasso. Em um degrau da rocha estão minhas infusões, garrafas cheias de tinta de polvo e lula, veneno de água-viva e cascas de siri em pó.

— Você construiu um covil.

Dou uma risada.

— Oficina secreta talvez seja um termo mais correto.

— Ah, não, isso é um covil.

As mãos de Annemette avançam imediatamente para o degrau na pedra. Ela segura todas as garrafas contra a luz, admirando o barulho e o movimento dos conteúdos.

Depois cutuca o balde de ostras com o pé.

— E quais são seus planos para essas criaturinhas?

Annemette pega uma delas, segurando-a como se fosse um filhote de passarinho e não uma fonte de eterna frustração para mim.

— Estão vazias, mas tinha esperança de enfeitiçá-las para produzirem pérolas e triturá-las para...

Annemette me interrompe com um gesto. Murmura alguma coisa que não entendo, encarando a ostra na palma da mão.

Em instantes, a ostra assume um tom rosado tão vibrante quanto o pôr do sol e se abre. Dentro dela vejo a pérola mais linda, perfeitamente redonda e com um brilho opalescente.

— Que linda — digo, apesar de a palavra não fazer justiça.

É algo de outro mundo, fora do normal. Quero tocá-la, mas ao mesmo tempo tenho medo. Parece... viva.

O sorriso de Annemette assume um ar malicioso.

— Linda demais para ser triturada, imagino.

Com um simples comando em nórdico antigo, *Fljóta*, ela faz a pérola flutuar sobre sua mão. Então, sem nenhuma palavra, assume o controle de algumas linhas — reaproveitadas e, portanto, desenroladas — dos pregos na parede. Em seguida, cobre a linha e a pérola com ambas as mãos, escondendo de mim a mágica que está claramente produzindo na cabeça, os olhos focados no trabalho. Segundos depois, ela separa as mãos e revela um perfeito colar de pérola.

— Vire-se e levante o cabelo.

Quando obedeço, ela passa o colar ao redor do meu pescoço e o prende, posicionando a pérola bem no começo do meu pescoço. Não tenho nenhuma joia de verdade, nunca nem mesmo experimentei uma joia, exceto pela aliança da minha mãe, que meu pai guarda em um pequeno baú com cartas, desenhos e outras recordações da vida deles.

Toco a pérola e ergo o olhar, mas Annemette está ocupada com outra ostra e mais um pedaço de linha. Depois de alguns instantes, ela amarra outro colar de pérola no próprio pescoço.

— Agora estamos combinando.

Minha garganta aperta. Lembro-me de Anna dizer essas mesmas palavras quando fizemos colares com as contas de madeira que o alfaiate estava distribuindo. Eram rústicos e infantis, mas especiais. Prometemos nunca tirá-los, mas não aguentei mais olhar para o meu depois que ela se foi. Está guardando em uma caixinha debaixo da minha cama.

Forço um sorriso para Annemette. Minha pérola descansa tranquilamente no pescoço, pulsando com vigor. É uma sensação curiosa e não totalmente prazerosa, e me pergunto se ela vai continuar assim para sempre. Pode ser estranho, mas me pego torcendo para que sim.

— Você pode me ensinar? — pergunto, sentindo as palavras se derramarem dos meus lábios.

— O que há para ensinar? Você é uma bruxa, não é?

— Eu... *Tante* Hansa não me ensinou nada desse tipo. Tudo que conheço é como uma receita de queijo: falhe em um passo e tudo vira coalho.

Annemette torce o nariz.

— Não deveria ser tão difícil — diz, pegando uma ostra. — Aqui. Tente. *Fljóta*.

Ela vê minha expressão relutante e inclina a cabeça.

— É só um comando. Diga-o com confiança e a magia vai fazer o resto do trabalho.

Com hesitação, pego a ostra. Está tão cinza e vazia quanto sempre, e fedida também, com um toque podre.

— *Fljóta*.

A ostra sacode em meus dedos, mas não levita. Não parece ser o mesmo tipo de conexão que sinto quando enfeitiço o barco de meu pai. Tem alguma coisa faltando.

— Você domina a magia, Evie. É sua. Pegue-a.

Há um tom na sua voz que soa como um solavanco; como se me empurrasse do píer para a água.

Estufo o peito e olho a coisinha frustrante e apodrecida. Sinto o sangue de minha mãe dentro de mim. O sangue de Maren Spliid. O sangue *stregha* escondido sob a fachada "comum" do meu pai. Sinto o espírito de Urda do lado de fora, do lado de dentro, ao meu redor, criando a energia natural da qual nos alimentamos. Misturo esses sentimentos com todos os desejos que existem em mim; o desejo de ter o tipo de poder que poderia ter salvado Anna e minha mãe. O tipo que pode acabar de vez com a Tørhed, não apenas mascará-la com um feitiço diário. O tipo de poder que Annemette parece ter.

— *Fljóta* — ordeno com toda essa vontade.

Com a ferida que vive no meu âmago desde o dia em que perdi Anna. O dia em que quase perdi Nik também. Quando eu queria mais do que tudo usar minha magia para consertar as coisas.

A ostra flutua.

— *Líf* — sussurra Annemette.

Eu devo lhe dar vida.

— *Líf* — comando.

A ostra começa a mudar de cor, o tom cinza da concha esquentando para rosa, depois assumindo o tom queimado de laranja do alvorecer.

A ostra fica quente. Tão quente quanto seu novo tom vívido. Seu calor se espalha pela palma da minha mão.

Em um momento, a ostra se abre, revelando a mais perfeita pérola no centro.

É linda. Mais uma vez quase linda demais para ser triturada e usada no emplasto que eu planejava fazer, mas há tanta magia que quero fazer com ela agora.

Annemette ri.

— E é assim, minha amiga, que você domina a magia.

Mesmo que o feitiço tenha terminado, ainda sinto magia pulsando pelas minhas veias, um fogo azul tão quente que parece frio. É diferente de tudo que já senti. Não quero que passe, mas sei que também é perigoso sorver desse sentimento por muito tempo.

Coloco a pérola na mesa, que uso para minhas invenções, talhada de um tronco que encontrei na praia. Está repleta de garrafas e frascos, mas libero um pouco de espaço e seguro a pérola entre os dedos. Ao contrário da feita por Annemette, a minha continua morna, não de um calor congelante. Imagino que a magia responda diferente a nós duas... Não sei. Mas quero entender.

É hora de realmente abraçar quem eu sou. *Tante* Hansa me manteve alheia a tudo isso por tempo demais. Minha mãe já era uma curandeira respeitada na minha idade.

— Annemette, você pode ficar e me ensinar?

— Não — responde ela, depressa, com a boca tensa mas trêmula.

Ela se vira e apoia os braços na entrada da caverna, observando a maré entrar e sair.

Não entendo. Por que Annemette está tão chateada? Por que precisa ir embora de repente?

— *Pode*, sim — insisto. — Você está a salvo do seu pai aqui, e nós temos bastante espaço. Você vai ficar com a gente. Com uma família que se importa e *entende* você. Não precisa fugir para encontrar isso. Para ser você mesma.

Annemette me encara com um olhar que conheço e, com toda a força de um feitiço viking, ela repete:

— Não posso.

Ela se abaixa e passa as mãos pela areia, deixando-a cair por entre os dedos.

— Não posso ficar aqui.

É ela. Não posso mais negar. Ela também não está tentando negar. O olhar que me lançou foi o mesmo que vi na praia. Aquele que eu vi no rosto da garota debruçada sobre Nik. Antes de mergulhar e desaparecer, com apenas uma barbatana despontando das ondas.

— Você não pode ficar — digo.

Ela assente com um olhar nervoso.

— Você não é uma bruxa, é?

Ela faz que não.

— Você é uma sereia.



— Como ele está? O garoto?

Annemette engole em seco e se aproxima de mim.

Dou um passo para trás por instinto, esbarrando na mesa e derrubando um frasco de tinta de polvo com tampa de cortiça. Não sei ao certo se são as superstições de *tante* Hansa que me mandam correr ou o fato de Annemette ser claramente mais poderosa do que qualquer lenda folclórica já descreveu. Pego o frasco antes que ele role e se espatife no chão. A pérola no meu pescoço lateja. Quero ir embora, mas ela tem uma expressão sofrida, e agora consigo entender que vem se controlando para não fazer essa pergunta desde que chegou.

Eu me dou conta de que ela não está aqui por mim ou pela minha magia. Está aqui por Nik.

Em meu silêncio aturdido, Annemette continua:

— Ele está bem? Estava respirando quando o levei para a areia, mas não tive tempo de... Você chegou, e depois aquele homem, e precisei ir embora. Preciso que ele esteja vivo, Evie. Por favor, diga alguma coisa!

— Ele está bem. Você o salvou.

Sinto a garganta apertar e meus olhos arderem com as lágrimas. Se não fosse por Annemette, eu estaria de roupas de luto.

— Ele está cem por cento saudável. Forte. Provavelmente ordenhando uma cabra neste exato momento!

Annemette praticamente se joga nos meus braços.

— Ah, que bom! Quando ele caiu no mar, eu o peguei, mas a maré e a tempestade estavam tão fortes que...

— Pare. É melhor eu não saber. É melhor você não falar mais nada. É perigoso demais para mim que...

— Mas você não é mais bem-vinda aqui do que eu — argumenta ela, se levantando. — Sua magia é tão proibida quanto a minha.

Quando meus olhos encontram os dela, límpidos e severos, percebo que fizemos uma troca. Uma troca perigosa.

Eu sei o segredo dela, e ela sabe o meu. Quebrar essa confiança resultaria no fim de nós duas. Deslizo o frasco de tinta que vinha segurando para o bolso do vestido.

Só vamos sobreviver aos nossos segredos juntas.

— Prometo não dizer nada — falei a ela, com uma pontada de arrependimento na voz.

— Obrigada. Meus lábios estão selados também.

Ela entrelaça um dos dedos finos no cabelo loiro, torcendo uma longa mecha ondulada até virar um cacho.

— Qual é o nome dele? Do garoto?

— Nik. O nome dele é Nik. Ele é meu melhor amigo. Fico tão feliz por você estar lá naquele momento. Quando vi a onda era tarde demais, ele já tinha caído.

Pela primeira vez, depois de salvar Nik tantas e tantas vezes, mesmo que apenas na pista de dança, eu me dou conta de que não poderia ter feito nada naquela noite. Que ele teria me salvado do mar, mas eu teria fracassado em fazer o mesmo. Meu sorriso vacila, e baixo o olhar para as ostras cinzentas aos nossos pés.

— Queria poder compensar você com mais do que umas migalhas de comida e um colar de pérola.

Annemette enrosca um dedo no meu. É estranho e íntimo demais, mas não quero afastá-la.

— Não fiz nada de especial. Sereias não são os monstros que vocês, humanos, pensam. Eu não podia simplesmente deixar que ele se afogasse.

Afogar. Como acontecera com Anna. Como eu achava que acontecera com Anna.

Neste momento, Annemette está tão bonita. Tão inocente. Ela olha nos meus olhos.

— Você gostaria de conhecê-lo? — pergunto.

— Por favor.

Saímos do meu "covil" e voltamos pelas pedras, com Annemette ainda nervosa em um primeiro momento. Tão estranho e triste ver uma sereia com medo do mar. Ao me afastar, paro na água por um instante — quero dar uma última olhada na caverna para me certificar de que tudo está escondido —, então sinto. Entre meu tornozelo e a rocha, flutuam três peixinhos mortos, certamente jogados do mar contra as pedras por uma onda selvagem. Balanço a cabeça, lembrando a última vez em que peixinhos desse tipo boiaram aos meus pés, mas não posso pensar nesse dia. Não agora.

Na areia, Annemette e eu nos secamos e calçamos nossos sapatos. Então voltamos pela trilha que atravessa a floresta. Quando as árvores abrem espaço entre si o suficiente para andarmos lado a lado, sinto que finalmente posso perguntar mais.

— Então, você sempre foi uma sereia?

Annemette me lança um olhar.

— Você sempre foi uma garota?

— Sim — respondo. — Mas você não é mais uma sereia. Ou, pelo menos, não vejo nenhuma barbatana. Talvez você não fosse sereia desde o começo.

Ela ri, e quase me retraio, porque é a mesma risada de Anna. Nossos cotovelos esbarram enquanto eu me controlo, desejando simplesmente perguntar o que quero saber.

— Desculpe desapontá-la — diz ela. — Nasci sereia, mas espero não ser para sempre.

Ela faz uma dança graciosa e para em uma pose de balé.

Paro de andar. Franzo as sobrancelhas. A coragem cresce.

— Mas é possível que uma pessoa se afogue e vire sereia?

Ela faz que não, e tento de novo.

— Por quanto tempo você consegue ficar assim?

Annemette olha para baixo por um momento, então me encara.

— Alguns minutos — responde ela, sustentando a pose com uma perna bem erguida para trás.

— Não, quanto tempo você consegue permanecer *humana*?

Ela desvia o olhar ao ouvir a palavra. Volta para a posição normal e se alonga.

— Não muito — afirma, depois de uma pausa. — Pelo menos não do jeito que estou. Mas depende.

— Depende do quê?

— Prometo contar a você — responde ela, apesar de eu perceber, por sua hesitação, que não confia totalmente em mim.

Seu rosto fica pálido e quase parece assustado; até perdido.

— Eu só preciso ver Nik antes, ou nada vai ter importado — conclui ela.

A pequena pérola volta a pulsar no meu pescoço; *líf*. A magia dela é forte, mas boa. Ela salvou a vida dele. O mínimo que posso fazer é apresentá-los. Olho de relance depressa para o sol, que desce para as montanhas.

— É melhor irmos. As festividades do Lithasblot vão começar em breve — comento. — É nosso festival da colheita. Vem gente de todo canto. Já ouviram falar da nossa celebração até em Copenhague, juro.

— Parece divertido — comenta Annemette. — E Nik vai estar lá?

Respondo que sim. Se ela tentar qualquer coisa, tenho a magia da minha mãe e de *tante* Hansa no sangue. Ela segura minha mão com força.

— Vamos.

Quando chegamos à praia onde vão acontecer as festividades da noite, os funcionários do palácio e alguns moradores ainda estão terminando os preparativos. Chegamos um pouco cedo. O palco do gado está sendo montado, e tem mais ou menos uma centena de pessoas vagando por ali, consertando itens de decoração, servindo comida e cuidando da fogueira, onde em breve um porco enorme será amarrado em um espeto.

— Não é Copenhague, mas é um reino, acho. Quando o sol se puser, a praia vai estar tão cheia que você mal vai conseguir ver um grão de areia.

— Também damos umas festas bem boas na areia de onde eu venho.

Dou uma risada.

— Tenho certeza de que sim.

De repente, Annemette se aproxima do fogo e estica as mãos. Esqueço que ela nunca viu fogo desse jeito.

— Opa, opa, jovem — diz Herre Olsen, o alfaiate, empurrando Annemette antes que eu consiga alcançá-la. — Se chegar mais perto vai assar junto com o porco.

— Obrigada — responde Annemette com uma reverência. — Desculpe.

— Quem está acompanhando você? — pergunta ele.

— Vim à visita para o festival com...

— Ela veio comigo — digo, afastando-a da careta do alfaiate. — Obrigada, Herre Olsen.

"Precisamos inventar uma história melhor para você", sussurro, guiando-a para o terreno do castelo.

O povo da cidade gosta de falar, especialmente sobre mim, mas o rei e a rainha vão precisar de alguma informação substancial para deixar o filho ser visto conversando com ela. Uma garota humilde sem nome de família não é boa o bastante; eu sei bem.

Decidimos lhe dar o título de filha de barão, o mesmo de Anna: *friherrinde*. Uma *friherrinde* que veio de longe — Odense — para ver nosso Lithasblot incomum. Sua acompanhante adoeceu, e *tante* Hansa está cuidando dela, enquanto fico de acompanhante e guia substituta. Sim. Vai funcionar. Outra mentira à lista. Suponho que haja certa verdade por trás das fofocas sussurradas pelo bairro de que espalho inverdades e o príncipe não deve confiar em mim. Mas falar a verdade para ganhar a aprovação deles não é um risco que estou disposta a correr.

— Quando vamos ver Nik? — pergunta Annemette, cansada de recitar sua história para mim.

— Não se preocupe.

Aponto para a monstruosidade de pedra gigante sobre a colina.

— Ele está esperando por mim lá em cima.

Annemette segue o meu dedo.

— Castelo Øldenburg — digo. — Quinhentos anos de idade e tão cheio de correntes de ar quanto um veleiro.

Levo-a para o jardim da rainha, repleto de tulipas de todas as cores. Annemette proclama cada flor como a coisa mais linda que já viu até passar para a próxima. E para a próxima.

— Adoro jardinagem — comenta.

Ela arqueja, boquiaberta, quando chegamos ao motivo de orgulho e felicidade da rainha: estátuas da família, mais altas do que cavalos, organizadas em um círculo entre as tulipas. Havia uma escultura em um mármore liso e já brilhoso de tão antigo do rei e da rainha no dia do casamento deles. E, ao lado, está a última versão de Nik: três metros e meio de altura, esculpido como estivesse pulando da proa de um grande navio.

— Esse é... *ele*?

Ela fica na ponta dos pés, e estica a mão, mas a ponta dos dedos não alcança nem mesmo a gola belamente desabotoada de Nik.

— Sim, sim, é ele.

— Ele parece diferente do que eu me lembro. Mais seco, acho — comenta ela, rindo.

Fomos até o degrau mais alto e ali, já esperando e observando o porto de Havnestad, encontramos Nik. Está de banho recém-tomado depois de sua viagem às fazendas, com a leve coroa que é forçado a usar em dias de festival enfiada no cabelo molhado. Sempre acho que ele fica ridículo todo chique, com aquele traje azul e dourado de Havnestad, mas a rainha Charlotte é dos fiordes do norte e muito tradicional. Ela insiste que, nos feriados importante do nórdico antigo, ele se vista igual ao retrato oficial.

— Evie, aí está você — diz ele, me vendo primeiro ao se virar da paisagem.

Quando ele vê Annemette, seus traços congelam. Todos exceto os lábios, que continuam a se mover com muita suavidade.

— E você trouxe uma amiga...

Eu sorrio e a levo até ele.

— Vossa Alteza Real, essa é *friherrinde* Annemette. Annemette, esse é o príncipe herdeiro Niklas.

Os olhos de Nik se iluminam ao encarar Annemette. A princípio, acho que ele a reconhece; que percebe na mesma hora que foi ela quem o salvou. Ou que enxerga nossa antiga amiga perdida, com a primeira metade do nome da garota ecoando nos ouvidos.

Mas fica quase imediatamente claro que ele está pensando em outra coisa, porque faz algo que nunca o vi fazer. Fica *muito* corado. Um calor sobe por suas bochechas com a força de Urda, tão intenso que ele precisa se voltar para mim antes de olhar para baixo.

Ele a acha bonita.

E ela é — é maravilhosa —, mas isso... É inédito.

Sinto vergonha em admitir a pontada de ciúme que se irradia pelo meu peito. Em geral, sou o único foco de atenção de Nik, e ele nunca me olhou *desse jeito*. Mas imagino que, se tivesse olhado, nós não seríamos amigos. Será que é assim que ele se sente quando estou com Iker? Argh, não quero pensar em Iker. Sorrio para ambos, parada constrangedoramente entre eles, desejando sair correndo, mas com medo do que pode acontecer se eu o fizer.

— Encantado — diz ele quando enfim recupera as palavras, com as maçãs do rosto ainda coradas. — Como você conhece Evie? Pensei que eu conhecesse todos os amigos dela.

Eu me intrometo para responder.

— A acompanhante dela ficou doente durante a viagem de Odense até aqui. *Tante* Hansa está cuidando dela. Annemette queria muitíssimo participar de um verdadeiro festival Lithasblot, então eu me tornei sua guia.

Toco o braço dela antes de completar:

— E conhecer o príncipe herdeiro é uma bela maneira de começar, não é, Annemette?

Ela sorri.

— Sim, com certeza.

A cor de Nik começa a normalizar, seus anos de treinamento chegando de cavalo branco para salvá-lo. Assim como seu humor.

— Bem, eu sou um belo espetáculo. Mais de 1,80 metro de altura e músculos firmes.

Ele ergue um dos braços magros e definidos e dá tapinhas no bíceps.

— Tenho um bando de seguidores que me acompanham feito patinhos, só para que eu abra potes de conserva com a tampa grudada.

Dou uma piscadela para Annemette.

— É verdade — confirmo —, não tenho mais ninguém para abrir meus potes.

Pronto, estou sendo uma boa amiga. Para ambos. Estou bem com essa situação. De verdade.

Annemette continua sorrindo, mas parece um pouco confusa. Ela sabe bastante sobre esse mundo, mas não o suficiente para distinguir um pote de conserva de um pote normal. Sorrio para Nik e faço o que posso para salvá-la.

— Então, algum pote na programação, príncipe herdeiro Niklas, ou podemos ir ver uns gados?

— Você realmente não precisa me chamar de príncipe herdeiro Niklas... Só Nik — diz ele, olhando para Annemette. — Evie só está brincando. Eu não ligo para títulos.

Ele toca a coroa e volta a ficar vermelho.

— Nem para coroas...

Annemette assente.

— Então, você liga para o quê?

— Música, basicamente.

— Eu amo cantar.

Engulo em seco ao ouvir isso, incapaz de enxergar qualquer coisa além da amiga que ela afirma não ser. A garota com voz de anjo, segundo qualquer um de Havnestad.

Mas, em vez de parecer triste, Nik volta a corar. Um sorriso tímido surge em seu rosto.

— Então eu devo usar meu poder principesco para pegar um instrumento emprestado mais tarde e acompanhá-la.

Sinto o estômago revirar. Que perfeito. Simplesmente perfeito.

Descemos os degraus até o jardim. Vejo-o abaixar por um momento e colher uma tulipa cor-de-rosa do final de uma fileira, onde a rainha não vai notar. Annemette se agacha para cheirar suas flores favoritas.

Dou um passo para longe e observo enquanto ele avança a passos largos até a silhueta abaixada da garota, com a flor escondida às costas. Quando ela se levanta e se vira, ele estende a tulipa cor-de-rosa e se curva em uma reverência suave e principesca.

Annemette abre um sorriso enorme e o encara.

— Jura? Posso ficar com ela?

— Qual é a graça em ser príncipe se não posso colher uma tulipa de meu próprio jardim?

— Ah, obrigada! É a minha preferida.

— Não há de quê, Annemette.

Ela pega a flor e leva ao nariz, inalando profundamente.

Quando abre os olhos, eu a encaro e sorrio.

— Para o festival, então?

11

Nik engole o que deve ser seu décimo spandauer, com a massa doce folhada grudando nos lábios. Conforme caminhamos pelo festival, ele é parado praticamente a cada esquina para provar os produtos oferecidos em todas as mesas. Não importa se é queijo velho e fedido, frutas vermelhas e pêssegos dos pomares dos vales, pães crocantes de centeio e cevada, iguarias de ervilha seca que tentam competir com a famosa sopa de Hansa, ou as mesas e mesas de sobremesas, Nik tem o dever de experimentar tudo. Ele garante aos vendedores que qualquer que seja a comida que acabou de enfiar goela abaixo é a melhor de Havnestad, talvez até de todos os reinos de Øresund.

— Me salve, Evie — murmura ele depois da última mordida.

Por que você não pede para ela? É o que quero dizer enquanto Annemette caminha ao meu lado, mas, em vez disso, eu lhe entrego o lenço de minha mãe.

— Dê mordidas pequenas e depois use isto.

Meu humor não melhorou muito, por mais que eu esteja me esforçando. O rosto de porcelana de Annemette assumiu um tom cinzento — a famosa culinária baseada em frutos do mar da nossa cidade está embrulhando o seu estômago —, e isso ajuda. Passamos por mesas que vendem carne bem preta de baleia e blubber rosa-claro, lagosta vermelhíssima e ainda quente do cozimento, caranguejo de carne macia, ovas de salmão salgadas e até fatias de enguia lentamente assada.

Na mesa seguinte, Annemette segura minha mão e se inclina para meu ouvido.

— Por que vocês matam toda a vida marinha quando existem outras opções tão vastas?

Dou de ombros.

— É nosso estilo de vida. Havnestad vive e morre por suas redes e arpões.

Imagino que eu devesse demonstrar compaixão, mas está quente e todas essas pausas azedaram ainda mais meu humor.

— Mas há tantas coisas para se comer na terra — argumenta ela com a sobrancelha franzida.

Ela se aproxima, sussurrando mais baixo enquanto Nik tenta se livrar de mais um especialista em culinária local.

— Meu pai sempre nos fala para ficar longe da superfície, nos assusta com lendas sobre nossos iguais sendo divididos ao meio por arpões, fala sobre os humanos como a fonte de devastação dos mares, sempre caçando e matando. Mas isso...

— As coisas são assim, Annemette — afirmo, com tanta delicadeza quanto usaria com uma criança.

De certa forma, é o que Annemette é, mesmo tendo a minha idade. O tempo que ela passou no meu mundo pode ser facilmente medido em horas.

— Estamos todos sobrevivendo da melhor maneira possível. Não queremos mal à vida marinha, ou ao porco, ou a qualquer outra coisa.

— Eu estava despreparada.

— Eu estava despreparada para conhecer uma sereia hoje — sussurro a menos de três centímetros da orelha dela. — Mas conheci.

Ela ri para a noite iminente. Nik olha para nós, e ergo a sobrancelha para ele e franzo os lábios. Ele sorri para Annemette, mas depois volta a me encarar, e sei que suspeita de que eu esteja falando bobagens de meninas para ela. E simplesmente deixo que ele pense assim.

Nik desvia da última investida, um prato empurrado em suas mãos: bacalhau frito pingando gordura fresca e emanando calor, ainda com a cabeça, seus olhos de contas encarando o nada.

— *Fru* Ulla insiste que esse é o melhor bacalhau de Havnestad... Possivelmente de toda a Dinamarca, segundo ela. Se está em busca de uma verdadeira experiência de Lithasblot, Annemette, deve começar por esse prato.

Empurro a comida para o peito dele, deixando-a seguramente fora do caminho.

— Ela não come peixe — digo.

Nik dá uma risada.

— Quem não come peixe? Nós somos dinamarqueses...

— Alergia — invento. — Se ela comer peixe, vai inchar como um daqueles balões franceses.

— É terrível — confirma Annemette, voltando à vida e inflando as bochechas.

A pergunta morre nos lábios de Nik. Sem hesitar, ele larga o prato nas mãos estendidas de um menininho gorducho, que sorri com os olhos arregalados e sai correndo até sua família.

— Então juro que será meu dever protegê-la da afinidade de Havnestad pela vida marinha.

Annemette olha de mim para Nik com um movimento veloz.

— Você é mesmo um valente príncipe herdeiro.

O fogo já tinha morrido havia muito e o maior touro da fazenda de Aleksander Jessen tinha sido coroado o vencedor desse ano, quando Nik, Annemette e eu nos sentamos à beira do cais real, olhos no oceano e música no ar.

Nik toca uma melodia simples na guitaren, e Annemette escolhe as letras, tiradas de antigas canções de marinheiros que aparentemente são tão conhecidas no fundo do mar quanto em terra firme. Essa é a versão deles de "Venham todos, corajosos marinheiros".

— *O rei confia em seus corajosos marinheiros, e devemos considerá-los nossos antigos companheiros; pelo pai, pela mãe, pelas irmãs, pelas esposas, estamos prontos para arriscar nossas vidas vistosas...*

Sento-me ao lado deles observando as ondas, apreciando, para minha surpresa, a natureza límpida da voz de Annemette. É tão linda quanto a de Anna, rica e aguda, com uma adorável inocência na base de cada nota.

— *Para garotas dinamarquesas de olhos tão azuis, faremos como o marinheiro conduz. Com a Dannebrog nos nossos mastros, flutuaremos pelo mundo sem deixar rastro...*

Eles estão tão próximos que a dobra da saia de Annemette toca a calça de Nik. Aparentemente nenhum dos dois se incomoda com isso; pelo contrário, tenho a impressão de que chegam mais perto conforme os minutos se passam. Estou do outro lado de Nik, e a cada canção, risada e fragmento de conversa, o cais de madeira crua entre nós parece aumentar.

Por mais que eu goste de Nik estar feliz e de Annemette aparentemente ter encontrado o que buscava, não consigo me livrar dessa nuvem cinzenta de autopiedade que me engole como neblina tomando o porto. Foi tão fácil para Annemette estabelecer essa conexão com Nik, e ninguém a julgou por isso. Os locais eram só sorrisos enquanto eles caminhavam de braços dados pela cidade, todos destacando a beleza dela e a harmonia dos dois juntos. Eu seguia ao lado. A acompanhante.

Neste momento, percebo que nunca vou encontrar o que eles têm se continuar em Havnestad. Mal falo com qualquer um fora da minha classe social, e há quem deseje me ver presa. Queria Iker aqui, mas uma coisa é óbvia: mesmo que ele esteja ao meu lado, nossa história nunca vai passar de uma fantasia infantil. Ele pode não se importar com a opinião dos outros quando está comigo, mas, na hora da verdade, vai se casar com uma moça de berço de ouro e pronto. E vou ficar sozinha de novo.

Se ao menos Anna estivesse aqui. A verdadeira Anna. Talvez as coisas fossem diferentes.

A canção chega ao fim, e Nik e Annemette se jogam um em cima do outro em uma crise de riso.

— Você tem uma voz belíssima, Mette — diz ele, usando um apelido que eu nem sabia que era do gosto dela.

Eu me pergunto quando foi que ela pediu que ele a chamasse assim. Ou talvez tenha sido ele que simplesmente inventou o apelido, sentindo uma familiaridade instantânea com ela que eu não tenho.

— Muito obrigada, Nik.

Ela se curva, em uma reverência sentada. Essa é nova.

— Precisamos repetir isso amanhã, Mette. Por favor, me diga que estará aqui amanhã.

— Sim, sim, claro que sim.

O rosto de Annemette irradia alegria ao luar.

— Excelente. Devo mandar uma carruagem ao seu quarto pela manhã? Onde você está hospedada?

— Comigo — respondo, com a mentira planejada. — A acompanhante dela está muito doente.

Nik franze a testa de preocupação ou, talvez, de desconfiança. Ele fica quieto por um momento, e desejo que fale alguma coisa.

— Mas então Mette vai adoecer — afirma ele, enfim, e eu solto o ar que não percebi estar segurando. — E você também, Evie. Vocês duas podem ficar no palácio. Eu insisto.

Ele se vira para mim com um sorriso, por mais que meu rosto, provavelmente, transpareça puro choque. Somos melhores amigos, mas o limite intransponível entre nós sempre foi o palácio. Eu nunca fiquei lá; a rainha Charlotte me mandou para casa até na noite em que ele quase se afogou.

— Vou mandar uma mensagem para Hansa e providenciar que suas malas sejam buscadas.

Não. Isso não vai dar certo. Porque então ele vai saber que Annemette não tem bagagem alguma; nada além das roupas do corpo.

— Não se preocupe, eu vou buscar as malas! — disparo. — Hansa está ocupada demais para empacotar as coisas de Annemette.

Nik assente; já conseguiu o que queria, as malas não passam de uma mera formalidade.

Annemette segura minhas mãos e me olha nos olhos.

— Obrigada — diz ela.

Sua voz traz uma sinceridade com uma pontada de desespero que não ouço desde que ela perguntou se Nik estava vivo.

Certo. Ela o salvara e viera aqui para vê-lo. Tinha suas razões.

Fico irritada comigo mesma por ter sido tão petulante e amarga a noite toda, mesmo que ninguém mais tenha notado. Porém, pelo menos, também atingi meu objetivo. Retribuí a boa ação de Annemette ao apresentá-la a Nik. E isso parece significar muito para ela. Para ambos. Mesmo assim, meu estômago se revira, o píer se mexendo como se eu estivesse à deriva depois do estreito, sozinha em alto-mar.

12

Não quero perguntas. Só quero chegar ao castelo antes que a rainha descubra o convite de Nik. Nossa mentira sobre a linhagem nobre de Annemette passou pelo escrutínio do príncipe apenas porque ele queria acreditar. Sua mãe, bem, eu não duvido que ela saiba o nome de todos os nobres desse lado da Prússia.

Entro no chalé tão rápido que parece que vou atravessar a janela dos fundos, passar voando pelas árvores e cair do penhasco, mas, no último momento, faço a curva ao final do corredor em direção ao meu quarto.

Minha grande chegada não passa despercebida por *tante* Hansa, por mais que ela certamente estivesse absorta em pensamentos enquanto destilava tinta de polvo à luz de velas.

— Isso foi uma tempestade ou a filha de minha irmã disparando casa adentro? — pergunta ela, aparecendo no corredor.

Eu a ignoro, fechando a porta antes de começar a revirar minhas gavetas em busca de todas as peças de vestuário apropriadas: espartilhos, roupas de baixo, meias, botas, vestidos. Também guardo o último livro de magia que roubei da biblioteca de Hansa: *Mitos marítimos*. Pode haver alguma coisa sobre sereias que valha a pena uma olhada.

Em um minuto, Hansa abre a porta. Ela imediatamente cruza os braços e franze as sobrancelhas.

— Você não vai conseguir contrabandear seu armário inteiro dentro dessa mala, querida.

— Quem disse que eu estava contrabandeando?

Tante Hansa dá um passo à frente, os lábios contraídos de aborrecimento.

— A calçola despontando na frente.

De fato, a borda de babados de uma calçola estava pendurada para fora do meu baú como a língua de um homem morto.

Hansa inclina um pouco a cabeça, com uma das sobrancelhas arqueada em um ângulo que parecia impossível.

— Vai me contar por que está correndo de um lado para o outro dessa casa com uma quantidade de roupa suficiente para passar uma semana no mar? Isso não teria alguma coisa a ver com sua nova amiga, teria?

Penso por um instante em contar a verdade. Se tem alguém que acreditaria que Annemette é uma sereia, esse alguém é *tante* Hansa. Mas não posso.

— E então, criança? Já criou a mentira perfeita nessa sua cabecinha bonita? Teve tempo suficiente.

— Não é mentira. Nik me chamou para ficar no castelo. Annemette também.

A frase rende uma das risadinhas idosas de Hansa.

— As responsabilidades durante o festival deixaram o menino tão agitado que ele precisa dormir com apoio moral no fim do corredor, é?

— Mais ou menos — respondo, por mais que saiba que minha *tante* não está caindo nesse papo.

A sobrancelha arqueia ainda mais.

— Tem certeza de que aquele mulherengo da baía de Rigeby não voltou com promessas nos lábios e uma noite de hospedagem no castelo?

Sinto as bochechas queimarem.

Nos meus sonhos.

— Iker ainda não chegou.

E não tenho certeza de que ele vá voltar algum dia, completo nos pensamentos, mas mantenho a expressão neutra apesar da pontada que sinto no peito.

— E Nik solicitou minha... nossa presença essa noite no lugar dele.

— Ah, ele *solicitou*, foi?

Tante Hansa me espia por cima do longo nariz como uma garça-azul-grande.

— Ficou tão principesco depois de um discurso engessado que passou a *solicitar* a presença da amiguinha?

— Você sabe que Nik não é assim. Além disso, *você* vai toda vez que é chamada... "Curandeira dos Reis", não é isso?

— Não tente virar o jogo contra mim, criança. *Eu* sei o que estou fazendo.

Ela ri de novo enquanto arrasto o baú com dificuldade. Annemette já deve estar quase terminando o grande tour. Se Nik foi dedurado por algum empregado do castelo, a rainha não vai para a cama antes de falar com ele.

— Já acabou? — pergunto, dando um passo na direção da porta que ela está bloqueando.

— Não, não acabei.

Ela cruza os braços por um momento, com um olhar severo, mas então se afasta da porta, deixando uma fresta para a minha fuga.

— Mas você é tão teimosa quanto a sua mãe, e se me enfrentar por tanto tempo quanto ela enfrentava, vou ficar nessa porta até o amanhecer.

Dou mais um passo e me inclino por cima do baú, plantando um beijo na pele fina de sua bochecha.

— Boa noite, *tante* Hansa.

Passo por ela e por suas tintas fedidas com passadas largas e saio pela porta. Mal atravessei o batente quando a ouço dizer:

— Não ceda a todas as solicitações do príncipe, minha querida. Homens estão sempre pedindo mais do que devem.

Mesmo que eu não esteja com meu pai em uma de suas entregas de peixe, parece muito estranho atravessar a entrada principal do castelo de Øldenburg. Algumas coisas simplesmente não são feitas para mim, uma pessoa do povo. Malvina Christensen e sua laia podem achar que não sei o meu lugar, mas eu sei. Fica cada dia mais evidente.

Estou caminhando pelo jardim de tulipas, arrastando o baú ao lado dos pés, quando escuto meu nome.

É quase meia-noite, mas a rainha Charlotte está tão régia quanto sempre, ainda com o traje formal do festival e com a coroa aninhada no cabelo perfeitamente arrumado. Avisto Nik se aproximando por trás.

— Evelyn — diz a rainha, com uma frieza difícil de ser ignorada. — Niklas me avisou que você nos faria companhia.

Ela lança um olhar para o filho, e sei que ele precisou brigar para que eu pudesse ficar.

— *Friherrinde* Annemette foi muito graciosa e sugeriu que vocês ficassem no mesmo quarto.

— Ela é de fato muito graciosa, assim como você por nos receber, Vossa Majestade — respondo.

A rainha assente como se eu tivesse passado no teste; sei como ela gosta de ser elogiada.

— O prazer é todo meu — diz ela, se afastando.

Mas então para e se vira.

— Por favor, mantenha-se nesta ala.

Sim, eu sei o meu lugar.

Quando a rainha vai embora, Nik corre para o meu lado.

— Me deixe ajudar.

— Pode deixar comigo — respondo.

Porém, bem nesse momento ele passa uma das mãos por cada alça e ergue o baú até o peito, com o mínimo de esforço possível.

— Você não deveria fazer isso. Ainda está se recuperando!

— Estou ótimo. É um treino para o carregamento de pedras; preciso defender meu título.

— Desde quando se importa tanto em vencer? — provoco. Assim não precisamos falar sobre a mãe dele.

— Descobri que um gostinho de vitória era tudo de que eu precisava para me importar.

— Ou a necessidade de impressionar uma garota. Falando nisso... Cadê ela?

Nik dá um passo na direção da porta, e eu corro na frente dele para abrir.

— Mette ficou muito encantada com o quarto; foi tão fofo que não quis atrapalhar. Além disso, minha mãe...

Ele para de falar quando um guarda se aproxima para ajudar com a bagagem, tirando o baú das mãos do príncipe. Nik segura a porta por cima da minha cabeça, me libertando do fardo. Por um momento, fico parada tentando ler seu rosto, porque não está tão claro e acessível quanto estou

acostumada. Suas emoções estão todas embaçadas, como a tinta mágica de Hansa rodopiando na superfície da água.

Nik olha para o guarda.

— Leve o baú dela para o Quarto Barroco, por favor, Oleg.

Oleg assente, e Nik me puxa de volta para os degraus do lado de fora. Ele se senta no mais alto, e eu o acompanho. Seu ombro se aninha ao meu, e sua voz sai baixa.

— Pelo visto, atingir a maioridade denota mais do que fazer discursos — diz ele, sem preâmbulos, encarando as mãos.

Meu coração começa a martelar, e coloco a mão no seu ombro.

— Nik...

— Minha mãe está satisfeita porque Annemette é a primeira das "garotas" dela a chegar.

Sinto a boca ficar seca. Eu deveria ter imaginado; assim como várias outras coisas nos últimos dias. Annemette deve ter passado pelo escrutínio da rainha sem precisar da minha ajuda.

— Ela solicitou que suas damas mandassem cartas para todas as casas importantes da Dinamarca, convidando suas princesas, *komtesses* e *friherrindes* para o Baile Lithasblot e só Urda sabe para o que mais. Agora que tenho 16 anos, devo começar a cortejar, mas minha mãe achou uma boa ideia trazer as garotas até mim.

— Ah, Nik... — digo, mas ele olha para mim, e sinto um nó na garganta.

— Ela usou a presença de Iker para atraí-las também...

É claro: o príncipe mauricinho, dois anos mais velho, com histórias de bravura sobre o mar. Aposto que todas as garotas com algum título de nobreza já embarcaram em um navio a vapor a esta altura.

— Dois príncipes pelo preço de um; estamos na promoção — diz ele. — Não é de se espantar que Iker ainda não tenha voltado.

Ele toma o cuidado de sorrir ao contar a piada, tentando proteger meus sentimentos. Mas não consigo sorrir para ele, nem um pouquinho. Desejo imensamente me transformar em pedra, assim como as estátuas do jardim de tulipas. Deve haver um feitiço para isso, não? Pelo menos assim eu não sentiria essa decepção decadente se erguendo dentro de mim. No fim das contas, saber a verdade nem sempre ajuda. Só torna tudo pior.

É engraçado, no entanto. Talvez *engraçado* não seja a melhor palavra, mas nós dois estamos encurralados. Eu serei para sempre a filha do pescador, presa em uma rede de sussurros e mentiras espalhadas por aqueles com medo demais para abrir os olhos e ver além do que está bem diante do rosto. E Nik... Ele ficará amarrado pelas tradições da realeza, forçado a um casamento sem amor com alguém que só tem interesse na coroa. Nik sempre estará à sombra do castelo. E nada que eu possa fazer vai salvá-lo disso.

Porém, se a rainha já acredita na história de Annemette, com certeza ela é melhor do que essas *komtesses* chegando em bandos às nossas praias. Ela de fato parece deixar Nik feliz. Sei que só se passou um dia, mas até eu tenho que admitir que nunca vi Nik sorrindo tanto quanto nesse tempo que passou com ela. Não é tudo, mas é um começo. E ela não está interessada na coroa dele. Disso eu sei. Ela se importa de verdade. Ela o *salvou*. Além do mais, talvez seja bom para todo mundo que finalmente haja um pouco de magia dentro do palácio, para quem sabe dar um fim aos alertas brutais e às queimas de bonecas da rainha Charlotte. Talvez, sendo uma amiga de confiança do príncipe herdeiro *e* da princesa, eu deixe de ser relegada à porta da cozinha. Minha família não precisaria viver em segredo. Se Annemette realmente faz Nik feliz, nós dois podemos ser livres. *Pare, Evie. Você está se empolgando demais.* Mas sinto um sorriso surgir nos lábios mesmo assim.

— Vamos entrar — digo para ele. — Vai ficar tudo bem. Annemette está esperando.



13

Acordo à luz azulada da manhã e me sento de repente. Pensei que uma noite na ala real, no colchão mais confortável no qual já dormi, fosse me fazer bem, mas não. Estou ansiosa.

Contrabandeei uma sereia para dentro do castelo, pelo amor de Urda!

Na cama do outro lado do quarto, Annemette dorme, um leque de ondas loiras aberto ao redor do rosto. Um dos pés escapou das cobertas, e os cinco dedos estão preguiçosamente apontados para o teto.

É fácil esquecer que ela nunca dormiu em uma cama. Jogo as cobertas para longe e ando na ponta dos pés até meu baú, deixado por Oleg ao lado do guarda-roupa de duas portas. E ali, embaixo das minhas roupas íntimas, está o livro que resolvi levar no último minuto. Por mais que o nome não seja muito suspeito — *Mitos marítimos* —, imagino que tive sorte por chegar tão tarde a ponto de a empregada não ter desfeito a mala. Deveria ter sido mais cautelosa, no entanto.

Rastejo para o luxuoso assento vermelho embaixo da janela e seguro o livro sob a luz do novo dia, folheando as páginas em busca de qualquer informação sobre sereias. Sei todo o folclore infantil, é claro. Ainda consigo ouvir a voz de *tante* Hansa recitando as histórias em frente à fogueira.

Sereias atraem os marinheiros para tempestades, seu canto e sua beleza difíceis demais de serem ignorados. Provavelmente era um mito. Annemette é linda, mas não forçou Nik a entrar no mar, e eu saberia se ela estivesse usando magia nele agora. Acho.

Em seguida: *sereias podem conjurar tempestades em um piscar de olhos, sacrificando marinheiros para satisfazer os caprichos do mar todo-poderoso.* Peço a Urda que isso não seja verdade. Um arrepio sobe pela minha coluna quando penso no meu pai e Iker.

Mas a parte que sempre fez Anna e eu gritarmos era: *sereias roubam crianças levadas e dão para os tubarões comerem em troca de proteção.* Rá! Tenho que dar crédito a *tante* Hansa. Essa ameaça me impediu de tomar várias decisões insensatas, embora imagino que nem de perto tantas quanto deveria. Se ao menos eu e Anna tivéssemos escutado de verdade.

Nenhuma dessas lendas está acalmando meus nervos. A única história positiva sobre sereias que conheço é aquela que vi com meus próprios olhos: *uma sereia gentil pode levar você de volta à areia.*

Mas não é possível que não tenha mais nenhuma informação sobre o assunto além de alguns alertas infantis.

Depois de muita leitura, finalmente encontro uma seção sobre sereias, seguida por uma intensiva discussão sobre o kraken. Não acrescenta muito; é apenas um pouco mais detalhado do que as descrições que sei de cor. Eu me concentro em um dos parágrafos.

> *Relatos de sereias na superfície frequentemente vêm acompanhados de histórias de resgate: o marinheiro resgatado abrindo os olhos bem no momento em que a sereia mergulha de volta nas ondas. Elas sempre são descritas como criaturas que se mantêm dentro da água, incapazes de sair completamente do mar.*

Foi exatamente como aconteceu. Talvez eu encontre mais sobre o caso dela em seguida. Viro a página, esperando ler uma seção sobre a habilidade das sereias em assumir a forma humana. Mas não há nada. Nenhuma descrição, nenhum registro, nem sequer uma hipótese.

Olho para Annemette. Ela não pode ser a primeira sereia a se transformar em humana. Não pode. Isso só deve ser muito raro, a ponto de não haver um registro preciso.

Annemette deve ter sentido o peso do meu olhar, pois se mexe, esticando bem os braços. Pisca e abre os olhos, então vê que estou olhando

para ela. Imagino que ela vai se assustar, que se esqueceu de onde está e o que é, mas não. Ela só boceja.

— Eu poderia me acostumar a isso. — Ela se revira em direção a mim e aponta o dedo fino para a panturrilha. — Mas é normal sentir dor nessa parte? Está ardendo. E meus dedos estão... dormentes.

— Tipo formiguinhas?

— Mais como abelhas — responde ela, sem hesitar. — Mas vou ficar bem.

Ela se levanta um pouco e boceja de novo.

Escondo o livro entre a minha camisola e o vidro da janela.

— Talvez seja um efeito colateral. Sabe, da transformação — sugiro. Agora é a minha chance: — Outras sereias já se transformaram em humanos antes?

— Não sou a primeira.

Ela se levanta, vira de costas para mim e abre o armário, revelando uma coleção completa de vestidos.

— De onde isso veio? — pergunto, boquiaberta, indo até lá.

— Eu os conjurei ontem à noite enquanto você dormia.

Quero repreendê-la pelo ato tão imprudente, mas os vestidos são incríveis. Para o dia, vestidos de seda rosa, cerúleos e roxos, todos com pequenos colarinhos brancos e botões de pérola. Aperto meu colar e me pergunto se aquelas pérolas pulsam feito a minha. Os vestidos de festa são ainda mais glamourosos. Saias cheias e caudas longas, bordadas com ouro e até pedras preciosas. Vão pensar que ela é a *friherrinde* mais abastada de toda a região.

— Gostou? Com sorte, vão funcionar.

Balanço a cabeça vigorosamente.

— Funcionar como?

— Me ajudando a ficar — responde, segurando um vestido azul-Havnestad com forro de madrepérola. — Você não quer que eu fique?

— É claro que quero, Mette — digo, testando o apelido pela primeira vez.

E me dou conta de que estou sendo sincera. Não apenas para que ela possa salvar Nik das más intenções da mãe, mas para eu ter uma amiga que faça magia, que me conheça de verdade. Eu não sabia o quanto queria isso até conhecê-la.

— Quanto tempo você tem? — pergunto, torcendo para que ela me dê uma resposta de verdade dessa vez. — Quero ajudar.

— A magia dura quatro dias. Ainda tenho três.

— Só isso? — pergunto, arrasada.

— Mas três dias se tornam para sempre se, antes da meia-noite do último dia, meu verdadeiro amor também tiver se apaixonado por mim.

Também.

Nik.

Para sempre.

— Eu o amo, Evie. De verdade.

Annemette se joga na cama, diferente da garota evasiva e retraída de antes. Mais parecida com aquela com quem eu sempre conversava sobre meninos e fofocas no seu próprio quarto grandioso.

— Foi por causa dele que eu voltei. Sei que ele pode me amar. Não nos viu ontem à noite?

— Mas e se ele não corresponder?

Ela se vira e olha pela janela, para o mar ao longe.

— O que foi? — insisto, me aproximando e me sentando na cama dela. — Me conte, Mette.

Ela balança a cabeça e afunda o rosto nas mãos. Quando fala, é como se estivesse repetindo algo lido em um livro; e talvez esteja.

— Para vir à terra em forma humana, uma sereia deve cumprir um contrato mágico: trocar sua vida como sereia por quatro dias em terra firme.

Ela para e estremece, arquejando de leve antes de completar:

— Ela não pode voltar ao mar depois desses quatro dias, pois nunca mais voltará a ser uma sereia.

Sinto como se meu estômago despencasse até meus pés.

— Espere aí... Você *morre*?

Que tipo de magia ela tinha feito? Nik é maravilhoso, incrível, o melhor garoto que eu conheço, mas... arriscar a vida por alguém que ela mal conhece?

— Eu sei — diz ela, se sentando e assentindo. — É loucura. Mas você não entende. É dele que venho sentindo falta. Eu sabia que ele era meu no momento em que caiu no mar. Nos *meus* braços. E ser humana? Evie, você não faz ideia da sorte que tem.

Nem sei o que pensar. Claro que a quero viva, e quero que ambos sejam felizes, mas como isso pode funcionar? Apaixonar-se em quatro dias parece... irreal, no mínimo.

Escolho as palavras com cuidado.

— Como vai saber que ele ama você de verdade?

O rosto de Annemette volta a assumir uma expressão sonhadora.

— Basta um beijo do amor verdadeiro.

Quase gargalho. Agora ficou irreal *e* ridículo. Estou totalmente incrédula.

— Um beijo, sério? Sua vida por um beijo? É isso? Que magia, hein?

— É o sentimento no beijo. Eu vou saber. A magia vai saber.

Penso na minha conversa com Nik nos degraus: encantado, sim, mas apaixonado? Não. Ainda não, pelo menos.

Volto para o assento da janela. Preciso de espaço para respirar, para pensar. Se Annemette não tivesse arriscado a vida por isso, não sei como me sentiria caso Nik realmente se apaixonasse em três dias. A situação toda parece errada: uma vida dependia de que Nik, de alguma maneira, despertasse uma magia poderosa simplesmente através de um amor enorme por uma garota que acabou de conhecer. Uma garota de quem eu gosto, de quem ele gosta, uma garota a quem sou eternamente grata. Mas não sei... Precisa haver outra maneira de mantê-la viva sem forçar Nik a *amá-la*.

Quando ergo os olhos, Annemette está correndo na minha direção. Ela se espreme no assento da janela ao meu lado e segura minhas mãos. Seu rosto está pálido.

— Evie... Eu não estou invadindo seu espaço, estou? — Suas sobrancelhas se franzem de preocupação. — Você estava procurando por ele naquela noite... Ele estava esperando você no palácio ontem. Ele não está...? Você não...?

— Eu não estou apaixonada por Nik, e ele definitivamente não está apaixonado por mim. — Já precisei dizer essa frase muitas vezes, mais recentemente para Malvina. — Somos apenas amigos.

Ela suspira, com as mãos tremendo ao alisar o cabelo.

— Vocês dois parecem tão próximos, e eu nem questionei... Você deve achar que sou horrível.

— Claro que não! Nik e eu somos inseparáveis há anos. — Eu me esforço para fazer contato visual, assoberbada mais uma vez pela

proximidade. — Todo mundo se confunde.

Sua expressão se enche de alívio, e ela se recosta nas almofadas.

— Você tem alguém, então? Alguém que faz seu coração bater tão forte que parece que vai sair pela boca?

O rosto de Iker me vem à memória, um sorriso enorme aquecendo o gelo dos seus olhos. Mordo o lábio.

— Tenho... Tinha. Não sei.

Annemette está me olhando, querendo saber mais, então continuo, com relutância:

— Você o viu; o outro garoto na praia naquela noite. Bem, ele é primo de Nik, príncipe herdeiro da baía de Rigeby. Mas não importa, Mette. Ele está no mar, e nós temos assuntos mais urgentes para tratar. *Três dias...*

— Ah, Evie, você é uma amiga tão boa — diz Annemette, me puxando para um abraço.

Três dias para se apaixonar. Três dias para viver. Três dias até o baile ao qual todas as moças nobres dos reinos de Øresund comparecerão. Balanço a cabeça. Encontrar o amor verdadeiro já é tão difícil, que dirá com tanta concorrência.



Não sei como ela consegue agir com tanta calma a caminho do café da manhã com Nik. Deve ser o mar em suas veias, fluindo contra a maré independente do tempo. Meu corpo inteiro parece uma pilha gigante de nervos amarrada em um nó de marinheiro por causa de Annemette, mas ela vai até a sacada ensolarada do salão de baile do terceiro andar com uma aparência tão encantadora e confiante quanto possível, seu vestido azul dando o tom das profundezas do oceano aos seus olhos e seu cabelo loiro como manteiga brilhando ao sol.

Piscamos diante da claridade e somos recebidas por uma vista espetacular do porto. Conheço muito bem nosso canto do mar, mas é diferente desse ângulo, com quase toda a costa em exibição. É empoderador ver tudo o que se governa. A correnteza está mais forte do que o normal para essa época do ano, e me viro de costas, sem querer resgatar lembranças antigas.

— Bom dia, damas. Não querem se sentar? — Nik se levanta e puxa a cadeira à sua direita. — Mette?

Annemette fica vermelha e aceita o lugar cobiçado. Eu engulo o nervosismo e o cumprimento com uma piscadela enquanto ele puxa uma cadeira para mim. É nesse momento que reparo que também está um pouco vermelho, a cor envergonhada da noite passada voltando com a chegada de Annemette. Nik, o romântico. Isso com certeza é um bom sinal.

Leal à sua promessa de proteger Annemette dos males da nossa dieta à base de frutos do mar, Nik pediu à cozinha do palácio para evitar o arenque tradicional de café da manhã e substituí-lo por linguiças, pães doces pingando manteiga fresca e framboesas cobertas de orvalho. Tudo servido com chá preto, quente e aromático.

Minha barriga ronca quando vejo toda essa comida. Vinha revirando a manhã inteira, dominada pela ansiedade. Estou faminta.

— Minha nossa, Evie. Tem um tigre escondido no seu corpete? — pergunta Nik, rindo enquanto bebe da xícara delicada.

— Você me conhece, sempre contrabandeando animais selvagens para o café da manhã — brinco.

— Eu não esperaria nada menos da sua magia.

Nik ri de novo, e precisa devolver a xícara ao pires para não derramar chá na camisa.

Annemette é incapaz de esconder a surpresa. Ela me encara, confusa. Depois de todo o rebuliço que fiz sobre manter a magia em segredo, o príncipe herdeiro, entre todas as pessoas, está fazendo piada com o assunto.

— Nik sabe muito bem que não deve espalhar boatos perigosos como esse.

Dou uma leve cotovelada nele. É uma brincadeira nossa, minha e de Nik. Fazer piada sobre a "magia" na minha família; mesmo que a piada se aproxime mais da verdade do que ele imagina.

— Minha *tante*, Hansa...

— Transforma homens em sapos e faz sopa com eles — fala Nik, arqueando as sobrancelhas de maneira dramática.

Annemette ri, o que só o encoraja.

— Foi muita sorte sua não ter comido a sopa de ervilha dela ontem à noite.

Annemette fica boquiaberta.

— Não é verde à toa — digo, piscando para ela.

Nik e eu temos uma crise de riso, e me sinto bem em relaxar. Ele ergue os dedos depressa para tocar a pele nua de seu punho. Talvez isso funcione.

— Estamos brincando, Mette — fala Nik. — *Tante* Hansa é uma maravilha de curandeira; já salvou meu pai algumas vezes quando nosso próprio médico não foi capaz, e nunca vou me esquecer disso. Ela vai cuidar

muito bem da sua acompanhante... mas não sabe transformar homens em sapos.

Annemette assente, um sorriso brincalhão erguendo suas bochechas rosadas. Nik abaixa a voz, assumindo um tom conspiratório ao se virar de costas para mim.

— Se bem que eu não duvidaria se aquela velha tivesse inibido os traço de mauricinho do meu primo para que ele se apaixonasse pela sobrinha dela.

Eu lhe dou outra cotovelada, dessa vez com força, e tanto ele quanto Annemette riem.

— Se ela fez essa magia, com certeza deu errado, considerando que ele não voltou para o festival — argumento.

— Com certeza o erro foi de Iker — retrucou Nik, surrupiando um pão doce.

— Eu não cometo erros, primo.

Erguemos o olhar. Iker está parado à porta, com as costas tranquilamente recostadas no batente. Sua pele está morena depois de dias passados no convés sob o sol forte, fazendo seu cabelo parecer ainda mais claro. Ele esfrega distraidamente a barba por fazer que disfarça o contorno da sua mandíbula forte. Tenho certeza de que a rainha Charlotte vai insistir que ele raspe. Espero que ele se recuse.

Meu coração está batendo na garganta quando ele olha para mim e sorri.

Não sorria. Não se levante. Ele prometeu *que estaria de volta há vários dias. Mantenha-se no lugar.*

Eu cedo. Um leve sorriso brota nos meus lábios, e, em resposta, seu sorriso cresce ainda mais. Ele se aproxima a passos largos, e, de repente, temo que vá me beijar bem ali, na frente de todos. Na frente de Nik. Ele para diante de mim e se abaixa, segurando meu queixo com os dedos e aproximando o rosto.

Por favor, não.

Céus, bem que eu queria.

Seus lábios repousam suavemente na minha testa. Eu deixo escapar um suspiro, se por alívio ou decepção, não sei.

— Olá, Evelyn — diz ele ao se reerguer. — Desculpe pelo atraso.

Antes que eu possa responder, ele vai até Nik e rouba o pão doce bem dos dedos dele.

— Olá, primo. Fico feliz em saber que está bem. — E dá uma mordida no pãozinho.

Nik se levanta, e os dois se abraçam.

— Minha mãe tem estado em um nervosismo real devido à sua demora; espero que tenha encontrado o rei das baleias que você estava procurando.

— Quem dera — responde Iker, frustrado. Não é comum que ele não consiga o que quer. — Nós o perseguimos até depois da ponta de Jutland, mas ele é um fujão maldito.

— Imagino que é por isso que seja chamado de "rei", primo.

Iker sorri e dá um tapa no ombro de Nik.

— Somos uma classe fujona, não somos? Sempre correndo das obrigações e de volta para elas.

— E você está sempre atrasado em ambas.

— Nada que não possa ser consertado com uma chegada triunfal e uma história ousada.

Ergo a sobrancelha e comento:

— Esse certamente é o seu lema de vida.

As palavras saem mais sérias do que planejei, e seu sorriso enrijece em resposta.

— Eu diria que funcionou bem até agora.

— Você diria — responde Nik, agora parado ao lado da cadeira de Annemette, roçando a mão no ombro dela. — Mas deixe para lá, primo. Gostaria que conhecesse *friherrinde* Annemette.

Ela se levanta e dá um passo na direção de Iker. Oferece a mão como se já tivesse feito isso centenas de vezes. Ele segura os dedos dela e os beija.

— Que adorável conhecê-la, Annemette. Ouso dizer que me lembraria de uma garota tão deslumbrante das minhas viagens por Øresund. Me diga, de onde o mar a trouxe?

Com o coração na garganta, faço contato visual com Annemette. Ele só está sendo gentil, eu sei, mas mesmo assim.

— Odense — diz ela, claramente à vontade, apesar do meu coração estar tão acelerado que queima minhas narinas. — Evie e eu nos

conhecemos ontem, e ela concordou em me mostrar os arredores. Nik, tão solícito, se juntou a nós.

— Quem não seria? — retrucou ele. — Eu também aceitaria na mesma hora.

Iker sorri para ela, mas há desconfiança em seu olhar. É apenas um lampejo, mas está ali; ele nem mesmo tenta esconder. Tanto eu quanto Nik notamos antes que ele retome suas maneiras polidas e se curve para Annemette.

— Já viajei para todo canto, e não existem duas garotas mais lindas no mundo inteiro do que as que estão nesta sacada agora.

Annemette e eu ficamos roxas de vergonha diante do elogio, condizente com o nível de grandeza de Iker. Quando olho de relance para o lado, vejo que Nik também está extremamente corado; seus olhos não se desviaram de Annemette.

Iker olha para nós três.

— O que foi? — pergunto.

— Vocês não vão sobreviver à juventude se não aprenderem a receber um elogio ou a pedirem o que querem — responde Iker, balançando a cabeça. Então se vira para Nik. — Primo, você claramente não consegue tirar os olhos da garota. Por que não pede à bela *friherrinde* para acompanhá-lo durante as festividades de hoje? Tenho certeza de que há muito a descobrir sobre ela.

Annemette olha para ele com um cacho de cabelo loiro enroscado no dedo. Nik solta uma risada nervosa.

Iker, sem prestar atenção, continua:

— Enquanto vocês fazem isso, Evie e eu podemos dar um passeio pelos jardins.

— Sério? — digo. — Não acha que deveria me perguntar primeiro?

— Perdoe-me, Evelyn. Você me daria essa honra?

Eu deveria negar. Afinal, de que adianta? Daqui a um dia, ele vai estar dançando com metade das *komtesses* convidadas para o baile, uma das quais certamente se tornará sua noiva. Mas não consigo ignorar o meu desejo. Ergo o olhar para Annemette, cujos olhos me imploram que eu aceite o convite. Ela também precisa desse tempo. Duas criaturas mágicas e dois príncipes. Sinto vontade de rir. Talvez esteja na hora de eu parar de aceitar

o que todos de Havnestad consideram apropriado para uma garota feito eu e devesse começar a agir feito a garota que eles já pensam que sou.

— Seria um prazer, Iker — respondo, levantando-me da cadeira.

Nik também se levanta de repente, parecendo muito desconfortável, a vermelhidão chegando às orelhas.

— Iker, não acho que seja uma ideia muito boa.

Os olhos de Iker se iluminam e depois assumem o mesmo ar suspeito dirigido a Annemette. Ele lê a expressão facial e corporal do primo, claramente tentando decifrar se o problema é Iker ficar sozinho comigo, ou Nik ficar sozinho com Annemette, ou outra coisa. Suas palavras no dia do navio ecoam em meus ouvidos: *Não gosto de pisar no calo do meu primo.*

— Não vou desonrar a garota, primo, só vamos dar uns beijos e colocar a conversa em dia.

Nik praticamente solta uma risada de desdém, mas Iker apenas sorri e completa:

— Nada que nunca tenhamos feito antes.

Os olhos de Nik disparam para os meus, e sei que ele sabe. Não é preciso muito para que imagine toda a cena: eu beijando Iker, assim como todas as outras garotas que ele deixa esperando.

Olho para baixo; não queria que fosse assim. Não consigo suportar a expressão magoada de Nik.

Iker ergue as sobrancelhas para Annemette, claramente sugerindo que Nik leve sua garota e fique tranquilo. É o mesmo que eu quero. Ela só tem três dias. Iker desliza a mão pela minha cintura, me dá o braço e me leva para a porta.

— Siga meu exemplo, primo, mas não siga meus passos.

A luz do fim da manhã está ofuscante quando saímos da sombra do castelo para o jardim de tulipas da rainha. Seguimos piscando pelo caminho de pedras, tropeçando um pouco até que nossos olhos se acostumem, braços e pernas momentaneamente se tocando; se por acidente ou de propósito, só Urda sabe.

Está caindo a ficha. Iker está aqui.

Ele voltou. E quis imediatamente ficar comigo.

Toda a decepção e todo o medo em relação aos motivos que o fizeram demorar parecem escoar do meu corpo. Também tento afastar os pensamentos sobre Annemette. Como *tante* já me disse milhares de vezes: *nem todo mundo é responsabilidade sua, Evie*. Annemette está sozinha com seu príncipe, e eu, com o meu.

Depois de anos sonhando acordada, minha fantasia de infância de alguma maneira se tornou realidade: passear de mãos dadas com Iker em um jardim. Apesar do meu status. Apesar do dele. Apesar da vida destinada a nós. Uma onda de calor sobe pelo meu pescoço, e minhas bochechas coram de vergonha. Iker nunca poderá saber o quanto eu já tinha pensado nisso.

Será que é real? Ou estou presa em um sonho? Ou enlouqueci totalmente, e Annemette é fruto da minha imaginação? Assim como Iker?

Eu jamais o consideraria real se seu braço não continuasse em volta da minha cintura, me puxando para perto enquanto andamos para um banco de pedra à sombra de um carvalho.

Pare de se questionar, Evie.

Aproveite o feitiço enquanto durar.

Ele cheira a mar, a fuga. E eu quero estar lá com ele, vendo sua pele se tornar rosada e depois morena, com baleias à vista e vento no cabelo. Ele se vira para mim, coloca ambas as mãos na minha cintura e aproxima o rosto. Um sorriso brota em seus lábios enquanto ele avalia meus olhos.

— Você estava com medo de que eu não viesse — comenta ele, afastando um cacho da minha bochecha.

Não nego.

— Eu tive um problema — diz, com os olhos distantes e a voz suave. — Perdi um dos meus homens. O mar o derrubou do convés em plena luz do dia depois que chegamos ao porto de Kalø. Passei o resto desse dia e grande parte do seguinte procurando por ele.

Prendo a respiração. É terrível, apesar de não ser algo inesperado em uma expedição de caça às baleias. A firmeza no maxilar de Iker transparece isso: decepção, mas também aceitação. Então seus olhos se iluminam, e ele prossegue:

— Até que nós o achamos, boiando inconsciente entre duas pedras. Dá para acreditar? Mal respirava e estava em péssimo estado, mas vivo. Foi tão estranho encontrar alguém depois de duvidar que fosse possível. — Sua voz

assume um tom zombeteiro ao completar: — Assim como você não deveria ter duvidado de mim.

— Eu não duvidei de você. Duvidei das minhas expectativas.

Iker ergue a sobrancelha e olha para minha boca.

— E quais eram suas expectativas?

— Que você quisesse estar aqui tanto quanto eu queria que você estivesse.

Diante da frase, ele me puxa até seu tórax tocar meu corpete e eu sentir suas pernas por entre as camadas do meu vestido.

— Não duvide disso.

Ele pressiona os lábios contra os meus, tirando meu fôlego. É delicado em um primeiro momento, então nos puxa para o banco.

O aroma de sal e limões me rodeia enquanto meu coração começa a bater tão forte que tenho certeza de que ele consegue sentir através do meu corpete e da sua camisa.

Ele coloca as mãos no meu rosto, passando os polegares pela curva do meu maxilar. Fica assim por um segundo antes de me afastar com cuidado.

— Prova o suficiente, Evelyn.

Ele pronuncia a frase como uma afirmação, não uma pergunta, e abre um sorrisinho malicioso. Franzo os lábios, refletindo.

— Honestamente, não sei ao certo se tive uma amostra grande o bastante para ter certeza.

Seu sorrisinho malicioso vira um sorriso grande e feroz.

— Estou livre para demonstrações a tarde inteira. Nada principesco programado até o jantar. — Ele força uma expressão séria. — Será tempo o bastante, minha dama?

Inclino-me para a frente e dou um beijo rápido nos lábios dele.

— Com certeza é um começo.

QUATRO ANOS ANTES

O visitante estava no cais, seus pais agitados atrás dele, exaustos pela viagem, por mais que não tenha sido longa. Eles só atravessaram o estreito de Øresund; uma viagem que ele faria com os olhos fechados e em seu próprio barco, se tivesse oportunidade.

E estava planejando aproveitar essa oportunidade ainda esse ano, com ou sem permissão.

O dia estava claro, o sol forte secando as tábuas de madeira do píer mais rápido do que o mar conseguia marcá-las, as ondas bravas durante todo o caminho desde a baía de Rigeby.

Empregados desciam em fila do castelo, levando embora os pais do visitante, suas malas e responsabilidades, deixando-o a sós com a praia e seus pensamentos. Aos 14 anos, eles se baseavam basicamente em garotas.

Morenas.

Loiras.

Ruivas.

Todas rodopiavam por sua mente, apesar do que ele sabia sobre sua posição; sua mãe e as metáforas dela viviam enchendo seus ouvidos.

"Tulipas murcham independentemente da beleza; joias da coroa brilham para sempre."

"Sangue dura mais do que um impulso."

"O vaso real tem espaço apenas para uma flor, não importa a oferta."

Seus pés o levaram à areia, seu olhar capturado por duas garotas saltitando pela praia, silhuetas esbeltas se movendo no ritmo de uma música que mal alcançava seus ouvidos.

Depois de mais alguns metros, as garotas pararam, de olhos e dedos apontados para um banco de areia que despontava entre as águas revoltas. Foi quando ele as reconheceu: duas garotas do vilarejo, melhores amigas sempre dispostas a uma aventura, assim como ele, apesar de ter a impressão de que a loira

era um tanto difícil de impressionar. Seguindo a alguns passos de distância estava um garoto, seu primo. Outro príncipe.

Então as garotas começaram a tirar os vestidos, suas combinações repentinamente refletindo os raios de sol em toda a sua brancura angelical.

Ele não conseguia desviar os olhos.

Nem quando elas dobraram os vestidos e os colocaram na areia. Nem quando correram para as ondas. Nem quando ele percebeu que a correnteza estava tão forte quanto estivera no estreito, ainda que estivesse absorto demais nos seus sonhos com as combinações para alertá-las.

Foi apenas instantes depois, quando o príncipe mergulhou atrás delas, que o visitante foi bruscamente desperto.

Seus pés o mandaram correr. Ajudar. Nenhuma das garotas havia emergido; já se passara tempo demais. Ele deu cinco passos e hesitou. Dessa vez foi a voz do seu pai que ecoou em seus ouvidos, outro monarca de Øldenburg em uma terra cheia deles.

"Não seja um herói, Iker; você já é um príncipe."

Seu reino precisava dele vivo. Se algo lhe acontecesse, o futuro de sua família estaria em perigo. Ainda assim, outra voz, sua própria, reverberava em seus ouvidos.

"Mas Nik..."

Seu primo crescera nos últimos tempos, estava com mais de 1,80 metro, mas Iker já vira tulipas mais grossas que seus braços, arpões mais compridos que suas pernas. O visitante tinha a mesma altura, mas seu corpo era estruturado com o vigor dos vikings. Ele era forte. Poderia ajudar.

Ainda assim, continuou enraizado no lugar. Prendendo o fôlego até seu primo finalmente emergir com uma boneca de pano de cabelos negros pendurada nos braços. Forte e estável, Nik nadou para a praia.

Quando os dois chegaram à areia, o visitante voltou a respirar, assistindo estupefato ao garoto de 12 anos fazer todos os movimentos certos para expelir água dos pulmões da garota. Cidadãos se aglomeraram ao redor do seu príncipe, interrompendo as preparações do Lithasblot e dando uma boa olhando na última quase tragédia em uma história com tantas, o mar selvagem e habitado por baleias do estreito de Øresund bem alimentado.

Todo o alívio que ele tinha sentido sumiu no segundo em que o primo começou a gritar ordens para os homens ao redor, frustrado pela inércia deles. Os

homens enfim mergulharam no mar, mas Iker conhecia seu primo. Conhecia seu coração. Sabia o que ele faria. Também voltaria à água.

Aquelas garotas tinham sido parte dele por anos, seu braço esquerdo e direito. Eram duas beldades; até mesmo Nik admitira durante sua última visita. A menina de cabelos negros fazia mais o estilo do primo, mas o visitante sabia que era a loira que tinha olhos para Nik; era óbvio.

O visitante viu o príncipe mergulhar novamente nas ondas, então correu, toda a força do seu sangue viking o impulsionando pela areia.

Ele gritou para os homens que nadavam de volta à praia de mãos vazias, encharcados depois da busca.

— Vocês, homens, não deixem seu príncipe herdeiro fazer o trabalho sujo sozinho. De volta à água; sua esperança não morre até a do príncipe Niklas morrer.

Imediatamente, os homens voltaram às ondas, seus rostos esperançosos antes de mergulhar. Os maxilares contraídos com a sabedoria de que as coisas eram assim nos reinos de Øresund. O mar tomava tanto quanto dava.

Mas ele os queria ali para o caso de Nik vacilar. Esses homens eram a segurança para o príncipe. A família que compartilhavam não conseguiria suportar esse baque, não importa quão heroico fosse.

— Evelyn, você está bem?

Ele se jogou ao lado dela, as mãos em seus ombros elegantes.

— Iker?

Ela piscou para ele como se visse um fantasma, seus olhos escuros como o céu da meia-noite sombrios de terror.

— Anna. Nik...

— Eu sei — respondeu ele, em sua melhor voz de príncipe, aquela que vinha aperfeiçoando na frente do espelho enquanto estava ilhado no castelo com o coração ansiando pelo mar.

Iker se voltou para Evelyn. Lágrimas enchiam seus olhos, gratidão curvava seus lábios. Ele conhecia a garota bem o bastante para saber o que ela sentia em relação a ele, como queria beijá-lo ali mesmo. Conhecia o bastante sobre a classe dela — dos pescadores, das abelhas-operárias — para saber que ela não o faria.

Em vez disso, ela apertou o seu antebraço como se ainda estivesse sendo salva da correnteza.

— Eu morreria se perdesse qualquer um dos dois.

Ela baixou os olhos para as próprias mãos como se a resposta estivesse ali, escondida entre as linhas: coração, vida e destino.

— Há muito que eu gostaria de poder fazer — disse ela, com a voz ainda fraca.

Era isso. Havia tanto que ele podia fazer. Nik era seu primo, verdade, mas Iker sempre o considerou um irmão. E, não importava o título correto da relação dos dois, ele era família. E família fazia o que precisava ser feito.

Iker apertou os ombros de Evelyn por um brevíssimo momento, então partiu, arrancando as botas enquanto corria na direção da correnteza espumosa.

15

— Ah, Evie, foi maravilhoso — diz Annemette depois de praticamente se jogar no assento da janela.

Suas ondas loiras estão tão selvagens quanto a maré em uma tempestade, se espalhando para todos os lados ao redor dos ombros. Seu rosto branco está corado de pura felicidade, os olhos azul-escuros brilhando.

Fico muito feliz em vê-la assim. Iker e eu passamos a tarde enroscados em uma profusão de toques e palavras doces, como duas pedrinhas em meio a um redemoinho, e só posso torcer que ela e Nik tenham feito o mesmo.

— *Nik* é maravilhoso — confirmo, mas ela segura minha mão.

— Mais maravilhoso do que eu poderia imaginar, e você também. Eu nunca teria o dia que acabei de ter sem você.

Seus olhos se arregalam, as pálpebras ficando vermelhas. Aperto seus dedos.

— Não foi nada — respondo, por mais que não consiga imaginar as últimas horas com Iker acontecendo se não fosse por ela também.

Não consigo imaginá-lo chegando ao castelo e depois se infiltrando nas sombras para me encontrar na minúscula casa ao final da rua. É difícil imaginar o grandioso Iker confinado em uma casa menor do que seu quarto no palácio; mesmo quando está em sua pequena escuna, a personalidade pode se expandir até o céu aberto do mar.

— Acha que ele está se apaixonando? — pergunto enquanto troco de vestido para as festividades do Lithasblot da noite.

— Acho que sim. Espero. Mais tempo ajudaria. — Ela abre um sorriso fraco.

— Quanto antes sairmos, mais tempo você terá. Já está pronta?

Ela fecha os últimos botões de pérola no seu vestido rosa de festa.

— Quase — responde, então olha para meu vestido azul-marinho desgastado. — Você vai assim?

Respondo que sim. Eu provavelmente também poderia conjurar uma coleção de vestidos se me esforçasse, mas isso com certeza causaria um rebuliço na cidade. Todo mundo sabe o que tem no meu guarda-roupa.

— Não, não. Vista *isso* — insiste ela, me entregando um vestido de festa roxo-escuro bordado com tulipas douradas. — Fiz para você. Iker vai amar.

Seguro o vestido, sentindo a seda luxuosa entre os dedos.

— Obrigada. É lindo, mas não posso. Imagina só a cara de todo mundo? Eu usando *isso*? O que o povo da cidade iria dizer?

— Talvez algo legal, para variar — responde Annemette com um sorrisinho.

Sei que ela está errada, mas mal consigo tirar os olhos do vestido. É deslumbrante, de acabamento tão detalhado que só poderia ter sido alcançado com um feitiço. Então me dou conta. *Nós temos magia.*

— Annemette...

— Sim? — responde ela, fazendo um coque elaborado com as mechas loiras.

— Você pode usar sua magia... em Nik? Digo, caso as coisas não saiam como planejadas. Ele pode amar você; eu vejo isso. É só que... *três* dias, agora quase dois, não dá tem...

— Não — declara ela, prendendo o último grampo no cabelo. — Precisa ser verdadeiro quando o relógio bater meia-noite depois do baile. É isso. Magia pode se disfarçar de amor, mas isso nunca deixou Urda satisfeita. Essas coisinhas, vestidos e tal, são o máximo que posso fazer. Ele precisa me amar como eu sou. Nada de truques. Prometa que não vai fazer nada para interferir, Evie.

Faço que sim de boca bem fechada. Ela está certa, é claro. Não quero manipular os sentimentos de Nik também, mas o que está em risco é drástico demais.

Coloco o vestido de festa, seu tecido frio deslizando pela minha pele e me servindo perfeitamente. Mal me reconheço ao olhar no espelho, tão parecida com um dos nobres. Talvez esse tempo todo eu só precisasse de uma roupa dessas.

— Você parece uma princesa — elogia Annemette, me dando um beijo na bochecha. — Vamos. Nossos príncipes aguardam.

De mãos dadas, caminhamos pelo palácio e passamos pelos portões. Esta noite, a terceira, é sempre a mais comentada quando o assunto é o Lithasblot. A noite na qual é considerado perfeitamente normal, talvez até um elogio, jogar uma fatia de pão de centeio ou um pãozinho maciço no seu vizinho.

Como era de se esperar, Malvina Christensen vive por esta noite. É uma oportunidade para se exibir, e os deuses sabem como ela nunca deixaria isso passar. Sem interesse por bordado ou o que quer que *komtesses* devam aprender, Malvina escolheu se dedicar à confeitaria, e vivia no pé do seu cozinheiro quando criança. Admito que ela ficou muito boa, exceto pela monstruosidade azul, apesar de eu assumir certa responsabilidade por aquele fracasso. Ela se apressa a dizer para qualquer um que pergunte que a confeitaria é um hobby, mesmo que a atividade esteja abaixo do nível social dela, mais condizente com alguém feito eu. "Se alimentar um homem bem, ele vai ser leal a você pelo resto da vida", já a ouvi dizer muitas vezes. É estranho como deseja tanto me tirar do caminho, me considerando rústica demais para a classe dela, e, no entanto, fica exibindo suas conquistas tapadas. Imagino que, quando se tem poder, se possa ser o que quiser.

Por mais que o sol ainda não tenha se posto e o povo da cidade ainda esteja vagando pelas mesas de oferenda em busca do jantar, Malvina já ocupou um lugar importante perto da fogueira. Ao seu redor há um mar de quitutes: petit fours, scones à la Brighton, aebleskiver fritos fora de temporada, pãezinhos de centeio crocantes e pãezinhos macios de farinha russa, ambos no formato da cruz solar. Há também uma gigantesca torta de mirtilo, seu recheio reluzindo por baixo da massa trançada.

— Nossa, Malvina, você se superou de novo — diz Nik com um sorriso majestoso ao se aproximar.

A garota abre um sorriso reluzente.

— Ora, obrigada, Nik. Seria uma honra se provasse algo antes do lançamento começar.

Nik faz um gesto de dispensa.

— Imagina, não...

— Eu insisto. Por favor, coma alguma coisa, há mais do que suficiente aqui para Urda.

O treinamento e a prática com a natureza exageradamente caridosa de Malvina impedem Nik de resistir mais.

— Se é esse o caso, então tudo bem. Algo pequeno seria muitíssimo apreciado.

O sorriso reluzente de Malvina cresce ainda mais quando ela se abaixa até a toalha e escolhe um petit four, feito em perfeito estilo francês.

— Tem o bastante para suas amigas também — diz ela, em seguida.

Fico chocada. Malvina nunca me ofereceu nada; então me dou conta de que talvez não tenha me reconhecido. É o vestido. Deve ter sido costurado com uma feitiçaria poderosíssima para enganar uma cobra feito Malvina.

— Muito gentil de sua parte — digo, pegando um scone e observando seus olhos cor de chumbo em busca de reconhecimento.

E ali está, um leve rosnado.

— Ah, Evie — comenta ela. — Nossa, que belo vestido. Onde você...

— Foi um presente. Dado por mim, *friherrinde* Annemette — interrompe Mette ao escolher um pãozinho doce. — Por ser uma boa amiga e a mais graciosa anfitriã.

Em seguida, ela faz o impensável: enlaça um dos braços no meu e outro no de Nik, nos puxando para mais perto. Malvina dá um sorriso tão forçado que consigo ver as veias no seu pescoço.

— Bem, de *komtesse* para *friherrinde*, um conselho. Se tratar seus serviçais com tanta sofisticação, eles vão ficar mal-acostumados.

— Espero que sim — retruca Annemette. — Tenho muitos outros de onde esse veio. Obrigada pelos doces.

Então nos afastamos. Simples assim. Nik, sempre o príncipe perfeito, parece um pouco chocado, mas mesmo ele não consegue evitar o riso.

— Você realmente está adorável, Evie.

— Concordo — diz Iker, segurando minha mão.

Agradeço aos dois pelo que deve ser a terceira vez nas últimas horas, então guiamos os meninos até a plataforma para a celebração da noite, da safra de grãos. Annemette e eu ocupamos nossos lugares nas pequenas

cadeiras de madeira brancas reservadas à nobreza; outra perspectiva nova para mim, que só havia me sentado na areia até então. Conforme o céu escurece, Nik começa a falar, mas não consigo prestar atenção, pois minha mente está repleta de pensamentos. O festival de Lithasblot sempre foi um evento tão familiar para mim, igual todos os anos, e, por um período, eu nem sequer comparecia.

No Lithasblot depois do afogamento de Anna, não saí de casa. Nik, *tante* Hansa e meu pai tentaram me arrastar para fora da cama, certos de que um pouco de diversão seria de grande ajuda para me animar.

Mas música e dança não são capazes de cicatrizar uma ferida assim. Seria como jogar sal; ver as pessoas cantando e dançando como se nada tivesse acontecido enquanto sente o corpo queimar pelo luto.

Eu não fui. Nem naquele ano, nem no seguinte.

Tentava passar o tempo lendo os livros de feitiço de *tante* Hansa — a única coisa que me mantinha sã naqueles dias —, mas mesmo isso exigia esforço demais. Toda a força que eu tinha era usada para bloquear risadas e canções.

Foi apenas no ano passado que aceitei ir com Nik de novo.

Ele também perdera a amiga, mas precisava ser visto no festival imediatamente — no dia da morte dela —, forçado por seus deveres e título a passear por ali em roupas chiques e aceitar as oferendas das pessoas a Urda. Ele não precisou fazer um discurso, como fará outra vez esta noite, mas ainda era doloroso demais apenas se postar na frente de todos com o coração partido.

Estamos longe disso agora; não curados, é claro, mas, a apenas dois dias do fim, esse festival parece mais com o último a que comparecemos quando Anna estava viva. Iker estava presente naquele ano, chegando com seus pais da baía de Rigeby com 14 anos e subitamente muito alto. Anna e eu ficávamos fantasiando com ele todas as noites, sussurrando sobre seus olhos e rindo juntas no quarto dela na mansão. Isso foi um ano antes da minha amiga me contar que, na verdade, preferia Nik a Iker e minha mente se encher de sonhos sobre nós duas nos tornando rainhas, de-*friherrinde*-a-princesa e de-plebeia-a-princesa, os amores dos reis de Øldenburg em cada lado do estreito de Øresund.

É claro que Annemette não é Anna, mas não consigo me livrar da sensação de que poderíamos ter tido isso. Olho para ela, que assiste a Nik

discursar na plataforma em frente à fogueira. Com os lábios parecidos com botões de rosa ligeiramente abertos, ela acompanha suas palavras com a precisão de um predador, tão concentrada em se lembrar de tudo que ele diz. Nunca vi Anna olhar para Nik desse jeito, mas garotas de 11 anos sabem esconder seus sentimentos tanto quanto qualquer um.

De repente, os lábios de Annemette se curvam em um sorriso, seus olhos assumindo um foco aguçado, e sigo seu olhar até Nik. Ele está olhando para ela também, então se vira para mim, tentando ao máximo se concentrar no discurso. Mesmo assim, suas orelhas começam a corar. Em seguida, Iker entrega a Nik o primeiro pão cerimonial: grande como uma bola de canhão, enfeitado com centeio integral e trançado no formato da cruz solar. Nik ergue o pão.

— Além disso, agradeçamos a Urda com a base da vida: o pão. Compartilhemos nossos presentes de grãos com nossos vizinhos. Não permitam que qualquer pessoa passe necessidade. Deixem os pães voarem para eles com o mais dócil cuidado, uma bênção de Urda por meio das mãos de um vizinho.

Nik parte um pedação do pão e o entrega ao rei Asger. Outro pedaço vai para a rainha Charlotte, e um terceiro para Iker, cujos pais ficaram em casa este ano. Juntos, os membros da família real se alinham na frente da fogueira, de pão em punho.

Nik ergue seu pedaço acima da cabeça coroada.

— Que comece a partilha.

Todos os quatro jogam o pão para a multidão. O de Nik pousa suavemente no colo de Annemette. Ela ri, e estou tão ocupada rindo junto que não vejo quando um pedaço pesado de pão de centeio me atinge em cheio no peito, quicando no meu corpete e caindo no meu colo. Ergo o olhar e vejo Iker com um sorriso malicioso, assomando sobre a mesa real e pegando mais munição.

Pego um pão da mesa ao lado e me levanto. Parto-o ao meio e dou uma metade para Annemette.

— Mire no Iker — digo.

Ela franze as sobrancelhas, confusa por um momento.

— Achei que o pão fosse para os menos afortunados, não?

Eu gesticulo para o céu.

— Está chovendo pão. Ninguém vai passar fome, prometo.

Annemette ergue a cabeça e vê que, de fato, tem pães de todos os tipos e formatos voando pelo ar. Ela se abaixa quando um pãozinho doce vem em disparada da direção de Malvina. Ele quica em *fru* Ulla com um baque melado antes de uma criancinha o agarrar com as mãos gorduchas.

— É só por diversão — garanto a ela, e jogo o pão em Iker.

Ele ergue os braços para proteger o rosto, mas os abaixa rápido demais e é atingido bem no nariz pelo pedaço de Annemette.

Isso só serve para fazê-lo sorrir e pegar duas tortinhas de cereja da mesa. Empurra uma delas para as mãos de Nik, e os dois avançam para cima de nós com os olhos brilhando.

— Corra! — grito, segurando a mão de Annemette.

Serpenteamos pela multidão até uma faixa vazia de areia. Com os braços entrelaçados, corremos ao longo do mar. Mas os garotos são mais velozes, e somos golpeadas nas costas pelas tortas. Caímos na areia com uma crise de gargalhadas; algo que não faço há quatro anos.

Os garotos nos levantam; Iker coloca um dos braços embaixo dos meus joelhos e outro dos meus ombros. Passa um dedo pelas minhas costas até que meu vestido de festa desafiador de classes fique melado de cobertura de cereja arruinada pela areia da praia e o aponta para minha boca.

— Tortinha arenosa para a dama.

Fecho a boca e balanço a cabeça.

— Por Urda, vai.

A expressão indignada dele faz com que eu abra a boca, e ele aproveita a oportunidade para passar o recheio da torta na minha língua. Engasgo e me sacudo, tossindo e dando risada, e tombo dos seus braços para a areia.

Iker se joga também, caindo ao meu lado. Seus olhos parecem brilhar quando ele se debruça em mim e me beija. Aproveito o beijo, sentindo sua pele recém-barbeada, macia como a de um bebê, no meu queixo. Pelo visto, Iker não desafia todos os protocolos reais; a rainha Charlotte ganhou essa rodada.

— Hummm — diz ele, lambendo a calda de cereja dos lábios. — Delicioso, apesar de um pouco... crocante.

Dou risada.

— Tortinhas arenosas são assim mesmo.

— Culinária esquisita, essa de Havnestad.

— Coma tudo. Nik vai esperar que você esteja na sua melhor forma amanhã — digo.

Iker ergue a sobrancelha com um sorriso travesso.

— E se eu disser para ele que estava guardando toda minha energia para você?

Eu o empurro para longe e me levanto, virando de costas e cruzando os braços.

— Eu estava brincando — suplica ele. — *Todos* os jogos vão ser amanhã?

Faço que sim, limpando o vestido enquanto ele continua deitado na areia.

— Isso significa que é amanhã que você vai se equilibrar em cima de um tronco?

Quando não respondo, ele se levanta e me abraça por trás, passando dois dedos por cima do meu umbigo como se fossem perninhas tensas correndo.

— Como prometido, meu príncipe — respondo com uma risadinha.

Por que eu sempre acabo cedendo?

— Sim...

Um grito interrompe a resposta de Iker. *Annemette.* Eu e Iker viramos depressa na direção de Annemette e Nik. Estão mais perto da multidão, ela agachada na areia, ele oscilando um pouco antes de cair de joelhos, agarrando a barriga. Na frente dos dois está Malvina, com as mãos na frente do corpo como tivesse acabado de jogar uma adaga.

Iker paralisa, o corpo todo subitamente rígido de tensão.

— Primo?

Nik se levanta cambaleando e ergue uma das mãos para dispensá-lo, virando na nossa direção. Sua camisa branca e seu paletó incrivelmente majestoso estão sujos de preto, como as lágrimas que já chorei duas vezes.

Iker dá um passo na direção da cena, fechando as mãos em punhos.

Mas então Nik aponta para as botas. Para o prato de torta virado para baixo na areia.

— Urda foi muita generosa com a torta de mirtilo de Malvina. A deusa deve ter decidido que meu guarda-roupa e a praia estavam particularmente precisando se nutrir — comenta ele, e começa a rir.

Na mesma hora, Iker se junta a ele, e eu encontro o olhar de Annemette quando ela se levanta da areia. Uma pequena risadinha brota dos seus lábios, virando uma gargalhada alta quando ela se volta para a silhueta encurvada de Nik. Estou quase chocada demais para rir, visto que estava prendendo a respiração até agora, mas então me junto ao grupo também.

A única pessoa que não está achando graça em toda a situação é Malvina, os dentes trincados de constrangimento, mas nem um pouco arrependida. Ela não pede desculpas ao passar como um raio por Annemette — claramente seu alvo original — e arrancar o prato de torta da areia aos pés de Nik.

Ela se levanta para encará-lo. Nik tenta se recompor para encará-la nos olhos, mas falha miseravelmente, o rosto ainda marcado pela risada enquanto deixa o recheio de mirtilo e a crosta de açúcar deslizar de seu paletó bordado em ouro para a areia.

— Espero que aproveite esse presente em nome de Urda — anuncia Malvina, de nariz em pé, antes de dar meia-volta, se equilibrando na areia e jogando os cabelos loiros.

Quando ela se afasta, nós nos juntamos ao redor dele e avaliamos o estrago. A camisa, o paletó e até a calça estão irreparáveis.

Mas, fiel à sua natureza, Nik apenas sorri e oferece suas roupas encharcadas.

— Torta, damas? Afinal, Urda insiste.

16

Acordo com o sol na manhã seguinte, ainda com o corpo aquecido pela sensação de pertencimento da noite anterior. Ontem foi como um sonho do começo ao fim, e eu queria nunca acordar. Mas, à luz branca da manhã, a realidade se torna clara e meu humor muda depressa.

Annemette ainda dorme pesado, com os dedos dos pés esticados para o teto e os braços para cima, enroscados nas ondas do cabelo. Fico deitada por um momento e escuto as gaivotas antes de perceber minha oportunidade. Sei uma maneira de ajudar de verdade hoje.

Silenciosamente, me levanto e abro o guarda-roupa. O primeiro vestido, à direita, é o que usei há dois dias, quando conheci Annemette. Não consigo acreditar que faz tão pouco tempo, da mesma forma que não consigo acreditar que boa parte do nosso tempo já se foi. Temos hoje e amanhã até meia-noite; depois, tudo pode terminar da maneira mais terrível possível ou com o final mais feliz de todos.

Annemette continua confiante, e estou obedecendo seu pedido de não intervir, pelo menos não com magia, mas pensar em perder outra amiga para o mar é quase insuportável. Primeiro Anna, depois quase Nik, e agora Annemette, que está na minha vida há pouco tempo, mas ajudou a abrir meu mundo de maneiras que nunca imaginei. Ela é a amiga que Anna nunca pôde ser, e que Nik também não pode. Ela é a única que sabe meus segredos. Bem, a maioria deles.

Tenho sufocado esses sentimentos, dizendo a mim mesma que a decisão é dela, que eu deveria apenas tentar apreciar a vida ao meu redor

como ela obviamente faz, mas não sei por quanto mais tempo vou aguentar me sentir tão desamparada.

Pelo menos ainda posso usar a magia para uma coisa. Enfio a mão no bolso do vestido. Meus dedos esbarram no frasco de tinta do outro dia e se fecham em volta da pequena ametista, sã e salva onde eu a deixei. Só posso torcer que minha manhã longe dos cais tenha rendido apenas um dia fraco de pesca, ou talvez nenhum peixe; o feitiço é tão novo que não sei o que acontece caso eu *não* o faça.

Visto-me depressa e, minutos depois, chego às docas sem ver uma alma. Os paralelepípedos estão sujos de migalhas cobertas de orvalho da noite anterior e negligenciadas até agora pelos pássaros de Øresund.

O cais também está tranquilo, sem barcos indo ou vindo, embora isso vá mudar dentro de algumas horas. Hoje é o dia preferido entre todos os frequentadores do festival. A comilança das noites anteriores atrai alguns, o último dia com veleiros e danças atrai outros, mas nada se compara à quantidade de pessoas que faz fila para participar dos jogos ou mesmo ficar de plateia hoje.

Nossos jogos não são exatamente tão sofisticados quanto os antigos jogos olímpicos que *fru* Seraphine nos ensinou na escola, mas são mais do que o suficiente para o povo de Havnestad.

Com a mão fechada e esticada, fecho os olhos e passo a ametista pelo casco dos barcos ancorados, um por um, murmurando em voz alta as palavras que parecem funcionar, em especial porque, sem ninguém por perto, não preciso dizê-las dentro da cabeça.

— *Knorr yfir haf, knorr yfirhaf, sigla tryggr, fanga prír.*

Knorr yfir haf, knorr yfir haf, sigla tryggr, fanga prír.

Soam infantis aos meus ouvidos, tão mais sofisticadas quando apenas ecoam no espaço da minha mente. Desejo subitamente ter confiado o bastante na minha magia para criar um comando simples e forte em nórdico antigo, como Annemette faria. Eu o mudaria agora, mas tenho medo do que isso pode acarretar.

Minhas palavras são como uma canção de ninar; mas funcionarão.

Quando termino de encantar todos os barcos, paro na beira do píer real — o mais longo no porto de Havnestad — e encaro o estreito.

— Urda, se for possível, leve minhas palavras até meu pai, seja lá em que lugar de Øresund ele estiver. Mantenha-o a salvo; deixe-o para mim.

Você não precisa dele. Por favor, não o tome só porque pode.

O rosto de Anna me vem à lembrança, rindo com sinceridade e liberdade antes de ser levada pelas ondas. Mas eu o enterro o mais fundo possível, assim como meus pensamentos sombrios da manhã. Preciso viver como Annemette, como Iker, e aproveitar o dia ao máximo.

Eu me viro e volto ao castelo.

Não o vejo a princípio, porque meus olhos estão nas nuvens que o sol nascente tinge de cor-de-rosa. Mas então ouço o suave som da guitaren sendo dedilhada delicadamente no jardim de tulipas. Aquela música da festa outra vez.

— Nik?

Ele vira o queixo para mim, desviando os olhos do mar. Está no banco de pedra à sombra da árvore, parecendo a versão amassada da estátua robusta do outro lado do jardim: seu pijama de musselina amarrotado, seu cabelo despenteado afastado dos olhos com a ponta dos dedos.

— Você veio aqui esta manhã para deixar os pássaros limparem os últimos pedaços de torta atrás das suas orelhas? — pergunto.

— Eu tomei um banho ontem à noite, mas obrigada por notar.

— Então deve ter levantado cedo para meditar sobre um plano para superar Iker no carregamento de pedras.

Nik ergue o braço e dá tapinhas no bíceps magro.

— Este é o único plano de que preciso, minha dama.

Dou um soco no braço dele, e ficamos em silêncio por um momento. O tom rosado do amanhecer se transformou em salmão, já evoluindo para o dourado que domina logo antes do clássico azul vencer e do sol se mostrar totalmente no horizonte.

Nik volta a afastar o cabelo da testa e olha para as pedras aos nossos pés. Depois de um suspiro, ergue os olhos para os meus, e tenho um pressentimento de que talvez eu descubra o real motivo daquela meditação matinal.

— Evie... — diz ele, e sinto o coração afundar diante do tom melancólico.

Ah, não.

— Evie, você realmente beijou Iker?

Sinto o coração parar e o maxilar congelar. Não sei o que dizer. Não estou pronta para falar sobre mim e Iker. Não com Nik, pelo menos.

Dou uma risada e uma cotovelada nas suas costelas, torcendo que uma piada possa consertar qualquer que seja o sentimento que seu tom carrega.

— A verdadeira pergunta é: *você* beijou Annemette?

Torço que ele fique vermelho. Responda que sim. Admita, de modo que Annemette tenha uma chance de ficar — de viver! — e preencher o buraco nos nossos corações.

Mas ele contorce o rosto como se tivesse cheirado alguma coisa estragada.

— Claro que não. Sou romântico, mas não mulherengo... Eu não sou, não sou...

— Iker?

Minha voz sai com mais raiva do que eu esperava, e sinto algo no fundo do estômago. Algo quente como decepção, não apenas pelo nítido desprezo que ele nutre pelo primo, mas por tudo que *eu* faço com ele.

Ele para e me olha, e percebo que nem sabe por onde começar. É raro que eu me irrite com ele. É raro que ele não consiga restabelecer a ordem com um sorriso principesco ou um olhar sábio, suas únicas ferramentas para enfrentar formalidades reais que a mãe arraigara nele.

— Sei que é idiota — diz ele, enfim. — Tenho 16 anos, e ainda por cima sou príncipe; deveria estar me divertindo. Minha mãe nunca deixaria algo equivocado ir tão longe. Além disso, ela tem planos para mim. É só que... Eu gosto de Annemette. Mas não é... Não é... — Ele me olha com uma expressão distante. — Não é como nos livros. — Então me encara, a mudança de foco nítida no movimento do maxilar. — E para *ele* beijar *você*... — Nik balança a cabeça, a postura desmoronando. — Meu Deus, estou fora de mim...

— Não — digo, sentindo o ar invadindo meus pulmões apenas o bastante para que eu consiga falar.

Ele ri baixinho.

— Estou, sim. Pareço um louco.

— Você só está confuso. "Loucos" são os personagens desses livros de amor incurável que lemos quando criança. Esses príncipes que prendem garotas em torres para impor suas vontades... Isso, sim, é loucura.

Nik assente.

— Sim, Mette é legal, realmente adorável e linda, e acho uma pena que ela precise retornar a Odense, mas acredito que jamais a amarei o

bastante para ser... para ser... seu príncipe encantado.

Sinto o estômago desabar. Mas Nik está sendo sincero. Não sabe que não existe Odense para Annemette. Que não existe... coisa alguma. Para ele, ela não passa de outra garota que a rainha lhe empurrou. E se eu contasse a verdade? Talvez mudasse as coisas. *Evie, o que você está pensando? Contar que ela é uma sereia?* Mas talvez ele visse como ela é maravilhosa, talvez assim quisesse salvá-la, como tentou salvar Anna. Mas então tudo pesaria sob seus ombros. Toda a culpa. É possível que o amor brote da culpa? Será isso amor verdadeiro? Não sei... Como eu saberia o que é amor verdadeiro? Não, se eu contar a verdade, talvez todo o tempo que ela ainda tem para conquistá-lo seja arruinado. É tudo culpa minha, por desfilar por aí com Iker enquanto Nik gasta um tempo precioso se preocupando comigo, deixando de pensar em Annemette. Preciso tentar outra abordagem.

— Ela me lembra tanto a Anna... — digo, sentindo como se as palavras saíssem na pontinha dos pés.

— A cor da pele e dos cabelos, sim — admite ele, mas não diz nada além disso.

Não era a resposta que eu esperava. Tento de novo.

— E suas feições. O tom de voz.

Ele dá de ombros e endireita a postura.

— Mas sabe o que não lembra? A maneira como ela me olha. Anna nunca se permitiria me achar bonito.

— Que mentira! Ela era totalmente apaixonada por você, e você sabe.

Eu bato no ombro dele, por mais que pareça estranho falar dos sentimentos particulares de Anna como uma piada. Fico quieta por um momento, então digo:

— Dê uma chance para Annemette, por favor. Por mim.

— Mas e quanto a você e Iker?

— Pare de pensar em Iker, Nik! Estou feliz, mas não vou deixar ele me arruinar, como sei que você tanto teme. Sou esperta demais para isso.

Ele fica vermelho por um momento, mas continuo:

— A única felicidade com a qual quero que se preocupe é a sua.

QUATRO ANOS ANTES

O garoto mergulhou novamente. Não podia apenas deixar sua amiga nas mãos daqueles homens. Tinha salvado uma; precisava tentar salvar a outra.

Casos de afogamento eram comuns em Havnestad — o mar toma tanto quanto dá —, mas aquilo, aquilo não poderia acontecer.

Na mesma hora, a água envolveu seu corpo encharcado, a correnteza o puxando para areia revolta embaixo com a força de mil mãos.

O conselho frequente do tio ao primo brotou em sua mente. Não seja um herói, Iker; você já é um príncipe.

O primo dizia isso toda vez que Nik fazia algo particularmente irresponsável. Um elogio disfarçado de advertência: você não é apenas um príncipe, é um herdeiro. O único herdeiro.

E ali estava a voz de novo, importunando-o tão ferozmente quanto as ondas.

Ele emergiu na superfície, balançou a cabeça para se livrar de tudo — das palavras, da água — e encheu os pulmões de ar. Ao redor, homens se debatiam contra as ondas. Nenhum deles trazia Anna nos braços.

O garoto voltou a mergulhar, se forçando a abrir os olhos apesar da água salgada.

Azul. Azul por todo lado.

Ele piscou, tentando ajustar a visão.

Sombras no fundo do mar se tornaram pedaços de vegetação marinha em movimento na escuridão. Algas, detritos e minúsculos cavalos-marinhos boiando no azul, formando mais um mosaico do que um único corpo sólido flutuante.

Ele olhou para os dois lados. Girou todo o corpo.

Ela está aqui. Ela está aqui. Tem que estar.

Voltou a emergir, a uma curta distância do banco de areia. Nenhum homem gritava. Ninguém se cansava sob o peso de uma menina loira usando roupas de baixo.

Voltou a descer, mais e mais fundo, guiado com cobiça pela correnteza.

Com os olhos abertos, examinou o fundo do mar. Com os pulmões ardendo pela falta de oxigênio, ele nadou.

Ali.

A cem metros. Em uma fenda. Um vislumbre branco. Um pé descalço em contraste com um emaranhado de algas e corais.

Sem desviar o olhar, ele deu impulso para a superfície; precisaria de ar para buscá-la. Respirou fundo oito vezes.

Eu consigo. Eu consigo buscá-la.

Lá foi ele de novo, com os olhos abertos ao submergir, fixos no ponto branco. Tão longe. Tão abaixo.

Os pulmões queimavam. Seus ouvidos estalaram. A escuridão dominou sua visão periférica.

Ainda assim, o ponto branco continuava ali. Sem se aproximar. Nunca parecia ficar maior ou mais alcançável. Apenas brilhava no fundo do mar, como uma estrela intocável.

Sua mente começou a desacelerar, assim como seus braços e pernas, que pararam de lutar contra a correnteza.

Você não precisa ser um herói, já é um príncipe.

Você não é apenas um príncipe, é um herdeiro.

O único herdeiro.

Sentindo o ar latejar nos pulmões, ele tomou a decisão.

O príncipe pegou mais impulso.

Sua vida não importava mais do que a dela. Era ele quem tinha a chance de salvá-la, e essa chance não deveria depender do sangue em suas veias.

Com as pernas queimando, bateu os pés, sem fôlego para ir mais fundo. Mas estava tão perto. Conseguia distinguir os dedos dela. Com a cabeça latejando pela falta de ar, o sangue pulsando pela pressão, ele bateu os pés de novo, forçando os braços contra a água.

Então sentiu uma pressão no pé. Puxando-o de volta para cima. Puxando-o até que, em um piscar de olhos, todo o peso se dissolveu. No mesmo instante substituído por cotovelos embaixo de seus braços. Um peito nas suas costas. E força, tanta força, o impelindo para a superfície.

Nesse momento, seus pulmões finalmente espasmaram em busca de ar e ele inalou involuntariamente, ainda submerso. Um grande gole de água preso antes da traqueia por um único segundo antes que ele o cuspisse de volta para o mar.

Sem fôlego, sem tempo, encurralado pela água, ele irrompeu na superfície. O ar era tão fresco que ardia; conforme seus pulmões arquejavam, sua língua inchava pelo sal que havia engolido.

Tossindo, respirando — enfim respirando —, ele voltou a abrir os olhos, que se encheram de água.

Ele não conseguia enxergar direito, mas reconheceu o rosto diante de si.

— Não! Iker — disse ele, tossindo.

Tossindo tanto. Mais água salgada saiu da boca. Escorreu por seu queixo. Ele limpou com a manga da camisa, tão molhada que apenas esfregou mais água.

— Eu estou segurando você, primo. Estou segurando você. Está a salvo.

— Eu...

Ele voltou a tossir e respirou fundo.

— Eu preciso salvá-la — completou.

Com ar nos pulmões, tentou afastar o primo.

— Ela se foi, Nik. Ela se foi. E você estava prestes a ir também.

— Não! Ela está lá embaixo. Eu a vi. Você com certeza viu também. Ela está bem ali, embaixo...

— Não seja um herói, Nik.

Bíceps fortes de marinheiro envolveram o príncipe em um abraço; com os braços presos, seu único recurso era chutar, mas isso apenas os impulsionava para mais perto da praia. Para mais longe dela.

— Iker, por favor. Ela precisa de nós. Anna precisa de nós. Podemos salvá-la. Podemos...

— Não podemos.

A voz do primo, que engrossara havia pouco tempo, falhou ao dizer a frase, e suas pernas pararam por um momento.

— Não podemos.

— Podemos! Nós podemos salvá-la!

Nik gritava, mesmo que sua voz estivesse rouca e fraca.

Seu primo apenas o apertou com mais força. Aproximou os lábios do ouvido do príncipe, falando mais baixo do que parecia possível.

— Morrer salvando ela não vai gerar conforto para seus pais ou seu povo. Só vai gerar outro corpo para Havnestad.

— Mas ela não é um corpo. Não é. Ela está bem ali. Bem ali.

Mas mesmo ao articular as palavras, ele sabia que se passara tempo demais. Dez minutos, embora parecessem cem.

Então começou a chorar. Lágrimas salgadas descendo por suas bochechas e derramando no porto. Ele não as enxugou. Deixou-as correr. Deixou-as se juntarem à Anna no mar.



Os jogos anuais do Lithasblot começavam ao meio-dia. Cidadãos de Havnestad e espectadores do outro lado do estreito de Øresund se espalhavam pela praia principal, prontos para os jogos de habilidade e esportes que transcorreriam das montanhas acima até os mares abaixo.

É a primeira vez em dias que os garotos não estão propriamente bem-arrumados em público. Para garantir, ambos estão recém-barbeados — assim fica mais fácil exibir as expressões competitivas —, porém usam calças simples de algodão e camisas com as mangas dobradas. A mudança na vestimenta também faz parte da tradição.

Hoje o objetivo é demonstrar habilidade. Eu não estava mentindo quando disse a Iker que nossos jogos eram úteis; eles de fato surgiram da necessidade. Escalar pedras e correr em trilhas nas montanhas. Correr em troncos no riacho que desemboca no porto. Nadar na foz do mar. Cada uma dessas atividades era essencial à vida; até mesmo o carregamento de pedras pela praia, que simula o trabalho de trazer a carga dos barcos.

E todos os cidadãos de Havnestad tem a mesma chance de competir. Estejam eles com 95 anos ou ainda repleto de gordurinhas da infância, se pode andar, pode tentar; tendo a família real como torcedor ou adversário.

Depois de pratos de samsø, pão de centeio e pêssegos, Nik é instruído pelo pai a supervisionar os eventos da montanha primeiro. Tais esportes têm menos competidores, e o rei Asger certamente prefere assistir à ação na praia.

E o rei Asger tem o que o rei Asger quer; mesmo do próprio filho.

Fiel à sua natureza, Nik se curva em uma reverência — sem coroa na cabeça — antes de pegar outro pêssego e uma garrafa de água e arrastar Annemette na direção de Lille Bjerg Pass.

Olho de relance para Iker quando ele não faz menção de segui-lo.

Sua mão forte segura meu pulso com delicadeza e me puxa para perto. Em um piscar de olhos, estou a um centímetro de seus lábios. As profundezas dos seus olhos sob o sol forte são deslumbrantes, límpidas e alegres depois de uma boa noite de sono em uma cama, e não no porão úmido de um navio.

— Vamos só ficar aqui sozinhos — diz ele.

Olho para a praia antes de responder:

— Sozinhos... com quinhentos dos nossos amigos mais próximos, incluindo sua tia e seu tio.

Iker ri e mexe suavemente nos cachos que o vento soprou por cima dos meus ombros.

— Tantas pessoas, e nem uma delas está olhando...

Não, eles estão olhando. Eu consigo sentir. Iker só está acostumado.

De braço dado com ele, eu me afasto e dou um jeito de também segurar seu pulso. Puxo-o para Lille Bjerg Pass.

— Tem um monte de trilhas alternativas pelo caminho, cheias de arbustos.

Cético, ele finalmente dá um passo à frente.

— Seria uma pena se nós nos perdêssemos.

— Uma pena mesmo. Nik ficaria tão desapontado.

— Só se ele se perder no mesmo arbusto que o nosso.

É verdade. Nik virou uma pessoa diferente depois da nossa conversa, focando em Annemette com uma intensidade renovada.

De mãos dadas, marchamos pelo Centro do Comércio. Estamos bem atrás de Annemette e Nik, por mais que eles estejam se movendo a passo de tartaruga; Annemette ainda não viu quase nada da cidade fora do festival, e enfia a cabeça em cada porta e janela para espiar as mercadorias. O vendedor de doces já lhe deu um pirulito, que tingiu sua língua de um vermelho macabro. Ela ousou nos mostrar na quadra anterior, esticando a língua para fora até o queixo. Foi uma cena e tanto, uma bocarra sangrenta no rosto de um anjo. Claro que ela achou engraçadíssimo. Agradeci a Urda que Malvina não estivesse por perto.

Nik também riu, cheio de afeto estampado no rosto. Ele não faz ideia do quanto ela viajou para ver essas coisas pelas quais passamos todos os dias, para caminhar pela rua com ele.

— Eu estive em Odense — diz Iker, estreitando os olhos para o sol —, e não é Copenhague, mas também não é uma vila de um cavalo só. Pela maneira como ela reagiu ao pirulito, seria de se imaginar que nunca comeu uma bala na vida.

— Demonstrar alegria não é crime, Iker.

E não é mesmo, por mais que eu saiba que isso não justifica tamanho deslumbramento de Annemette com a bala. Desvio o foco para ele.

— Nem todo mundo é tão difícil de impressionar quanto o príncipe bronzeado da baía de Rigeby.

Seus lábios se elevam em um sorriso, e ele olha para mim.

— Dou risada com mais vontade do que qualquer um, e você sabe disso, não importa se vivi à base de arenque salgado pelas últimas três semanas. — Ele aperta meus dedos, e beijo seu ombro. — Só estou dizendo que há algo estranho em tanta alegria.

Meu coração começa a martelar, e minhas têmporas ficam quentes. Essa não é uma boa linha de raciocínio. Nada boa. Mudo de tática.

— Coloque-se no lugar dela. Ela chegou a Havnestad com uma acompanhante verde de tão doente, sem conhecer uma alma. E, apesar disso, foi acolhida, recebeu uma cama em um belo palácio, e o deslumbrante príncipe que veio conhecer claramente a acha especial. — Balanço nossas mãos dadas à vista. — É um furacão de alegria, não é? Meus cachos quase ficaram lisos só de ver.

Ele dá uma risada educada, pega um dos meus cachos, puxando-o até que fique totalmente esticado, e o solta, observando a mecha se encolher de volta em uma espiral.

— Isso seria desastroso. Nem os salões de Paris seriam capazes de reproduzir esses cachos.

Minhas bochechas ficam vermelhas quando chegamos ao fim do caminho de paralelepípedos e ao começo da trilha para Lille Bjerg Pass. Annemette e Nik já sumiram em uma curva. Dou um passo para a frente de Iker na trilha estreita, e soltamos as mãos.

— O que quero dizer é... O que sabemos sobre Annemette? Como sabemos que ela é quem diz ser?

Dou uma risada, tentando fazer parecer que o que ele diz é ridículo e insensato.

— Como assim, você acha que ela é uma espécie de vigarista em fuga, roubando joias da coroa a cada Lithasblot?

É a coisa mais absurda em que consigo pensar, exceto pela verdade.

— Não. Não. Ela é uma garota adorável... Só que tem algo nela que não consigo identificar direito. E não gosto dessa sensação, especialmente quando envolve família.

— Eu sei o que é — respondo, torcendo para enfim acabar com o assunto, tanto por Annemette quanto por mim. — Ela se parece com Anna.

Ele hesita atrás de mim.

— A sua amiga que se afogou?

— Essa mesma.

— Claro. Ela era loira.

— Sim. E tinha olhos azuis. E pele clara. E o rosto em formato de coração... Tudo isso. A semelhança me deixou pasma. — Não consigo evitar: lágrimas brotam em meus olhos. — Pensei que tinha visto um fantasma.

Ele para de andar. Quando me viro, está me observando, as sobrancelhas franzidas. Assim como aconteceu na sacada, a desconfiança se espalha pelo seu rosto com a mesma força da luz do sol.

— Você tem certeza de que essa garota não pode ter descoberto isso? Escolhido o nome Annemette de propósito? Talvez esteja enganando vocês dois; se aproveitando das lembranças.

O desnível da trilha nos deixa cara a cara, e ele pressiona os polegares nos cantos dos meus olhos, secando as lágrimas que se acumularam. Coloco a mão no peito dele e digo:

— Quem são esses canalhas que você conhece em alto-mar? Alguém no mundo realmente faz coisas tão horríveis? Você não tem fé nenhuma na humanidade?

— Evelyn, sei que não é ingênua, mas sinto que devo lembrar tanto a você quanto ao meu primo que as pessoas nem sempre são quem dizem ser.

— Você não está errado. — Dou um passo à frente e encosto a minha testa na dele, nossos lábios a um suspiro de distância e nossos olhares fixos um no outro. — E por mais que eu ache sua preocupação incrivelmente

adorável, estou cansada de falar sobre isso. Annemette pode não ser Anna, mas *é* minha amiga. Eu não fui enganada.

Cubro a distância entre nós, beijando-o. Ele se entrega com vontade, envolvendo minhas costas e entrelaçando os dedos no meu cabelo. Ficamos assim por um bom tempo, mas é apenas quando ele relaxa ao ponto de fechar os olhos que sei que finalmente ganhei essa rodada.

— Resolveram pegar o caminho mais longo?

Afasto-me de Iker e vejo Annemette parada a alguns metros, com Nik certamente depois da curva. Ela está com a sobrancelha erguida, mas seus lábios manchados de cereja se curvam em um sorrisinho sarcástico.

— Não ficou sabendo? Eu estou sempre atrasado — responde Iker.

Ele sorri um pouco da própria tirada modesta, mas posso jurar que ainda vejo uma expressão cética no seu rosto quando ele passa por ela a passos largos.

Annemette me dá a mão, e nós duas começamos a gargalhar. Realmente é como se Anna estivesse aqui.

Seguimos montanha acima na direção dos jogos, mas, quando chegamos, Nik e Iker já foram convencidos a competir na corrida na montanha. O dever real e o espírito esportivo deixam para mim e Annemette o lugar de plateia em um tronco caído. Normalmente, eu também corro — sou mais ágil do que pareço —, mas os pés de Annemette ardem mais do que no dia anterior. Por isso, decidimos assistir aos escaladores de rocha ao longe, enquanto esperamos os garotos descerem ruidosamente pela montanha, suados, sujos de terra e cheios de novas histórias.

— Como você consegue? — pergunta ela, baixinho.

— Do que está falando?

— Fazer Iker beijar vocês daquele jeito? — explica ela, trazendo uma notável exasperação na voz. — É bobo, mas venho observando vocês...

— Em busca de dicas?

Tenho vontade de rir; a ideia de alguém me observando para aprender táticas de sedução é ridícula, e ainda tenho minhas dúvidas se realmente existe amor por trás dos beijos de Iker, mas Annemette parece tão desesperada... Parece não, *está* desesperada.

As bochechas dela coram, apesar de a luz da montanha desbotar o tom rosado.

— Eu já fiz tudo que posso para mostrar o que sinto, e nada de beijo ainda! Mas acho mesmo que ele gosta de mim.

— Ele gosta. Sei que sim!

Afasto totalmente aquela manhã dos meus pensamentos. Nik me ouviu. Sei que ouviu. Vai ficar tudo bem. Ela fica em silêncio por um segundo, perdida em pensamentos. Então fala:

— Meu pai, o rei dos mares, diz que quando tudo é do jeito esperado, nos tornamos cegos às imperfeições.

De algum modo, fico muda de surpresa ao ouvir que o rei dos mares das nossas histórias infantis é tão real quanto a sereia à minha frente.

— Seu pai é sábio.

— Mas não sou cega. Suas palavras sábias ecoam nos meus ouvidos a cada momento que eu deveria estar aproveitando. Em vez disso, olho além do casal perfeito que aparentamos ser e enxergo todas as razões para Nik não me amar.

— Sei como é.

— Não, Iker te ama.

— Gostaria que amasse — retruco, balançando a cabeça. — Mas Iker tem a reputação de beijar qualquer garota que fique de joelhos bambos ao vê-lo; e não sou a única de Øresund que se encaixa nessa categoria. Iker e eu não somos para sempre, e estou tentando aceitar essa realidade.

Ela olha para os pés e pergunta:

— Então ele tem outras garotas que trata igual a você?

— Tem. Ou tinha. Não sei — respondo, sentindo a bochecha corar. — Mas o que estou querendo dizer é que Nik não tem! Só tem um peixe no mar, e é você...

— Que analogia ridícula, Evie.

— E eu aqui achando que tinha sido uma ótima sacada, levando em conta a sua condição.

Annemette fecha os olhos com força, e me arrependo de fazer uma piada idiota em um momento desses.

— Minha condição. Sim — diz ela, com uma risadinha triste. — Que bela condição; amor à primeira vista por um garoto que nem quer me beijar. Eu tinha tanta certeza de que ele me traria uma vida repleta de felicidade, e não...

Nenhuma de nós quer completar a frase.

18

Quando Nik e Iker voltam, ambos com o ego magoado depois de perder a corrida da montanha, estão ansiosos para provar quem é o mais forte, o mais rápido e o mais ágil. Parece que o filho do alfaiate, o pequeno Johan Olsen, não é mais assim tão pequeno.

— Nunca vi ninguém correr igual a ele — admite Nik conforme seguimos para o rio Havnestad, que serpenteia pelas montanhas antes de desaguar no mar. — Foi impressionante.

— Quer ficar impressionado? — pergunta Iker. — Me desafie para a corrida no tronco, primo. Eu poderia vencer dez daqueles garotos Olsen, e você também.

Olho para Annemette, que tem um sorriso estampado no rosto, rindo com os meninos. E, como eu adoraria ver Iker cair no rio Havnestad, estou encorajando os dois ao máximo.

Nik dá uma risadinha; uma risadinha majestosa, mas sincera mesmo assim. Quando chegamos à margem do rio, ele ainda está ponderando. Posiciona um dos pés na extremidade do tronco à direita. À esquerda, há outro livre para Iker.

— Se não estou enganado — diz Nik —, ouvi dizer que você veio ao espetáculo do Lithasblot graças à promessa de ver uma certa pessoa de cabelos negros cambaleando por um tronco, e não era eu, primo.

Nik! Como ele pôde? Mas eu rio, e Iker também, jogando a cabeça para trás. Nik também não aguenta; gargalha tanto que seu pé escorrega da

ponta do tronco e ele se agacha até quase sentar.

Annemette, no entanto, se mantém no controle. Quando volto a ajeitar a postura, ela me encara com um sorrisinho maroto e um brilho nos olhos.

— E se chegarmos a um meio-termo? Nik e Evie competem entre si. O vencedor enfrenta Iker.

Iker arqueia as sobrancelhas, seus olhos brilhando com vida e empolgação. Ele bate palmas com força e diz:

— Sim. É isso. A senhorita deu a ideia perfeita!

— É, a ideia perfeita para não se molhar — respondo, balançando a cabeça.

Annemette dá de ombros e recua até uma pequena plateia que se formou, alinhada ao longo das rochas e dos troncos.

— Sou apenas uma espectadora — afirma ela.

Nik ri e lhe dá uma cotovelada carinhosa.

— Era o que eu pensava também, minha querida, e veja onde isso me levou — diz ele.

— Pois é, virou minha primeira vítima — respondo, erguendo a sobrancelha para ele.

— Ah, por que tem tanta certeza de que vai vencer? — pergunta Nik com um ligeiro sorriso nos lábios, apesar de tentar manter a voz indignada.

— Às vezes, temos um pressentimento, meu príncipe. Você com certeza vai perder, Asger Niklas Bryniulf Øldenburg III.

Enquanto os espectadores e competidores entoam o nome de Nik, ele pisa no tronco à minha frente. Os dois estão amarrados por cordas de barcos de ambos os lados para mantê-los retos acima da correnteza e um tanto quanto estáveis; para que a competição seja justa, e não para facilitar.

São quase oito metros de extensão. Devemos correr até a outra extremidade, tocar a margem, então voltar. Vence quem chegar primeiro ou não cair na água. Se ambos acabarem dentro do rio, é empate, não importa quem caiu primeiro.

Nosso colega de classe, Ruyven Van Horn, com o cabelo ruivo amassado e orelhas de abano, está entre nós dois, responsável por anunciar a largada oficial.

— Em suas marcas... Preparar... Vai!

Pulamos nos troncos. Nik tem pernas bem mais longas e está um passo à frente, mas seu centro de gravidade é mais alto, fazendo-o cambalear imediatamente.

— Já está perdendo o equilíbrio, primo? — comenta Iker ao fundo, rindo.

Não consigo vê-lo, mas tenho certeza de que Nik está sorrindo.

— Sua implicância só serve para me irritar.

No tempo que ele levou para se recuperar e responder à provocação de Iker, já avancei cinco passos. Os troncos estão escorregadios, mas o meu é do tamanho perfeito para os meus pés. Andando com os pés virados como os de uma bailarina francesa, consigo avançar depressa para o ponto central em passos curtos. Atrás de mim, Nik alterou a velocidade, correndo o risco de ser levado pela gravidade a cada passo longo, mas usando sua força e coordenação para continuar estável.

Chego ao final do tronco e pulo na margem oposta, e Ruyven ergue a bandeira.

— Excelente, Evie! — comemora Annemette.

Subo de volta no tronco bem no momento em que Nik pula e aterrissa em segurança na outra margem.

— Mette, sua traidora — grita Nik, voltando para seu tronco um pouco rápido demais.

Vejo os braços dele girando em um grande arco pela minha visão periférica e ouço a plateia arquejar.

— Menos papo, mais movimento, primo. Evie está dando um banho em você!

— Você só está torcendo para mim porque é idiota o bastante para pensar que pode me derrotar na próxima rodada. Contra ela você não tem chance, e sabe disso.

Continuo na liderança, mas por pouco, com passadas mais lentas e cautelosas. Ao longo dos anos, já vi muitos competidores caírem no rio a um metro da linha de chegada por já estarem com a cabeça em terra firma. Eu poderia facilmente sussurrar um dos feitiços de *tante* Hansa e secar o tronco sem ninguém notar, mas não farei isso. Não sou trapaceira. Meu coração desacelera quando me concentro no tronco, ouvindo apenas o som da água corrente.

Nik está ao meu lado, mas minha visão focada o ignora; se está balançando os braços ou avançando de forma lenta e estável, não sei. Só sei que, quando chego à margem, Ruyven levanta o meu braço, e quando me viro para olhar, Nik também está ali, com as mãos na cintura e a respiração acelerada.

— A dama vence por um centímetro! — exclama Ruyven.

Annemette e Iker batem palmas, por mais que o último já esteja assumindo sua expressão competidora. O restante da multidão fica quase todo em silêncio até Nik erguer as mãos e agradecer; então todos vão à loucura.

— Muito bem, Evie — diz Nik, apertando meus ombros. Então se aproxima e completa no meu ouvido: — Ignore-os. Eles só comemoram por obrigação. — Depois se vira para a multidão e exclama: — Uma salva de palmas para Evie!

Palmas mais calorosas seguem o pedido, mas também — e não há nenhuma surpresa nisso — algumas vaias. Então todos os olhos se voltam para Iker. Ele me encara, os olhos azuis alegres ficando sérios de concentração. Se Iker compete da maneira grandiosa como faz com todo o resto, vou precisar de muito mais do que um centímetro.

Eu me viro e posiciono o pé diante do tronco.

— Tem certeza de que está pronta para dar o seu melhor de novo, Evelyn?

— Pare de enrolar, Romeu. Vamos nessa.

Olho de relance para Ruyven, que está se divertindo às nossas custas. Quando nossos olhos se encontram, seu rosto, em geral pálido feito massa de pão, assume um tom vermelho como ameixa, e ele ergue a bandeira para marcar o início da corrida. Iker ainda está a um ou dois passos do tronco, virado de costas, brincando com a plateia. Ajeito meus pés, com as panturrilhas tensas por baixo do vestido.

— Em suas marcas...

Iker demora quase um segundo para registrar as palavras. Ruyven já está na frase seguinte antes que o príncipe herdeiro da baía de Rigeby tenha tempo de correr.

— Preparar...

Iker está a um metro do tronco.

— Vai!

Subo no tronco, mantendo o peito para baixo, os quadris retos e os joelhos dobrados. Estou um metro e meio na frente quando Iker finalmente pisa no tronco, mas, sendo Iker, ele assume a liderança com apenas dois grandes passos.

A mata ao redor está tomada por vozes, tão altas que ultrapassam minha concentração e o burburinho do rio; sempre podemos contar com Iker para trazer desordem a qualquer situação.

— Acaba com ele! — grita Annemette.

— Você consegue, Evie! — torce Nik.

Não consigo, não. Iker já está a um metro da outra margem, seus passos ousados trazendo risco mas também compensação. Eu ainda estou a pelo menos dez passos cautelosos da terra e da chance de dar meia-volta. Quando os pés de Iker pisam na margem, ele imediatamente gira, aponta para o juiz do outro lado e ergue os braços, grandioso e orgulhoso ao se dirigir à multidão.

— Ninguém vai vibrar por esse cavalo vencedor? Sou tão horrível assim?

Diante disso, todas as garotas da plateia, com exceção de Annemette, gritam o nome dele. É o mesmo coro que imagino quando ele atraca em qualquer território dos reinos de Øresund.

O espetáculo de Iker lhe custa algum tempo, no entanto, e eu piso na terra logo depois de ele voltar ao tronco. Ao ver que calculou mal, ele imediatamente avança para o outro lado, meio que saltando para se manter à frente.

Fico tentada a acelerar e dar passos maiores, mas me controlo; o tronco está ainda mais escorregadio do que antes.

Então sigo no meu tempo. Passos velozes, olhos apenas no tronco, respiração estável e calma.

No meio do caminho, conquisto a liderança, com uma segunda vitória no horizonte. E é bem nesse momento que alguém da plateia decide que mais um príncipe não pode perder, e um graveto me acerta no pescoço.

Sinto uma dor aguda e perco o equilíbrio. Estou tombando na água e no tronco de Iker antes que consiga fazer qualquer coisa física ou mágica para impedir a queda. Enquanto caio, penso por um milésimo de segundo no feitiço de boiar de Annemette, e quase digo o comando, mas não posso fazer isso aqui. Mesmo assim, pairo no ar pelo mais breve dos segundos

antes de cruzar o olhar com ela. Vejo quando assume a expressão de concentração que testemunhei na lagoa de Greta. *Não faça isso*, penso, olhando feio para ela. *Não aqui.*

Despenco no rio e sou empurrada para baixo do tronco de Iker pela correnteza. Ouço uma gritaria acima do fluxo de água, mas não consigo distinguir as palavras. Então vejo um borrão de branco e azul-marinho seguido por um grande espirro e gotas de água no meu rosto.

Os gritos da multidão são calorosos, mas só quando sinto dedos fortes segurando a parte de trás da gola do meu vestido é que percebo que Iker pulou na água. Está se agarrando ao tronco em uma tentativa de não descer rio abaixo.

— Você está bem?

Assinto, um pouco surpresa tanto pela água quanto pela ferocidade na sua voz.

Iker me dá um empurrão delicado, e eu nado os últimos metros até a margem, vencendo com esforço a correnteza. Annemette está se abaixando e esticando a mão para mim, sujando a barra do belo vestido de lama.

Nik está na margem, gritando. Mais do que isso; está arrancando o garoto que jogou o graveto do meio da multidão e o expulsando da competição. Nunca vi Nik com tanta raiva.

Annemette me puxa para a margem escorregadia. Iker vem em seguida, afundando as mãos na lama ao sair do rio. Nós dois estamos em frangalhos, pingando água e bolos de lama pelo corpo todo.

A plateia está em silêncio, e nós também. Nik se aproxima, e viramos para a trilha sem dizer uma palavra. Nem mesmo Nik, ainda bufando de raiva.

Enquanto nos afastamos, Nik fica lançando olhares para mim e murmurando consigo mesmo. Quase parece querer segurar minha mão, mas Iker está com o braço em volta dos meus ombros, então ele se contenta em dizer:

— Vou providenciar que ele nunca mais participe ou assista a uma competição.

Não sei o que pensar; Nik não é de ostentar seu poder real desse jeito, mas não vou negar que a sensação é boa. Claro que só vai servir para dar continuidade aos rumores. Mais motivos para o povo da cidade dizer que não sei o meu lugar. Esfrego o hematoma que está se formando no meu

pescoço, a lembrança deixada pelo graveto, e olho para Annemette. Sua expressão está fechada, a boca, contraída em uma linha, e a testa, franzida. Ela caminha a alguns passos de distância de Nik, dando espaço para ele, deixando-o em paz.

Eu fiz de novo, não fiz? Encontrei outra maneira de distrair Nik do que importa. Só quero ficar sozinha, deixar todo mundo seguir sem mim, mas quando chegamos à cidade, Iker me puxa para trás, parando para raspar a lama de suas botas nas beiradas irregulares dos paralelepípedos. Com as botas limpas e Nik e Annemette longe o bastante para não escutar, ele segura minha mão.

— Por que você ficou aqui?

Pisco para ele, confusa.

— Como assim?

— Quando eu parti para caçar baleias há alguns dias... Por que ficou aqui onde sabia que pessoas jogariam gravetos e diriam coisas terríveis sobre você?

Iker ficava pau a pau com *tante* Hansa quando o assunto era a capacidade de observação, mas suas palavras também podiam soar vazias.

— Não há nada de novo — digo. — Além disso, sua oferta não era real. Nós dois sabemos disso.

Ele balança a cabeça com um olhar feroz.

— Isso não é verdade, Evie. E é real agora, quer você acredite ou não. No momento em que minhas obrigações no baile acabarem, vamos partir. Só eu e você no meu barco. Se pegarmos uma baleia, melhor ainda.

Parecia perfeito. Meus sonhos passaram diante dos meus olhos: de liberdade, de Iker, do mar que poderíamos conquistar juntos, uma baleia por vez. Mas é perfeito demais. Eu não posso ir, mesmo que apenas por alguns dias; por que ele não entende?

Porém, ao mesmo tempo, Annemette enche meus pensamentos; ela arriscou tudo por quem amava, e eu não arrisquei nada. Mesmo que morra — e sinto dor só de pensar nisso —, ela terá vivido mais nesses poucos dias do que eu jamais vivi.

Ergo o olhar para Iker. Meu Iker imperfeito. A escolha certa não poderia estar mais clara.

— Vamos pegar uma baleia — digo.

Iker me puxa para um beijo, e eu me entrego a ele, já com a cabeça repleta de sonhos de dias no mar e noites aconchegantes, com a bochecha aninhada no seu peito.

QUATRO ANOS ANTES

A garota de cabelos negros não conseguia ficar na areia. Não conseguia simplesmente ficar deitada ali enquanto as pessoas que ela amava como à própria família estavam no mar.

Ela tentou se levantar, mas sentiu um peso tão forte quanto a maré a puxando para baixo. Tropeçou e sentiu os pulmões se contraírem, então voltou a cair na areia.

O povo da cidade que assistia à cena não a ajudava a se levantar nem corria para acudi-la. Sussurravam, as mãos escondendo as bocas, mas suas vozes não eram baixas o suficiente. Ela já escutara tudo antes, e as frases ecoavam em seus ouvidos como lembranças.

Aquela garota... Ela tem permissão para entrar no castelo e é tão burra que acha que mora lá.

O príncipe não é seu irmão, garota.

Não duvidaria nada se ela estivesse por trás de toda essa tragédia; vaca gananciosa.

A menina de cabelos negros se forçou a se levantar de novo, com os olhos na silhueta de Iker, que nadava habilmente pelas ondas. Ela flexionou os dedos na lateral do corpo. Havia tanto que gostaria de poder fazer.

Deu um passo à frente. Então outro. Usando todo o seu poder para se mexer, respirando fundo para seguir em frente. Seu coração martelava no ritmo dos nomes dos seus entes queridos: Anna, Nik, Anna, Nik, Anna, Nik.

E Iker. Tão forte. Ele precisava salvá-los.

Quando seus pés tocaram a água, ela parou. Seus dedos voltaram a se flexionar. O que ela não daria pelas tintas e pelos cristais da mãe, pelos livros e pela sabedoria da tia. Por um mundo onde pudesse usar sua magia; e não ser queimada ou banida por tentar.

Iker emergiu. Jogou a cabeça para trás, tomando ar, então mergulhou, batendo os pés no topo das ondas revoltas.

Encontrara um deles. Talvez os dois. Eles estavam submersos havia quanto tempo? Será que era tarde demais?

A garota olhou para os dedos dos pés, para os peixinhos nadando em volta dos seus tornozelos como se a pior coisa do mundo não estivesse acontecendo no mar deles.

Como se seus amigos não estivessem morrendo e como se a culpa não fosse dela.

Mas era. Fora ela quem sugerira a Anna que Nik poderia ficar impressionado com sua coragem; afinal, ele sempre parecia tão entusiasmado com as demonstrações de coragem de Evie; por que não funcionaria com Anna? Anna, que era tão apaixonada por ele.

Era culpa dela. Ela sugerira a aposta. Ela plantara a ideia de coragem na cabeça da amiga. E agora tudo dera errado.

Anna. Nik. Anna. Nik. Anna. Nik.

Mas ela tinha algum poder, não tinha? Uma lembrança surgiu na sua mente, e, de repente, as palavras escaparam de sua língua. Antigas e sombrias. Não custava tentar. Ela não tinha tintas, ou poções, ou cristais. Mas tinha palavras. Eram um suspiro de vida. E eram tudo o que lhe restavam.

Assim, a garota de cabelos negros se postou na escuridão e recitou o último feitiço que sua mãe havia usado.

Na mesma hora, sua pele esquentou, fazendo evaporar a água salgada e deixando manchas de sal seco. Seu sangue cantou com a magia, virada de costas para as pessoas que mandariam queimá-la ou bani-la. Ela se ajoelhou nas ondas, mergulhou as mãos na água; quanto maior fosse a superfície de contato, mais poder teria.

Fechou os olhos.

As palavras continuaram, e ela começou a tremer. Violentamente. Vapor se ergueu das ondas que batiam em seu corpo.

Um barulho de algo batendo na água. Um barulho alto. Vozes masculinas.

Ela abriu os olhos e olhou para o horizonte.

Nik.

Iker trazia Nik nos braços.

Estavam gritando um com o outro, cheios de vida. A voz de Nik se sobressaía ao som da água, uma única palavra nítida se erguendo acima de tudo, alta o bastante para ser ouvida.

— Não!

A garota sentiu o estômago afundar. As palavras pararam. Era tarde demais. Todos eles chegaram tarde demais.

— Ah, Anna. Sinto muito.

Ela começou a chorar, o feitiço morto na língua, a pele esfriando.

Ela piscou e viu tudo preto. Espirais de um líquido escuro e viscoso se empoçaram em seus olhos. Assustada, deu um pulo, e espessas lágrimas pretas escorreram de suas bochechas para a água.

De novo, não.

A garota esfregou os olhos, limpando as mãos na combinação. Quando conseguiu enxergar de novo, olhou para os pés. Peixinhos mortos boiavam na superfície e as algas marinhas escureciam e encolhiam.

Ela cambaleou para trás, pisando na areia seca. A magia sumira dos seus lábios, um dos seus melhores amigos nadava em direção à terra firme, outra flutuava com suas lágrimas no mar. Lágrimas que haviam matado a vida aos seus pés.

A garota se virou para encarar a multidão, sujando as mãos de preto ao esfregar os olhos de novo. A magia penetrando na pele.

Houve um arquejo coletivo inconfundível.

— Ah, parem com isso, é só sujeira do mar. Ela quase se afogou!

Era tante *Hansa. A velha se aproximou da garota de cabelos negros e abraçou-a. Então sussurrou no ouvido dela:*

— Precisamos ir embora. Depressa, sua vida é mais importante do que esperar esses garotos chegarem na areia.

19

— Tem certeza de que está bem? — pergunta Annemette quando deixamos o castelo com as mãos cheias de morangos.

Voltamos ao quarto para que eu pudesse vestir roupas secas, e Annemette, um vestido menos enlameado. Sugeri um lanche e uma caminhada para esfriar a cabeça. Estava tudo tão confuso... Eu realmente tinha acabado de aceitar fugir com Iker? Mas não podia falar com Annemette sobre nada disso.

— Estou bem. Não foi nada grave. Sério.

— Não entendo por que essas pessoas são tão horríveis com você — comenta ela. — Você é generosa, inteligente, bonita e é a melhor amiga do príncipe!

Suspiro e afasto as mãos dos olhos.

— É exatamente por isso. Sabe como é, eu sou pobre, e não tem problema, porque quase todo mundo também é. Mas em Havnestad, e provavelmente em todo lugar, os pobres não são amigos dos nobres. Eles são criados. Na infância tudo bem, mas essa amizade deveria ter acabado há muito tempo.

— E por que não acabou?

— *Tante* Hansa. Ela salvou o rei quando ele era criança, curou-o de uma doença terrível, e de novo anos mais tarde, depois de um acidente de navegação. Minha família foi recompensada. Meu pai foi nomeado pescador da realeza, e Nik e eu pudemos continuar amigos. Mesmo que a

rainha Charlotte tenha protestado muito, até mesmo depois de minha mãe morrer do jeito que morreu.

Annemette não insiste no assunto, então continuo:

— A grande ironia é que *tante* Hansa também nunca aprovou minha amizade com Nik, e, por mais que critique, me conhece bem o bastante para nunca proibir. Mas o resto do povo acha que estou usando Nik para dar uma de superior, para ser melhor do que eles. Todos me odeiam por isso. E isso nunca vai mudar.

Passamos por uma fileira de chalés de tijolos, cada um com um pequeno jardim frontal.

— Anna? Anneke? — chama alguém às nossas costas.

Annemette pisca, e eu me viro.

Parada na rua, apoiada na bengala de madeira, está *fru* Liesel; avó de Anna.

Ela aponta o dedo torto para Annemette e sorri.

— Anneke, venha cá, dê um abraço em sua *oma*. Estava com saudades.

Annemette olha para a velha, então para mim.

— *Fru* Liesel, essa é minha amiga, Annemette. Ela veio de Odense.

A velha me ignora. Como sempre.

— Anneke, venha cá, dê um abraço em sua *oma*. Estava com saudades.

Annemette dá um passo na direção da avó de Anna.

Assim como já aconteceu tantas vezes essa semana, sinto como se estivesse olhando através de um vidro para uma realidade paralela. Uma na qual Anna está viva, bem, linda, cantando sobre garotos e morangos antes de abraçar sua amada avó na rua.

Mas, para Annemette, essa não é uma cena de reencontro.

— *Fru* Liesel, meu nome é Annemette, é um prazer...

Mais forte do que parece, *fru* Liesel solta a bengala e puxa Annemette com a força das mãos ásperas. Annemette não oferece resistência, afundando o rosto nas batidas do coração da velha.

— Anna, minha Anneke, por que não me visitou? Onde esteve? Seu pai está morrendo de preocupação; *eu* estou morrendo de preocupação.

Annemette se afasta e segura delicadamente os ombros da mulher. Sua expressão é de bondade.

— Estive longe, *oma*. Sinto muito. Como tem passado?

Sinto a garganta apertar enquanto assisto a Annemette dar à velha o que ninguém lhe permite em Havnestad: compaixão.

— Ah, estou tentando ser boa, mas, na minha idade, preferiria sair voando com as bruxas.

— Imagino, *oma*.

Fru Liesel ainda segura Annemette com ambas as mãos. A garota se abaixa, pega a bengala e estende-a para a velha.

— Aqui está, *oma*. Agora, onde você estava indo?

Fru Liesel pega a bengala com uma das mãos, mas continua segurando Annemette com a outra, apoiando todo o peso na lateral da garota.

— Para casa, querida. Estava indo para casa.

Annemette me olha.

— Deixe-nos ajudar, *oma*.

Acompanho alguns passos atrás enquanto Annemette e *fru* Liesel caminham de braços dados pela rua da praia, subindo na direção do castelo e virando para uma fileira de palacetes do lado ensolarado do castelo de Øldenburg. *Fru* Liesel está certamente guiando Annemette, sendo o caminho de casa uma das poucas coisas que ela ainda não esqueceu, mas Annemette parece tão tranquila que é difícil não pensar que há outra coisa a chamando.

A casa da infância de Anna é a terceira à direita, de tijolos vermelhos e contornos claros. Foi também a casa da infância de *fru* Liesel, da qual ela se recusou a ir embora quando toda a família fugiu para Jutland. Observo o rosto de Annemette quando *fru* Liesel aponta para a casa, sufocando a agitação dentro de mim que torce para que ela reconheça o lugar; para que essa garota nascida do mar realmente seja a minha antiga amiga em uma nova e impossível embalagem. Mas, se Annemette reconhece os grandes contornos da casa, sua expressão não deixa transparecer.

— Aqui estamos, *oma*.

A voz de Annemette é clara e gentil enquanto elas sobem os degraus de pedra em direção à porta da frente.

— Obrigada, minha Anneke.

Ela descansa a bengala no batente da porta e a abre.

— Vamos tomar um pouco de portvin e conversar sobre suas viagens. Quero saber tudo, especialmente sobre os jovens que fazem fila pela sua mão.

Annemette dá uma risada suave.

— Sim, *oma*, com certeza. Mas pode ser mais tarde? Tenho planos com Evie.

— Ah, você e Evie, sempre correndo por aí. Os dois únicos peixinhos da escola. O filho de Asger sempre tentou acompanhar vocês, mas até mesmo um membro da realeza pode acabar sobrando — responde ela com uma risadinha.

— Verdade, *oma*.

Annemette acaricia o braço da mulher, enfim se soltando. Mas essa liberdade dura apenas um momento antes de *fru* Liesel agarrar sua mão de novo.

— Mas tome cuidado com aquela garota, Anneke. Coisas ruins a acompanham. Morte negra. Peixinhos boiando aos pés dela.

Annemette me olha, e não sei o que dizer.

— Aquela bruxinha vai acabar com você se não tomar cuidado.

20

Nem saímos da vista da casa de Anna quando Annemette segura minhas mãos de repente e me puxa para um aglomerado de árvores bem na frente do jardim de tulipas da rainha.

— Da primeira vez que você me viu, me chamou de Anna. E *tante* Hansa também mencionou uma Anna. Agora essa mulher insiste que sou a neta dela. Quem é essa garota? Você a conhece?

— Eu a conhecia. Ela morreu.

O olhar de Annemette suaviza.

Engulo em seco, mas não viro o rosto. O cabo de guerra no meu coração chegou ao fim; a voz na minha cabeça ganhou uma chance de ser ouvida.

— Ela é a pessoa que acho que você foi antes de virar sereia.

Annemette franze a testa.

— Como assim, antes de virar sereia? Você quer dizer a minha alma? Qual é o nome daquele negócio em que as pessoas das ilhas das especiarias acreditam... reencarnação?

— Não, não reencarnação; a *pessoa* que você foi antes, a pessoa a partir de quem você foi feita.

— Eu fui feita apenas pelos meus pais — respondeu ela, segura. — Não há outra maneira de se fazer uma sereia.

— Mas e se houver?

Mudo a posição das nossas mãos e agora sou eu quem segura os punhos dela.

— Sei que é loucura, mas minha melhor amiga, Anna Liesel Kamp, morreu afogada há quatro anos. Você parece com ela em todos os aspectos, só que era mais jovem: o cabelo loiro, os olhos azul-escuros, as sardas no nariz. Além da aparência, ela amava cantar. Era espirituosa, era...

— Evie, quantas loiras nós vimos nos últimos dias? Cem? Mil? Tenho certeza de que só Malvina tem três irmãs loiras. Tem mais loiras em Havnestad do que embaixo de todo o oceano. Quantas garotas têm olhos azuis? Gostam de cantar? Dão respostas abusadas?

— Eu sei, mas...

— Isso não é evidência, é coincidência.

Annemette se livra das minhas mãos e aponta para as hordas de pessoas na praia.

— Todas essas pessoas devem se lembrar de Anna, mas exceto por essa idosa, sua velha *tante* e você, ninguém me confundiu com ela durante todo esse tempo.

— Porque acham que você está *morta*!

Annemette abaixa os braços com força, fechando as mãos. Também fui dominada pela frustração, e não tenho noção do volume das minhas palavras. Não sei se gritei ou sussurrei. Tudo o que sei é que o rosto de Annemette mudou de irritado para preocupado. Abro a boca para dizer que Nik e Iker também enxergam as semelhanças, mas ela já está falando.

— Você acha que eu sou ela... Você passou esse tempo todo achando isso.

— No começo, sim, depois, não. Eu me tornei sua amiga, Annemette, mas quer saber se parte de mim torcia, *acreditava* que você fosse Anna esse tempo todo? É claro!

No segundo em que pronuncio as palavras, percebo a força com que essa crença vinha me impulsionando. Eu não estava apenas imaginando como seria um futuro alternativo com Anna; eu de fato acreditei que isso estava acontecendo. Que está acontecendo agora.

Abaixo a voz e viro de costas para o jardim de tulipas.

— Anna se afogou. Seu corpo nunca foi encontrado. Então, do nada, você surge da mesma água, uma cópia perfeita dela. O que eu deveria pensar?

O rosto de Annemette está completamente fechado. Seus lábios estão pressionados, os olhos, cerrados, uma massa de cabelo cobre suas orelhas.

Percebo que ela está se preparando para me responder, mas não consigo aguentar o silêncio.

— Você se lembra bem da sua infância? — pergunto. — Tem alguma lembrança dela? O que estava fazendo há cinco anos? Há dez? Quem é seu amigo mais antigo?

Quando ela enfim abre os olhos, estão cheios de raiva, apesar da voz sair controlada e as palavras ignorarem totalmente minhas perguntas.

— Sinto muito por sua perda, Evie, mas não sou sua amiga. Não sou ela. Sou Annemette. — Sua voz fica mais baixa e falha, cheia de mágoa. — Além disso, seu sonho não é possível quase pelo mesmo motivo que me trouxe aqui.

— Como assim?

Ela aproxima o rosto do meu, com o maxilar contraído de raiva, as narinas abertas.

— Sereias não têm alma, Evie, não como vocês, humanos. Eu não poderia ter sido criada a partir de alguém com alma. Sua amiga Anna está em um lugar melhor, não neste corpo que não vai virar nada além de espuma do mar.

Suas palavras duras me atingem uma por vez, acabando com quase toda a minha esperança. Então um ditado de *tante* Hansa passa por minha cabeça: *A única coisa que a magia não sabe fazer é conhecer seus limites.* Tudo é possível. Abro a boca para dizer mais, para argumentar outra vez, mas Annemette ergue a mão.

— Pare, Evie. Pare. Você só está se machucando.

Olho-a com atenção. Será que realmente é Anna? Então ouço o eco de suas palavras: *Seu sonho não é possível quase pelo mesmo motivo que me trouxe aqui*. Meu sangue começa a ferver.

— Por que você está aqui? — pergunto, semicerrando os olhos para ela.

— Como assim? Eu amo Nik.

— Não — retruco, balançando a cabeça. — Você está aqui em busca de uma alma. Não está? Qualquer uma serve. Então esse é o seu plano: fazer Nik amar você, beijar você, então roubar a alma dele? Isso tudo é algum tipo de jogo sombrio e doentio?

Meu coração bate tão alto que mal escuto a minha voz. Os olhos dela suavizam.

— Não, Evie. Você entendeu tudo errado. Eu amo Nik. E, sim, se ele me amar e me beijar, eu fico com uma parte da alma dele. Vou poder viver como humana, e mais um pouco depois de morrer. Mas a generosidade de Nik não é nada diferente de quando você dá um pedaço de si para ele e para todas as pessoas que conhece e que trata com bondade, tornando-as melhores. Não tenho alma para dar, mas também não acho que querer uma é crime.

Meu batimento desacelera, mas estou respirando como se tivesse participado do carregamento de pedras. Como posso ter dito aquilo? Foi horrível. Annemette pega minhas mãos e me puxa para um abraço, o cheiro do mar no seu cabelo me acalmando. Ergo o olhar quando ouço o som de botas nos paralelepípedos. Iker e Nik se aproximam. Quando me afasto de Annemette, tenho certeza de que meu rosto está igual ao dela, de bochechas coradas e olhos vermelhos.

— Sorria — digo, secando os olhos. — Nossos príncipes nos aguardam.

Annemette segura meus ombros, já com um sorriso brotando nos lábios.

— Obrigada, Evie.

Então ela se vira e corre para os braços de Nik, apertando-o com força e aceitando a tulipa rosa da mão dele. Ele também trocou de roupa, suas botas respingadas de lama e roupas suadas foram substituídas por uma versão limpa e impecável quase idêntica.

— Quando não as encontramos onde as deixamos, pensamos que tinham fugido com outros marinheiros.

— Bem, *ele* pensou isso. Eu sabia que vocês não encontrariam ninguém melhor — diz Iker, piscando.

Ele me entrega uma tulipa vermelha, e eu me jogo imediatamente nos seus braços. Impossível, mas sua nova camisa recém-lavada e engomada cheira a sal e limões e mar.

Nik ergue o olhar para a rua dos palacetes, onde a casa de Anna se destaca no fim. Ele olha para os tijolos vermelhos, então para mim.

— Aquela era a casa da nossa amiga — conta Nik, apontando com o queixo. — Evie já contou de Anna para você?

Annemette assente e responde:

— Acabamos de encontrar a adorável avó dela. A pobrezinha achou que eu fosse Anna.

Ele passa o polegar pela bochecha dela em um gesto delicado.

— Preciso admitir que você realmente se parece com nossa velha amiga, mas levando em conta que *fru* Liesel já acusou a todos, inclusive a mim, de ser Anna nos últimos anos, eu diria para não se preocupar com o que ela pensa.

Nik e eu nos permitimos uma risadinha, apesar de ser tão difícil falar de Anna. E, por mais que meu corpo esteja esgotado da discussão com Annemette, não consigo abrir mão da esperança de que, em algum lugar dentro dela, está nossa velha amiga. Sinto isso nos ossos. No coração. Estou certa disso.

Estou certa sobre ela.

Amanhã não pode ser seu último dia, e se Nik não conseguir me ajudar a conquistar aquilo de que ela precisa, eu mesma vou encontrar uma maneira.

QUATRO ANOS ANTES

O herói era grande demais para o quarto. Isso vinha acontecendo com frequência: sua nova altura causava problemas com qualquer porta ou teto fora do castelo. Os porões dos navios do pai eram com certeza o pior lugar, o que era irônico, considerando o forte sangue viking em suas veias.

Fazia uma semana, e ele precisava vê-la de novo. Ela faltara a todos os dias do Lithasblot daquele ano, afundada em cobertas e desespero. Ele a visitava toda noite antes dos seus compromissos, entrando no quarto entulhado de garrafas e incenso onde tante *Hansa colocava suas famosas técnicas de cura em ação. Ele nunca entrara nesse quarto antes; ela sempre ia até ele. A casa da amiga parecia outro mundo; e era.*

Já haviam se passado semanas, agosto se aproximava. Mas ela continuava fechada em casa, confinada no cômodo pela dor.

Estava um pouco melhor naquela tarde, sentada, encostada na parede, lendo algum livro velho e sujo na luz fraca. Ela ergueu o olhar quando ele se abaixou para passar pela porta e se sentou na beira da cama; sua mãe tradicional e suas opiniões sobre garotos e garotas bem longe dali.

— Como está o mundo lá fora?

— Seguindo em frente?

Ela se encolheu. Ele não a culpava, quase se encolhera também.

Sempre que alguém lhe chamava de herói por salvar a vida da garota que estava diante dele, seu estômago se revirava por saber que não era tão heroico assim. Todo mundo vira Iker puxá-lo para fora da água. Ele tinha sido interrompido, mas todos assumiam que falhara. Todos, inclusive Evie. Ele via nos olhos dela, nas olheiras tão escuras quanto aquele quarto.

A culpa também estava ali. Ela preenchia o espaço antes ocupado por Anna, tão vasto e complexo quanto uma menina de 11 anos. A culpa dele residia no fato de que falhara em salvá-la, a dela no fato de a ter colocado em perigo antes de tudo. Em outra parte de Havnestad, também havia decepção; por ele ter salvado a

cria do pescador em vez de uma friherrinde. *Ele era um herói, mas, em quartos escuros e conversas sussurradas, era também um traidor da própria classe.*

— Assim como você, Evie. Você está aqui. Existe muita coisa atrás dessas paredes.

Para provar o que queria dizer, deu um passo hesitante no minúsculo quarto. Ela o observou como se ele pudesse sair pelo teto. Mas, com cuidado, o menino conseguiu chegar à janela e abrir a cortina que ela pendurara ali, deixando entrar um feixe de luz solar branca e ofuscante. Ela piscou com tanta força que manteve os olhos fechados. Ele esperou até que ela os abrisse de novo antes de voltar a falar.

— Tem um mundo lá fora. Ele sente sua falta.

— Isso é mentira.

E talvez fosse. Mas ele não se importava com o mundo. Ele *sentia falta dela.*

Foram precisos mais quatro dias de visitas, mas o garoto a convenceu a sair.

Eles evitavam a praia e a enseada, se mantendo nas ruas de comércio a princípio. Por mais que ele estivesse ali para protegê-la ao máximo, comprando pães de mel e salmiakki fresco do doceiro com toda a felicidade de um dia de verão, os olhares eram inevitáveis. Todas as esquinas e portas irradiavam julgamento.

"Age como se fosse ela que tivesse se afogado."

"O mar toma tanto quanto dá; é como as coisas são, jovem."

"Foi salva por um príncipe e ainda é incapaz de botar um sorriso no rosto sortudo."

Evie mantinha o olhar nos paralelepípedos. Não havia a menor chance de ela aproveitar o sol com esses olhares; mesmo que ele estivesse ao seu lado.

Então ele a levou embora,

Puxou-a pelo braço para a montanha. Subiram sem parar, avançando pela trilha que serpenteava na direção de Lille Bjerg Pass.

Ali, a mais de um quilômetro do paralelepípedo, ele encontrou um tronco firme. Com uma vista particular das fazendas que se estendiam pelos vales abaixo, deixando o mar e seus problemas para trás. Eles nunca tinham ficado sozinhos daquele jeito. Não desde que eram crianças, e mesmo assim Anna estivera presente em quase todos os momentos.

Fazendo barulho no saco de papel, ele ofereceu salmiakkis e um sorriso.

— Alcaçuz salgado em troca de seus pensamentos?

Ela não tocou na comida.

— Eu sabia que eles iam reagir assim — falou, gesticulando de maneira vaga para trás, abrangendo toda a cidade.

Não havia por que negar; ele também vira e ouvira. Ele assentiu. Ela continuou:

— Fizeram o mesmo depois que minha mãe morreu e meu pai me levava ao mercado, sem saber como fazer compras para a casa enquanto tante *Hansa ainda estava longe.*

O herói sabia que ela tinha 6 anos na época. Grande o bastante para criar memórias definitivas. Ela desviou o olhar, mirando os pastos queimados pelo sol abaixo.

— Eu só quero roubar um barco e deixar tudo para trás. Só quero ser eu...

Ela quase continuou, mas ele agarrou sua mão.

— Venha, então, para os cais. Vamos lá.

Ela saltitou ao lado dele, sua urgência empolgada quase se equiparando à dele a cada passo.

— Onde devemos ir? Copenhague? Estocolmo? Oslo? Amsterdã? Brighton? Só me diga o local!

— Qualquer lugar que não seja aqui.

— Qualquer um, então.

O herói e a garota atravessaram o estreito e chegaram à baía de Rigeby naquele dia. Os tios e o primo do herói o receberam primeiro com surpresa — tanto pela chegada quanto por estarem sozinhos —, e então com um jantar.

Sua mãe estava furiosíssima quando ele voltou ao castelo dois dias depois com a roupa do primo: larga nos ombros, curta nos braços.

Ainda assim, sua mente voltava ao tempo que eles tiveram — Evie, Iker e ele, do outro lado do estreito — mesmo enquanto seus pais trocavam suas roupas nos aposentos reais, longe dos ouvidos de qualquer empregado.

Caminhadas pela praia com hvidtøl (seus primeiros goles), as histórias de marinheiro do primo e os cabelos de Evie voando sobre os ombros ao famoso vento da baía. Era a primeira vez que os três se encontravam desde a morte de Anna. Seu primo bebeu hvidtøl a ponto de ficar tonto, o herói parou logo antes do fim do primeiro copo.

— Você tem 12 anos e é herdeiro, o que estava pensando?

Os três coletando seiva para fazer xarope nas florestas profundas, suas sombras mais espessas que nuvens sob um nó de pinheiro.

— Você tem obrigações em Havnestad com o seu povo e o seu pai. É velho demais para fugir de casa. Inteligente demais, importante demais *para um capricho desses.*

O sorriso dela, com migalhas nos lábios, sob a insistência da rainha de servir biscoitos amanteigados em todas as refeições para engordá-la.

— Evelyn é uma menina doce, mas você se importa demais com ela. Acredite quando eu digo que vai apenas se machucar.

Seu primo os acompanhando para casa, mandando seu guardião para o porão enquanto os três cuidavam das velas, totalmente capazes.

— Nik, me escute. Eu já fui jovem. Sei como é amar alguém que você não pode ter.

Nesse momento o herói piscou, focando na rainha.

— Ela é minha amiga, mãe.

Mas ele sabia que as palavras soaram vazias, nada fiéis aos seus sentimentos.

— Não sei se deveria voltar a vê-la. É melhor assim. É a única manei...

— Não! — gritou o herói.

— Deixe-o em paz — disse o pai, saindo de uma sombra do quarto. — Evelyn é uma boa menina. Nem eu, nem Nik e nem você, querida esposa, estaríamos aqui se não fosse por Hansa. Eles podem ser amigos. Só amigos. Não é verdade, filho?

O herói assentiu.

— Sim, pai.

21

O sol já está quase se pondo, seus raios de luz dourada se espalhando pela praia, quando chega o encerramento dos jogos do dia. A multidão vibra com hvidtøl e empolgação para o *finale*: o campeonato de carregamento de pedras. O cheiro salgado dos corpos suados se mistura ao aroma almiscarado do vinho de verão do rei e à gordura do bacalhau recém-frito.

Annemette e eu beliscamos os restos de um prato de frutas e queijos: uvas, algumas fatias de pão de centeio deixadas ao lado de migalhas de samsø e Havarti que, de alguma forma, escaparam dos nossos lábios. Também dividimos um copo de chá morno com mel, algo de que preciso desesperadamente para acalmar os nervos.

Iker e Nik estão aquecendo no círculo interno, dando corridinhas pelo percurso de noventa metros. Com eles estão seis vencedores de rodadas anteriores, prontos para competir mais uma vez depois de vencer duas eliminações prévias para chegarem a essa etapa. Os príncipes, é claro, podem participar apenas da última rodada. Nik odeia o tratamento especial, mas as pessoas ficam felizes em vê-lo correr, então ele aceita.

Todas as pedras a serem carregadas estão posicionadas na extremidade mais próxima de onde estamos sentadas. São pesadas, cada uma com uns 35 quilos, por mais que variem em formato.

O pequeno Johan Olsen também está se preparando para competir. Nik estava certo: ele é impressionante. Tão grande que disputa com Nik em altura e com Iker em força. O finalista mais velho é o pai de Malvina,

Greve Leopold Christensen. Suas filhas estão sentadas de frente para nós do outro lado da arena, Malvina ignora nossa presença, focando a atenção no pai ou na tortinha nas mãos. Os outros quatro competidores são pescadores que vejo no cais pela manhã; todos na casa dos 20 e 30 anos.

— O que acontece se eles derrubarem a pedra nos pés ou algo assim? — pergunta Annemette.

Ela observa Nik praticar a largada, erguendo a pedra até o ombro repetidas vezes. Está quase em silêncio desde que os meninos se afastaram.

— Eles a pegam de volta.

— E depois? Se arrastam para casa com o pé quebrado?

— Provavelmente — respondo e rio, por mais que seja cruel. — Não se preocupe, Mette. Nik já fez isso antes. Na verdade, ele ganhou no ano passado. Com certeza seus pés vão estar bons para dançar com você amanhã à noite.

Infelizmente, os pés de Nik também vão estar bons para dançar com as pretendentes que chegaram há uma hora em um navio a vapor tão grande quanto o do rei. Os cais estavam cheios de garotas, suas damas de companhia e alguns pais. Todos os nomes da nobreza de Øresund foram contatados, desde reinos equivalentes ao nosso a proprietários de terra de todo tipo: *hertug*, *markis*, *greve*, *friherre* e outros.

É opressivo, e agora que já ocuparam os quartos do castelo com seus baús e suas exigências, as visitantes estão aglomeradas em volta do rei e da rainha na plataforma real. A expressão do rei Asger é indecifrável, mas a rainha Charlotte está absorta pela atenção, admirando todas as damas como se fossem tulipas, uma mais adorável do que a outra. E Nik, como sempre, está sendo um cavalheiro, repetindo seus nomes, beijando suas mãos, mas sem deixar de olhar para nós vez ou outra. Iker está sendo Iker — grandioso, principesco, de voz alta —, mas posso ver nos olhos dele que seu coração não está ali. Eu me viro, finalmente confiante no que eu e Iker temos despois dessa tarde. Annemette, no entanto, continua a encarar o falatório. Especialmente da rainha.

— O que você acha que a rainha pensa de mim? — pergunta, me olhando. — Ela vem sendo amigável... Mas, até então, é como trata todas as outras garotas.

Annemette baixa a voz, quase um sussurro.

— E ela não pode ser tão superior a ponto de não ser alcançada pelas fofocas; com certeza, Malvina não foi a única a notar o tempo que Nik passa comigo.

Ao ouvir isso, quase sorrio por experiência própria. *Todo mundo notou, pode acreditar.*

Com a corrida prestes a começar, a rainha Charlotte começa a avaliar os competidores de cima, mas sei que, na verdade, ela só está procurando Nik para um último aceno de boa sorte.

— Ela só tem olhos para o filho. E quer vê-lo com um par à altura.

Annemette aperta meu ombro. Quando me viro, vejo um lampejo de raiva no fundo dos seus olhos.

— Um par à altura? Sei que brigamos mais cedo, mas não precisa ser cruel, Evie. Tenho tanta chance quanto essas outras garotas.

— Não tive a intenção de ser cruel, Mette. De verdade. Só estou sendo sincera. Para você ganhá-lo, e sabe que torço para que isso aconteça, precisa entender o que ele está enfrentando. Ela é uma baita oponente — digo, passando a sussurrar. — Se o seu pai fosse um rei, ficaria satisfeito de você chegar em casa com qualquer garoto?

A raiva recua.

— Bem, não... — responde Annemette, pálida. — Então não importa se eu ficar... Ela descobriria em algum momento que não tenho como provar o título que aleguei... — Ela olha para as pretendentes, todas com sedas finas e laços nos cabelos, então completa: — Não como essas garotas.

— Eu não disse que a escolha é dela. — Eu espero até que ela me olhe, então sorrio e continuo: — Se Nik estiver apaixonado, ele vai lutar por você. Mas não faria mal algum impressionar a rainha um pouco mais. Você vai precisar mostrar a ela e a essas garotas no baile que tipo de *friherrinde* é.

Annemette ri.

— Ah, isso eu posso fazer.

Um sopro potente em uma concha corta nossa conversa, e a corrida começa. Nossas cabeças se viram para uma confusão de areia e corpos descendo pelo percurso. Iker já está na liderança, Nik e Johan bem na sua cola. Incrivelmente, Leopold Christensen está em quarto, compensando a falta de juventude com experiência.

Meu coração acelera enquanto eles se afastam, avançando lado a lado até estarem tão longe e tão sincronizados que é impossível discernir de onde

estamos quem segue na liderança.

Assim como todo mundo, nós pulamos de pé, com as mãos entrelaçadas com nervosismo e o rosto tenso ao gritar por cima do barulho e da torcida.

— Vai, Nik!

— Vamos lá, Iker!

E, à minha direita:

— Johannnnnn!

Do outro lado, Malvina e suas irmãs estão com as mãos para cima, entoando:

— Papa! Papa! Papa! Papa! Papa!

Quando os corredores cruzam a linha, a multidão fica em silêncio. Então um grito de viva se eleva, e o rei e a rainha começam a aplaudir. Os braços de Nik estão erguidos. Ele pula em sua pedra, batendo palmas e acenando.

A vitória é dele.

Os outros competidores o circulam, batendo as mãos e dando tapinhas tão calorosos em suas costas que ele precisa recuperar o equilíbrio. Iker é o último a cumprimentá-lo, puxando-o para fora da pedra, prendendo seus braços em um abraço de urso e correndo de volta para a linha de largada com ele.

As garotas na plataforma dão gritinhos, e a plateia ri. A multidão é tão grande que precisamos de um bom tempo para encontrar os dois. Ambos ainda respiram com dificuldade, as testas suadas e as mãos nos quadris. Iker me olha e recupera o fôlego rápido o bastante para anunciar suas futuras intenções.

— No ano que vem, vou vencê-lo. Esse canalha.

A respiração de Nik ainda está acelerada demais, e ele só balança a cabeça.

— Foi por pouco — concede Annemette, corada de empolgação.

— Acho que sua beleza deve ter feito a diferença, Annemette. Esse maldito precisou impressioná-la.

Eu me encolho, mesmo que apenas um pouco.

— Suponho que isso signifique que passamos do ponto em que você se esforça para me impressionar — digo.

— Duvido muito. — Iker se inclina para perto de mim, com a respiração quente na minha orelha. — Eu só estava planejando impressioná-la de outras maneiras de tarde.

Antes que eu possa revirar os olhos — ou, melhor ainda, lhe dar um tapa —, Nik puxa Iker para longe de mim e recupera a voz.

— Iker, se você quer uma noite sossegada, sugiro que partamos agora.

Nik aponta com o queixo para as escadas, onde um aglomerado de garotas de laços e a rainha avançam pelos degraus abaixo.

— Bem pensado, primo — responde Iker, pegando minha mão e cutucando Nik para a frente. — Vamos nessa.



22

Caminho devagar pela areia da enseada de Havnestad.

Acima, as estrelas brilham e a lua do Lithasblot está cheia nesta quarta noite, sua luz cintilante, tomando força graças ao reflexo das águas tranquilas da enseada. Mas esse é o lampião perfeito para a noite: banhando tudo em uma poça prateada.

Iker está deitado ao meu lado. O ângulo do seu queixo com a barba por fazer, a luz risonha nos olhos e seus cachos clareados pelo sol sobre a testa preenchem minha visão. Tudo isso em relevo e perfil próximos, visto que estou aninhada em seu peito. É um momento perfeito, mas, mesmo assim, minha mente desliza para o outro lado da parede rochosa da enseada. Onde estão Nik e Annemette. Ela está cantando, seu soprano etéreo se elevando para as estrelas.

Por favor, Nik, beije ela logo.

Contra a minha vontade, sua voz me leva de volta ao dia em que Anna se afogou, à música que estávamos cantando antes de mergulhar no mar. As palavras de *fru* Liesel ecoam em minha mente: *Coisas ruins a acompanham. Morte negra. Peixinhos...* Não. Eu me recuso a cair mais fundo nesse buraco. Cheguei longe demais para me culpar por aquele dia e tudo que veio depois dele. Tenho que aturar muita coisa.

Volto a atenção para Iker. Ele está falando da nossa viagem de caça às baleias. As cidades onde vamos aportar; a vida marinha que vamos capturar. Aparentemente, não sou a única que venho fantasiando.

— O que acha? — pergunta ele, virando meu queixo com a mão para olhar nos meus olhos.

— Como é?

— Hirsholmene ou Voerså Havn?

— Ah, no lugar em que achar melhor — respondo.

— Onde você está, Evie? Não quer isso?

A vulnerabilidade em sua voz é chocante, mas também traz um estranho conforto.

— É claro que quero! — digo, e estou sendo sincera. — Só fico pensando em como contar a meu pai e a *tante*. Você sabe como eles podem ser.

— Diga a eles que um príncipe quer levá-la embora. Isso deve bastar.

Iker aproxima os lábios dos meus até quase se tocarem.

— Quem dera — sussurro.

Ele me beija, e eu me entrego por completo. Com o polegar, ele acaricia minha maçã do rosto e se mexe de novo até segurar meu rosto com ambas as mãos, nossas respirações misturadas e nossos olhos fechados para tudo exceto aquele beijo.

Annemette se joga na cama em uma explosão de ondas loiras. Grãos de areia também caem, com força o bastante para que eu os veja voar e cair à luz da vela enquanto tiro os restos de praia dos meus cabelos sentada à penteadeira. Mas algo está errado. Seus olhos estão vermelhos, e seu rosto, pálido.

— O que houve? — pergunto. — Nós fomos embora quando as coisas ficaram quietas do lado de vocês. Pensei que talvez...

Ela tira os sapatos e passa as mãos pelos pés, com o rosto contorcido de dor.

— Posso pegar alguma coisa para você? Tem algum feitiço que alivie a ardência? Acho que encontrei alguma coisa no livro de Hansa. Aqui, deixe-me mostrar...

Mas, quando Annemette ergue o olhar, vejo que não é seu pé que lhe causa dor de verdade.

— Eu falhei, Evie. Vou falhar. Sei disso!

Engulo em seco, porque, bem no fundo, lá no âmago, receio que eu também saiba. Carreguei esse sentimento o dia todo.

— Mas ainda tem amanhã — digo, oferecendo esperança. — Você não pode desistir, Mette.

Mas ela balança a cabeça, quase como se a minha insistência piorasse tudo.

— Nós não devemos vir para a terra. Eu nunca deveria ter feito isso! Como pude ser tão burra?

Começo a chorar, sentindo as lágrimas se derramarem dos meus olhos. Aperto a garganta para que as empregadas não ouçam meus soluços. Quando ergo os olhos para ela, me deparo com uma expressão perdida, olhos inchados e secos. E me dou conta de repente de que ela não consegue chorar.

Sem alma. Sem lágrimas. Sem ter como sentir nada de verdade. Como alguém pode viver assim?

Mas, se não formos bem-sucedidas, ela não vai viver nem assim, nem de maneira alguma. E o tempo está acabando.

Temos apenas um dia.

QUATRO ANOS ANTES

A garota que sobreviveu estava começando a sentir que ainda tinha vida dentro de si.

Grande parte disso era graças ao fato de o garoto arrastá-la para o sol, para a escola, para o alto das montanhas.

Mas havia algo mais envolvido na mudança.

O tempo. As pessoas. Ela própria.

O inverno estava na esquina, a temporada de caça às baleias chegara ao fim, seu pai voltara de vez para casa, onde bebia café e lia em sua cadeira. Eles conversavam sobre navegações, e a cabeça da jovem sobrevivente girava buscando maneiras de facilitar o trabalho do pai, maneiras de tornar o ano seguinte mais próspero. Maneiras de ela própria ser bem-sucedida no próprio barco em seu próprio tempo, bem longe das lembranças desse lugar.

Ela também ficava com sua tante, *absorvendo qualquer conhecimento mágico que a velha pensasse em compartilhar e roubando o que ela mantinha em segredo; entrando na ponta dos pés no quarto dela e pegando um livro por vez de sua arca muito surrada. Ela estava sempre ansiando por uma lição, porque tudo que mais queria saber era o que seria capaz de fazer um dia.*

Às vezes, se flagrava encarando as mãos, desejando, como fizera naquele terrível dia, que pudesse ter salvado sua amiga perdida com magia. O fracasso ainda a consumia.

Ainda assim, mesmo com as regras arcaicas de Havnestad contra magia — implantadas pela mesma geração de Øldenburg que mandou bruxas embora de Ribe mais de duzentos anos antes —, a sobrevivente sentia necessidade de se armar para que nunca mais se visse tão incapaz.

Ela sabia que, com poder, a coragem para agir viria. A magia certa viria na hora certa.

Portanto, lia tudo que podia. Implorava à sua tia por mais lições, mais feitiços. Naquele inverno e depois, sua educação sobre magia ganhou uma nova

profundidade, impulsionada por um desejo de não apenas conhecer a si e ao seu poder, mas, também, do que era capaz de fazer.

A garota tentou até mesmo encontrar as palavras da mãe e a história por trás dela. Revirou baús em busca de livros que seu pai escondera anos antes. Sua tante *acabou os descobrindo e os adicionando à sua extensa coleção de volumes sobre magia. Então a garota os roubou de volta, um por vez, suas capas empoeiradas tão tortas que os tornavam fáceis de esconder entre as dobras da cama enquanto ela estava doente.*

E então ela estudou. E à noite, praticava feitiços rápidos com sua tante *enquanto faziam o jantar. E, então, aconchegada diante da lareira ardente, escutava histórias aos pés do pai.*

23

Três horas depois, apenas a lua prateada e eu estamos acordadas. A meia-noite chegou e passou há muito tempo, mas o sono permanece esquivo, minha mente revirando como um mar agitado. Faltam menos de 24 horas para acabar o tempo de Annemette, mas me recuso a ficar de fora e assistir à minha amiga se tornar espuma no oceano. Não vou ser inútil de novo.

Deslizo para fora dos lençóis e vou na ponta dos pés até o meu baú. Abro devagar, revelando minhas combinações. Enfiados ali embaixo estão a ametista e o frasco de tinta preta de polvo, ambos tirados do bolso do vestido que usei na corrida de tronco e escondidos ali quando minhas roupas foram mandadas, por insistência de Nik, para as criadas lavarem. Junto os dois itens, fecho o baú, me visto depressa e pego minhas botas ao lado da porta. Em vez de calçá-las, vou para o corredor, sentindo o mármore frio nos pés descalços.

Fecho a porta o mais silenciosamente possível e sigo para o jardim de tulipas. Apesar da ala das visitas estar cheia, nem uma alma passa por mim, e Nik, Iker, o rei e a rainha estão a duas alas de distância.

Está morno do lado de fora, mas o céu está preto, com nuvens cobrindo a lua. À frente, um guarda vigia o arco da passagem. Não posso deixar que me veja. Nem quero pensar nos boatos que se espalhariam se as pessoas ficassem sabendo que saí do castelo no meio da noite, então vim preparada. Segurando a ametista com força dentro do bolso, volto meu foco para dentro, deixando a magia crescer no meu sangue. Quando estou pronta,

pego a tinta de polvo e tiro a pequena rolha de cortiça. O cheiro de mar enche minhas narinas, e faço uma pausa antes de levar o fraco aos lábios. *Greíma*, penso, então viro o conteúdo do frasco na boca, sentindo o líquido salgado pinicar a língua.

Fico o mais quieta e imóvel possível, esperando o feitiço fazer efeito. Mas nada acontece. *Não funcionou.* Meu estômago afunda. Passei a noite toda na cama vendo e revendo esse feitiço, tentando fazê-lo exatamente da maneira que sei que Annemette faria. E agora bebi o frasco inteiro de tinta e não posso tentar de novo. Eu me viro para voltar para dentro, mas meu corpo não se mexe. Sinto o coração começar a martelar e uma enorme pressão no peito. Minhas pernas ficam dormentes e minha visão embaça. Quando o sol nascer, Nik com certeza vai me encontrar morta aqui, mais uma amiga perdida. Então, em um milésimo de segundo, tudo para tão depressa quanto começou. Inspiro uma vez e levo as mãos ao rosto para me recompor, mas percebo que consigo ver através delas. *Funcionou!* Mexo os dedos diante dos olhos, mas só vejo as tulipas da rainha do outro lado. Estou invisível; ou melhor, estou me misturando à paisagem, com o corpo e as roupas camuflados.

Prendo a respiração e passo tentando não fazer nenhum barulho pelo guarda e pelo portão, sem arriscar olhar para trás. Ao deixar o terreno do castelo, sigo direto para minha rua, parando apenas para calçar as botas com um sorriso satisfeito.

Na porta de casa, tiro as botas do lado de fora, sabendo que pés descalços serão muito mais eficientes na minha missão. Na ponta dos pés, sapatos nas mãos, atravesso o batente e entro. O cheiro familiar de café, salmoura de picles de *tante* Hansa e resquícios de tinta de polvo fervida chegam ao meu nariz. Ouço os roncos ressoantes de *tante* vindo do quarto dela. A porta do meu pai está aberta, sua cama ainda ficará vazia até a noite seguinte. Meu quarto, em frente ao dele, está fechado, mas não é para lá que preciso ir.

Eu me apoio na porta de *tante* e sinto o aroma de rosas secas escapar de dentro do quarto com um som alto. Giro a maçaneta e empurro a porta apenas o suficiente para que eu consiga passar. Prendo a porta entreaberta com a bota para deixar entrar uma fresta de luz.

Com meus olhos se adaptando, entro no quarto. *Tante* Hansa está deitada com o rosto virado para o céu. Seus olhos estão fechados e seu

ronco não mudou, então dedico minha atenção ao que me levou ali.

A arca.

Para Annemette poder ficar, preciso dar à magia e à Mãe Urda algo em retorno: palavras, presentes, ou a perfeita combinação dos dois. Só preciso do conhecimento certo para me guiar.

A arca de *tante* se encontra no canto do cômodo, coberta por uma pele antiga de alce, exatamente como estava quando encontrei minha ametista; se ela deu falta da pedra, não comentou. Assim como tem feito desde a morte de Anna, quando certamente percebeu que eu entrava na ponta dos pés quase toda semana e pegava livros emprestados para aprender tudo o que ela se recusava a me ensinar.

Com dedos cautelosos, levanto a pele de alce e abro a arca. A dobradiça range, e os roncos de *tante* mudam de ritmo com um soluço. Paro por um momento antes de me virar lentamente para olhar para ela, que se mexe um pouco na direção da parede, e a luz suave que entra pela porta se reflete nas suas mechas prateadas e trançadas rente ao topo da cabeça.

Quando o som volta ao ritmo correto, eu me movo novamente, abrindo mais a arca até encostar a tampa na parede.

O conteúdo está do mesmo jeito que eu me lembro: garrafas de poções à direita, pedras preciosas empilhadas à esquerda. E, embaixo de tudo, encontro o que preciso.

Livros sobre magia.

Tiro as garrafas uma por vez, colocando-as sobre a pele de alce, depois faço o mesmo com as pedras. Conforme a arca se esvazia, os livros ficam à mostra.

Não tenho certeza de qual exemplar pode conter a sabedoria necessária para manter Annemette aqui para sempre, mas tenho um bom palpite: aquele que *tante* Hansa mantém escondido no fundo. Tiro quatro livros de poções — todos no topo, considerando as propensões de Hansa — antes de chegar aos exemplares com as lombadas mais antigas e delicadas. Eu me debruço dentro do baú, ficando com o nariz a centímetros das capas para conseguir ler os títulos.

O grimório Spliid.

Puxo o tomo para o meu colo, sentindo seu peso denso nas coxas. O peso vem do papel, mas também do poder. Ali dentro se encontram centenas de feitiços reunidos por gerações de bruxas. Passo as mãos pela

capa, sentindo as flores, as plantas e os símbolos gravados na superfície. Fecho os olhos e respiro fundo, sentindo o cheiro de couro envelhecido, pergaminho e tintas antigas. Uma onda de calor intenso sobe pelo meu pescoço, a mesma sensação deliciosa que pulsou nas minhas veias quando Annemette me ensinou a enfeitiçar as ostras: *líf*. O livro me puxa para dentro de si, me chamando, me provocando a abri-lo quando, de repente, percebo que o quarto está silencioso. *Tante* Hansa parou de roncar.

Olho de relance para trás. *Tante* Hansa rolou para o outro lado, mas ainda dorme profundamente. Não sei qual é a duração do feitiço de disfarce, mas estou perdendo tempo. Enfio o livro pela frente do meu corpete, bem grudado às costelas sob os braços. Ele forma um calombo, mas a escuridão deve ocultá-lo caso eu me torne visível. Então devolvo os outros livros à arca em ordem e começo a pegar as garrafas e pedras.

Quando estou devolvendo a última pedra quando sinto uma umidade morna no ouvido.

— Sua criança perversa e insolente. Roubando de mim no meio da noite.

Eu me afasto, tão atordoada que meu coração se recusa a bater, mas *tante* Hansa aproxima mais o rosto do meu. Suas sobrancelhas estão arqueadas para baixo, seus lábios repuxados em uma carranca mordaz, as linhas régias do nariz romano e do maxilar forte em uma expressão de raiva assustadora que eu nunca vi antes.

— Só estou pegando emprestado. Como você consegue ver...

Ela segura meu punho com força, e eu largo a pedra no chão.

— Pegar emprestado sem consentimento *é* roubo aos olhos do proprietário.

Em suas mãos idosas, minha pele pisca, visível e invisível, até meu braço pálido e todo o corpo finalmente surgirem na escuridão, em um contraste tão nítido quanto o luar. O feitiço acabou.

— Uma bruxa sempre é capaz de sentir a magia que descende do próprio sangue.

Minha garganta se aperta de culpa. Seu quarto e seus pertences não são uma loja de doces, e eu já tenho idade o suficiente para presumir isso.

— Eu nunca roubaria de você, *tante*. Só estou tentando fazer o bem... usar seu conhecimento para o bem.

— Se tem algum bem a ser feito, eu mesmo o farei. Orgulho e ignorância não são capazes de salvar o mundo; eles só podem se combinar em um feitiço para causar estrago. — Ela torce a pele do meu punho ao continuar: — Por que você está aqui? O que está tentando fazer?

Não posso contar. Sei que ela vai acreditar em mim, e é esse o problema. Eu prometi a Annemette que nunca contaria a ninguém quem ela é.

— Eu já disse, estou tentando fazer o bem!

— Não — afirma *tante*, balançando a cabeça. — Isso só pode ter a ver com aquela garota. A garota que cheira mais a magia negra do que um marinheiro cheira a peixe. Annemette, certo?

Não digo nada. Nem mesmo respiro porque pareceria uma traição. Tento me levantar, mas ela resiste.

— Você não é cega, criança, nem idiota; apesar de eu acreditar que foi perversa e insolente ao planejar esta noite. E acredito que tenha muito a ver com aquela garota. Quem ela é? — Ela estreita os olhos ao se corrigir: — *O que* ela é?

— Eu...

— Você não pode esconder muito dessa velha bruxa, Evelyn.

Não posso mesmo. Mas posso disfarçar.

— Eu só não quero que ela vá embora.

— Solidão é a desculpa mais fraca para praticar magia, e cai terrivelmente mal misturado à orgulho e ignorância.

Eu me encolho. Ela assente para a pedra no chão ao meu lado. A que caiu.

— O fato de ter obtido sucesso ao roubar de mim outras vezes não faz de você uma bruxa, e sim uma ladra sortuda.

Eu deveria ficar chocada por ela saber de toda a magia que já fiz — e por ter conscientemente me deixado fazê-la —, mas minha mente foca em uma única palavra dessa frase.

Sucesso.

O que venho fazendo nos cais de fato funciona! Foi magia de verdade. Minha magia. Feita sem lições de ninguém.

Eu fiz isso.

E posso fazer de novo.

Meu coração se enche. A confiança percorre minhas veias. O grimório queima contra minha pele.

Eu posso fazer isso.

Posso salvar Annemette. Se posso reverter a Tørhed, se posso ficar invisível, posso fazer qualquer coisa. Só preciso dos meios certos.

Beijo a bochecha seca de *tante* Hansa e coloco a pedra caída na sua mão.

— *Tante*, me desculpe. Prometo que não vou mais fazer pouco caso dos seus pertences.

— Ah sim, vai, sim, criança. Meus pertences são familiares. As pessoas são incapazes de demonstrar respeito pelo que lhes é familiar. Nós esquecemos dos nossos limites.

Ela coloca as mãos no meu rosto, apertando minhas bochechas e me forçando a olhar no fundo dos seus olhos.

— Nós esquecemos nossos limites com pessoas familiares também — conclui. — Sinto muito.

— Eu também, criança.

Ela me deixa ir, e é só quando estou calçando minhas botas ao luar lá fora que me dou conta de que ela não se referia apenas a si mesma quando falou em familiar.

Ela se referia a todas as pessoas familiares em jogo: Iker, Nik e, principalmente, Annemette.

QUATRO ANOS ANTES

Bem embaixo das ondas quebrando, onde os homens mergulhavam um depois do outro seguindo as ordens do garoto, cinco garotas de cabelos dourados nadavam ao redor de uma curiosidade vinda da superfície.

Uma menininha alta mas sem nenhum traço de mulher madura boiava entre elas. Olhos fechados. Era linda. Assim como elas.

Uma das cinco, a mais velha, tinha puxado a menina pelo pé quando a correnteza a levou para as profundezas. Não havia como levá-la para cima em segurança. Não com aqueles homens. Não sob o risco de serem vistas.

Ela só pôde levar a menina para baixo.

A comoção reuniu as irmãs. Logo, seu pai também se juntou ao grupo. Seriam necessários todos eles para salvá-la.

— Lida, você precisa levá-la de volta — disse a segunda mais velha. — O banco de areia está logo ali e...

— É perigoso demais.

A mais nova não entendia. Sereias não tinham lágrimas, mas essa realmente testou os limites, com a mãozinha agarrada ao dedo da menina.

— Você a trouxe aqui para morrer? — perguntava.

A mais velha balançou a cabeça com determinação.

— Ela já morreu. Eu a trouxe aqui para viver.

— Ah, Lida — ressoou a voz do pai, cheia de decepção.

Todas as garotas se viraram.

— Nós não podemos... — disse ele.

— Nós podemos salvar essa aqui. Por favor, pai.

Ele não se aproximou.

— Olhe para o rosto dela — insistiu a sereia.

Seu tom, sua expressão, seu âmago; tudo o forçou a se aproximar, o rei que com muita frequência era governado pelos caprichos das filhas. Tão parecidas com a mãe em espírito, com a sua Mette, que ela descanse na maré.

O rei observou o rosto da menina. Pele clara. Cabelo loiro. Seus olhos estavam fechados, mas os cílios eram cheios e escuros, e ele soube que eram encantadores, independentemente da cor.

Ele ergueu os olhos para as filhas, todas implorando, todas tocando-a de alguma forma. Seus espíritos erguiam a humana, impedindo-a de virar ossos no doce mar azul. O rei não queria decepcioná-las, mas conhecia os limites de sua magia. Ele o alcançara quando fez a mãe delas, Mette, e nunca mais fora capaz de salvar ninguém. Mas talvez, com a ajuda das garotas, houvesse energia o suficiente. Talvez.

Ele esperava que sim.

Com um suspiro, assentiu.

Todas as garotas, menos a mais nova, comemoraram. Aquelas que estavam mais perto dele usaram uma das mãos para dar tapinhas no seu braço ou no seu ombro, mas nunca soltaram totalmente a menina. A mais nova estava confusa. Mantinha a atenção na humana, quase da mesma idade que ela, observando a quietude.

— Mas como?

Seu pai sorriu.

— Magia.

A irmã menor não piscou; já estava muito acostumada aos truques das mais velhas. Ela sabia do que a magia delas era capaz, e não era disso.

— Magia?

A mais velha respondeu pelo pai, já separando as irmãs em intervalos equidistantes ao redor do corpo da menina. Precisavam agir com exatidão. Tinham que agir com perfeição, ou a menina viraria ossos apesar do esforço conjunto. Embora todos, menos a mais nova, conhecessem a história da mãe e soubessem que ela foi um presente de uma grande tempestade muitos anos antes. A garota estava pior, mas não muito.

— Sim, venha aqui.

A mais velha se aproximou da cabeça da menina e indicou que o pai fosse para a os pés. Isso o fez rir de novo; o rei dos mares obedecendo a comandos. Suas filhas não acharam graça, os rostos sérios e impassíveis diante do grau de dificuldade. Elas não viam como eram parecidas com a mãe.

Quando estavam posicionados, a mais velha finalmente passou a palavra ao pai, que lhes disse o comando a ser repetido: verda. *Então virou o tritão para a*

menina, tocando a ponta dos seus dedos dos pés. Na mesma hora, uma luz se acendeu, subindo por suas pernas até seu torso, se alastrando até chegar ao topo da cabeça.

E parou.

A luz se apagou de repente como se nunca tivesse existido.

O rei dos mares suspirou. A pele pálida da menina começava a ficar acinzentada. Não havia tempo. Se fosse para funcionar, só lhes restava uma chance.

— Vamos tentar de novo.

Ele olhou para cada uma. Tentou assumir uma expressão confiante. Por mais que soubesse como a magia funcionava. Permuta significava uma vida pela outra, a não ser que houvesse a quantidade certa de energia. Se conseguira completar a transação sozinho havia tanto tempo, conseguiria fazê-lo com suas filhas. Com certeza. Talvez.

— Concentrem-se.

Novamente, ele encostou o tritão nos dedos dos pés da menina. Focou até que só visse seu rosto acinzentado.

— Verda.

As garotas repetiram, todas tocando a menina com os olhos bem fechados. Com poder na voz.

E, outra vez, uma luz se acendeu, subindo por suas pernas até o torso, se alastrando até chegar ao topo de sua cabeça. Então, ao alcançar suas bochechas, algo sombrio e antigo pareceu permear a água ao redor deles, como ar gélido batendo na superfície e formando gelo. O tritão do rei dos mares sacudiu.

Então aconteceu: um lampejo de luz tão nítido e claro que poderia ser confundido com um relâmpago lá em cima. E, pela primeira vez desde Mette, estava feito.

O peito da menina inflou. Seus olhos piscaram e abriram; azuis e lindos como o rei suspeitara. Ela ergueu a cabeça apenas o bastante para ver os rostos ao redor e seu novo corpo, antes de ser dominada pela confusão e exaustão e cair em um sono profundo.

A sereia menor sabia que deixaria de ser a mais nova. Que aquela menina seria uma irmã. Passou os dedos pela cauda da menina, maravilhada por suas novas escamas turquesas que brilhavam nas águas profundas.

— Como vamos chamá-la, pai?

— Mette — respondeu ele, sem hesitar.

As garotas sabiam o que isso significava. A mais velha sentiu um arrepio na espinha e um tremor nos dedos. Precisava dizer alguma coisa.

— Na superfície, ela era chamada de Anna. Os homens estão gritando seu nome sem parar.

O rei dos mares observou a expressão das filhas. Baixou os olhos para a mais nova sereia dos mares. Sua filhinha. Sorriu.

— Annemette. Vamos chamá-la de Annemette.



Apesar de suave e sutil, a luz azulada da manhã me faz acordar atordoada, e o som do mar ecoa nos meus ouvidos. *O mar.*

Abro os olhos depressa. A vela ainda está acesa. O livro aberto no meu colo. Minhas costas apoiadas na parede de pedra.

Adormeci na minha oficina. *Meu covil*, penso com um sorriso. Mas rapidamente volto à realidade. Isso não fazia parte do plano.

Pego o grimório e o abro com cuidado na página certa, sentindo o pergaminho fino e delicado. Estou procurando pela figura com o tritão. Folheio as páginas, mas, a princípio, não encontro. Está muito escuro aqui dentro. Bufando de frustração, pego o livro e a vela e atravesso o chão de areia até a entrada da caverna.

Faltam poucos minutos para o nascer do sol, a noite índigo se estende além de Havnestad até o oeste enquanto o tom ligeiramente mais claro surge no horizonte. Entre a luz iminente e o brilho da vela, eu me acalmo e leio com olhos embaçados pela falta de uma boa noite dormindo.

Por sorte, encontrei o que estava procurando antes de meu corpo se render ao sono na noite passada. Quase posso recitar os trechos, mas não quero correr o risco, lembrando o pânico que senti horas antes, quando pensei que o feitiço de disfarce dera errado.

À luz mais clara, foco os olhos nas páginas que passam, atenta ao canto superior direito do livro.

Onde está?

Depois de alguns minutos, encontro: o tritão. Gravado na página, o símbolo do rei dos mares. Debruço-me sobre a página e leio.

O mar é eternamente definido por sua maré, sendo a medida de sua permuta uma concessão mútua. Na magia, assim como na vida, o mar não oferece seus súditos a um preço baixo; o pagamento é necessário, o valor equivalente, não importa o pedido. Uma concha, um peixe, uma pérola com o mais belo brilho; nada pode ser tomado sem um débito a ser pago.

Conheço a permuta da magia. Desde sempre. Eu a vi nos olhos da minha mãe antes de ela morrer, dando sua vida pela minha. Se existe uma forma de escapar do feitiço usado por Annemette para vir à terra, vou descobrir.

Ergo os olhos para o sol nascente.

Em dezoito horas, será meia-noite.

Em dezoito horas, o tempo de Annemette terá acabado.

Não posso perdê-la outra vez.

Apagando a vela, escondo o livro em uma fenda na parede e cubro-a com o caixote de ostras.

Toco a pérola no meu pescoço — *a pérola de Annemette* —, a luz que me mostrou o caminho para minha própria magia. Sou grata à minha amiga e agora, espero, posso retribuir o favor.

Sigo até o cais, onde o vento das profundezas do estreito de Øresund sopra o aglomerado de barcos com brisa fresca e maresia. Todas as vagas estão ocupadas, e metade dos barcos partirá pela manhã. Metade dos barcos, inclusive o de Iker; comigo a bordo. Um calor cresce no meu coração quando avisto sua pequena escuna, resgatada e consertada depois da tempestade, atracada no cais real.

Pressiono a pequena ametista ao casco do barco de Iker pelo dobro do tempo que dedico a qualquer outro barco. Mas toco todos os outros mesmo assim, me movendo depressa, repetindo as palavras. Essa magia precisa ser feita antes que eu teste aquela que vai manter Annemette em casa.

Termino em uma hora. O dia já amanheceu, com faixas largas em escarlate e salmão sobre o horizonte. É tão claro que estreito os olhos à beira do píer real, aquele que se estende mais para dentro do porto.

Meu coração começa a martelar e uma dor nervosa sobe por minha coluna. *Dezessete horas.* Sei como trocar o que quero por palavras, mas não por objetos, então esse é o momento de aprender. Coloco uma das mãos na pérola e seguro a ametista na outra. Meus dois bens materiais mais preciosos. Objetos pelos quais lutei, apesar de não saber qual devo usar. Fecho os olhos com força e faço minha escolha.

Então convoco a confiança de Annemette. A magia de minha mãe. Minha própria teimosia.

Não há motivo para não funcionar.

Eu posso fazer isso.

Eu posso fazer isso.

— *Skipta.*

Da ponta dos meus dedos dos pés até o topo da minha cabeça, sinto a mais antiga das magias crepitar pelo meu corpo como gelo nórdico rasgando o casco de um navio. O mar se derrama para dentro de minhas veias.

Jogo a ametista na água e a pedra afunda.

Então espero. A pulsação martela nos meus ouvidos em uma mistura de medo com a tranquilidade da magia. No meu pescoço, a pérola lateja, congelada. Digo a mim mesma para ter paciência. Lembro a noite anterior. Sei que é assim que funciona, mas depois que respiro cinco vezes, meu coração se enche tanto de pânico que caio de joelhos.

Mar caprichoso com nada para dar.

Tento ir para a lateral do cais, agarrando as bordas desgastadas pelo tempo enquanto aproximo ao máximo o rosto da superfície da água, semicerrando os olhos em busca de algum sinal da minha pedra preciosa.

Mas só o que vejo é meu reflexo. Pálido e nervoso, com feições cobertas de cansaço e preocupação.

— O que foi que eu fiz?

Sinto uma pontada de vergonha no coração. Minhas bochechas ficam quentes, mas um frio percorre minha coluna. Levanto a cabeça e volto a deitar no píer, sentindo os cachos prenderem nas tábuas. Toco na pérola.

Tante Hansa estava certa; fui uma ladra sortuda, que só sabe fazer truquezinhos baratos. Ainda não sou uma bruxa; não feito a minha tia, minha mãe ou Maren Spliid. Não passo de uma...

Um borrifo de água interrompe meus pensamentos, subindo do mar como se esguichado por uma baleia parada ali embaixo. Arregalo os olhos ao identificar um objeto em meio ao jorro. Eu me apresso para me sentar a tempo de posicionar as mãos em concha e pegá-lo.

Quando o objeto cai, fecho a mão, protegendo-o. Protegendo a esperança que cresceu no meu coração.

Tomo fôlego e abro a mão.

Uma pedra azul como o céu ao meio-dia e lisa como vidro está ali, do mesmo peso e tamanho da minha ametista.

Tão certa quanto a maré, a magia funcionou.

Eu dei. Eu tomei. Eu dei. Eu tomei.

Exatamente como eu esperava.

Apertando a pedra azul, dou um pulo e encaro o mar.

— *Skipta.*

Troca.

Jogo a pedra de volta na água e prendo a respiração, pensando na minha ametista. Meu coração se enche da esperança de que eu vá conseguir pechinchar com o mar para conseguir a troca que quero.

— *Skipta* — repito, então sussurro a única palavra em nórdico antigo que sei que se aproxima do que eu quero. — *Bjard.*

Pedra.

Fico parada ali, com as mãos em concha e o olhar no horizonte. Duas gaivotas brincam na superfície, mergulhando, espirrando água e subindo enfileiradas.

Bem quando elas passam voando por cima de mim, outro esguicho sobe das profundezas. Maior e mais forte, atinge o cais real e a mim, mas me mantenho firme, com as mãos estendidas.

Outro item cai nas minhas mãos. Ainda com as palmas juntas, passo o punho sobre os olhos para limpar a água salgada, pisco para desembaçar a visão e ajeito a postura. Sem respirar, abro os dedos, revelando não minha ametista, mas algo ainda mais radiante.

Uma pedra de um carmesim intenso, com cristais irregulares incrustados na superfície como açúcar cristalizado. Seu coração é tão

vermelho quanto o meu, e parece iluminado por um fogo interno.

Não é o que eu tinha em mente, mas é de uma beleza ofuscante; muito mais bonita que a minha ametista. Mas será capaz de fazer o que ela fazia? Ou vai estragar o feitiço?

Não posso me preocupar com isso agora. Fica claro pela resposta da magia que esta só trocará itens similares. A permuta será a mesma quando Annemette estiver no lugar da pedra. E eu não tenho um corpo para dar ao mar.

Isso é um problema.

Mas talvez a solução já tenha acontecido; quatro anos antes. Talvez agora eu possa cuidar da troca final.

— Que negócio é esse entre eu, você e as manhãs?

Nik.

Eu me viro, segurando a pedra contra as pregas do vestido, desejando ter o ângulo certo para soltá-la no bolso com discrição.

O brilho nos seus olhos não entrega há quanto tempo ele ficou parado ali. Está totalmente vestido e de barba feita, com o peito estufado e as mãos na cintura.

— Prometo que não segui você até aqui para assediá-la com perguntas sobre beijos de novo.

— Ah, é o que todos dizem.

As bochechas de Nik coram tão depressa que sei que ele desejou na mesma hora não ter feito a barba antes do sol.

— Eu realmente sinto muito. Não é da minha conta.

— Claro que é da sua conta; você é meu melhor amigo — respondo, sorrindo.

Ele dá dois passos e se senta no cais, virando as pernas para fora e deixando as botas balançarem. Encontro um pedaço seco de madeira e me acomodo ao seu lado.

— Que belo melhor amigo eu sou. Sempre deixando você de lado para cumprir as obrigações. E você nem pode conversar comigo sobre garotos; bastou uma palavra sobre beijos para eu virar uma gárgula vermelha como uma beterraba.

Coloco a mão no cotovelo dele enquanto, com a outra, guardo a pedra no bolso escondido entre as pregas do vestido.

— Para ser justa, estamos falando sobre sua melhor amiga beijando um primo que você considera um irmão.

— É verdade. Por que você não podia escolher alguém um pouco *menos* próximo? Como Ruyven, ou Didrik, ou Jan?

Não consigo evitar: franzo o nariz na mesma hora.

— Porque Ruyven, ou Didrik, ou Jan... — *Eu me acho boa demais para eles.*

— E Iker não? — pergunta Nik, erguendo a sobrancelha.

É a vez das minhas bochechas corarem, e aponto para elas, rindo.

— É assim que você fica quando falamos sobre beijos — digo.

Nik ri, e só a palavra *beijo* já o deixa vermelho também. Quando nossos olhos se encontram, de certa forma sua expressão relaxa. Ele afasta uma mecha rebelde caída no meu rosto; não do jeito romântico de Iker, mas com um gesto fraternal.

Seus dedos se demoram no meu cabelo, e dou risada de novo porque não sei bem o que mais posso fazer. Quando o som morre, não consigo inspirar. Não consigo fazer nada além de sustentar o seu olhar.

— Avançando no meu território, primo?

Nós nos viramos depressa e nos deparamos com Iker, totalmente vestido, mas não barbeado, com uma corda de barco enrolada em um dos braços.

— Não posso fazer nada se minha melhor amiga é a garota mais bonita de Havnestad.

Iker não ri. Sua voz sai robusta como seu barco.

— Eu não diria isso muito alto. Sei, por experiência própria, que nunca se deve deixar uma loira com raiva.

Faço um biquinho exageradamente dramático.

— Alguém já acabou machucado, é?

Os lábios de Iker se abrem em um sorriso malicioso, e aquele brilho de felicidade familiar pisca nas profundezas geladas de seus olhos.

— Sim, e ainda dói. — Então ele arqueia a sobrancelha e completa: — Minha mãe sempre me disse que um beijo melhora tudo.

Eu me levanto. Ainda sinto os dedos de Nik no meu cabelo.

— Teremos bastante tempo para isso depois.

— Isso mesmo — concorda Nik, se colocando entre mim e Iker. — Agora, vamos voltar ao trabalho. Seu barco não vai se preparar sozinho.

— Muito engraçado, considerando que foi você quem saiu andando pelo cais e não voltou.

— Onde vocês vão? — pergunto de repente, temendo que Iker possa estar prestes a partir sem mim.

— Meu pai quer levar os empregados do castelo no navio a vapor para a Celebração do Mar hoje.

No meu estado insone e focado no baile, eu tinha esquecido sobre a Celebração do Mar, a festa que acontece à tarde no porto antes do grande evento. É divertida. Todo mundo de Havnestad ancora seus barcos um pouco além do porto. Serve para nos aproximar do nosso querido mar ao mesmo tempo que, se olharmos de volta para a costa, podemos ver quão lindo é nosso lar.

— Enfim — diz Nik —, minha mãe planeja levar todas as suas hóspedes especiais e seus guardiões a bordo do antigo três-velas. E Iker não quer que nosso grupo esteja em nenhum dos dois barcos.

— Isso seria tão idiota quanto um cavalo bêbado — resmunga Iker.

— Então tomamos a decisão majestosa de pegar a escuna.

É bobo, mas fico sem ar.

— Só nós quatro?

— Exato — confirma Nik, assentindo. — Desde que possamos zarpar antes dos meus pais suspeitarem dos nossos planos.

Meu coração se anima. Só nós quatro em um barco o dia todo. Rindo, cantando e comendo antes de nos arrumarmos e dançarmos pela noite adentro; um final apropriado ao nosso Lithasblot e um fabuloso início para a nova maneira como as coisas serão. O peso da pedra no meu bolso diz que tudo está certo.

— Perfeito.



Annemette está acordada e vestida quando volto, parada à janela, olhando para o mar. Apesar do sol dominando o céu, há um peso sobre ela, como era de se esperar. Este dia — as próximas dezesseis horas — representam vida ou morte.

Se ela escuta a porta e os meus passos, ignora. Não pergunta onde estive. Depois de um momento, finalmente fala, se virando para mim:

— É tão lindo olhar o mar dessa janela. Mas nunca vou conseguir voltar, e não posso ficar aqui. Ah, Evie. Eu não deveria ter vindo!

Ela soluça, chorosa, e afunda a cabeça nas mãos.

Não há tempo para conversas desse tipo. Não há tempo para desejos e arrependimentos.

— Eu sei o que fazer — digo.

— Não. — Ela ergue o rosto, furiosa sob a luz matinal mesmo com a voz instável. — Já disse. Você não pode usar magia de amor, Evie. Você não entende como isso funciona! O que eu fiz. O que preciso...

— Entendo, sim. — Dou um passo na direção dela, estufando o peito de teimosia. — E se Nik não tem a resposta, eu tenho. Encontrei o feitiço certo. Entre nós duas, podemos mantê-la aqui. Sei que podemos. Já descobri...

— Não. Você não sabe.

Ela avança e segura os meus punhos. Manchas vermelhas brotam em seu rosto angelical.

— Não importa que feitiçozinho tenha criado. A magia não vai aceitar nada no lugar. Não vai, não vai, não vai...

Toda a raiva parece jorrar do corpo dela, que cambaleia e começa a cair. Eu a seguro e tento amortecer a queda quando atingimos o chão de pedra em um amontoado de seda e fios dourados.

Ela mergulha a cabeça no meu colo com os ombros sacudindo em soluços entrecortados e geme. Sem lágrimas, é claro. Agora sei disso. Coloco as mãos suavemente na parte de trás de sua cabeça, passando os dedos pelo cabelo. Inspiro profundamente e deixo minha voz se estabilizar, acalmar.

— Vamos passar o dia todo em um barco com Nik. Só nós quatro. E depois tem o baile. Bailes são os eventos mais românticos do mundo; o amor verdadeiro praticamente faz parte da decoração.

Annemette balança a cabeça no meu colo, mas não diz nada.

— Se, depois da última dança, a magia ainda não estiver satisfeita, faremos as coisas do nosso jeito. — Eu a abraço e apoio a cabeça na dela. — Não vou deixar você ir.

O nervosismo de Annemette está tão óbvio quanto suas sardas quando saímos à luz do sol.

Ela está nervosa por causa do tempo que resta.

Por causa dos sentimentos de Nik.

E, quase mais do que qualquer outra coisa, está nervosa por causa do mar. Agora sei que, quando se transformou, ela precisou abrir mão do mar de todas as formas possíveis, e ele não vai aceitá-la de volta, nem mesmo para boiar na superfície.

Aperto a mão dela quando avistamos os meninos ao lado da escuna de Iker. Os dois seguram tulipas: cor-de-rosa para Annemette e vermelha para mim.

— Damas — diz Iker —, vocês estão tão bonitas hoje que as sereias vão espumar de inveja.

Faço uma pequena reverência, e Annemette me acompanha.

— Que conveniente, então, termos dois príncipes elegantes para nos manter a salvo das suas garras.

Iker ergue a sobrancelha e me puxa para um beijo na bochecha.

— Você tem que estar nas minhas garras, não nas delas — diz, apertando minha cintura em um abraço de urso.

Com as orelhas levemente coradas, Nik revira os olhos e pergunta:

— Vai ser assim o dia inteiro com vocês dois?

Iker olha para ele.

— Provavelmente.

Com outro revirar de olhos, Nik puxa o braço de Annemette.

— Vamos logo, antes que fique tão lotado que não dê para sair do cais.

Ergo as sobrancelhas de maneira encorajadora para Annemette, com os lábios, sibilo para ela:

— Você vai ficar bem.

Ela dá um sorriso nervoso para Nik.

Iker e Nik pulam para a escuna primeiro e estendem as mãos para nós; não há rampa de embarque disponível. Entro no barco e imediatamente me arrependo de não ter esperado para ajudar Annemette. Sua cor não melhorou, e agora ela está sozinha no píer, segurando a tulipa com ambas as mãos, os nós dos dedos esbranquiçados.

— Você está bem? — pergunta Nik, dando um passo à frente.

Annemette assente, mas não passa nenhuma credibilidade.

— Ela está um pouco nervosa... Sofreu um acidente de barco quando era criança.

A gentileza no rosto de Nik me derrete por dentro.

— Sei como é. Eu não contei para você sobre meu incidente recente, não é? Foi assustador, mas a melhor maneira de superar o medo é voltando para a água. E você está com um marinheiro experiente hoje, Mette — diz Nik, dando um tapinha nas costas de Iker. — O melhor. Você vai ficar segura. Eu prometo.

Annemette assente, mas faz menção de embarcar.

— Venha, pule para mim — pede Nik. — Eu pego você.

Annemette respira fundo. Depois de vários segundos, salta para os braços dele.

Tropeço para fora do caminho bem a tempo de dar mais espaço para os dois. O excelente equilíbrio de Nik os mantém de pé, e Mette aterrissa com a maior suavidade possível na popa da pequena escuna, abrindo um sorriso grato ao erguer os olhos radiantes para ele, aninhada no seu peito. Exatamente onde precisa estar.

— Vinho de verão, Mette? Ajuda a acalmar os nervos — oferece Iker, sentando-se no banco ao meu lado.

Annemette faz que não. Olho para Nik.

— Talvez um pouco de água?

Nik acena com a cabeça para Iker, pedindo que ele pegue a água no baú que encheu de lascas de gelo.

Chegamos ao limite do porto com tranquilidade e agora estamos agradavelmente à deriva. Bem, agradável para todo mundo com exceção de Annemette, que mal consegue olhar por cima da balaustrada.

Iker volta e passa o cantil para Nik, que o oferece para Annemette. Ela toma um gole ávido.

— Melhor? — pergunta Nik, e ela assente de maneira nada convincente de novo.

Iker pega um jarro grande e enche um copo de metal com seu conteúdo; pelo cheiro, hvidtøl.

— Começando cedo, Iker? — pergunta Nik, os olhos brilhando enquanto dá um gole rápido na água de Annemette.

— Começando na hora certa. E quem você acha que é para contestar o capitão do barco?

— Alguém que está acostumado a assumir o comando e se mantém sóbrio durante suas obrigações.

— Isso é um festival, e houve pouquíssima bebida até agora para o meu gosto. Tenho 18 anos e sou um príncipe. Posso aproveitar o tempo no meu próprio barco da maneira que bem entender.

— Iker, pode me dar um pouco de água? — pergunto, porque eles não podem continuar assim.

Não tenho certeza de que consigo pará-los, mas já fico satisfeita em distraí-los para mudar o rumo da conversa. Esse *deveria* ser um passeio romântico.

Iker se joga no banco e dá um longo gole no copo de metal.

— Se seu príncipe sóbrio quiser dividir, claro que posso.

Encaro a garrafa; muito provavelmente aquele é o cantil de água pessoal de Iker, e o único. Está na mão de Nik: depois de dois míseros goles, só restou um terço do conteúdo.

— Sem querer contestar o capitão, mas você só trouxe isso para beber?

Iker balança a cabeça enfiada no copo.

— Como já disse, tem vinho de verão — responde, erguendo o jarro. — E hvidtøl também. Não sou idiota; sei que está quente.

— E para comer? — pergunto, revirando os olhos.

Iker se levanta e abre outro baú de gelo, enfiando a mão no fundo.

— Ah, sim, queijo e fruta e nada mais. O que é isso? Uma festa no jardim? Não tem nem arenque.

— Mette é alérgica — justifica Nik.

Ele estava responsável pela comida.

— Bem, eu não sou. E alergia o caramba. Ela só está se fazendo de difícil para ver você se desdobrar para agradá-la.

Annemette se encolhe, e Nik fica com as bochechas vermelhas, as veias fervendo, em aquecimento para uma discussão de verdade. Por mais que eu fique satisfeita em ver Nik se enfurecer em defesa de Annemette, não vai ser bom para ninguém se os garotos jogarem um ao outro para fora do barco.

Coloco a mão no braço de Iker. O confronto excessivo está quase tão crítico quanto a falta de água e comida. Se as coisas continuarem assim, esse dia certamente não vai sair de acordo com o planejado. Quando ele se vira para mim, abro um sorriso tranquilizador.

— Nós temos o sol, o céu azul e um ao outro. É suficiente.

Iker me puxa para seu peito, que exala mais do que sal e limões; um toque amargo do hvidtøl estraga o equilíbrio. Nik olha para baixo.

— Evie e sua língua afiada. Sempre certa, mesmo quando está errada — diz Iker.

— Estou *sempre* certa.

Dou um tapa no seu braço, mas deixo que me segure firme. Sinto o batimento dele desacelerar conforme a vontade de brigar é drenada de seu corpo.

— Cuidado para não tropeçar nesse orgulho, Evelyn. Esse tombo vai ser muito mais doloroso — brinca ele.

É preciso várias horas, mas Annemette finalmente se tranquiliza a ponto de desgrudar de Nik e, ouso dizer, *aproveitar* nosso tempo no mar. Ela não sai de perto dele, para garantir, mas consegue dividir frutas vermelhas e queijo comigo e conversar com todos.

Iker e eu nos sentamos com as costas apoiadas no casco, de frente para Annemette e Nik no mastro principal. Depois de exagerar um pouco no

vinho, Nik adormeceu, confortável com Annemette em seu ombro. Iker ainda não desacelerou no hvidtøl, que, em vez de deixá-lo sonolento, está lhe dando um aspecto felino, curtindo o sol com as garras de fora.

— Está melhor, *friherrinde* Mette? — pergunta Iker.

Annemette assente de maneira majestosa.

— Que bom. Superou os medos então? É uma nova mulher agora que seu príncipe dormiu?

Dou uma cotovelada forte em Iker.

— Chega — digo. — Não sei por que está agindo assim. Tão... mal educado.

— Perdoe-me, Evelyn. Não estou sendo muito educado mesmo... Sou um príncipe, e por mais que não goste, sigo as normas sociais na maior parte do tempo. Mas com minha família é diferente.

Seus olhos brilham, azuis gélidos e quentes.

— Quando se trata deles, nunca sou educado. É inútil ser educado quando algo tão importante está em jogo.

Annemette engole em seco, e tenho certeza de que nós três olhamos para Nik adormecido.

Eu deveria intervir e me afastar de Iker, mas não posso. Nik é tão importante para mim quanto para ele, e uma defesa de Annemette na hora errada seria mal-interpretada. Também poderia trazer mais tensão para esse dia; o bastante para se estender à nossa viagem de caça às baleias. Com o coração covarde, fecho os olhos e deixo que ele ataque.

— Então, sim. Quero saber tudo sobre você, *friherrinde* Mette. Começando pela sua chegada; como chegou até aqui e por que antes de todos os outros convidados? E, sobretudo, quero entender como sabia que deveria ficar amiga de Evie para ter acesso a Nik.

Eu me encolho. Porque ele está certo. Mas sinto medo demais para abrir os olhos e ver a reação de Annemette. Tanto às perguntas embriagadas dele quanto ao meu silêncio covarde.

— Obrigado pela preocupação, primo.

Abro os olhos depressa e encontro Nik acordado, endireitando a postura. Annemette está encolhida contra ele enquanto Iker mostra os dentes em algo parecido com um sorriso mas cuja intenção é muito mais feroz.

— No entanto, interrogar nossa hóspede não é a melhor maneira de lidar com esse assunto — diz Nik.

— Ela não foi apropriadamente investigada.

— Quem é você, minha mãe? Quando paramos de confiar na palavra das pessoas?

— *Você* nunca teve essa opção.

Iker dá um pulo, e Nik faz o mesmo. Eles se inclinam para perto, com o maxilar trincado e o rosto vermelho.

— Você é o único herdeiro à coroa dos reinos de Øresund, o vilarejo de pesca mais rico do estreito — afirma Iker com rispidez. — Não pode sair jogando seu futuro em cima de uma desconhecida.

— Como isso pode ser pior do que o que você faz? Jogando sua rede por todos os cantos do oceano, deixando para trás qualquer garota que capture?

— Se sou tão horrível, por quê, em nome de *todos os deuses*, você deixaria eu me envolver com alguém que *ama*?

Meu coração palpita quando ouço a palavra *ama*, apesar de realmente não existir palavra melhor para definir nossa amizade. Nik encara Iker por um longo instante antes de responder:

— Pensei que Evie fosse o bastante para que você sossegasse. E, considerando que planeja levá-la para caçar baleias de manhã, acho que ela teve sucesso.

Meus olhos voam para os de Annemette, que estão cheios de surpresa; tanto quanto imagino que haja nos meus ao ouvir que Nik sabia dos nossos planos. Só que nos dela também há algo mais, apesar de não conseguir observar por muito tempo porque os garotos voltam a brigar, de punhos fechados, bochechas vermelhas, rostos separados por centímetros.

— Isso não é sobre Evie. É sobre você estar tão cego por essa coisa dentro do seu peito que não consegue enxergar essa garota pelo que ela é: uma total e completa desconhecida sem qualquer prova de quem diz ser. — Iker segura os ombros de Nik com força. — Ela tem uma história fraca e nenhuma referência; o que torna seus motivos suspeitos. Conheci muitas pessoas em minhas viagens e...

— Só porque *você* viajou não quer dizer que *eu* seja ingênuo. — Nik se sacode para longe das mãos do primo e dá um passo para trás. — E prefiro

ser governado pela coisa dentro do meu peito do que pela coisa dentro da minha calça...

Um trovão ressoa no céu, alto o bastante para matar as palavras e a raiva nos lábios de Nik. Nós quatro ficamos tensos e nos viramos para a direção do som. Uma nuvem tão grande e preta que parece uma noite sem fim pesa sobre o horizonte. Assim como no aniversário de Nik, essa tempestade veio do nada; súbita e estranha.

No entanto, é uma tempestade, e nós três sabemos exatamente como agir.

Sem mais uma palavra, eu e os garotos entramos em ação ao redor de Annemette, que se acovarda contra o mastro principal quando o barco começa a balançar bruscamente.

Há barcos demais no porto, e estamos logo além dele, no estreito e quase em alto-mar; bem mais longe do que no dia da festa, e em um barco bem menor.

Nós três viramos a embarcação, guardamos a comida e a bebida e preparamos os remos longos. Enfim, não há mais nada que possamos fazer além de nos abaixar e remar; exatamente o que todos os outros barcos no estreito fazem também. Bem, exceto pelo navio a vapor do rei, que está soltando fumaça alegremente na direção do cais, cortando caminho por entre os barcos mais lentos.

Navios se amontoam no porto e, enquanto o progresso é lento na água, no céu é rápido. A tempestade pulsa às nossas costas, o vento soprando mais ou menos na direção certa, mas também servindo de alerta. Quanto mais forte o vento, mais próxima a chuva.

— Evie! — chama Nik, ofegante, enquanto ele e Iker remam. — Ajude Mette.

Deixo meu posto no timão e avanço com dificuldade até o mastro principal, onde Annemette está encolhida, se segurando com toda a sua força. Eu me abaixo e pressiono o corpete contra as costas dela, protegendo-a ao máximo da tempestade.

A chuva começa a cair, e eu a sinto tremer embaixo de mim.

— Eu só quero ir para casa.

— Eu sei, Anna... Mette. Mette, eu sei.

Ela não reage ao meu deslize. Só repete a mesma frase. Várias vezes.

Enquanto os relâmpagos piscam, algo duro e pontudo atinge a parte de trás de minha cabeça.

Granizo.

Sinto o coração afundar. Pedras brancas voam, mergulhando no porto em um dilúvio, caindo tão depressa e tão aglomeradas quanto gotas grossas de chuva.

Avalio o horizonte. Estamos a quase quatrocentos metros do porto, e mais de duas dezenas de barcos se postam entre nós e um lugar seguro. Somos pequenos o bastante para ziguezaguear por entre os barcos maiores, mas, mesmo com os garotos remando a toda, nossa rapidez não será o bastante para esquivar dos barcos.

Olho para a esquerda. Para a enseada; o abrigo natural. Está completamente aberta, sem nenhum barco.

— A enseada! Podemos nos abrigar na enseada?

Atrás de mim, a voz de Iker ressoa acima da chuva, do granizo forte e de outro trovão.

— Pode ser uma boa opção. Primo?

Nik ergue o rosto, sem se encolher quando duas pedras de granizo caem em seus cabelos molhados

— Não tenho certeza quanto aos obstáculos. Mas é nossa melhor opção.

Considerando isso um sim, aperto Annemette antes de correr para o timão e ajudar a direcionar o barco enquanto Iker ajusta a vela principal para mudar o rumo.

Quando começamos a seguir na direção certa, Iker se vira para mim.

— Evie, fique aí. Precisamos de você para manter o curso contra o vento.

Lanço um olhar para Annemette. Outro para Nik. Iker está certo.

Serpenteamos pelo três-velas da rainha, por duas outras escunas, uma chalupa e um minúsculo barquinho a remo, então seguimos em linha reta para a enseada. A parte oculta da praia aparece primeiro, então a parede rochosa e, finalmente, a Pedra do Piquenique.

Quando entramos na enseada, solto um longo suspiro de alívio, meus braços ainda tremendo ao segurar o timão, minha pele cheia de hematomas do granizo.

Então Annemette começa a gritar.

— Virem! Virem! Virem!

Sigo o olhar dela, mas não vejo nada. Não há nada além de água turbulenta adiante, nosso barco longe das ilhas de pedra.

— Banco de areia!

Bem quando as palavras saem da sua boca, o barco sacode e para; encalhado e cercado por água.

Olho para Mette e sei exatamente como ela sabia daquele banco de areia — submerso e escondido.

É a única de nós que já nadou para tão longe na enseada.

Espero pelas perguntas. Mas ninguém pergunta nada. Iker se debruça na proa em silêncio para checar a situação: quão encalhados estamos e qual pode ser o nível do estrago. Espero de verdade que não haja nenhum.

— Hora de nadar, tripulação.

Nik se debruça e confirma:

— Sim.

— Não! — grita Mette, ainda agarrada ao mastro principal. — Eu não consigo.

Mas Nik não vai aceitar.

— São cem metros. Eu levo você. Vai dar tudo certo.

Iker joga a âncora para que o barco não saia boiando quando o banco de areia libertá-lo depois da tempestade. Para ao meu lado e tira algumas pedras de granizo meio derretidas do meu cabelo.

— Vamos pular juntos?

Ele segura minha mão e subimos na ponta da proa. A água está agitada, com ondas rápidas, revelando o polvo que assombra a enseada desde o começo do verão, além de cardumes de peixes grandes e vários golfinhos. A enseada está praticamente transbordando com mais animais do que o normal; animais incomuns. Minha mente volta ao meu feitiço, meu pedido diário por abundância.

Não, não pode ser. Eu não fiz isso. Foi a tempestade, mexendo na vida marinha do lugar.

Antes que eu consiga pensar melhor, Iker começa a me puxar pela mão, e pulamos na água fria.

O granizo parou de cair, e os trovões avançaram para as montanhas que circulam Havnestad. Raios ainda cruzam o céu e a chuva se precipita sem cessar, mas aquele não é o pior nado da minha vida. Apesar das pedras,

das ondas e da exaustão, chego à praia segundos depois de Iker e subo na pilha de areia mais próxima com a respiração pesada. Rolo de barriga para cima e encho os pulmões de ar salgado repetidas vezes, com bolos de areia nas pregas molhadas do vestido.

Ele me ajuda a me sentar e ter uma visão da enseada, onde Nik puxa Annemette para a segurança. Ele segura a cabeça dela acima da água, com o corpo bem próximo. Meu coração volta a se encher de amor por ele, sabendo que, há não muito tempo, eu era a garota que ele carregava nos braços, sendo levada para a praia em uma maré terrível.

Nik não erra uma braçada, e em pouco tempo os dois chegam em terra firma. Sua respiração está pesada pelo esforço, a dela pelo medo. Juro enxergar uma faísca de amor nos olhos dele, que espero que seja inflamada pelo baile dessa noite, dando enfim um lar para Annemette.

TRÊS ANOS E MEIO ANTES

A mais nova sereia simplesmente se tornou outra irmã da realeza, sua memória em tal estado que ela acreditava sempre ter pertencido ao lugar. Era o que todos diziam. Mesmo que ela tivesse a incômoda sensação de que sua vida parecia uma grande conversa iniciada com anos de atraso.

Ela era apenas uma pequena sereia, nadando na sombra coletiva das cinco irmãs: Lida, Clara, Aida, Olena e Galia. Todas loiras e de traços delicados, cheias de alegria e boas maneiras. Juntas, eram o orgulho da avó, a rainha mãe Ragnhildr, ou, como ela preferia, Oma *Ragn.*

A pequena sereia amava Oma *Ragn com uma ferocidade especial: ela se sentia em casa na sua presença. Em casa, envolta nas longas ondas brancas do seu cabelo, contra o calor de sua pele, ouvindo a melodia que cantarolava suavemente um pouco mais alto que a batida do coração das duas.*

Mas Oma *Ragn era mais do que um colo confortável e uma voz tranquilizadora. Ela era a guia das irmãs para a vida no palácio. Sua tutora. Seu exemplo. Sua meta. Os dias começavam com lições de diplomacia, sobre como governar, seguidas de ciências e artes. As noites eram preenchidas com música e magia, as aulas se movendo junto com as sombras na água, se tornando menos definitivas, mais oníricas.*

Para a pequena sereia, sempre fora assim. Sempre seria. Até que algo que ela não previa aconteceu.

Em uma manhã, houve uma grande comoção em volta de Aida, sua terceira irmã mais velha. O quarto dela fora arrumado com guirlandas de algas retorcidas e entrelaçadas a conchas brilhantes. A pequena sereia nadou por ali, admirando cada mínimo detalhe, mas não sabia qual era o propósito daquilo.

A pequena sereia encontrou os ouvidos da irmã com idade similar, Galia, de 12 anos. As duas ficaram ombro a ombro e sussurraram enquanto as outras circulavam Aida, ajeitando fitas no seu cabelo.

— O que está acontecendo?

Galia abriu a boca como se fosse falar, então fechou-a, encontrando as palavras certas apenas alguns instantes depois.

— É o décimo quinto ano desde que Aida nasceu.

A pequena sereia pensou que a data poderia significar uma celebração. Galia leu a confusão no seu rosto. Novamente, pareceu escolher as palavras com cuidado, empurrando a pequena sereia mais para dentro das sombras.

— No décimo quinto aniversário de uma sereia, ela pode ir à superfície.

A pequena sereia arregalou os olhos.

— À superfície?

Nunca lhe ocorrera que isso sequer fosse uma opção; ela ouvira tantas vezes sobre os perigos lá de cima, sobre a realidade assustadora dos humanos com arpões e redes. Nunca pensou em se aproximar. Nunca. Mas Galia estava sorrindo.

Sorrindo.

Assim como todas as irmãs e a própria Aida. Radiante *talvez fosse uma palavra mais apropriada.*

A sereia menor teve a distinta sensação de que deveria se lembrar de algo desse tipo; duas das suas irmãs já teriam celebrado a data dessa forma. Mas na sua mente só havia preto depois de preto, sem qualquer raio de lembrança.

Mesmo assim, ela dispensou a própria pergunta como se soubesse a resposta desde o princípio.

— Ah, sim, é claro.

Era melhor não criar problemas.



Nik e Iker seguem para a ala deles acabados, encharcados, cansados, pedindo comida e um banho quente. Nós os veremos em três horas, postados às portas do salão de baile do palácio, recebendo os hóspedes no Baile do Lithasblot.

É um grande encerramento do festival, mas não é só para os nobres. Todo mundo é convidado a compartilhar da música, da dança e do grande banquete; todos os moradores de Havnestad são iguais por uma noite.

Em geral, Nik só precisa escolher seus pares de dança entre as damas nobres locais e as garotas comuns, agindo sempre como um príncipe igualitário e dando uma chance a todas. Mas as coisas serão diferentes este ano. Além de Annemette, haverá dezenas de garotas da rainha esperando e lutando para dançar com ele.

Elas ainda devem estar a bordo do três-velas, provavelmente no porão, protegidas do granizo e da chuva.

Protegidas, ao contrário de nós duas.

Annemette e eu arrastamos os pés pelo corredor dos hóspedes em tal estado que nem quero me ver no espelho. Agradeço a Urda que a rainha não esteja presente para nos julgar. Mas o que vejo de Annemette não me traz esperança. Cabelos embaraçados, braços cheios de vergões vermelhos por causa do granizo; o sol pré-tempestade também deixou suas marcas, tingindo a testa e o nariz dela do mesmo tom rosado de suas bochechas.

Só posso torcer que um banho e as três horas que temos para nos vestir melhorem nossa aparência. É difícil ter a noite mais romântica da sua vida

parecendo um fantasma da peste bubônica.

Quando chegamos ao quarto, Annemette imediatamente se joga na cama, de roupa ensopada e tudo. Ela pula o máximo que o colchão de plumas permite antes de se acomodar em um amontoado de cabelo e tecidos.

— Você está bem? — pergunto, sentando-me de frente para ela na minha cama.

— Estou mais do que bem; Nik me chamou para abrir o baile com ele — responde ela, sorrindo.

Arquejo. Todo ano, o rei e a rainha fazem a dança de abertura do baile. E, agora que Nik é maior de idade, faz sentido que ele dance também. Eu não sabia desse protocolo. Talvez o próprio Nik só tivesse ficado sabendo depois que as convidadas da mãe chegaram.

— Que ótimo.

Se esse convite não significa um amor florescendo, não sei o que significaria. E, depois de uma noite encarando Mette, não há como Nik não cumprir os requisitos do contrato mágico.

— É mesmo — concorda ela. — Apesar de eu estar realmente exausta. Temos tempo para um cochilo, não temos?

Olho meu reflexo na janela: manchas vermelhas em um mar rosa e um ninho de pássaro feito de cachos. Iker não me chamou para abrir o baile, apesar de eu ter certeza de que ele também vai dançar. Talvez não ache que precisa me convidar. Talvez ache que está implícito.

— Não sei... Talvez precisemos de todas as três horas para disfarçar isso e...

— *Ljómi* — diz Annemette, e uma brisa gélida passa pela minha cabeça e por meus braços.

É tão fria que fecho os olhos até acabar.

Quando volto a abri-los e me olho no espelho, estou completamente diferente. Meu cabelo está limpo e cacheado; minha pele brilha, sem qualquer vermelhidão. Estou radiante. Minhas roupas estão um caos, mas o resto está melhor do que antes. Outra vez sou lembrada de que Annemette fica mais à vontade com sua magia do que eu jamais ficarei. Ela *é* magia.

— Obrigada... Quanto tempo vai durar?

— Não para sempre, mas o suficiente para Iker ter dificuldade de se lembrar.

Ela boceja antes de continuar:

— Vou fazer um vestido de festa novo para você mais tarde. Agora preciso dormir.

— Mette, você não pode... Temos menos de oito horas até a meia-noite, e eu preciso te ensinar a dançar.

Annemette fecha os olhos.

— Vou dar um jeito. Sereias dançam mais do que nadam.

Não. Não. Não. Qual é o problema dela?

— Dançar com as pernas é bem diferente, Mette. Quer dizer, sei que você é graciosa, mas conhece a valsa de Havnestad? Todas as garotas naquele salão vão sabê-la de trás para a frente. Se você não dançar direito, todo mundo vai descobrir que sua história é falsa. O rei, a rainha... Nik. Pode estragar tudo antes do seu tempo acabar.

Annemette se senta e sorri.

— Tudo bem. Você ganhou. Posso dormir depois que conquistar o coração dele.

Ela ergue os braços para que eu pegue suas mãos, e eu a puxo para o centro do nosso quarto dourado. De alguma maneira, ela se enfeitiçou sem que eu visse, e sua pele está brilhando, seu cabelo caindo em cascatas perfeitas sobre os ombros do vestido, agora seco. O meu continua molhado, mas não vou pedir para ela secá-lo. Ainda não. Não posso distraí-la. Estamos quase na linha de chegada. E o baile é mais importante do que qualquer outro que já tivemos.

Posiciono uma das mãos dela no meu ombro, seguro a outra para o lado e vou em frente. Estou extremamente grata pela rainha Charlotte nunca ter conseguido oficializar les lanciers como a dança do baile; eu nunca seria capaz de ensinar quadrilha sozinha para uma sereia.

Nós começamos.

— Um, dois, três... Um, dois, três.

Ela ajeita a mão no meu ombro, claramente incomodada com a umidade.

— *Purr kloedi.*

Meu vestido seca na mesma hora enquanto giramos pelo quarto. Annemette pisa no meu pés e se corrige, mas não pede desculpa.

— Espere até ver o vestido que farei para você hoje. Se eu soubesse que o último acabaria coberto com a torta de Malvina, não teria caprichado

tanto, mas vou precisar dar o melhor de mim nesse. Vamos realmente mostrar para a cidade quem somos, e para as garotas da rainha também. Iker não vai conseguir tirar os olhos de você.

Sorrio para ela enquanto giramos em círculos.

— Obrigada.

E estou mesmo grata. Esta tarde com Iker foi difícil, e nada me deixaria mais feliz do que voltar aos termos da manhã.

— Você vai ficar igual a uma princesa.

— Mas você já fez isso — digo, rindo.

— Ah, estamos ficando exigentes, não é mesmo? Tudo bem, vou deixar você igual a uma rainha!

Rio com tanta vontade que quase acabo soltando uma fungada majestosa. Então a conduzo em outro giro, segurando sua mão com firmeza.

SETE DIAS ANTES

O aniversário de Aida destrancara algo nas profundezas escuras da mente da sereia mais nova. Ela não conseguia ver o que havia ali, não conseguia acessar, mas sentira o clique da chave ao se encaixar. Sabia que algo se escondia naquela imensidão escura. Querendo consumi-la inteira, como um tubarão em um recife.

E, com essa mudança, ela notou outra coisa. Uma obsessão fatalista.

Humanos.

Ela sabia que eram perigosos. Que eram a praga do mar, roubando vidas sem limites. Atrapalhando o equilíbrio do universo ao matar demais ou de menos. A concessão mútua natural arruinada por sua ganância, seus barcos, suas redes, seus arpões.

Se a "lenda" da existência do povo dos mares fosse sequer provada, eles seriam caçados pelos humanos sem misericórdia. Transformados em um espetáculo. Vendidos pelo lance mais alto.

A confirmação da sua existência representaria a morte.

No entanto, conforme se aproximava do décimo quinto ano, ela começou a fantasiar mais e mais sobre observar humanos na superfície. Frequentemente deixava o confinamento do castelo do pai à noite e procurava navios para nadar por perto, ouvindo e observando em busca de qualquer sinal de como os humanos eram. E esses passeios ficavam cada vez mais frequentes à medida que seu aniversário se aproximava.

Alguns dias antes da data especial, ela se deparou com seu tipo preferido de embarcação. Uma que não ia a lugar algum; apenas um monólito boiando na maré. Para melhorar, tinha janelinhas engraçadas no casco. Ela já tinha visto essas janelas algumas vezes, que davam para espaços um pouco submersos onde humanos jogavam cartas ou guardavam tesouros, dependendo do tipo de navio.

Mas essas janelas estavam escuras. Todas as pessoas estavam no andar de cima, tocando música tão alta que o som se propagava para baixo. A pequena sereia sempre amara música, e nadou no ritmo das longas notas, girando e rodando logo abaixo da superfície.

Mas então, algumas horas depois, uma luz apareceu na janela. Mais forte do que a sereia jamais vira. Mais forte do que uma vela comum era capaz de projetar. Talvez fossem várias velas. Ou algo maior: uma tocha.

A pequena sereia parou de flutuar ao ritmo da música e se apressou até a janela mais próxima. Pressionou o rosto no vidro.

E enxergou seu passado.

A garota do outro lado do vidro a atingiu como um raio.

De repente, toda a escuridão da sua mente foi iluminada, e ela viu tudo. As lembranças tomaram o breu, uma depois da outra, em rápida sucessão, jogando-a para trás com uma força física.

Mas não antes de fazer contato visual.

A garota a vira.

A garota a reconhecera.

Evie. A garota se chamava Evie.

E seu nome... não era Annemette. Era apenas Anna. Anna Kamp. Friherrinde *Anna Kamp.*

E o filho do rei.

Nik.

Nik, com o rosto doce e os olhos escuros. Majestoso apesar de esbelto, elegante e gracioso. Um amante da música e das artes. Tão gentil. As primeiras lembranças dele lhe vieram em uma nuvem dourada, como se ele próprio tivesse filtrado a luz do sol e se banhado nela.

Ela precisava vê-lo.

A sereia reuniu todas as suas forças e voltou à janelinha. Evie e Nik estavam sempre juntos. Se Evie estava no navio, Nik também estaria. Lá no fundo, ela sabia disso.

Mas não ali. E Evie subiu as escadas, deixando-a sozinha.

Nik só podia estar no andar de cima.

Onde eles riam, dançavam e cantavam.

Sem ela.

E foi aí que as lembranças sombrias voltaram rastejando. Queimando de forma tão dolorosa que ela precisou fechar os olhos com força.

Aquele dia. Evie e as ondas fortes. A aposta. A correnteza. Ela ainda estaria viva se Evie não tivesse sugerido a corrida.

A pequena sereia começou a soluçar; dessa vez com total consciência de que, como sereia, não podia chorar lágrimas como chorava na vida passada. E tudo

que desejava era aquele alívio.

Ela tinha se afogado naquele dia.

Ou quase. Claramente estava viva, por mais que sua vida tivesse sido roubada. Seu pai — o rei dos mares — deve tê-la salvado ou não teria ficado com ela.

Ele mentira para ela. Todos mentiram. Disseram que ela era um deles. Mantiveram-na alheia a tudo.

A pequena sereia soluçou de novo, os olhos ardendo ao observar o navio flutuar para longe, levando a vida que ela poderia estar vivendo.

Então o último resquício de escuridão se evaporou. As últimas imagens que ela vira como humana se revelaram.

Evie flutuando na direção dela.

A silhueta graciosa de Nik indo até o corpo inerte da amiga, carregando Evie para a superfície e para longe. Evie primeiro. Sempre primeiro.

Aí, vários minutos depois, a sombra dele voltou, ele a viu, prostrada no fundo do mar. Voltou à superfície por um momento.

Depois mergulhou de novo e então parou. Capturado nas ondas por outro garoto. Aquele de quem Evie gostava: Iker. Outro príncipe.

Nik poderia ter lutado, mas deixou que Iker o levasse. Desistira.

Sua amizade, os sentimentos que Anna nutria por ele, sua vida... nada disso importara.

O brilho dourado ao redor das lembranças de Nik e sua vida humana se evaporaram. Suas lembranças afetivas de Evie, que era como a irmã que ela nunca tivera, desapareceram. Suas lembranças felizes de Iker, sempre uma bela distração, deixaram de existir.

Tudo o que restou foi raiva.

Fúria.

Ira.

Ela queria quebrar tudo. Despedaçar tudo. Destruir tudo.

Queria vingança por tudo que lhe fora roubado.

Não era mais humana por causa das escolhas daqueles três. Mas tinha magia. Um ser de magia intensa e linda. Não havia limite entre ela e sua magia. Podia não ter mais a vida que lhe era de direito, a alma, mas tinha magia e raiva.

E queria usá-las.

— Veðr.

Tempestade. Sim. Tempestade.

— Veðr — *repetiu, sentindo a magia crescer nas veias, saturar sua pele, formigar atrás dos seus olhos.*

Ela era a magia. Ela era a tempestade.

— Veðr.

Acima, um trovão ressoou, tão alto que balançou as ondas. Era a música mais linda que ela já ouvira. No entanto, queria ver tudo acontecer. A destruição. Tinha ondas intermináveis, mas subitamente se sentia tão confinada.

Mas não estava. Uma luz se acendeu na escuridão, e ela soube que poderia ir à superfície.

A data que diziam ser seu aniversário — dali a três dias — não era real. Era a data em que perdera a vida a que tinha direito e fora ressuscitada, e não o marco do seu nascimento. Ela compartilhara esse dia com Nik, então, se era aniversário dele, também era o dela. Ela tinha 15 anos. Poderia ir à superfície.

A pequena sereia repetiu o comando enquanto subia. Os relâmpagos ficavam mais intensos, o vento soprava mais forte e as ondas balançavam. O casco do barco oscilou e, de repente, se encheu de luz. Pessoas fugindo de seu poder. Escondendo-se no porão.

Mas nem todas.

Quando emergiu na superfície, viu as três pessoas de suas lembranças — que estavam presentes naquele dia — na parte de cima. Ela sabia que estariam ali; sempre bancando os heróis.

A não ser quando se tratava dela. A coragem deles tinha limite.

E ela os faria sofrer.

O barco dava solavancos enquanto Evie e Iker tentavam estabilizá-lo. Nik cumpriu as ordens do primo — é claro — e foi para a lateral do navio no intuito de soltar a corda que prendia uma pequena escuna.

Era sua chance.

— Veðr.

As ondas balançaram o navio, e o príncipe vacilou, se segurando com toda a força. E bem quando ele pareceu recuperar o equilíbrio, a pequena sereia mandou a maior onda até então — maior do que o muro de lembranças que a atingiu, maior do que qualquer onda que vira enquanto humana —, acertando em cheio o garoto que não a salvara.

O barco tombou. E lá se foi Nik para dentro do mar.

Seus olhos estavam fechados quando ele apareceu diante dela; sua cabeça batera no casco da escuna na queda. Nada de sangue. Apenas Nik, flutuando na frente dela, quase como se estivesse dormindo.

Em paz.

A pequena sereia segurou seu rosto. Ele parecia mais velho, com um princípio de barba arranhando a ponta dos seus dedos.

— Por que não lutou por mim? Por quê?

Nik respondeu com bolhas, seus pulmões falhando.

Ela pensou em deixá-los falhar.

Pensou em deixá-lo se tornar apenas ossos na areia. Sua vingança. No entanto, de alguma forma, não parecia certo. Não parecia suficiente. Não lhe devolveria o que ela queria.

Então ela o levou para cima. Levou-o nadando até a praia. Sua mente se revirava com possibilidades enquanto o peito dele subia e descia em seus braços.

O rei dos mares a tornara uma sereia; não fora escolha dela nem sua vontade. A pequena sereia queria viver acima do mar. E encontraria a magia que a transformaria de volta.

Então, teria sua vingança.

27

O comitê de boas-vindas da família real parecia ter mais de um quilômetro de comprimento; serpenteava pelos corredores, descia as escadas e saía do castelo Øldenburg. Não chegava a descer as escadas externas e entrar no jardim das tulipas, mas o faria se as portas do salão levassem mais cinco minutos para serem abertas.

Estamos no final da fila. Vários dos meus colegas de escola estão mais perto de nós, inclusive Ruyven e Didrik. Malvina está na nossa frente. Como sempre, os olhares vêm de todos os lados, frios e indiferentes, sussurros de conspiração em lábios mornos. Todos pensam que tenho um plano; que tudo que faço é para assegurar meu espaço no palácio, ao qual não pertenço.

Suponho que, desta vez, eles estejam certos. Tenho mesmo um plano.

Mas não para mim.

Se um beijo não resolver, eu resolverei. Levarei Annemette para a enseada de Havnestad e direi ao mar o que quero. O que a magia me deve; nos deve. O mar tomou Anna. Eu mereço Annemette.

E Annemette, bem, ela acha que eu mereço um pouco de sua magia esta noite. Usou um feitiço para criar o vestido que estou usando: de um azul Havnestad encantador, com o corpete coberto de renda preta. O dela é da mesma cor, mas com detalhes em marfim. Usando pérolas iguais e nossos cachos soltos e sedosos, somos o contraste perfeito: claro e escuro.

Tento respirar fundo, nervosa, mas meu corpete está um pouco mais apertado do que o normal. "A vaidade tem seu preço", sussurrara Annemette no meu ouvido ao ajustá-lo. Eu pensaria em quão apertado devia estar o corpete da rainha, mas rir só me causaria mais dor.

As pessoas se alinhavam atrás de nós enquanto avançávamos em um passo estável mas lento, a fila serpenteando em um ritmo constante, só que na velocidade de uma centopeia. Quando chegamos ao pátio, a entrada do salão de baile real finalmente fica à vista. Encontro a silhueta alta do rei Asger, de coroa na cabeça, suas safiras reluzindo sob os grandes candelabros que iluminam o corredor com um brilho dourado.

Olho para a esquerda e vejo Nik e sua coroa mais simples, de príncipe. Mais um passo e cinco centímetros para baixo avisto Iker. Ele está usando, pela primeira vez nesta viagem, a própria coroa, decorada com os rubis da baía de Rigeby.

Quase lá.

À frente, as visitantes se demoram, finalmente recebendo atenção de ambos os príncipes. A rainha é toda sorrisos, assim como Nik; ele nunca decepcionaria essas pessoas. Nem em um milhão de anos. Iker assume sua expressão de príncipe encantado, fazendo jus à sua reputação com piscadelas, reverências e beijos na mão de todas as garotas.

Depois de uma longa espera, chega a nossa vez de cumprimentar o rei.

— Evelyn, minha nossa, você está mais linda do que nunca hoje.

— Obrigada, Vossa Majestade — digo, apertando sua mão.

— Sim, muito bonita — completa a rainha Charlotte, semicerrando os olhos. — Seu vestido é adorável.

Sei que ela está se perguntando onde eu arranjei algo tão extravagante, se Nik o comprou para mim ou, pior, se eu o roubei de uma de suas preciosas visitas. É muito cautelosa para dizer qualquer coisa neste momento, mas tenho certeza de que, qualquer que seja o boato que ela espalhar, vai chegar aos meus ouvidos mais tarde.

Seguro sua mão e faço uma reverência.

— Evie, você está fantástica — elogia Nik quando chego até ele.

Fico surpresa por sua atenção estar em mim enquanto Annemette vem logo em seguida, ainda mais deslumbrante. Quando me viro para o príncipe, ele segura minha mão e a beija. Perco o fôlego.

— Está mesmo. Ande logo, primo — diz Iker, irritado.

Puxo Nik para perto e dou um beijo em sua bochecha, que está ficando corada, antes de apertar sua mão. Ele está deslumbrante em seu terno preto lustroso, o cabelo perfeitamente penteado sob a coroa.

Ao nosso lado, Iker pigarreia. Nik me dá um último aperto caloroso na mão antes de nos separarmos, então se curva para Annemette.

Nik e eu fazemos piada sobre o status de príncipe encantado de Iker, mas ele certamente faz jus ao título de todas as formas nesta noite. Meu coração já estava acelerado, mas vê-lo esquenta o sangue nas minhas veias.

Uma calça azul-marinho sobre botas pretas muito lustrosas. Uma camisa branca engomada desponta por baixo de um paletó bem-passado que brilha com fios dourados e o emblema da baía de Rigeby. Seus cabelos clareados pelo sol só servem para deixar os olhos azul-claros ainda mais deslumbrantes. A coroa de rubi é um símbolo do seu status, sim, mas mesmo se estivesse vestido com trapos — mesmo se estivesse vestindo absolutamente nada —, continuaria parecendo um príncipe.

Iker segura e beija minha mão, como fez com todas as garotas na fila. Seus lábios são macios, e sua barba por fazer faz minha pele pinicar e o vermelho nas minhas bochechas se intensificar.

Ele ajeita a postura à altura máxima, com os ombros largos para trás e um sorrisinho no canto dos lábios; um movimento sutil que enfraquece meus joelhos.

— Estou deveras ansioso para dançar a noite inteira com você, minha dama.

Ele assume um olhar malicioso ao se aproximar de meu ouvido.

— Esta noite você está a cara de uma *komtesse*, mas com a graça de uma rainha. E no seu sangue está a marinheira pela qual me apaixonei.

Uso todas as minhas forças para não beijá-lo bem ali, na frente de todos. Mas teremos tempo para beijos depois de tudo isso. Depois desta noite teremos o resto da vida. Juntos.

SEIS DIAS ANTES

A dificuldade não foi sobreviver aos humanos, mas sim retornar ao castelo do mar, deslizar para dentro de sua antiga vida como se nada tivesse acontecido, quando tudo havia mudado.

A pequena sereia sabia quem era. E, ao nadar pelas portas enfeitadas de corais do castelo, passando por cardumes de peixes novos nessas águas, ela só conseguia pensar em uma coisa.

Em recuperar a sua vida.

Ela não tinha magia em terra firma. Disso se lembrava. Mas Evie tinha. Ela não percebera quando menina, mas agora que a magia corria pelas suas próprias veias, era fácil identificá-la na casa da amiga, especialmente com aquela tia peculiar.

Ah, como teria sido delicioso para Anna saber esse segredo. Sendo a amiga leal que era, nunca contaria para ninguém.

Magia existia, mas era ilegal. Um perigo ao equilíbrio e à ordem das coisas; ao menos aos olhos dos Øldenburg.

O que tornava a vingança da pequena sereia fácil. Óbvia.

Usaria a magia de Evie contra ela própria. Ela a forçaria a usar magia em público. E, ainda melhor, forçaria as pessoas de quem Evie gostava a aplicar a punição.

Nik era mais complicado. A punição de Evie o atormentaria, ela sabia, mas não o bastante. Punir Evie seria o começo, mas não tudo.

E Iker, bem, a confiança daquele idiota talvez o matasse antes que qualquer coisa que ela fizesse.

Mas antes que qualquer um dos seus planos pudesse tomar forma, ela precisava aprender a ir à superfície. Conhecia as histórias da "mãe", que também tinha sido humana um dia; uma bruxa que tentaram afogar na costa de Hirtshals. Mas seu pai — o rei dos mares, não seu pai de verdade — chegara antes. Ele a tornara sua rainha. Alegava que nunca tinha conseguido realizar tal magia, e que não a repetira desde então.

Ele mentira.

Todos mentiram.

O que significava que havia mais segredos. E ela sabia exatamente onde procurar.

No dia em que suas irmãs completaram 15 anos, o rei dos mares fez uma grande cena sobre escrever o nome delas em um grande livro-razão que ele mantinha sobre a mesa; a lista oficial de todos os habitantes do reino com permissão para ir à superfície. O rei dos mares governava com ordem e leis como forma de proteger seu povo de ser descoberto.

Meticulosidade era sua rede de segurança, e, até então, o método funcionara.

Ele tomava nota de todas as transações mágicas. Portanto, se havia uma maneira de ir para a terra firme, era provável que estivesse registrada.

Desse modo, com o cheiro de Nik ainda na pele, a pequena sereia voltou ao castelo e imediatamente invadiu os aposentos do pai. Ele guardava a papelada burocrática em um quarto específico com vista para o grande recife abaixo, onde as milhares de cores de seu reino oscilavam à luz do oceano.

Seus roncos vinham do quarto. Ela não sabia como ele conseguia manter um sono tão pesado. Não apenas porque estava sustentando uma mentira, mas por causa do caos que dominava suas águas. A magia perturbara o curso natural das coisas. Um feitiço de abundância estava empurrando criaturas estrangeiras para dentro dos seus mares, criaturas que estavam devorando os escassos recursos já degradados por uma estranha doença que atacara as águas havia alguns anos. A peste negra, como chamavam. A maioria acreditava que também decorrera da magia.

Mas a pequena sereia sabia que, em breve, os problemas do mar não seriam mais dela.

Passando em silêncio pelas estantes repletas de livros do rei dos mares, a pequena sereia se aproximou de sua grande mesa. Com dedos ágeis, abriu o livro-razão e folheou-o até quatro anos antes.

Ninguém fizera 15 anos naquele dia, então não havia nenhum nome registrado. Apenas algumas anotações do rei dos mares sobre as atividades mágicas regulamentadas naquela data. Bem no fim da página, escrito com tanta simplicidade que a chocou, estava seu nascimento.

Annemette se juntou a nós neste dia, em seu décimo primeiro aniversário. Suas irmãs e eu a trouxemos para o reino com a mesma magia que me trouxe Mette. Pela primeira vez em trinta anos, tal feitiço foi bem-sucedido.

Se isso estava escrito, por que haviam mentido? A verdade estava ali, e todos do reino sabiam. Por que ninguém contara a ela?

Bem no momento em que a fúria voltava a subir por sua coluna, a pequena sereia se deu conta do exato motivo da mentira deslavada.

Sabiam que eu iria querer voltar.

Então havia uma maneira de voltar. Tinha que haver.

Ela continuou a folhear, parando em qualquer registro mais longo, torcendo por detalhes sobre o feitiço usado.

Mas não encontrou nada. Só páginas e mais páginas de burocracia chata: "Afundei um navio, a contagem é de 22 homens, cinco barris de óleo, dezessete tonéis de vinho e dez caixas de seda."

A pequena sereia revirou a mente em busca de uma ideia melhor. Qualquer ideia.

Um tiro no escuro: ela voltou trinta anos no tempo, procurando por uma entrada marcando o "nascimento" da rainha morta, Mette.

Encontrou a passagem datada de 17 de fevereiro de 1833; uma época horrível para afogar qualquer um. A hipotermia pode tê-la matado antes de a água invadir seus pulmões. No registro de três páginas, o rei dos mares escreveu sem parar sobre como a magia usada para salvar Mette funcionara, mas quase o matara, deixando-o tão fraco que mal conseguia segurar uma pena para documentar o acontecido. A magia fora de fato uma troca típica — ele pediu e recebeu —, mas o preço foi tão alto que quase o matou.

E, em sua fraqueza e amor florescente, ele contara a Mette como ela se tornara uma sereia. Queria que a bela desconhecida apreciasse seu sacrifício pessoal ao salvá-la; talvez isso a fizesse amá-lo também. Em vez disso, sua confissão deu início a uma enxurrada de lembranças; lembranças que a encheram de um desejo de voltar na mesma hora.

Ela fora uma bruxa. Conhecia a magia na superfície. E ele conhecia a magia no mundo submerso.

E porque já a amava, disse que ela podia ir.

O coração da pequena sereia começou a martelar. Com os dedos tremendo, virou as páginas seguintes.

Finalmente, depois de longos parágrafos documentando as semanas da recuperação do rei, ela encontrou o que queria.

Hoje a Rainha Mette começou a testar um feitiço para levar sereias à terra em forma humana. Nas semanas anteriores, a rainha realizou experimentos em cobaias confiáveis, mas falhou em mandá-las para a superfície, pois a magia parou de funcionar, a exaurindo e causando grande tormento às cobaias, apesar de todo o conhecimento dela sobre a permuta mágica. Mas, nesta manhã, a rainha teve uma epifania.

O feitiço é diferente de qualquer outro. A magia precisa de assistência; ou então a energia usada por ela pode ser grande e mortal demais.

O vazio será preenchido apenas se uma vida for adicionada à troca. Eu fui poderoso o bastante para salvá-la sem me sacrificar — e o amor pode ter me ajudado a continuar vivo —, mas outra tentativa poderia me matar. O que

significa que, para ir à superfície, ela precisa tirar uma vida; uma vida humana.

Não houve registros por três dias.

E, depois disso, nenhum registro sobre o assunto. A pequena sereia avançou pelas páginas.

Mais de um ano depois, uma nova entrada com caligrafia tremida.

Uma tempestade colocou um homem em nosso caminho hoje. Mette viu sua oportunidade; por mais que me amasse, sentia saudade de casa. Queria testar o feitiço.

Minha rainha não seria capaz de matar um humano. Mas a vida desse homem estava acabada. Com as mãos sobre ele, ela repetiu seu feitiço.

— Líf. Dandi. Minn líf. Minn bjoð. Seiðr. Seiðr. Seiðr.

Os olhos do humano se abriram de repente enquanto seus pulmões relaxavam. Sua pele se iluminou onde ela o tocou, e logo o brilho se tornou tão claro que não consegui mais enxergar nenhum dos dois.

Em um lampejo, a luz se apagou, o homem totalmente morto, e ali estava Mette, bem do jeito que eu a encontrei; com pernas e pulmões,

desesperada por ar. Eu a levei nadando para cima, encontrei um pedaço do barco destruído do humano para que ela se segurasse, então a levei até a praia mais próxima. Não sei ao certo quanto tempo a magia vai durar, ou o que vai acontecer quando acabar. Ou se ela jamais voltará para mim. Mette está à procura da ajuda de uma bruxa. Conhece uma poderosa em Havnestad; uma que guardará nosso segredo.

Temo perdê-la. Temo que nosso povo sofra.

A pequena sereia virou a página. Nada.

Outra página. Nada. O rei dos mares deve ter passado dias esperando pelo retorno da sua rainha. A pequena sereia sabia que ela voltara, pois era a verdadeira mãe das garotas que ela própria chamava de irmãs.

No quarto dia, uma nova entrada.

Recebi notícias da minha querida Mette! A bruxa de Havnestad lhe deu no máximo quatro dias. Depois disso, eu precisaria transformá-la de volta em sereia, ou ela estaria perdida tanto para o mar quanto para a terra. Eu lhe disse que estava fraco demais. Que não conseguiria, mas a bruxa apenas sorriu e me disse que eu subestimava o efeito do amor na minha magia. Mette não me amava quando eu a transformei

pela primeira vez, mas passara a amar depois disso; o que fazia toda a diferença.

A pequena sereia passou os olhos pelo restante. Tinha que haver uma maneira de mantê-la com pernas por mais de quatro dias. Não podia ser só isso. Se tivesse que matar um homem, ela precisava saber que poderia ficar em terra firme para sempre.

Pulou algumas páginas. Nada. Nada em lugar algum.

Frustrada, fechou o livro, tomando cuidado de não o fazer com força, por mais que quisesse. Queria atirá-lo na parede. Ergueu o braço para fazer isso quando avistou a estante de livros da rainha. Foi até lá. Passou os dedos pelas lombadas. E parou quando encontrou o que queria. O diário da rainha.

Com o coração martelando, ela o abriu naquele ano. Naquele dia. O dia em que a rainha retornara com a ajuda do rei dos mares.

A rainha escreveu que sabia o que precisaria para ficar na superfície. O amor não era apenas a resposta para voltar; era a resposta para ficar. O amor verdadeiro quebrava a magia, dissera a bruxa.

Mas outra coisa também o fazia: a morte. Um sacrifício tão relevante que faria a magia se erguer e escutar por tempo o suficiente para criar uma vida humana.

Estava escrito bem ali, na caligrafia arredondada de Mette. A resposta para a busca da pequena sereia. Uma maneira tanto de recuperar sua vida quanto de conseguir a vingança perfeita.

28

O salão de baile transbordava alegria. Além das portas, um mar de pessoas — jovens e velhas, habitantes de Havnestad e estrangeiros — perambulava pelo ambiente, suas risadas e gritos de felicidade complementando o murmúrio geral enquanto a banda do rei tocava uma melodia animada em um canto.

Pela primeira vez, Nik não está com os músicos, roubando seus instrumentos e seu espetáculo. Nesta noite, ele faz isso da pista de dança.

O rei Asger acaba de concluir o discurso — o que ele não empurrou para Nik —, e pega a mão da rainha Charlotte.

— E agora, a primeira dança.

Nik dá um passo à frente, indo para o lado do seus pais. O peso do salão está sobre ele quando uma melodia mais lenta e majestosa começa a tocar. Wilhelm van Horn, pai de Ruyven, se põe diante da orquestra como o anunciante oficial do rei. É tudo tão formal, tão diferente. Um príncipe atingindo a maioridade é um assunto sério.

Wilhelm limpa a garganta.

— O príncipe herdeiro Asger Niklas Bryniulf Øldenburg III convida para sua primeira dança...

Os tambores rufam por um minuto. Annemette segura minha mão.

— *Friherrinde* Annemette de Odense.

Aperto os dedos de Annemette logo antes de ela avançar sob um mar de aplausos. Todos os olhos do salão estão em cima dela, essa bela criatura.

Em algum lugar às minhas costas, *fru* Liesel está proclamando em voz alta:

— Minha Anneke, minha Anneke.

Annemette faz uma reverência graciosa. A rainha parece satisfeita. O rei também. Nik está um pouco constrangido, de orelhas vermelhas. Olha de relance para mim, mas não sei como ele consegue tirar os olhos dela. Ela é o sol, e o resto de nós não passa de estrelas comuns.

Minha amiga desliza até Nik. Ele segura a mão dela, e os dois se posicionam na lateral, como uma imagem quase idêntica a dos monarcas ao lado. Duas gerações da realeza. Meu coração palpita. Depois desse dia exaustivo e decepcionante, talvez tenhamos um final feliz. Para todos nós.

Iker dá um passo à frente em seguida. Meu coração palpitante começa a martelar, vibrando como os dormentes de um trilho sob a chegada iminente de um trem.

Esse é o momento.

Wilhelm pigarreia de novo. Já posso sentir os olhares em mim.

— O príncipe herdeiro Christian Olaf Iker Navarre Øldenburg convida para sua primeira dança...

Os tambores rufam de novo, e não consigo distingui-los das batidas do meu coração.

— *Friherrinde* Oda de Kalø.

Meu coração dá um salto.

Quem?

Iker estende o braço para uma loira platinada desconhecida.

A garota dá um passo adiante, e as mulheres ao seu redor congelam de empolgação. Iker nem faz menção de olhar na minha direção. Observa a garota como se ela fosse um pônei premiado desfilando. A rainha parece satisfeita. *Tão satisfeita.* Ao menos uma vez, o príncipe rebelde seguiu sua ordem.

Minhas bochechas queimam enquanto meu coração e meu sangue esfriam, estagnados. Eu deveria saber desde o princípio. Iker jamais poderia dançar comigo aqui. Assim como nunca poderá dançar comigo na baía de Rigeby ou em qualquer outro lugar. Não importa se nossa expedição de caça às baleias é real ou não, ela nunca representará mais do que algumas semanas. Fecho os olhos e deixo a onda de constrangimento me inundar.

Quando volto a abrir, o rosto presunçoso de Malvina se acende à minha frente, como se houvesse um holofote sobre ela. É isso que pessoas

como ela vêm esperando desde que Nik, Iker e eu nos tornamos amigos; ver minha ambição derrubada diante de todos.

E aqui estamos nós.

Sou tão ruim quanto o povo da cidade alega. Sempre esperando algo desses príncipes, não importa se mereço ou não. Nik solta a mão de Annemette e dá um passo à frente. Como se pudesse me salvar. Mas faço contato visual com ele e torço que nossa linguagem especial acoberte a distância e o peso de tantos olhares.

Meu coração está partido, mas o dele é mais importante agora. Esses próximos instantes podem significar vida ou morte.

Ainda assim, Nik está estendendo a mão para mim, até que Annemette a segura e sussurra algo no seu ouvido. Ele imediatamente volta à posição certa e olha para a frente.

Quando a música e a dança começam, tudo que quero fazer é sair correndo, mas estou presa, forçada a assistir aos três casais reais, com um sorriso falso estampado no rosto.

A coroa de Nik é o farol bem no centro, em volta do qual todos flutuam. É impossível evitar seu sorriso, a coisa mais brilhante do cômodo. Mais brilhante do que os diamantes da rainha. Mais brilhante do que a coroa de safira do rei.

As longas ondas de Annemette balançam, flutuando a cada giro, um clarão loiro se movendo em um ritmo alegre pelo mármore ornamentado.

Muitos dos moradores mais velhos se reúnem ao redor da pista com mais entusiasmo até do que os mais novos, chegando perto o bastante para se banhar no amor jovem em seu estado mais encantador.

A canção termina, e os três casais se curvam em uma reverência antes que outros pares invadam a pista, aplaudindo enquanto uma nova música começa. A realeza é engolida pela multidão de convidados, quase todos dançando. Eu me dirijo para os fundos, enfim me acomodando em uma cadeira na parede. Quase na mesma hora, sinto a mão de alguém no meu ombro.

— Não dei o nome daquela garota ao anunciante.

A voz de Iker está baixa e sussurrada. Tensa.

— Por favor, dance comigo. Por favor, Evelyn.

— Eu...

Ele segura minha mão.

— Deixe-me consertar esse erro. Por favor. Aquela garota não significa nada para mim.

A garota platinada não está em lugar algum. Não está pendurada nos seus ombros. A dispensa de Iker depois de uma música deve ter sido decepcionante.

Cometo o erro de olhar nos olhos dele. Ele me enfeitiça tanto quanto qualquer magia que eu já tenha conhecido, usando as lembranças e o presente. Mas não posso dançar com ele. O constrangimento da rejeição vai ser dobrado se o povo da cidade vir essa dança da piedade. Balanço a cabeça.

— Por favor — implora ele. — Não suporto dançar com nenhuma dessas garotas. Eu preciso de você, Evie. Só você.

Olho ao redor, onde todo mundo está aproveitando a noite. Dançando, girando, gargalhando. Por que eu não deveria ter isso? *Deixe que falem.*

Finalmente aceito, e ele me puxa para ficar de pé e segura minha cintura. Minha mão encaixa perfeitamente na palma dele. Como se fosse feita para ficar ali. A banda toca em um ritmo acelerado, e seguimos para a pista. Sinto como se o mundo inteiro tivesse desaparecido, e Iker e eu estivéssemos sozinhos, juntinhos em uma maré rodopiante e invisível.

— Minha tia deve ter colocado o nome daquela garota no pergaminho — sussurra Iker no meu ouvido. — Só pode ser. Eu pedi pelo seu.

Quero acreditar nele. De verdade. Mas conheço a reputação de Iker. Seus hábitos. E, bem no fundo, eu me pergunto se ele e aquela garota já se conheciam. Ele não olhou para mim quando o nome dela foi chamado. Ao contrário de Nik. Iker só olhou para ela; como se a conhecesse.

— Por favor, Evie...

Iker se afasta para que eu possa olhar seu rosto enquanto manobramos pela pista de dança lotada. A tensão na sua voz chegou aos seus olhos.

— Iker, está tudo bem — digo.

Mesmo que não esteja.

Ele me gira ao passarmos pelo rei e desviarmos de Malvina e Ruyven. Quando cruzamos com Nik e Annemette, um formigamento de magia percorre minhas veias. Eu me pergunto se Annemette usou um feitiço para impedir seus pés de tropeçarem. Apesar de toda a sua graça e de uma hora de ensaio, suas pernas não estavam lhe obedecendo, dominadas pela exaustão.

Iker segue meu olhar e pergunta:

— O que foi?

Não há muito que eu possa falar que lhe agrade.

— Nik e Annemette... Eles são tão... Isso é tão...

— Questionável?

Não era a palavra que eu buscava. O espectro da sua raiva no navio se materializa. Não o vi tomar um gole de hvidtøl esta noite, mas seus sentimentos verdadeiros voltam à superfície com aquela única palavra. Sorrio na esperança de suavizar a dureza no seu olhar.

— Romântico. Era essa a palavra que eu queria. Romântico.

Iker ri com ousadia. As poucas cabeças que não estavam assistindo ao desenrolar do nosso drama se viram ao ouvi-lo, e ele faz uma cena tirando um cacho rebelde do meu rosto antes de se inclinar para sussurrar no meu ouvido.

— Não tem um pingo de romance verdadeiro naquela relação.

Seu tom é leve, mas sei que ele não está brincando.

— Você já olhou para eles? — retruco com a voz mais animada possível, apesar da irritação que invade meu coração.

Por que ele não aceita que Annemette possa fazer Nik feliz? Que *todos* nós possamos ser incrivelmente felizes?

— Evie, você é tão inteligente quanto linda, forte e boa marinheira; sua esperteza é uma maravilha, mas...

E meu coração desaba nesse momento, em especial porque ele parece estar olhando através de mim.

— Depois de todo esse tempo com Nik, você ainda não entende que o dever da realeza é com o povo? Somos símbolos ambulantes, que sabem dançar, cantar e se apresentar. Fazemos essas coisas pelo nosso povo, queiramos ou não... Símbolos não têm escolha.

Giramos de novo, e ele se aproxima do outro lado do meu rosto, pressionando a bochecha à minha.

— Esse romance que você vê é passageiro. Não pode continuar; a coroa não vai permitir.

E, com essas simples frases, Iker confirma tudo o que eu sempre soube. O alvo da sua raiva pode ser Annemette, mas essas mesmas regras se aplicam a mim. Eu tenho estado logo abaixo da superfície durante todo o tempo que passamos juntos. E, em todas as chances que tive de me afastar,

eu me deixei enganar de bom grado, entrando em negação, convencida por sorrisos e promessas.

No entanto, o mais cruel é que ele pensa que eu deveria simplesmente aceitar essa realidade, e é por isso que as palavras deslizam para fora de sua boca como se não fossem importantes. Ele pode me implorar que eu dance, veleje, esteja sempre à disposição, seja seu... brinquedo. E eu deveria aceitar tudo porque *ele* tem responsabilidade, *ele* tem dever? Não.

Quero me libertar, mas estamos girando sem parar enquanto suas palavras duras me envolvem. Ele me segura de um jeito firme.

— Você não percebe quão excepcionalmente perigosa ela é, Evie? — diz ele.

— Não há nada perigoso no amor, Iker — respondo, e minhas palavras inflamadas saem frias.

— Tudo no amor é perigoso. Quando olho para Annemette, vejo uma pessoa desconhecida que tem um interesse inexplicável no meu primo. Considerando o status, as responsabilidades e o coração dele, isso não é inocente. É predatório.

Predatório? Talvez apenas no sentido mais simples da palavra: Annemette precisa ganhar o amor de Nik para ficar. Mas considerando que ela investiu a própria vida nisso, considerando minha magia como um seguro, considerando que ela pertence a este lugar — sei no fundo do coração que ela é uma de nós —, predatório é a palavra errada.

Destino é a correta.

Isso é destino. Está destinado a dar certo. Ao nosso mundo a se endireitar.

— E você me vê como uma predadora? — pergunto, enfim. — Sou uma garota sem título. Mas quis ficar com você.

Ele sorri ao ouvir isso, e pela primeira vez não tenho certeza de que o sorriso é para mim ou para os casais à nossa volta, rodopiando pelo chão de mármore. Iker, um símbolo; príncipe encantado. Seu papel.

— Claro que não, porque *eu* procurei *você*. E *eu* sei que *você*, dentre todas as pessoas, sabe como isso funciona.

Ele está certo. Sempre soube. E sob a luz das centenas de velas que decoram os candelabros no teto, não há mais espaços escuros para esconder essa realidade.

E assim como eu nunca poderei ficar com Iker, Nik nunca poderá ficar com Annemette. Quando ele descobrir que ela não é nobre de verdade, tudo vai acabar, e não quero nem pensar no que aconteceria se ele um dia descobrisse o que ela de fato é. Se fosse Anna, talvez. Talvez. Mas Anna está morta, e não há feitiço que possa consertar isso. Eu não sei o que estava pensando quando pedi para Annemette acreditar que Nik lutaria por ela. Que ele algum dia desafiaria a rainha. Acho que só queria acreditar nessa realidade para ela tanto quanto a queria para mim.

Olho para os dois, girando no centro do salão. Por mais que ela só precise de um beijo do amor verdadeiro, e não de um pedido de casamento, temo que Nik nunca permita um sem o outro.

Tento fazer contato visual com Annemette. Nós precisávamos ir embora. Eu posso fazer meu feitiço e ela pode ficar; nós podemos ser amigas. Novos amores um dia nos encontrarão. Mas, em vez disso, encaro Nik. Por algum motivo, ele perde o ritmo e guia Annemette até nós, cortando caminho pelo meio dos casais, fora do ritmo.

— Primo, como está a dança? — cumprimenta Iker, alegre como sempre.

— Magnífica — responde Nik. — Mas gostaria de saber se podemos trocar de par por uma música.

Ele não dá uma razão. Só me encara de novo. As profundezas castanho-escuras dos seus olhos carregam o mesmo peso que traziam quando meu nome não foi chamado.

Um sentimento caloroso brota no meu estômago por um milésimo de segundo, então Annemette dá uma tossidinha que interrompeu meus pensamentos a respeito de Nik. Eu me recomponho e olho para ela. Suas bochechas estão coradas, e seus lábios, entreabertos; fica claro que a última coisa que ela quer no mundo é passar tempo com Iker.

— Não há esperança — diz ela com um soluço choroso.

Ela segura as saias e passa esbarrando por nós três em direção à sacada. Em busca de privacidade para lágrimas que não virão.

Sem pensar duas vezes, eu a sigo.

QUATRO DIAS ANTES

A pequena sereia sabia que não teria tanta sorte quanto a rainha que inspirou seu nome. Sabia que a morte de outro seria a única maneira de recuperar sua alma.

A única maneira de ficar.

O amor não era uma opção. Não para ela. Não com o ódio que crescia cada vez mais no seu coração. Seu ódio havia se multiplicado até não deixar mais espaço para nenhuma outra emoção. Tornara-se seu sangue, e fôlego, e carne, e ossos. Ele o engolfava, sua pressão aumentando sem descanso. Se pudesse chorar, sabia que suas lágrimas fariam o mar transbordar. Destruiria tudo no caminho. Inundaria as costas de todo o mundo com uma única onda.

Ela queria destruição; não apenas do mundo acima, mas também do mundo abaixo.

Todos os responsáveis por tirá-la da vida que amava mereciam punição. Ela os arruinaria. Cada um deles.

Tinha um plano de vingança; para Nik, para Evie, até para a realeza do mar.

E o primeiro passo estava bem na sua frente.

Passara os dias seguintes à sua descoberta rondando a costa de Havnestad, esperando por uma oportunidade. Sua família pensava que ela saía do castelo com frequência por estar nervosa com sua primeira ida à superfície; que precisava nadar para clarear a mente. Ela deixava que pensassem assim.

Na manhã do seu suposto aniversário, sua família se despediu dela com músicas e alegria. Galia, de idade mais próxima, se ofereceu para lhe fazer companhia. A pequena sereia disse que não, que faria isso sozinha. Galia não insistiu.

Então estava livre.

A pequena sereia foi ao porto de Havnestad, procurando por navios em viagem. Corpos fáceis de capturar. Não era uma questão de tirar uma vida. Ela sabia que isso conseguiria fazer. Era uma questão de não tirar vidas demais.

Ela espiou Evie no cais aquela manhã. Sua magia a acompanhava como perfume em um vestido nobre de seda e renda.

A sereia afastou a ideia. Precisava de Evie viva para que o plano funcionasse.

Mas o pai de Evie... Ela observou o homem preparar seu barco, pronto para navegar. Pensou que ele poderia ser a resposta — mais uma coisa para causar dor a Evie —, mas então avistou uma opção melhor.

Iker.

Iker, que beijava Evie a céu aberto. Como se ela não fosse uma pobretona. Como se ela tivesse alguma chance.

A morte dele talvez fosse mais sofrida para Evie do que a morte do seu pai. O amor era estranho assim.

Foi Iker quem impediu Nik de alcançá-la no dia em que ela se afogou. Ele causara a sua morte.

E ela causaria a dele.

A pequena sereia o seguiu até o mesmo navio que ela espiara naquela noite; aquele com janelinhas. Seu barquinho estava no conserto. Seria simples ficar na cola do grande barco, avançando pelo estreito de Øresund e por Jutland, esperando por uma oportunidade.

No segundo dia, a oportunidade veio.

O navio atracou na ilha de Kalø. Não havia muito ali além de uma ruína de castelo, ela sabia. Por que uma expedição de pesca pararia ali?

Mas ela logo entenderia.

Uma garota embarcou com sua acompanhante e seus criados, carregando diversos baús. As lembranças da pequena sereia eram repletas da sua própria família nobre; ela sabia que essa era a filha de uma casa importante. Sabia que os baús estariam cheios de roupas, algo de que ela precisaria ao chegar em terra firme, quando estaria fraca demais devido à transformação para criar as próprias.

A garota elegante cumprimentou Iker da mesma forma que Evie se despedira dele; com um sorriso e um beijo. Apenas um beijo doce na bochecha, mas um beijo mesmo assim. Eles se conheciam. O príncipe mauricinho fazia jus à reputação.

A garota elegante se afastou em direção ao porão, olhando para trás como se esperasse ser seguida. Ele não a seguiu, e a sereia se perguntou se Evie tinha mesmo alguma chance. Em vez disso, Iker ordenou que seus homens erguessem âncora.

A sereia esperou. Pensou em usar seus poderes para conjurar outra tempestade. Esperava que Iker ficasse bêbado. Oscilasse perto da balaustrada. Facilitasse sua vida.

E bem quando ela perdeu a esperança, uma ideia melhor lhe ocorreu.

O beijo de Iker significava algo. Mesmo que ele não tivesse seguido a garota para o porão. Significava que ele poderia causar mais sofrimento a Evie vivo do que morto.

E Evie merecia sofrer.

Iker pagaria mais tarde.

A pequena sereia roubou um baú. Poupou o capitão do navio por enquanto. Então partiu à procura do pai de Evie.

29

Sigo Annemette até a sacada e a viro para mim. Ela parece prestes a desabar em um pranto sem lágrimas. Aperto suas mãos. Estamos tão próximas que nossos colares de pérola refletem a luz do mesmo lampião e se acendem como faróis gêmeos na noite.

— Por favor, Evie. Vá. Me deixe em paz.

Eu não vou. Ela sabe. Eu não vou.

A distância e os sussurros não nos garantem privacidade, mas é o máximo que consigo. Mantenho a voz baixa mas confiante.

— Lembre-se de que tenho um plano.

Annemette desvencilha as mãos das minhas e as aperta contra o rosto.

— É inútil! Nenhuma de nós tem magia poderosa o bastante para impedir o que está para acontecer. Vá embora!

Minhas palavras são quase inaudíveis.

— Eu sou poderosa o bastante — digo com força e clareza. — Por favor, acredite em mim.

Ela solta uma espécie de soluço misturado à risada.

— Você é tão ridiculamente teimosa.

Annemette esfrega os olhos, mas não continua. Interpreto seu silêncio como uma abertura.

— Você sabe que magia é permuta; por mais diferente que sejamos, sabemos disso. A magia com o mar não é diferente. Nós damos ao mar, ele nos devolve algo de mesmo valor.

Annemette não diz nada, com a expressão fechada, tentando me entender. Eu me apresso em dar uma explicação melhor, ainda falando baixo.

— Eu já testei. Sei que minha magia é rígida, lições aprendidas dos livros, mas é correta. E hoje, na última noite do festival de Urda, nossa magia está forte. Mais forte do que em qualquer outra noite do ano. Você não sente? — Toco meu colar de pérola, que começou a pulsar mais com o passar dos dias. — Estamos alinhadas com Urda; estamos equilibradas, e é nisso que a magia se baseia: em equilibrar nosso poder interior com as forças ao nosso redor, recebendo e dando. É o jeito de Urda, e tanto ela quanto o mar exigem olho por olho. Eles pegaram Anna...

— Eu não sou Anna — afirma Annemette, claramente irritada. — Se você continua acreditando nisso, seja lá o que tenha planejado não vai funcionar!

Balanço a cabeça e respondo:

— Sei que não lembra. Talvez nunca lembre, mas eu consigo sentir. Consigo sentir Anna dentro de você. Mas não importa, Annemette; eu gosto de você do jeito que é. Nossa amizade pode ser muito maior do que a minha amizade com Anna jamais foi. Você e eu somos iguais! — Tento manter a voz o mais estável possível ao continuar: — Faz quatro anos que o mar me tomou Anna. E mesmo que essa garota só viva em você como uma memória, sua alma foi tomada pelo mar. Você não ficou com a alma dela.

Annemette se encolhe ao ouvir isso.

— E é disso que você precisa para sobreviver — digo. — A alma de Anna é uma parte da troca. O mar tirou de nós e agora deve a mim, *a você*, uma alma de volta.

Mas ela não ouve uma só palavra. Apenas se vira e ergue a voz, e percebo que ambos os príncipes nos seguiram para fora; o que ouviram, eu não sei.

— Preciso partir hoje à noite, Nik — declara ela.

Nik olha de relance para mim, então volta a atenção para Annemette, dando um passo em sua direção.

— Agora? Mas o baile ainda não terminou — argumenta Nik com a voz triste.

Atrás dele, Iker ergue uma das sobrancelhas.

— Preciso ir. Desculpe — repete ela.

Nik está prestes a falar de novo, mas Iker se mete na conversa, se aproximando até assomar sobre nós duas.

— Eu não estava sabendo de um trem da meia-noite para Odense, e carruagem nenhuma vai levar você até tão longe. Você com certeza não vai andando.

Nik lança um olhar de advertência para Iker, mas não diz nada. Em vez disso, pega as mãos de Annemette.

— Se você precisa ir, então vá. Eu entendo.

— Então vai sumir no meio da noite? Que plano! — Os olhos de Iker brilham, e ele se afasta da parede. — Quebrar o coração, mas não o espírito dele, voltar em alguns meses e deixá-lo tão feliz a ponto de se jogar em você, com título e tudo? Que pena que falhou no primeiro passo...

— Chega, Iker! Se ela precisa ir, ela precisa ir! — grita Nik.

Não sei por que ele também não está desconfiado, mas tenho a sensação de que é porque confia em mim. E eu confio em Annemette.

— Eu realmente preciso ir — afirma Annemette, passando depressa pelo lado de Nik. — Sinto muito.

Ela se aproxima para beijá-lo na bochecha, mas Iker a segura pelo braço.

— Bruxas são criaturas da noite. É isso, não é? Seu caldeirão está prestes a transbordar? Tem sapos para ferver? Poções para engarrafar?

— Iker! — grita Nik, empurrando o primo para longe dela.

Mas Iker continua, se transformando cada vez mais em um mostro e menos no homem que eu amo.

— Ou sua vassoura chegou e você não quer deixar seu meio de transporte preferido esperando?

Annemette perde a calma, mostrando os dentes à luz da lua.

— Eu não sou uma bruxa, seu imbecil!

— Então o que é? Uma fada? Um fantasma? Ou talvez só uma farsante, como Evie sugeriu uma vez. A escória estrangeira encontrando um alvo fácil no nosso Nik.

Iker cerra os dentes em um sorriso feroz enquanto gira a faca.

Seguro o braço de Iker, e Nik se aproxima para proteger Annemette, mas nenhum de nós consegue interromper o ímpeto de Iker.

— Quantos garotos solitários já caíram nos seus truques? Cinco? Dez? Vinte? Seja qual for o número, tenho certeza de que esse aqui representaria

uma bela pena no seu chapéu pontudo. Ele com certeza tem ouro o bastante para garantir sua aposentaria.

— Pare!

Nik empurra o primo para longe, e por mais que Iker mal se mova, minha mão escapa e caio na mesa. Sem sair do lugar, Iker estica a mão para me pegar, lançando um olhar cortante para Nik.

— Olha o que a bruxa fez com você — acusa ele.

Empurro sua mão para longe e me levanto.

— Ela não é uma bruxa — digo.

— Não sou — confirma Annemette com a voz firme, cansada de recuar. — E preciso ir.

— Ele não merece saber o motivo? — pergunta Iker, apontando para Nik. — O homem em cima de quem você vem se jogando por *amor* nos últimos três dias? Se não está indo embora no meio do maior baile de Havnestad por motivos nefastos, certamente pode lhe dar uma explicação. Dê pelo menos isso a ele.

Annemette não olha para Iker. Não olha para mim. Nem mesmo para Nik. Ela só se vira para a porta. Os garotos estão paralisados de choque — ambos desacostumados a ficar sem resposta —, mas vou correndo atrás dela, agarrando sua mão pouco antes de ela abrir as portas francesas.

— Evie, é quase meia-noite! Me deixe ir. Não há nada que você possa fazer. Nada que Nik possa fazer!

Mas não vou permitir que ela morra desse jeito, e me seguro ao seu braço com determinação. No esforço, Annemette acaba se virando o bastante para que eu possa olhá-la nos olhos.

— Se não vai me deixar ajudar, então conte a ele o que fez. Ele vai entender. Talvez de fato ame você e só precise de um empurrãozinho. Não vale a pena tentar? Conte para ele...

— Contar o quê? — pergunta Nik às minhas costas.

Annemette fecha a boca com força e balança a cabeça enquanto tenta escapar de mim.

Ele coloca uma das mãos no meu ombro.

— Evie, o que houve?

Annemette encontra meu olhar, suplicante.

— Não vou permitir que você nos deixe, Annemette. Não vou! — grito.

Sua respiração falha, mas sou forte, e sei que estou certa. Ergo a voz apenas o bastante para os garotos ouvirem, e ninguém mais além da varanda.

— Ela é uma sereia — declaro, virando-me para Nik. — Ela salvou você no dia do seu aniversário. Tirou você do mar.

Ele olha para Annemette chocado.

Iker solta uma gargalhada alta.

— Claro que é — diz ele. — E eu sou o fantasma de Leif Erikson.

— Não, eu vi — confirmo, encarando seus olhos debochados. — Antes de você escalar a parede rochosa. Ela estava na areia com ele. Estava...

— Cantando.

Um sorriso brota nos lábios de Nik ao dizer a palavra. Um sorriso voltado para Annemette, que está com raiva.

— Você estava cantando. Eu pensei que fosse Evie, mas ela não canta. Era você.

— Não acredito que você fez isso — rosna Annemette para mim. — Nós tínhamos um acordo.

Sinto um embrulho no estômago, como se a minha traição atacasse minhas vísceras.

— Annemette, não! — grito, mas a fúria se acende nos seus olhos ao encarar os garotos.

— Eu sou uma sereia, é verdade. Mas Evie... Evie é uma *bruxa*! A tia dela é uma bruxa! A mãe dela era uma bruxa! Ela pratica magia todo dia bem debaixo dos seus narizes orgulhosos de Øldenburg!

Ela se desvencilha das minhas mãos com um empurrão que me joga no chão.

Nik me encara com uma expressão totalmente atordoada.

— Uma bruxa, Evie?

Mas antes que eu consiga responder, Iker se põe na minha frente. Meu Iker. Meu príncipe forte, protetor, teimoso, leal. Seu rosto assume uma expressão que nunca vi antes. Então, sem sequer uma hesitação, ele arreganha os dentes e grita:

— Guardas!

QUATRO DIAS ANTES

Não foi difícil encontrar o barco do pescador do reino soberano de Havnestad. Logo acima do Østerby Havn; longe o bastante do estreito de Øresund para avistar as melhores baleias, mas perto o bastante para permitir que o capitão voltasse a Havnestad a tempo da última noite do Lithasblot.

O sol estava se pondo, o crepúsculo chegando tarde, como era comum em uma noite de verão em um lugar tão ao norte. Apesar da hora, o Pequena Greta *estava cheio de atividade, os tripulantes limpavam a embarcação depois de um longo dia. O pai de Evie também estava para lá e para cá, sem deixar trabalho para a equipe; em um navio tão pequeno, todos precisavam carregar o próprio fardo, em especial o capitão.*

Nas sombras, a pequena sereia refletiu sobre o melhor plano de ação.

Poderia convocar uma grande onda, como fizera para reivindicar o baú de roupas que agora a seguia pela água, mantido preso a ela com um simples feitiço de amarração. Ou talvez uma tempestade mais poderosa do que a usada para derrubar Nik na água; destruir o navio e reivindicar toda a tripulação. Mas não, ela queria que Evie sentisse a agonia de saber que seu pai morrera enquanto os outros sobreviveram sem problemas. Seria uma dor mais aguda.

Ela sabia em primeira mão.

Então a pequena sereia mudou seu foco para achar uma maneira de enfiar a faca ainda mais fundo. Uma maneira de machucar Evie ainda mais.

Sem hesitar, ela esticou a mão para a frente, fazendo sua magia serpentear adiante pelas profundezas nórdicas.

— Hvalr. Hvalr. Koma hvalr.

Em pouco tempo, os limites do seu poder alcançaram o sucesso e seu plano começou a se desenrolar: uma grande baleia-piloto disparava na direção dela como uma locomotiva seguindo em um trilho novo.

Quando a baleia chegou, seus olhos estavam vidrados devido ao comando da sereia. Mas os marinheiros não notariam. Não sentiriam o cheiro da magia; apenas da chance de outra captura para Sua Majestade.

Ela olhou o grande animal nos olhos. Sua isca. E prometeu que ele ficaria a salvo. Então voltou a reunir sua magia.

— Rísa, hvalr. Rísa

A baleia fez como ordenado, se erguendo à superfície feito um presente do próprio rei dos mares.

A pequena sereia fez a baleia saltar na água, dançando pela superfície.

Provocar. Enganar. Pegar o animal.

A comoção acima foi tamanha que, de onde estava, ela conseguiu ouvir sons de homens correndo e gritando. Sorrindo, emergiu na sombra à esquerda da proa e viu que, sim, o idiota mordera a isca.

Os homens corriam para todos os lados, preparando redes, lanças e, com muito otimismo, uma grande faca — uma mønustingari *— para acertar a medula. Em meio a tudo, o pai de Evie fez exatamente o que a pequena sereia esperava.*

Preparou a arma de arpão. A invenção que Evie projetara para uma matança melhor. Eles haviam conversado sobre a arma naquele dia no cais. Ela estava claramente tão orgulhosa. E ele, dela.

A vaidade tem seu preço, Evie.

Enquanto a baleia dançava na ponta dos seus dedos, com outra centelha de poder, a pequena sereia convocou uma tempestade.

— Veðr.

A tempestade se formou, com o vento açoitando a tripulação enquanto eles disparavam pelo convés, ignorando os relâmpagos que explodiam no horizonte, focando apenas na presa.

A pequena sereia entrou em posição, observando e esperando enquanto o pai mexia na arma disparadora, encaixando o arpão no tambor. Manobrando-a para tentar mirar na baleia.

Para mirar bem na tempestade.

E, naquele momento, o pai disparou a arma. O arpão explodiu no ar revolto, se lançando na direção da baleia enquanto ela chegava ao auge de outro pulo. Uma corda seguia o arpão, presa à arma a fim de recolhê-lo, com baleia e tudo.

Mas não atingiria baleia nenhuma.

Com um gesto, a pequena sereia lançou uma rajada de vento forte o bastante para mudar o rumo do arpão. Ele desviou das ondas batendo, contornou a baleia,

mudando de sentido até mirar no convés do navio. Sua ponta mortal direcionada de volta para o lugar de onde viera.

Foi tão surpreendente, tão pouco natural, que os reflexos do pai de Evie falharam.

Ele não se moveu. Não se encolheu. Nem chorou ou gritou antes que o arpão o perfurasse no estômago.

Outro gesto da pequena sereia fez com que o arpão desse mais um solavanco selvagem em direção às profundezas agitadas, levando junto o pai de Evie.

A pequena sereia então se moveu, avançando abaixo da superfície para pegá-lo antes que sua tripulação voltasse a si e tentasse puxar o capitão pela corda da arma.

Ela o tirou do arpão, fazendo o sangue se alastrar pela água, e, nesse momento, o homem abriu os olhos. Ainda não totalmente morto, apesar da ferida aberta.

Um levíssimo vislumbre de consciência brilhou em seus olhos. Consciência não só de que estava quase morto, não só de que via uma sereia, mas de que era a amiga morta da filha diante de si.

— Anna... — disse ele, a voz não passando de um suspiro e um gorgolejo.

— Sim — respondeu ela.

A luz em seus olhos piscou, e a pequena sereia estendeu a mão para o cabelo, puxou uma faca de coral que ela talhara no formato de um pente decorativo e enfiou-a no peito dele, bem no ponto entre as costelas e o esterno, onde perfuraria o coração.

Mais sangue na água.

A luz se apagou dos seus olhos.

Finalmente, a pequena sereia sentiu um alívio. Apenas um pouco. Uma migalha não poderia satisfazer tanta fome.

Ainda não.

Ela pegou o corpo, chamou o baú de roupas que vinha flutuando mais abaixo enquanto ela trabalhava e nadou o mais rápido possível até Havnestad.

A pequena sereia chegou quase à meia-noite, com o coração disparado depois de tantos quilômetros. Imediatamente mergulhou na enseada e deixou seu baú na área rasa atrás da grande parede rochosa que dividia a praia, mantendo sua conquista escondida. Ela investigaria a arca mais tarde em busca do vestido perfeito, então a jogaria de volta ao mar.

Voltou-se para o pai de Evie, que deixara sob o olhar vigilante de um polvo preto gigante que morava na enseada.

— Suma daqui, criatura. Ele sempre foi meu.

O polvo fugiu com um espirro de tinta índigo para dentro de uma pequena caverna na pedra. A pequena sereia voltou a atenção ao homem morto. Sua pele bronzeada estava branca e todo o seu corpo começara a inchar.

Ela esperava que o feitiço ainda funcionasse mesmo que ele não estivesse recém-morto. Esperava que, como foi ela quem o matou, já tivesse o ingrediente necessário para a magia. Que esse ingrediente estivesse engarrafado dentro dela com seu ódio, pronto para explodir. Pronto para colocar o plano em prática.

A pequena seria segurou-o pelas mãos. Fechou os olhos.

E pediu pela sua vida de volta.

— Líf. Dauđi. Minn líf. Minn bjođ. Seiđr. Seiđr. Seiđr.

Um calor imediatamente a preencheu, avançando dos dedos para a cabeça até o coração e descendo pela cauda e nadadeira. Espalhou-se como o gole do vinho de verão que ela roubara com Evie em seu aniversário de 11 anos. Espalhou-se como a maneira que Nik a fizera sentir naqueles tempos, seus olhos escuros iluminando sua alma.

Espalhou-se como vida. Líf.

Com um lampejo e uma explosão de dor, a pequena sereia soube que algo havia mudado. Onde antes tinha cauda e barbatana, ganhara pernas novamente. Mas ela não havia conquistado sua alma de volta. Ainda não.

Largou o pai de Evie e deu impulso para a superfície, sem mais sentir os braços cansados. Quando emergiu, seus pulmões ficaram insaciáveis. O ar fresco da noite inundou seu corpo, morno e livre. Derrubando um pouco do ódio que a constituía. Mas não muito. Ainda havia bastante dentro de si.

E bem quando suas pernas deixaram de nadar e passaram a caminhar pela água, ela avistou uma garota na areia. Saindo da praia em direção à passagem de pedras que levava à enseada.

Evie.

A mais nova garota sorriu de onde estava, na maré, e ajeitou o pente no cabelo, escondendo a ponta afiada em meio às ondas loiras molhadas.

Sim, meu plano vai funcionar.

30

Disparo pelas portas do castelo afora rumo ao jardim de tulipas, na cola de Annemette. Fugi depois do comando de Iker e não olhei para trás, mas posso ouvi-los se aproximando.

— Annemette, por favor! — grito.

Sei que traí sua confiança, mas mesmo que me despreze por contar seu segredo, ela não pode negar que o fiz por amor. Mesmo que a traição dela tenha parecido mais fruto de rancor do que amor, não me incomodo. No fundo não. Porque só consigo pensar que posso consertar a situação. Eu sou capaz. Vou fazê-lo.

Se eu conseguir salvá-la, nós poderemos usar nossa magia para fugir para bem longe daqui. É uma decisão dolorosa, mas a única que nos resta.

Meus pulmões espasmam para acompanhar meu passo, pura adrenalina me impulsionando pelos paralelepípedos. Faço uma curva brusca para uma passagem de rochas pretas altas e chego à areia macia da enseada.

A lua brilha com força ali, refletindo em cada superfície em um brilho perolado. Annemette parou de correr e ajoelhou na areia a poucos centímetros do mar. O fio dourado do seu vestido brilha ao luar enquanto seus ombros sacodem em soluços secos. Ela não está longe do lugar onde resgatou Nik: do lado arenoso da enseada, onde a parede rochosa se estendia por cima do lado oculto.

— Annemette — chamo, hesitante.

A areia me contém, junto com o pesado vestido de baile. Ela não se mexe — seu queixo aponta para a água —, nem parece me ouvir. Estou prestes a me repetir quando ela deixa claro que sabe que estou ali.

— Vá embora.

— Me desculpe.

Eu me acomodo na areia ao lado dela, mantendo uma distância maior entre nós duas do que jamais mantive.

— Eu deixei que a esperança dominasse minhas palavras. Pensei que contar para Nik nos ajudaria a satisfazer a magia.

Ela não me olha.

— Não ajudou. Está acabado. Eu estou acabada.

— Nós duas estaremos acabadas se não partirmos agora. Os guardas estão vindo. Me deixe ajudá-la, por favor. — Quando ela não responde, eu me levanto. — O mar vai me dar o que eu quero. E quero que você fique.

Ela finalmente olha para mim. Seus olhos estão cheios de perguntas, mas ela parece aliviada. Acho.

Dou um passo para dentro da água. O mar está revigorante, e imediatamente reivindica minhas botas, minhas meias, meus tornozelos e a bainha do meu vestido — tudo — para si. Aterrando-me em seu poder.

Uma sombra recai sobre nós, e olho para o céu. Uma tempestade súbita engoliu a lua, banhando toda a enseada em uma escuridão prateada cintilante; a cortina fechada antes do início da magia.

Eu meço as nuvens. Há relâmpagos ao longe. Isso é bom. Vou precisar usar toda a energia que puder. Meu coração começa a martelar quando o familiar crepitar se alastra por minhas veias, me esquentando dos dedos dos pés ao topo da cabeça. Ergo as mãos, sentindo a carga da tempestade iminente na ponta dos dedos.

— Evie, PARE!

Eu me viro. Mas apenas porque a voz é de Nik.

Ele está parado a menos de três metros, todos os adornos bordados em seu paletó e a coroa na cabeça brilhando intensamente ao luar. Visivelmente desconfortável, Nik ergue o queixo, sua postura muito parecida com a assumida durante as aparições públicas. É sua defesa treinada, e eu a reconheço no mesmo instante. As palavras seguintes não são dele; são da coroa.

— Os guardas estão a caminho. Annemette, se você não tiver deixado Havnestad antes que cheguem, eles vão obrigá-la a voltar para o mar. Você é uma ameaça a Havnestad e a todos os reinos de Øresund.

Nik acreditou em mim. Ele lembrou. Assim que minhas palavras saíram, ele deve ter visto sua salvadora; sua barbatana.

E isso arruinou Annemette. E a mim também.

Não há a menor chance de ele nos ajudar agora. Mesmo que minha magia seja capaz de mantê-la aqui, ele não vai querer nada com ela. Mas, se acreditou na minha verdade sobre ela, deve acreditar na verdade dela sobre mim. E sei que acredita, lá no fundo. Ele vai querer me proteger, só que não vai ser capaz.

Ouço botas nos paralelepípedos: *tum, tum, tum*. São os guardas do rei Asger se aproximando. Vindo para nos pegar. Os olhos de Annemette se voltam para o mar. Seus ombros tremem com rápidos soluços secos, mas ela se recusa a sair do lugar.

Dou uma última olhada em Nik, tão régio, tão bondoso, tão gentil, mas já fiz minha escolha. Eu me viro para Annemette com a mão estendida.

— Levante-se! Vamos! Você não quer viver?

Nik salta para perto de mim, e sua fachada desmorona.

— Evie, por favor, não faça isso.

Ele segura minha mão, e sou levada a encará-lo tanto pelo desespero do seu gesto quanto pelo seu olhar. Nik sabe que se me vir praticando magia — confirmando a acusação de Annemette —, não será capaz de me defender. Estamos em lados totalmente opostos.

Mas nós sempre estivemos; a diferença é que antes eu era a única a saber disso.

— Evie, por favor, não faça — repete, e quase levo o dedo aos lábios dele para acalmar o tremor ali, apesar de minha frustração.

— Nik, você me forçou a fazer essa magia. Annemette vai *morrer* se eu não a fizer. Se tivesse dado a ela seu coração, seria tão simples...

— Evie, você não entende. Meu coração não me pertence para que eu possa simplesmente entregá-lo.

Ele aperta a minha mão, e apesar do desejo nos seus olhos, espero que ele diga algo em seguida sobre nobreza, dever; todas as coisas que os Øldenburg valorizam mais do que os próprios sentimentos. Mas não.

— Meu coração é seu, Evie; sempre foi. Desde a morte de Anna. Desde os castelos de areia e princesas de palitos. — Sua voz falha e seus olhos se enchem de lágrimas. — Sempre te amei. Todos os dias. Meu coração não é meu para dar porque ele já é seu.

A verdade quebra sobre mim como uma onda no inverno.

Eu soube disso durante todo esse tempo. Mas a verdade... A verdade sempre foi uma questão difícil, esteja eu mentindo para Nik, ou para mim mesma, ou ambos. Mas a verdade dele também é a verdade no meu coração.

Então eu o beijo.

Rápida como um raio, eu o beijo com tanta força que se ele não desse um passo para trás cairia na areia.

Naquele breve momento, tudo à nossa volta para; a tristeza, a magia, o som das botas nos paralelepípedos, tudo.

Seus lábios são quentes, suas mãos suaves ao segurarem a minha. Ele é delicado e forte ao mesmo tempo, combinando carinho com intensidade de uma maneira que eu não sabia que era possível. De uma maneira que eu não quero que acabe.

Eu o amo. Eu o amo há tanto tempo quanto ele me ama. Apenas passei boa parte da vida, boa parte da última semana, fingindo que não era verdade. Para que não nos machucássemos. Para que não sofrêssemos por conta da classe e das expectativas.

Mas o amor não funciona assim.

E com um despencar súbito do meu coração trêmulo, me dou conta de que destinei Annemette ao fracasso desde o começo. Eu tomei dela o beijo do amor verdadeiro.

— Saia de perto dele, bruxa.

A voz de Iker corta meus pensamentos, e é Nik quem se afasta, por mais que a ordem tenha sido destinada a mim. Iker não precisa de prova para saber o que eu sou; mesmo assim, o abandono machuca profundamente.

O mundo volta em uma torrente: vinte soldados munidos de espingardas na praia, parados a postos atrás de Iker. Atrás do único outro garoto que beijei. Iker traz vingança nos olhos e homens armados que podem colocar essa vingança em prática.

Nik segura minhas mãos ao se posicionar como um escudo entre mim e seu primo. Lanço um olhar breve para Annemette. Ela está de pé agora, dentro da água. Novas nuvens se aglomeram, e o vento aumentou, emaranhando seu cabelo, o pente de coral mal segurando uma mecha no lugar. Tem alguma coisa em sua expressão — medo, raiva, urgência — que enrijece o que não passava de uma tristeza resignada.

— Quebre seu feitiço sobre ele! — Os olhos de Iker estão frios como gelo.

Como se ele já tivesse esquecido quem eu sou. Ou como se nem se importasse. Eu me recuso a acreditar em qualquer uma das possibilidades; entrelaço meus dedos nos de Nik: não é só ele que está me segurando, eu também o seguro.

— Ela não tem feitiço nenhum sobre mim! — grita Nik. — Você sabe disso tanto quanto eu!

Iker não pisca. Não o escuta.

— Bruxa, o rei deu ordens para atirar em você imediatamente.

Olho para Annemette. Espero que ela entenda o que precisamos fazer. Que não nos atrase.

Então eu sussurro no ouvido dele.

— Eu te amo, Nik.

Assim que seu nome sai da minha boca, eu o jogo na areia com toda a força. Seguro a mão de Annemette e mergulho na água.

— Para o banco de areia.

Quando o digo isso, vejo uma sombra de hesitação, mas então Annemette respira fundo e começa a nadar. Anna e eu nunca chegamos àquele outro banco de areia, mas eu sei que vou chegar a esse com Annemette.

Avançamos para além da Pedra do Piquenique, adentrando o mar aberto da enseada enquanto Iker e os guardas colocam Nik de pé, todos inertes de surpresa. Eles demoram a preparar as espingardas e a checar as munições; ninguém esperava uma caça às bruxas nesta noite.

Espero que Annemette se agarre a mim, como fez com Nik mais cedo naquele dia. Mas a situação lhe deu força, e ela assume uma nova determinação, sem medo. Bate os pés, nadando como se realmente soubesse o que está fazendo.

Atravessamos a distância em um minuto, os guardas finalmente atirando, balas silvando pela água. Uma delas passa raspando pelo meu ombro, causando uma dor lancinante e espalhando sangue pela água enquanto dou braçadas para a frente.

Sou mais forte do que a dor, porém.

Chegamos ao banco de areia. A lua está perfeita e sei que temos pouco tempo. Meu coração martela, e meu braço esquerdo está encharcado de sangue, mas tento manter a calma. Ergo o corpo para cima da fina faixa de areia compacta e puxo Annemette. Metade dos soldados já entrou na água, com adagas entre os dentes, enquanto seus parceiros recarregam as armas.

Com as mãos nos seus ombros, olho para o céu.

— Pronta?

Ela assente, me observando, a esperança se esgueirando com ousadia para seus olhos azuis.

— *Skipta*.

Canalizo Urda e o poder das ondas que se agitam sob nós. *Troque essa vida pela alma que você tomou.*

Uma brisa sopra, e um relâmpago distante responde.

— *Skipta.*

Um trovão.

A carga da tempestade parece irradiar das minhas mãos, o fluxo de energia se alastrando até meu coração.

— *Skipta*.

O vento se intensifica. Os relâmpagos e trovões se aproximam. Sinto a magia nos ossos. Annemette consome meus pensamentos, toda a minha concentração está nela. Em mudar a vontade do mar; forçá-lo a obedecer meu pedido.

— *Skipta.*

— Criança, o que você acha que está fazendo? — grita *tante* Hansa da praia.

Eu a ouço apesar das armas. Apesar dos homens espirrando água. Apesar dos trovões. É como se segurasse um megafone diante do meu ouvido. Mesmo assim, não me viro.

Annemette. Eu quero Annemette. Quero minha Anna de volta.

— Criança! Evelyn, me escute. Escute minha idade e meus erros. Magia nascida de orgulho e rancor é complicada. É demais para suas

pequenas mãos!

Minhas mãos não são pequenas; são poderosas.

Eu não sou nada dessas coisas, tante *Hansa. Minhas intenções vêm do amor.*

Trovões ressoam e a magia canta em minhas veias a cada raio que crepita no céu. A magia está na palma das minhas mãos.

Está certo; vai bastar.

Tante Hansa volta a gritar da praia, mas suas palavras não chegam mais aos meus ouvidos. Os homens com adagas estão quase nos alcançando, as ondas fortes da tempestade detendo-os pelo tempo necessário.

Ordeno a magia pela última vez.

— *Skipta.*

Vejo o rosto de Anna com 11 anos. Vejo Annemette no meu futuro.

Estou focada ao máximo nisso tudo. Toda a minha concentração. Todo o meu poder.

Tudo o que tenho está apontado para Urda. Determinada. Pronta.

A tempestade fica ainda mais furiosa. Minha concentração é perfeita.

Mas, então, um relâmpago se acende no céu, tão claro que abro os olhos de repente.

E vejo que Annemette está sorrindo.

Não apenas sorrindo.

Gargalhando.

Ela segura meus pulsos e afasta minhas mãos dos seus ombros. Sua força é surpreendente. Sua boca se curva em um sorriso presunçoso.

— Você estudou, testou, planejou e sua solução é simplesmente pedir uma troca à magia? Como se quisesse um vestido azul em vez de um vermelho?

A magia avança em uma torrente até começar a girar ao nosso redor. Ela pisca e ondula. Percebo que não é minha. Não toda minha, pelo menos. A tempestade nunca foi minha; tem a mesma sensação da tempestade no aniversário de Nik. Ou no barco de Iker mais cedo naquele mesmo dia. As tempestades são Annemette.

Fico cega por um brevíssimo momento, então sinto sua magia fria se erguer do fundo do meu estômago, passar pelos meus pulmões e apertar meu coração. Quando recupero a visão, um cone de água nos envolve, nos protegendo da praia.

Eles vão pensar que fui eu que fiz isso.

Annemette me aperta mais ao se aproximar do meu ouvido, tão próximo quanto Nik estivera minutos antes.

— Sabe o que eu acho? Que, no fundo, você não queria me salvar. Não queria me salvar agora tanto quanto não queria que eu sobrevivesse quatro anos atrás.

Um suspiro escapa dos meus lábios. *Anna.* Minha Anna. Mas as palavras dessa Anna parecem facadas, ao contrário das palavras da minha Anna.

Entre o amor de Nik e o ressentimento de Anna, meu coração para de bater por um momento.

Quando volta, sinto os olhos arderem com lágrimas e tento levar as mãos ao seu rosto, seu cabelo, minha amiga. Senti tanta falta dela. Mesmo com toda a minha perda pessoal, não consigo imaginar a dor dela. Mas ela me aperta com mais força, me impedindo de tocá-la.

— Anna. Ah, Anna, eu queria que você tivesse sobrevivido. Fiz um feitiço naquele dia, mas eu...

Seu sorrisinho se transforma em uma cara feia.

— Falhou. Você falhou porque não entendia e estragou tudo daquela vez também.

Ela arregaça os dentes; eu não reconheço mais aquele rosto. A força de seus dedos está cortando minha circulação.

— Em vez de proteger minha vida, você causou a peste negra com aquela magia.

Tørhed. Os peixinhos aos meus pés, virados para cima e tingidos de preto, piscam em minha mente. Mortos pelas minhas lágrimas. Minhas lágrimas pretas. O olhar de Hansa quando me salvou. A Tørhed não começou apenas naquele verão; ela começou comigo naquele dia.

Eu a causei.

Ela está certa. Sei que está. No fundo, já sabia disso havia algum tempo.

— Eu tentei consertar. Este ano a vida marinha voltou...

— A vida marinha que você arrancou do seu habitat? Os feitiços de abundância que você despejou no mar, matando mais rápido do que a peste negra? Se não estão morrendo em redes, estão morrendo de fome. Porque são muitos.

Ela aperta meus punhos com mais força, tanto com seus dedos quanto com a sua magia fria.

— O mar não aguenta mais a sua bondade, *bruxa*.

— Me deixe tentar...

— Para falhar de novo? Ah, não. Não. Esta noite vai ser de sucesso.

Apesar do cone de água, um soldado alcança o banco de areia, mas Anna o empurra de volta às profundezas ao erguer o braço. Não vemos o restante dos guardas, mas sinto sua magia se alastrando, empurrando todos eles para longe com apenas um sussurro. Ela nem sequer quebra o contato visual. Seus olhos brilham, e sua boca enfim assume um formato similar ao de um sorriso.

— Esta noite, Anna Liesel Kamp recupera sua vida.

Tento me mover, tocá-la, implorar, mas ela fez algo que me impede de mexer os braços. Os pés. Qualquer coisa. Nem minha magia flui, congelada nas veias. Meu coração começa a afundar, a única coisa que Anna não pode controlar.

— Anna, por favor!

— Ah, não, você não vai ter minha piedade.

Ela gargalha outra vez. O som é gutural, sem alegria.

— Você roubou a minha vida. Roubou-a com aquela aposta. Roubou-a com esse poder idiota que tem sobre Nik. Ele escolheu você. Ele salvou você. Ele me desapontou. Por sua causa.

— Anna...

— Nada que você diga vai consertar. Nada que você faça vai consertar.

Ela afasta uma das mãos do meu ombro e a gesticula para trás, na direção da pedra que divide a enseada. Por mais que só tenha uma das mãos em mim, eu continuo impotente. Minha magia parece lodo sob a pele. Se eu ao menos entendesse melhor como tudo funciona. Se eu ao menos tivesse estudado mais. Praticado mais. Eu me sentira tão poderosa instantes antes, e agora estou totalmente desamparada.

A parede de água ao nosso redor se divide, e algo invade nosso espaço. Não um guarda, não... É algo disforme, cinzento, inchado, com um buraco escuro no meio.

Então, em um piscar de olhos, eu reconheço. Arquejo e começo a lutar contra as contenções de Anna. Preciso tocá-lo. Preciso ter certeza. Mas, quando ela começa a gargalhar de novo, sei que aquele pesadelo é real.

A coisa na minha frente é meu pai. *Era* meu pai.

— Por mais que sua solução tenha sido um feitiço excepcionalmente infantil, o conceito estava correto. Uma vida para eu estar aqui, uma vida para eu ficar.

Vejo tudo com tanta clareza agora. O amor verdadeiro nunca salvaria Anna; não a Anna em que ela se transformou. Se é que isso sequer era uma opção. Foram tantas mentiras.

Um estrondo ressoa nas nuvens, e uma força se eleva das profundezas da água que nos cerca. E sei qual é minha parte em sua vingança antes de conseguir ver o contorno da parede de água.

Nosso mar não me reivindicou naquele dia, por mais que Urda tivesse tido essa opção. Agora, Anna está dando outra oportunidade a ela.

— E eu serei a vida que você tomará para ficar.

Eu me forço a olhar para ela enquanto digo a frase. Meu pai pagou o preço pela vingança de Anna, e chegou a minha vez de fazer o mesmo.

Ela sorri; a coisa mais sem alma que já vi na vida.

— Ah, não. Sua vida não é valiosa o bastante.

Anna me solta. De repente, estou flutuando, ao lado do meu pai, boiando. Ainda imóvel. Meus músculos, minha luta, minha magia, tudo é inútil.

Com um giro da mão, uma rajada tão forte quanto uma bola de canhão me atinge no peito. Eu e o corpo do meu pai somos jogados para trás na parede de água, caindo no agito tempestuoso da enseada.

Enquanto caio, respiro pela última vez. Fecho os olhos.

Então me torno uma com o mar.

NA SUPERFÍCIE

A pequena sereia estava sorrindo. Sorrindo e chorando; água salgada se passava perfeitamente por lágrimas.

Choraria lágrimas reais de felicidade em breve.

— Parem de atirar! — gritou o garoto quando os guardas ergueram suas espingardas para a pequena sereia, que avançava pelas ilhas de pedras espirrando água com seus próprios pés.

Em algum lugar atrás dela, Evie tinha respirado pela última vez. Os guardas que se aproximaram também, mortos nas profundezas; ela não poderia deixar que arruinassem a próxima etapa. Não tinha muito tempo, mas não havia muito a ser feito.

Ela só precisava aguentar até a última parte do plano.

— Nik! Nik! Ela conseguiu! Ela conseguiu!

A pequena sereia se jogou na areia; o príncipe e os guardas restantes eram os únicos por perto, mas a entrada da enseada estava lotada com todos os convidados do baile, que assistiam à cena, boquiabertos. Uma plateia. Era perfeito.

— Ela conseguiu, e eu lembrei!

A pequena sereia segurou a mão do príncipe. Apontou seu sorriso treinado para o rosto estupefato dele.

— Sou Anna. Anna Liesel Kamp. Sou Anna!

Acima da rua da praia, a pequena sereia ouviu sua velha e louca oma, *finalmente certa.*

— Anneke. Minha Anneke; você está encharcada! Para fora da água já! Fora!

Algumas risadinhas seguiram a exclamação da velha, mas a voz de Iker se destacou acima de todas elas.

— Primo, se afaste. Ela não é melhor do que uma bruxa, e você sabe. Ela é pior. Se afaste.

— Dessa vez não, Iker — disse Nik.

Ele tocou o rosto da pequena sereia. Lendo-o. Confirmando a suspeita que deveria ter levantado desde o primeiro momento em que pousou os olhos na "viajante de Odense".

— Se você é realmente Anna, me diga: o que aconteceu em Lille Bjerg Pass quando eu tinha 10 anos?

A pequena sereia nem piscou; pelo contrário, sua resposta esbanjou alegria e urgência.

— Você bateu a perna direita em uma pedra, ficou com uma cicatriz do tamanho do osso da canela. Evie e eu tivemos que carregá-lo montanha abaixo.

Ele arregalou os olhos escuros e sorriu.

— É você... É você mesmo.

Mas então desviou o olhar, procurando nas ondas pela garota que Anna jamais seria. Ele era incapaz de lhe dar até mesmo esse momento de atenção. Sim, ele merece.

— Onde está Evie? Houve uma onda e...

— Niklas, o que está fazendo? Afaste-se dela! — Era a rainha... A pequena sereia quase sorriu outra vez. A rainha e sua devoção. O rei e sua nobreza não estariam muito longe. — O que estão esperando, seus covardes? — gritou ela para os guardas, suas feições de porcelana rachando de fúria. — Vocês têm armas, usem-nas.

Os guardas avançaram; mas Nik estava preparado.

— Não se aproximem. É uma ordem.

Ele se virou para a mãe, olhando por cima da cabeça da pequena sereia. Segurando-a com força.

— Você também, mãe.

— Ordem anulada — respondeu o rei com a voz severa. — Você é maior de idade, filho, mas enquanto eu estiver vivo, suas ordens ainda serão como as de uma criança para mim. — Ele encarou os guardas. — Segurem o príncipe e matem a garota.

Dessa vez, os guardas não hesitaram em avançar, as espingardas com ponta de baioneta apontadas para a pequena sereia. O príncipe se pôs na frente dela, protegendo-a dos guardas. Da vista.

A hora finalmente chegara. E não havia um minuto a perder.

A pequena sereia se encolheu nas costas dele como se estivesse com medo. Então enfiou uma das mãos no cabelo. Seus dedos envolveram o pente, sua ponta brilhando com água do mar.

— Nik!

Aquela voz. Evie... Ela tinha sobrevivido, aquela bruxinha.

O príncipe se virou para a água. Para seu verdadeiro amor.

A pequena sereia sorriu; o príncipe tinha feito outra escolha errada.

E essa seria a última.

Com toda a força que restava em seu corpo, a pequena sereia enfiou a faca nas costas do príncipe e no seu coração.

31

Abro os olhos para a escuridão. Tudo ao meu redor é meia-noite. Tristeza e falta de cor. O tempo não existe.

Então esse é o mar.

O mar verdadeiro.

A única luz vinda de cima é a da lua. Quando meus olhos se acostumam, a escuridão ganha um pouco de cor; um toque de azul em um tom bem escuro conforme afundo sob as ondas para a areia fria. Meu pai está ao meu lado, seus olhos inexistentes. O buraco em seu corpo... É do tamanho do arpão. Da arma que eu criei, sem dúvida. Quero gritar de dor no coração. O polvo da enseada surge na minha frente, ainda maior do que eu pensei.

Pensei. Pensamentos. Eu tenho pensamentos.

Estou viva.

Meus pulmões gritam.

Espere.

Eu estou viva e preciso de ar.

Tento mexer os braços. Os pés. De alguma forma, a magia de Anna passou; eu consigo me mover.

De repente, meus pés estão chutando e minhas mãos em garras golpeando a água, dando impulso para cima. A dor se irradia pelo meu braço a partir do ponto ensanguentado.

Eu levei um tiro. Sim, levei um tiro dos homens do rei. E sobrevivi.

E sobrevivi ao que Anna planejara também.

E agora preciso alertar Nik. Anna não é mais nossa amiga; ela se tornou outra coisa totalmente diferente.

Ódio.

Meu coração acelera, batendo mais forte a cada palmo mais próximo da superfície. Uma nuvem de sangue envolve cada braçada, e meu ombro ameaça falhar.

Minha visão rompe a superfície e, após de uma respiração ofegante, já começo a nadar e depois pular na direção da praia quando meu pé alcança a areia submersa. Tento respirar profundamente, mas meu colar está apertado demais, a pérola ainda pulsando. Com cada grama de energia que ainda me resta, puxo o cordão mágico até que a pérola se solte, aterrissando na água com um *plop*.

Agora também estou livre. Sinto minha conexão com a antiga Annemette se dissipar pelas ondas. Ela devia estar mantendo um feitiço sobre mim durante esse tempo todo, ou talvez eu mesma tenha me enfeitiçado.

A água escorre do meu cabelo para meus olhos. *Nik.* Preciso encontrá-lo.

Ele está na praia, sua silhueta ereta e régia, protegendo Anna dos guardas que avançam. Meu coração bate depressa. Ele está vivo. Mas não por muito tempo. Sei agora que é a vida dele que ela planeja tomar.

Ele está perto demais.

— Nik! — grito.

Atraio a atenção dele. Mas também a de Anna. E a dos guardas.

Armas são disparadas, e uma onda súbita de dor atravessa meu peito. Sou jogada para trás, mas consigo continuar me movendo. Levo os dedos à ferida nas costelas e me encolho. É quente e molhada, e minha respiração fica rasa, cada inspiração trazendo uma nova pontada de dor. Mas preciso continuar seguindo, avançando com dificuldade pela água, agora quase na altura da cintura.

Nik ainda está em choque, mas Anna não. Ele enfia a mão no cabelo.

Está segurando uma faca, sua lâmina indo em direção a Nik, que olha para mim.

— NÃO!

Você não vai tomá-lo! Não vai!

Agora Iker está gritando; correndo. Ele também vê.

Apesar do sangue. Apesar da dor. Apesar da distância, avanço o mais rápido que consigo, com a água logo acima dos joelhos. Molhado, meu vestido pesa mais do que meu corpo, mas isso não vai me impedir de chegar até ele. Nada vai.

Cinco metros de distância. Quatro. Três.

Mas é tarde demais. A lâmina de Annemette já está traçando um arco. O coral afiado perfura as costas de Nik bem quando Iker o segura, empurrando-o para a areia.

O sangue de Nik está na praia.

Derramando-se em uma trilha de onde ele estava até onde caiu, tingindo a areia.

Ah, Urda. Não. Nik, não.

Mesmo depois de tudo, não consigo acreditar que Anna fez isso, mas não sinto pena dela. Se acha que vai ser a única a conseguir sua vingança, está redondamente enganada.

— Niklas! — grita a rainha, correndo para a frente.

O rei corre também, enfim indo ao socorro do único filho.

Os espectadores ficam imóveis; reconhecimento, terror e medo congelados em rostos que conheço desde sempre. Malvina. Ruyven. Todos os funcionários da cozinha do castelo.

As belas feições de Anna se contorcem enquanto ela afunda os dedos dos pés no sangue derramado de Nik, rindo. *Rindo.*

— Você arruinou a minha vida, e eu arruinei a sua, *meu príncipe*.

Pulo aos pés dela, derrubando-a na areia. Subo em cima dela, prendendo a mão que ainda segura a faca, vermelha com o sangue de Nik. Grito pela minha *tante*.

— Hansa! Nik... Você precisa curá-lo!

Mas dois guardas seguram Hansa; minha magia foi o bastante para condená-la também. Recorro à única pessoa com poder para fazê-los mudar de ideia.

— Iker, deixe que ela faça seu trabalho. Por favor! Ela pode salvá-lo!

Meu coração engasga quando Iker faz exatamente o que peço; a família acima de tudo.

— Soltem a velha! — ordena ele.

Os guardas obedecem. Mas não posso olhar. Meu coração não vai aguentar se ela falhar. Ela é conhecida como a Curandeira dos Reis, mas essa noite vai ter que salvar o meu príncipe.

Enquanto Hansa trabalha, sinto a magia de Anna repuxar minha força. Acima, nuvens de tempestade se aglomeram. Presa sob meu corpo, Anna volta a gargalhar. Quero bater nela, mas não quero deixar que ela escape.

— Cale a boca! — grito. — Como pôde? Ele amava você! *Eu* amava você!

Ela cospe no meu rosto. Essa pessoa que não conheço mais. Essa pessoa que não reconheço. Essa pessoa que tentou tirar a vida de Nik. Essa pessoa que tirou a vida do meu pai.

O vento aumenta, e raios chiam na minha visão periférica. Trovões ressoam. A magia dela se alastra sobre nós, e faço tudo que posso para mantê-la no chão, minha magia faiscando em jorros enquanto eu sangro.

Agora ela gargalha tanto que está chorando. *Lágrimas de verdade.*

Elas descem por suas bochechas sujas de sangue, molhadas e reais. Sinto o pavor esmagar meu coração já falhando sob o peso do sangue que escorre do ombro e do peito.

Não, ela não pode ser humana. Essa pessoa não merece uma alma. Não pode ter vencido. Nik não está morto.

Não pode estar.

No entanto, as lágrimas de Anna estão ali. E, com elas, seus olhos se voltam dramaticamente para o ponto onde eu seguro suas mãos sobre a areia. Onde a faca está... *Não.*

Não.

Gritos soam da rua da praia. Uma massa de corpos avança. Os guardas também. Todos em direção a um único corpo, deitado de barriga para baixo na areia. Uma faca desponta do centro da sua garganta; o último fio de magia sereia de Annemette usado para atingir seu alvo.

Não Nik.

O pai dele. O rei, morto na areia.

Só o sangue real deve importar para a magia — sangue de Øldenburg, vindo do rei caçador de bruxas —, porque diante dele está Iker, se erguendo. A faca de Anna o errou por pouco. Estava voltada para ele — a última peça do dia em que Anna se afogou —, mas o rei serviria.

A voz da rainha, esganiçada e alta, ecoa acima do caos enquanto ela desaba na areia.

— *Matem-nas!*

Os guardas avançam. Anna continua rindo, me chutando com suas pernas humanas. Meu sangue manchou seu vestido, sua pele, seu cabelo. E isso só serve para fazê-la gargalhar com mais vontade. Tanta vontade que ela nem tenta fugir; está aproveitando demais.

Acima do barulho — a risada, os passos dos guardas, os gritos do povo — escuto algo. Uma voz que sempre conheci tão bem quanto a minha.

— Evie.

Nik.

Ele está rastejando até mim com a ajuda de Hansa. O olhar dela diz que seus poderes de cura não vão ajudar; ele vai estar morto em breve, como o pai. Nik também sabe disso, sua voz tremendo.

— Evie, eu te amo. Me desculpe por não ter falado nada até hoje. Me desculpe...

— *Tante*, segure Anna. Por favor. Não a deixe levantar.

A magia de Hansa é forte, e ela usa um feitiço de imobilidade como o que Anna usou em mim. Um feitiço que eu nunca aprendi a fazer.

Mesmo assim, só solto Anna quando sei que Hansa a está segurando. Minha antiga amiga grita comigo, lutando contra a magia de Hansa, mas eu a ignoro. Minhas mãos encontram Nik, e eu aproximo seu peito sangrento do meu.

— Eu também te amo. E não vou deixar que esse seja o fim.

Seu rosto fica confuso. Sua pele perdeu a cor. Sua respiração sai entrecortada, e sinto a luta dos seus pulmões através do meu corpete. O sangue das nossas feridas escorre junto, semelhantes, se encontrando.

Fecho os olhos, relembrando as palavras da minha mãe. Não preciso de tinta de polvo. Não preciso de pedras preciosas ou poções ou amuletos. Só preciso de palavras e força de vontade.

Eu sou uma bruxa. Sou e sempre serei. A magia está em mim e é suficiente; suponho que Annemette tenha me ensinado isso.

— Eu te amo, Nik — repito, e então começo a recitar o feitiço da minha mãe.

As palavras me vêm como se eu as conhecesse a vida toda, e talvez seja o caso.

— *Líf. Dauði. Minn líf. Seiðr. Minn bjoð. Seiðr. Seiðr.*

Minha pele começa a queimar, incandescente, o calor irradiando dos meus ossos para fora, lançando vapor no ar. Lágrimas brotam dos meus olhos, e sei que são pretas; os olhos de minha mãe não faziam isso, mas eu sou minha própria magia. Elas pingam em Nik quando começo a tremer. Meus olhos reviram por um momento, e a última coisa que vejo é a cor voltando à sua pele, suas bochechas corando como se tivéssemos passado o dia todo no mar.

Forço minha visão a clarear. Preciso vê-lo. Preciso.

Seus olhos se abrem de repente. Ele sabe o que está acontecendo. Ele sabe do mesmo jeito que eu sabia no dia em que minha mãe morreu.

E vou garantir que ele fique em segurança.

Que ele tenha uma vida longa.

Que governe seu povo sem medo.

Vou garantir.

Com o que me resta de força, eu me afasto de Nik e levo meu corpo fraco para cima do de Anna, apertando-o como um espartilho. Apertado como a magia que Hansa usou para paralisá-la. Minha *tante* se afasta, com lágrimas nos olhos, e ajuda Nik a se levantar. Ele está quase totalmente curado. Vai ficar bem.

Anna é a única ameaça que resta, mas tenho planos para ela.

Com o meu último suspiro, eu a seguro; essa garota que amei, essa garota que voltou para mim. Que me usou. Que me arruinou. Que arruinou todas as pessoas que já a amaram só para retomar sua forma humana. Que as arruinou por vingança.

Eu me levanto e a arrasto para a água. Minhas mãos queimam impressões digitais em sua pele enquanto ela tenta escapar.

— O que você está fazendo? — grita ela.

Sinto seu coração bater desesperadamente contra o corpete. Contra o meu coração, ainda no peito.

As nuvens estão se afastando no céu. O vento parou de soprar. Os raios desapareceram. Sua magia está deixando esse mundo, e logo ela também deixará.

Seus olhos azuis se arregalam. Ela percebeu que conseguiu o que queria. Ela é apenas uma garota, como antes, vulnerável a pessoas como eu.

Sorrio para ela, sem qualquer piedade. Sem alegria. Nada além de ódio.

— Essa vida não é sua.

Com isso, faço a única coisa que posso para reverter o ato mágico final de Anna. Para manter meus entes queridos a salvo. Para dar um fim à ameaça que ela representa.

Devolvo Anna ao mar.

EMBAIXO DA SUPERFÍCIE

A maré reivindicou ambas, uma com cachos negros feito carvão e a outra com ondas loiras como manteiga. A água estava fria, apesar de ser uma noite de verão. Todas as veias de magia espiralaram embaixo da água, se misturando ao sangue e à morte que ligavam as garotas.

O coração da garota de cachos negros estava falhando. Seu tempo acabara, gasto no garoto acima. Aquele que ela sempre amara. Sempre protegera; até de si mesma.

Mas ela venceria; os pulmões da loira sofriam espasmos. A garota de cabelos negros engasgava e se contraía enquanto se segurava com força ao peito da outra, levando ambas para baixo, para baixo, para baixo. Tanto quanto a enseada permitisse. Para o fundo, lar do polvo encantado, do corpo do pai dela e dos corpos frescos dos guardas que a loira matou com um estalar de dedos.

Tantos mortos, mas o príncipe estava vivo. Seu garoto. Com a respiração dela emprestada no peito. Ela se sacrificara por ele outra vez.

Conforme os resquícios frios da magia rodopiavam ao redor, as garotas mergulharam para o fundo arenoso. As costas da loira se acomodaram no chão da enseada, o corpo da morena derramava rios de sangue na água, mais um pouco da sua vida escapando pelos buracos de bala.

A luz fraquejava tão rápido quanto o corpo delas, o brilho forte da lua alcançando tais profundezas. Mesmo assim, a garota de cachos negros não se entregava à escuridão. Seu coração mal batia, mas seus olhos estavam abertos, observando a loira lutar para sem conseguir se soltar.

A de cachos negros não morreria primeiro. Não podia.

Precisava saber que o garoto ficaria seguro — sua família, sua casa — do monstro nas mãos dela.

Logo antes do coração da garota de cachos negros finalmente parar, a loira ficou imóvel. Seus olhos azuis travaram abertos, vazios. Seus lábios de botão de rosa se abriram para sempre, deixando a água entrar.

A garota realmente tinha se afogado dessa vez. Não haveria volta.

A de cachos negros abriu a boca e aceitou o oceano. Deixou que a invadisse e reivindicasse junto à magia que ainda cantava em suas veias. Que ainda roçava sua pele; que viveria mais do que ela.

Então uma escuridão cobriu a luz cinzenta em sua visão. O final, as cortinas se fechando.

Não.

O polvo. O gigante. Aquele que assombrava a enseada. Sua criação; um produto do seu feitiço de abundância. Um erro. Uma aberração.

O animal era rápido. Vingativo. Rancoroso.

— Líf... líf — *começou a garota, sentindo as palavras morrerem em sua boca, se afogando em água salgada.*

Não sabia o que fazer além de dizer ao polvo para partir. Viver. Viver longe desse campo de batalha. Deixá-la descansar com seu pai em paz.

Mas o polvo, sentindo o cheiro de tinta nas veias dela e a magia que ali continha, começou a se alimentar. Os tentáculos da criatura estremeceram com o poder ao deslizarem pelas feridas dela, se misturando à água, ao sangue, ao feitiço que o controlou pelos últimos meses. Os olhos da garota reviraram quando magia fresca entrou nas suas veias.

— Líf. Líf.

De repente, um grande clarão se acendeu entre eles. Conectando-os. Uma magia tão antiga quanto o próprio mar entrelaçou a vida do polvo e a dela.

A luz levou a grande criatura para mais perto do corpo prostrado da garota, quase sem vida. Quase sem nada. Os tentáculos se deleitavam no sangue dela. Tentavam capturá-lo. A magia entre eles era um ímã, puxando tudo dele para tudo dela.

— Líf... — *repetiu ela, sem ar.*

A água do mar carregou a palavra garganta abaixo, empurrando o oxigênio para fora do seu coração, seu sangue. Até que ela e o mar se tornassem um só. Sua própria alma virando água.

A luz piscou e cresceu, engolfando a garota e o polvo em seu calor, se expandindo além da superfície da água, da lua e da magia que ainda pairava no ar. A luz trouxe equivalente escuridão, se alastrando pela enseada como um lençol preto.

Nesse momento, as pessoas na areia se dispersaram, sabendo que não era seguro. Todas menos o garoto e seu primo, que ainda observavam a água como se

as garotas pudessem ressurgir. Tantas perguntas em seus lábios enquanto a água negra se irradiava na direção do estreito de Øresund.

E lá embaixo, a água se agitava e espiralava até que grandes redemoinhos girassem do fundo da enseada para cima. Gás escaldante das profundezas da terra jorrou da areia morta, formando gêiseres violentos entre os redemoinhos. A areia da enseada começou a apodrecer, todas as cores esmaecendo até sobrar apenas cinzas. E quando a luz se reduziu a nada além do obsidiano do oceano, algo peculiar aconteceu.

A garota de cachos negros não era mais uma garota.

Ela ainda tinha seus cachos negros, sua beleza e a parte superior de um corpo feminino, mas ali, onde suas longas pernas um dia estiveram, apareceram oito tentáculos, pretos como ônix e lustrosos como seda. Eles se projetavam de sua cintura, como nada visto antes pelo oceano.

E, com magia rodopiando ao seu redor, para dentro e para fora, a criatura abriu os olhos.

EPÍLOGO — CINQUENTA ANOS DEPOIS

O rei dos mares e seu povo me chamam de bruxa do mar; apesar de eu ainda ficar surpresa por ser qualquer coisa.

Eu estava preparada para morrer aquele dia na água.

Dei minha vida para Nik. Sabia o que o feitiço causaria.

Mas algo aconteceu na magia que rodeava o lugar; minha, de minha mãe, de Hansa, do que restava de Annemette. O polvo que assombrava a enseada também teve certa participação. Tudo se combinou para me deixar com o corpo que tenho hoje.

Não o corpo de uma sereia.

Não o corpo de qualquer outra coisa já vista nessas águas.

Eu sou minha própria magia.

Espalho meus tentáculos sob mim: são oito, pretos e lustrosos, e tão volumosos quanto um dos vestidos de festa da rainha Charlotte, cada um puxando um camarão da areia. Eu sou um belo espetáculo, apesar de poucos já terem me visto. Estou presa à enseada, mantida aqui por alguma coisa. Magia ou memória, ou ambos.

Meu covil é uma caverna submersa, rodeada por lama borbulhante — turfa — e redemoinhos violentos. A água aqui é totalmente preta; a enseada de Havnestad virou uma sarda no mar.

Ao redor da minha caverna, árvores estranhas cresceram dos ossos de Anna e dos guardas, embora os do meu pai nunca tenham mudado, permanecendo levemente enterrados em seu estado original. Essas árvores — pólipos — são meio planta, meio animal, como serpentes enraizadas na areia acinzentada, uma centena de cabeças onde deveria haver galhos.

A Tørhed morreu quando a magia me deixou desse jeito, livrando o mar tanto da escassez quanto da abundância. Assim, os redemoinhos atraem peixes para as garras dos pólipos, me mantendo bem alimentada sem nunca precisar caçar.

Enquanto me alimento das presas da minha estranha floresta, estudo magia. Aprendi tudo que podia sobre a feitiçaria que há sob as ondas, por mais que novos mistérios se apresentem a mim diariamente. Desse modo, meu poder cresceu, assim como minha reputação.

O povo dos mares tem medo de mim; o tempo e as lendas se acumulando um sobre o outro. São orientados a ficar longe da bruxa poderosa o bastante para arruinar o mar logo depois de salvá-lo. O rei dos mares sabe da magia que fiz — da morte negra e da escassez de alimento —, e também sabe de mim e de sua Annemette; lembranças dela lhe vêm à tona sempre que meu nome é mencionado. Mas isso é raro. Ninguém ousa mencionar meu nome.

Também faz muito tempo que ninguém na terra me conhece como Evelyn. Evie. Aquela garota.

Eles sabem da história da sereia, da bruxa e do rei Niklas. Eles conhecem — e ousam visitar — a estranha enseada com tinta no lugar de água e areia cinza como aço. Agora abrem mão da fogueira e jogam suas bonequinhas de madeira na enseada a cada Sankt Hans Aften. Presentes para a bruxa que salvou o reino deles.

Mas eles não me conhecem.

Meu povo se foi há muito tempo, ou pelo menos foi o que escutei de partes de conversas carregadas para dentro da água ao longo dos anos.

Tante Hansa foi levada pela idade, tendo vivido o resto da vida em Havnestad apesar de sua magia. Salva do desterro por seu papel na salvação de Nik naquele dia terrível. Hansa me mandou presentes até o fim; enfeitiçando seus próprios tomos mágicos para se tornarem à prova de água antes de atirá-los nas profundezas. Todos os segredos que ela não ousou me ensinar quando eu era garota, agora na ponta dos meus dedos. Quase como se ela soubesse que eu estava viva embaixo da sujeira. E talvez soubesse; apesar de eu não poder emergir.

Iker teve o seu fim no mar do Norte. Vítima do rei das baleias, que se cansou de ser sua presa.

Nik também se foi, mas viveu seus dias como deveria. Como eu esperava que vivesse. Casou-se, teve filhos, um reinado bem-sucedido, foi amado por todos.

Sinto saudade dele. Sinto saudade de todo mundo. Por incrível que pareça, também sinto saudade dela; Anna, Annemette, seja lá quem fosse.

Sozinha, existe uma quietude sob essas águas que ninguém da superfície jamais conhecerá. Uma quietude que me faz sentir falta até dos mais dolorosos sons.

Mas, um dia, recebo uma visita. Não da terra, mas do mar.

Uma pequena sereia. Uma menina corajosa, com cachos loiros enfeitados com uma coroa de lírios-do-mar, uma pele tão clara quanto leite fresco e maçãs do rosto coradas. Seus olhos são de um azul intenso; tão gélidos quanto os fiordes ao norte.

Tão gélidos quanto os de Iker já foram.

Mas, em vez da confiança que brilhava nos olhos dele, os dela carregam uma determinação em conflito com medo. Pela criatura tão temerosa que me tornei.

Então sei na mesma hora.

Sim, a única coisa que faria uma sereia como ela enfrentar minha presença.

Enquanto ela se aproxima, eu a olho de cima, meus tentáculos aglomerados sob meu corpo — se já tive algum trono foi este — e uma teia de cachos cinza-claros rodopiando ao redor do rosto. Sua cauda se agita sob o peso de oito ostras, cada uma servindo para mostrar sua posição social. Por um momento, acho que ela vai recuar, mas, em vez disso, estende os braços, onde vinha segurando um buquê de rosas vermelhas como sangue.

— Por favor, aceite essas flores plantadas no meu jardim, um presente para a grande bruxa do mar...

Eu só preciso balançar a cabeça uma vez para que ela se cale. Vou flutuando até ela, que, para seu próprio mérito, não se mexe.

— Eu sei o que você quer — digo, e seus olhos brilham.

Ela abaixa os braços, largando as rosas na areia.

— Quer ir atrás do amor de um garoto humano nas suas próprias pernas.

Sua resposta é imediata.

— Ele já me ama, disso eu sei.

Suspeito.

— E você sabe o nome desse garoto?

— Não o nome oficial, é longo e demorado, mas os outros marinheiros o chamam de Niklas.

Príncipe herdeiro Asger Niklas Bryniulf Øldenburg V.

Neto de Nik.

Cerro os dentes e contraio o maxilar, baixando os olhos para a garota à minha frente. Uma princesa. Uma das doces cantoras que se apresentam com frequência no palácio. Shows para os quais nunca sou convidada. Mas consigo ouvir a música; o castelo do rei dos mares não fica longe. Se eu estreitar os olhos para além da minha estranha floresta, consigo ver o brilho azul peculiar que envolve o terreno do palácio. Quase parece que um pedaço do céu caiu do paraíso para as profundezas azul-marinho do oceano e se misturou à água salgada.

— Por favor — diz a garota quando não respondo.

Por mais que esteja desesperada, há uma expressão deliberada em seu rosto; tanto a cabeça quanto o coração estão alimentando sua coragem.

— Você é a única com a magia necessária para me transformar; ela foi banida há muito tempo. Por favor, mesmo que seja apenas por um dia, eu preciso vê-lo. Meu coração não aguenta ficar longe do meu Niklas.

Ao olhar em seus olhos, volto a ter 16 anos, descobrindo sobre o amor de Nik pela primeira vez naquela praia. Beijando-o antes de nossas vidas mudarem para sempre.

Mas agora sou velha o bastante para saber que não devo dar ouvidos às minhas lembranças.

E sei que ela não tem noção do que está pedindo. O preço: o custo para sua família, seus entes queridos, a magia. A dor: física, mental, familiar, mágica. É demais.

— O coração aguenta muitas coisas, criança, inclusive o amor.

A pequena sereia estende a mão para a minha, mas pensa melhor no último momento. Como se meu toque fosse queimar. Talvez fosse.

— Por favor... Eu faço qualquer coisa.

Volto a pensar em Nik. Sua risada. Seu amor. Por quanto tempo ficou ali, esperando ser visto por mim. Ali nos seus olhos escuros.

Antes de falecer, Nik me visitava algumas vezes, andando até a beira da enseada, manchando as botas chiques na minha água preta. Então me

contava histórias do mundo da superfície, confiando na maré para carregar suas palavras. Talvez ele também soubesse que eu estava viva. Um amigo, um amor, até o fim.

Sustento o olhar da menina. Não há mais medo, apenas determinação e necessidade transbordando. É impressionante, suponho; ninguém nunca teve coragem de entrar no meu covil com tal pedido. Ela quer isso mais do que tudo.

Mais do que qualquer coisa que possa me oferecer.

Mas vou precisar de algo além em troca. A magia não vai mais exigir uma vida, mas ainda demanda um sacrifício. Nos anos que se passaram, aprendi isso e muito mais.

E sei o que devo tomar.

— Tenho que saber que você só vai dizer a verdade na superfície — digo, enfim.

A pequena sereia fica tão surpresa que leva um momento para entender que estou dizendo que vou ajudá-la. Quando entende, sua resposta é imediata.

— Eu vou...

— Não responda tão rápido. Seu pedido é muito sério.

A garota assente, fechando bem os lábios, uma expressão de ponderação se infiltrando profundamente no rosto. Bom.

— Depois de se tornar humana, você nunca mais poderá voltar a ser sereia. Nunca mais poderá voltar a ver o palácio. Seu pai. Sua mãe. Suas irmãs. Tudo que você conhece e ama, exceto esse príncipe, não será mais seu.

A garota empalidece. Seus olhos perdem o foco. Apesar de todo o tempo que ela passou pensando antes de fazer esse pedido, colhendo essas flores do seu jardim, juntando coragem para nadar além dos pólipos e sobre a turfa, o que eu proponho nunca tinha passado por sua cabeça. Ouvi dizer que o rei dos mares havia destruído o livro-razão que continha a história da rainha Mette, escondendo o caso para não que não se repetisse no futuro. Essa garota é a prova. Se ela pudesse ter pesquisado mais, o teria feito.

Depois de vários instantes, seus olhos se voltam para o meu rosto. Resolutos.

— Eu aceito.

— Muito bem. Mas também preciso ser paga; e o meu preço é alto.

A garota se anima.

— Eu posso dar tudo o que quiser. Pedras preciosas, joias, as mais belas pérolas... Por favor.

Privilégio e *coisas* definem a vida que ela espera abandonar.

Não preciso de pérolas. Aquela de muito tempo atrás carregava promessas falsas suficientes para uma vida inteira.

— Só peço uma coisa: sua voz.

A garota leva os dedos imediatamente à garganta.

— Minha voz?

— É imprescindível que você não conte nenhuma mentira na superfície.

— Eu não vou mentir.

Ergo a sobrancelha para ela.

— Não sem voz, certo? E se você escrever uma mentira durante seu tempo na superfície, seus dedos cairão.

A garota engole em seco.

— Se o preço é a minha voz, *por mais que eu não deva mentir*, como... como...?

— Você terá sua bela silhueta, seu caminhar gracioso e seus olhos expressivos — respondo, baixando minha entonação da maneira que *tante* Hansa fazia há tanto tempo. — Certamente, se está disposta a enfrentar minha magia e deixar sua família e seus amigos sem dizer uma palavra, também poderá se comunicar com seu verdadeiro amor sem dizer uma palavra.

A pequena sereia fecha a boca de repente, pensando furiosamente em outra saída.

Minha sobrancelha se ergue mais.

— A não ser que você tema que o amor dele não seja verdadeiro?

— É, sim! É, sim. Ele é meu amor verdadeiro. Fique com a minha voz! Fique com ela! Vale a pena!

Levo um tentáculo serpenteante até o rosto dela e ergo seu queixo. Há outra coisa nos seus olhos; não apenas medo, desejo ou amor.

— Você realmente o ama, ou ama a ideia de ser humana?

As pupilas da garota brilham e seu maxilar fica tenso. Finalmente, cheia de coragem, ela fala sem desviar o olhar.

— Como é... ser humana?

Eu não vou lhe dar um pacote de salmiakki e contar uma história magnífica; não sou a avó dela.

Se fosse, eu poderia lhe contar como é o gosto azedo do vinho de verão e o ressoar de vozes quando um novo barco aporta. Como é o aroma de sal e limões e o brilho dos olhos de um garoto logo antes de um beijo ao luar.

Mas não digo essas coisas. Não posso.

Se ela aceita perder a voz para provar seu amor, que seja.

— Muito bem.

Envolvo um tentáculo na cintura dela e a puxo para perto. De repente, como se já tivesse perdido a voz, ela entreabre a boca sem emitir som. Coloco os dedos no pescoço dela, luminoso e elegante mesmo na penumbra da minha casa; uma pérola brilhando nas profundezas lodosas. Sua pulsação lateja sob a pele quente, o primeiro batimento cardíaco que sinto desde que Anna esmaeceu nos meus braços.

— Me diga exatamente o que ama nesse Niklas.

— Você... Você só quer que eu fale?

— Você só terá sua voz por mais alguns instantes, minha querida. Use o tempo com sabedoria.

A garota engole em seco de novo, então respira fundo.

— Era meu aniversário de 15 anos quando vi Niklas pela primeira vez. Poderia se chamar amor à primeira vista... mas eu já tinha visto o rosto dele antes. Em uma estátua que tenho no meu jardim desde os 10 anos. Essas flores vermelhas que trouxe para você, elas crescem...

— Sim, os Øldenburg amam suas estátuas — digo, voltando a soar muito como Hansa. — Ainda não existe amor na sua história. Só coincidência e jardinagem.

A garota lambe os lábios e recomeça.

— Passei a noite toda ao lado do barco, observando esse garoto. Então, depois da meia-noite, uma grande tempestade surgiu no céu, com ondas tão fortes que tombou o barco. Os marinheiros caíram na água, mas não vi o garoto. — Nesse momento, sua voz falha. — Mergulhei para o fundo até encontrá-lo. Seus braços e suas pernas estavam sem força e seus olhos, fechados. Eu o levei para a superfície e segurei sua cabeça para fora da água. Ficamos assim a noite toda. E quando o sol voltou e o oceano acalmou, eu beijei sua testa e o levei nadando até a terra firme.

Por reflexo, meu tentáculo se aperta ao redor de sua cintura quando me lembro de Annemette, mesmo que eu já tenha lido o bastante para conhecer essa história de cor. Uma tempestade, um naufrágio, uma salvadora.

— E? — pergunto.

— Eu o coloquei em uma praia ao lado de um grande edifício. Fiquei por perto para observar, escondida entre algumas pedras, coberta de espuma marinha. Pouco tempo depois, uma bela garota o encontrou e tocou o alarme. Então eu soube que ele sobreviveria. Quando acordou, estava sorrindo para a garota.

— Nenhum sorriso para você?

— Não. — A determinação volta à sua voz. — Mas eu queria aquele sorriso; e o quero agora. Quero que ele saiba que eu o salvei. Que o amo. E quero que ele me ame.

Ah. Ela mentiu para mim.

— Mas você disse que ele já te ama.

A garota desvia o olhar, desmascarada. Enfim, continua:

— Eu passei o último ano o observando. E *sei* que, se eu apenas pudesse ser humana, ele me amaria. Acha que está apaixonado por aquela garota da praia, mas eu o salvei. Eu salvei Niklas.

Como Anna, essa garota acredita que merece algo e está disposta a arriscar a vida e tudo que conhece por isso. Mas não almeja vingança.

Ela quer um final feliz.

E, por isso, não posso culpá-la. Mesmo depois de todos esses anos, ainda desejo o meu.

— É muito estúpido da sua parte — digo, afinal —, mas você terá o que deseja.

Desse modo, recordo o feitiço da morte da minha mãe. Aquele que ela usou para me salvar de mim mesma.

— *Gefa.*

A pequena sereia arregala os olhos. Ela se encolhe para trás — chegando a lugar algum no aperto do meu tentáculo —, suas mãos voam para a garganta. Um peso invisível repousa em minhas mãos; sua bela voz se acomodando nas linhas que cruzam minhas palmas. Coração, vida, destino.

Eu a solto e viro para meu caldeirão, feito de areia e magia.

Jogo no interior a voz da garota, uma luz branca brilhante contra a escuridão.

O caldeirão se acende. Pego uma lança de peixe-espada na minha caverna e a seguro sobre a fonte, esterilizando-a. Sou solitária mas higiênica. Então, me debruçando no caldeirão borbulhante, espeto a pele do meu peito, logo acima do coração. Uma vida não é mais necessária, é verdade, mas essa magia ainda se alimenta de sacrifício. Como tudo que é poderoso.

Sangue negro como a meia-noite escorre na escuridão. Lento como melado, desliza para dentro do caldeirão, serpenteando através da luz branca da voz da garota. Enquanto se misturam e mesclam, esquentam, aumentando a temperatura até que o próprio caldeirão se transforme em uma bola de fogo, um cometa que veio parar no fundo do oceano.

Vapor sobe, espiralando acima do brilho. No processo, rodopia e dança, formando sombras feito o pior da noite. A floresta de pólipos se afasta das silhuetas horrendas, sem querer qualquer envolvimento com sua magia.

Preparo as palavras que aprendi, aquelas que Anna usou para recuperar suas pernas e buscar vingança. Aquelas que não funcionam para mim, estranho ser mágico que sou, presa a essa enseada.

— *Líf. Daudi. Minn líf. Minn bjoð. Seiðr. Seiðr. Seiðr.*

O caldeirão começa a tremer, seu conteúdo girando sem parar sob grande pressão. Manifestando-se como a própria vida.

Uma explosão como a morte de uma estrela se lança à frente, ondulando pela caverna com um calor tão intenso que evapora a água, formando uma nuvem de fumaça e vapor. Uma espuma branca baixa sobre nós em uma faixa que percorre toda a extensão da minha casa. Tudo cheira a enxofre, um odor tão forte que queima meu nariz e o fundo da minha garganta. Quando a espuma e a luz se dissipam, vejo que a pequena sereia virou de costas e jogou os braços sobre a cabeça para se proteger. Não a culpo.

Mergulho uma pequena garrafa — outro presente de *tante* Hansa, muito antigo — no tonel. A poção brilha como a luz da lua e do sol presa no vidro.

— Aqui, para você — digo, oferecendo o recipiente à garota.

Ela abaixa os braços ao me ouvir e gira o corpo, tão assustada que não entendeu o que estava acontecendo até eu falar.

— Beba tudo e ganhará pernas por quatro dias. Se seu amor for verdadeiro, tão verdadeiro a ponto de o príncipe amar você com toda a alma, você manterá a forma humana pelo resto da vida. Se não ganhar o amor dele, se transformará em nada além de espuma do mar.

A garota abre a boca para responder e começa a mexer a língua. Leva alguns instantes para lembrar que nunca mais vai pronunciar qualquer palavra. Meu peito se enche de arrependimento, mas meus tentáculos flutuam para o meu campo de visão e o sentimento se dispersa imediatamente.

Mentiras arruinaram minha vida tanto quanto a de Anna. E a de Nik.

Com dedos trêmulos, a garota pega a garrafa. Seus olhos voltam a se encher de medo, mas o acordo está feito. Apenas sua determinação e seu amor serão úteis.

— Beba a poção no raso. Seria um desperdício se você se afogasse antes de chegar em terra firme.

A garota assente.

— Agora vá. Visite sua família uma última vez. Você não vai se arrepender de se despedir.

Ela volta a assentir, e sei que vai fazer o que sugeri. Perdê-los foi uma surpresa maior do que perder a voz. Talvez até a vida.

Ela se vira para ir embora, mas eu a chamo.

Ninguém me conhece, é verdade, mas eu ainda sou Evie. E apesar de toda a minha reputação temerosa, apesar de todos os meus anos e de toda a minha solidão, ainda tenho coração.

Pego na minha caverna um vestido de festa antigo; que encontrei em um baú no fundo da enseada depois de chegar. Naquela época, o aroma frio da magia de Annemette ainda permeava a madeira e os trincos, e talvez tenha sido por isso que o tecido se manteve intacto. Sussurro um feitiço rápido para mantê-lo seco até que ela chegue à superfície.

— Leve isso. Vai ajudar você a se misturar.

É tudo o que posso fazer.

Tomara que a magia seja gentil.

Conheço-a bem o bastante hoje em dia para não esperar um final feliz. Os contos de fadas da minha infância são a exceção, não a regra. É de se

espantar que não existam mais criaturas feito eu no mundo.

Desse modo, volto para minha caverna, com o novo silêncio ecoando nos ouvidos. De alguma maneira, é mais doloroso do que antes. Como se ouvir uma nova voz, recuperar um brevíssimo momento de humanidade, tivesse aberto a ferida da minha solidão. Deixando um vazio. Apodrecendo. Infeccionando.

Mas, na verdade, não estou sozinha. Não, os pólipos vivem e respiram neste lugar lúgubre, feitos a partir dos espíritos que tentaram me matar. Minha vida sombria entrelaçada à sua alma.

Na borda do caldeirão há um rastro de luz cintilante, o que restou do meu pagamento. A voz da garota. Apenas uma gota foi necessária para a poção; o corpo dela pagou o preço pelo restante da magia.

Passo as mãos pelo centro do caldeirão, coletando a voz até que seu peso tenha retornado às minhas palmas. A luz branca dança, o brilho se alastrando pela enseada, iluminando minha floresta, minha caverna, minha própria silhueta escura.

É algo realmente especial.

Talvez seja o novo silêncio ou as lembranças que giram na frente dos meus pensamentos. Talvez seja apenas porque tempo o suficiente já passou.

Mas sei exatamente o que farei com esse presente.

Assim, me viro para o pólipo maior. Aquele plantado ao lado da minha caverna. O último corpo a afundar.

Quando dou o comando, sei que a magia vai escutar. Que vai saber o que quero. Sinto seu poder avançar da ponta dos meus tentáculos à raiz do meu cabelo.

— *Líf. Líf.*

A voz da garota desliza para a frente, flutuando cada vez mais, mais e mais para cima, até se acomodar no alto do tronco de uma estranha árvore de onde saem galhos que adentram a escuridão parada.

Ela se acomoda e se funde com o pólipo. E, depois de um momento, ouço uma longa respiração, todas as cabeças nos galhos inalando água do mar ao mesmo tempo. Então a voz da pequena sereia fala com os pensamentos de outra pequena sereia de muito tempo atrás. Que está silenciosamente presa a mim, aqui, cinquenta anos depois de tentáculos terem brotado da minha cintura.

Quando a voz se pronuncia, está direcionada e focada no que acabou de acontecer. Ainda tem séculos para resmungar sobre o que aconteceu quando éramos humanas.

— Ela vai fracassar. Ele ama outra. Aquela montanha não vai se mover em quatro dias.

— Eu sei.

E sei mesmo. Torço para que ela não fracasse, mas também não posso esquecer o que minha mãe fez por mim. O que eu fiz por Nik. O que a família de Anna teria feito por ela se tivesse tido oportunidade.

— Mas a família dela não vai abrir mão tão facilmente — falo.

Eles virão implorando por uma maneira de salvá-la.

Quando volto do meu covil com um pedaço mortal de coral, Anna entende.

— Deixe afiada. O sangue precisa cair nos pés dela; se é que ela vai usá-la.

Assim, eu preparo a faca. Porque, por mais que a magia possa moldar vida e morte, o amor é a única coisa que não se pode controlar.

AGRADECIMENTOS

Desde que meus pais me apresentaram a *Cama de gato*, passei a me sentir atraída pela ideia do "karass" de Kurt Vonnegut — um grupo de pessoas cósmica e inextricavelmente conectadas. É, eu sei que é um termo cunhado como parte de uma religião falsa e que é meio bobo, mas eu de fato acredito que o destino junta pessoas por uma razão. Chame de karass ou de qualquer outro nome, mas os seres humanos listados a seguir estão na minha vida por um motivo, e amo cada um à sua própria maneira. Sem eles minha vida seria consideravelmente menos cheia.

À minha adorável editora, Maria Barbo, cuja imaginação mágica tornou o mundo de Evie possível. Não tenho palavras para agradecer por sua fé em mim.

A Katherine Tegen, nossa líder destemida; Rebecca Aronson com suas questões e carinhas sorridentes; à copidesque Maya Myers por seu olhar aguçado e graça ao lidar com meu ódio pela vírgula antes do "e" (jornalistas, uni-vos!); produtora editorial Emily Rader por sua mão firme; Heather Daugherty e Amy Ryan pelo belo design do livro; Anna Dittmann por sua interpretação deslumbrante/comovente/perfeita de Evie; e ao resto do time da Katherine Tegen Books e da HarperCollins.

A Rachel Ekstrom, minha agente/ torcedora/ força que mantém meu pé no chão, que sempre recebe a mim e ao meu trabalho com entusiasmo e orientação. E ao resto da família IGLA, em especial Barbara Poelle, por seu apoio, humor e fé.

A Joy Callaway, meu eterno raio de sol; você foi importante para mim todos os dias. Sabe exatamente quando mandar mensagem, ligar, me fazer rir. Sua graça e sua amizade são inspiradoras de verdade.

A Renée Ahdieh, líder do meu bando; a estrela do rock mais esperta, a mais chique e mais altruísta do mundo. Você é meio-irmã, meio-fada madrinha, e cem por cento pó de diamante.

A Rebecca Coffindaffer, que tem o hábito de assassinar meus personagens antes mesmo que eu perceba que deveria haver sangue em minhas mãos. A Natalie Parker e Tessa Graton; minhas anciãs sábias que avaliaram meu sistema mágico com sabedoria, sagacidade e LaCroix gelado. Para completar, a todos os escritores de Kansas que tenho a sorte de conhecer. Nosso tempo junto é como o melhor da faculdade; noites passadas dissecando a arte da escrita das maneiras mais delicadas e interessantes. Além disso, vocês todos têm um gosto incrível para lanchinhos.

A Julia Tollfson, Christie Hall e Christy Little pelas horas e horas gastas amontoadas comigo nos confins congelantes-porém-deliciosos do T. Loft. A Marie Hogebrant por suprir minha falta de conhecimento em nórdico antigo.

A Kellye Garrett, minha irmã-de-guerra ficcionalmente assassina, sempre a uma mensagem de distância. A Randy Shemanski, que me mantém sã via e-mail há mais de doze anos. A Whitney Schneider, Nicole Green, Lauri Euler, Coleen Shaw-Voeks, Colinda Warner e meu grupo de corrida pelos intermináveis quilômetros suados e abraços mais suados ainda. Para Jennifer Gunby e Cory "Cass Anaya" Johnson, que despertaram minha imaginação cedo e nunca deixaram eu me safar com uma cena entediante.

A Ricki Schultz, Danielle Page, Zoraida Córdova, Dhonielle Clayton, Brenda Drake, as Sarahs — Lemon, Cannon, Jae-Jones, Smarsh, Blair, Fox — e todos na minha vida por suas várias participações durante essa jornada montanha acima e floresta adentro. De maneiras maiores e menores, vocês mantiveram minha sanidade através do humor, do amor e da luz.

Aos meus pais, Craig e Mary Warren, por serem os melhores realizadores de sonhos que existem. Vocês me providenciaram cartolina quando meus "livros" eram desenhos de lápis de cera grampeados e nunca desistiram quando palavras de verdade encontraram seu caminho até a página. Eu não teria chegado a lugar nenhum sem vocês. A Nate, Amalia e

Emmie, e às histórias que vocês estão desenrolando diante dos nossos olhos. A Meagan, nossa peça faltando. Assim vai.

E, finalmente, a Justin. Meu departamento de TI, meu fornecedor de pretzel de chocolate, meu domador de crianças. Meu coração. Sem você, literalmente nada disso teria sido possível. Fico tão feliz por você estar comigo nesta jornada. Não consigo me imaginar zarpando com mais ninguém.



FALLY AFANI

SARAH HENNING

é jornalista. Já trabahou para o *Palm Beach Post*, *Kansas City Star* e para o *Associated Press*, entre outros. Mora em Lawrence, no Kansas, com o marido e os filhos. *A bruxa do mar* é seu primeiro romance.

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O Pequeno Príncipe

Com aquarelas do autor



Tradução original de 1952

Harper Collins

O pequeno príncipe (original)

Saint-Exupéry, Antoine de
9788522014743
96 páginas

Compre agora e leia

Livro de criança? Com certeza.
Livro de adulto também, pois todo homem traz dentro de si o menino que foi.
Como explicar a adoção deste livro por povos tão variados, em tantos países de todos os continentes? Como explicar que ele seja lido sempre por tantos milhões e milhões de pessoas? Como explicar a atualidade deste livro traduzido em oitenta línguas diferentes? Como compreender que uma história aparentemente tão ingênua seja comovente para tantas pessoas?
O pequeno príncipe devolve a cada um o mistério da infância. De repente retornam os sonhos. Reaparece a lembrança de questionamentos, desvelam-se incoerências acomodadas, quase já imperceptíveis na pressa do dia a dia. Voltam ao coração escondidas recordações. O reencontro, o homem-menino.

Compre agora e leia


Chegou a hora de se tornar uma heroína
UMA
DOBRA NO
TEMPO
MADELEINE
L'ENGLE
Harper
Collins

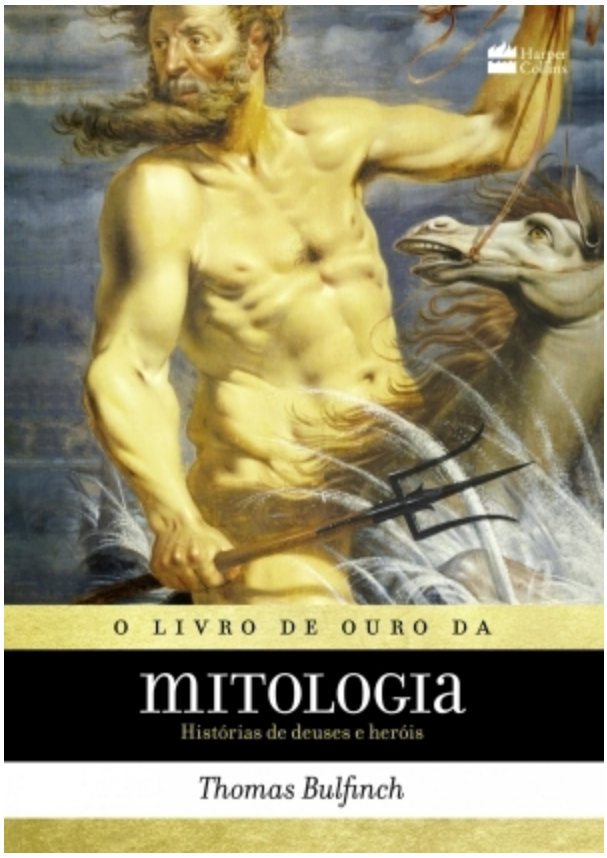
Uma dobra no tempo

L'Engle, Madeleine
9788595082205
240 páginas

Compre agora e leia

Um clássico da fantasia e da ficção científica emerge!
Após uma noite de forte tempestade, uma visita estranha chega à casa da família Murry e convoca Meg, seu irmão Charles Wallace e o amigo deles, Calvin O'Keefe para uma aventura muito perigosa e extraordinária – uma viagem que ameaçará suas vidas e o nosso universo.
Uma dobra no tempo é o primeiro da aclamada série em cinco volumes de Madeleine L'Engle. Sua adaptação cinematográfica chega às telas em uma megaprodução Disney em março de 2018.

Compre agora e leia


Harper Collins
O LIVRO DE OURO DA
MITOLOGIA
Histórias de deuses e heróis
Thomas Bulfinch

O livro de ouro da mitologia

Bulfinch, Thomas
9788595082755
360 páginas

Compre agora e leia

Altares ruíram e templos se perderam nas areias do tempo, mas as religiões da Grécia e da Roma Antigas nunca despareceram por completo. Seu legado de mitos e heróis continua presente até hoje, e é o pilar da cultura ocidental. As histórias passadas de geração a geração há milênios, que hoje são peças-chave das mais populares e consagradas obras de diversas formas de arte estão reunidas aqui, sob as bênçãos de Zeus.
As mais cativantes narrativas que a mente humana já criou transportam o leitor para terras onde fatos incríveis acontecem - onde belas ninfas e corajosos heróis veem seus destinos nas mãos de caprichosos deuses e criaturas fantásticas ganham vida.

Compre agora e leia


SARAH
DESSEN
AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES
O resto da história
Harper Collins

O resto da história

Dessen, Sarah
9788595086180
352 páginas

Compre agora e leia

Emma Saylor perdeu a mãe ainda criança. Quando seu pai decide se casar de novo e seus planos para o verão dão errado, sua única alternativa é passar a estação na casa de sua distante família materna. Assim, Emma parte em uma jornada de autoconhecimento para entender suas origens, encontrar respostas de dúvidas que nem sabia ter e descobrir o valor de fazer parte de duas famílias. Ao confrontar uma nova realidade e ouvir os segredos sempre sussurrados sobre a mãe, Emma vai contar com a ajuda de seu antigo amigo de infância, Roo, que, além de ser a pessoa com a chave para desvendar os segredos do passado de Emma, faz o coração da garota palpitar. Estas, com certeza, serão férias que Emma Saylor lembrará para sempre.

Compre agora e leia


"IMPOSSÍVEL PARAR DE LER." – JOHN GREEN
Cordialmente
CRUEL
DA AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES
MAUREEN JOHNSON
Harper Collins

Cordialmente Cruel

Johnson, Maureen
9788595085978
320 páginas

Compre agora e leia

O Instituto Ellingham é um famoso colégio privado em Vermont. Fundado por Albert Ellingham, um magnata do início do século XX, é um local maravilhoso, repleto de charadas, caminhos mirabolantes e jardins. "Um lugar", nas palavras de seu criador, "onde aprender é um jogo."
Porém, em 1936, logo após a abertura da escola, a esposa e a filha de Ellingham são sequestradas. A única pista digna de ser seguida é uma debochada carta listando métodos para cometer um assassinato, assinada com o pseudônimo "Cordialmente, Cruel". A polícia não consegue resolver o crime, que se torna um dos grandes enigmas da história dos Estados Unidos. Algo como aquilo jamais poderia acontecer novamente, é claro.
Anos depois, Stevie Bell, aluna e detetive amadora, está pronta para começar seu primeiro ano no Instituto Ellingham, e tem um plano ambicioso: solucionar esse antigo caso. Isto é, depois de lidar com sua exigente vida escolar, seus deveres de casa e seus excêntricos colegas de classe. Mas algo estranho acontece. Cordialmente Cruel faz um retorno surpresa e a morte revisita a escola. O passado ressurge das cinzas. Alguém que se safou de um assassinato ainda está vivo. Será que Stevie e seus amigos vão conseguir desvendar a identidade do dono da assinatura?
Primeiro livro de uma trilogia, Cordialmente Cruel mostra todo o talento e o amor que a escritora Maureen Johnson tem pela literatura policial, mas sem esquecer do seu público fiel, o que torna este livro uma obra rara, que mistura dois gêneros de maneira inesquecível.

Compre agora e leia